FIALHO DE ALMEIDA

A Ruiva

e outras histórias

- Volume de Contos -

A RUIVA

E OUTRAS HISTÓRIAS

FIALHO DE ALMEIDA

CONTOS

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

ÍNDICE

Dedicado a Camilo Castelo Branco,

Acabo de reler toda a sua obra. Quanto, no artista e no escritor, o talento tem de maleável, de voluntarioso e de grande — a ironia na sua expansão facetada e cortante, o estilo na elástica elegância nervosa dos seus moldes plásticos, e a observação no seu processo tenaz de análise e de crítica —, tudo nos seus livros se encontra, a mãos plenas, com uma opulência que deslumbra.

Não sei negar admiração aos homens do seu tamanho, nem lha recusarão com sinceridade e justiça os que, como eu, tiverem passado em revista os seus trinta anos de gloriosa e florescente atividade.

Peço-lhe que aceite a dedicatória deste livro medíocre, que pude elaborar nos ócios de uma vida cortada de trabalhos e dissabores. Duas coisas me levam a consagrar-lho — o intento de amortizar uma dívida de gratidão pelo que nos seus livros me foi salutar, e o dever honesto de tirar o chapéu diante do que é superior.

A RUIVA

A taberna do Pescada ficava mesmo em frente ao Cemitério dos Prazeres, e era frequentada pela gente do sítio, especialmente de noite, à hora em que os cabouqueiros e os britadores abandonam os seus trabalhos e entram na cidade, em ruído.

Tratava-se então de levantar um muro de cantaria que fosse como a fachada opulenta da gélida cidade de cadáveres; na planura que medeia entre o cemitério e as terras, o terreno via-se revolto; os carros de mão jaziam esquecidos; os montes de pedras miúdas e de argamassas antigas tornavam penoso o trânsito. Na lama constante do caminho, eram profundos os sulcos que as seges de enterro deixavam até à porta do cemitério, escancarada sempre, como a goela de um plesiossauro faminto.

Em anoitecendo, tudo aquilo era de uma contemplação lúgubre e misteriosa, em que se adivinhava o trabalho de milhões de larvas; o ladrar dos cães tinha um eco desolado,

que tornava depois mais sinistro o silêncio; a porta fechava-se sem rumor, girando em gonzos discretos, e uma luz esmaecia na treva, no fundo dos ciprestes e dos túmulos, diante de um santuário deserto, onde o Cristo, do alto, olhava vagamente o guarda-vento.

Começavam então a chegar à tasca os guardas encanecidos no mester de receber enterros, graves nos seus uniformes fatídicos, os coveiros angulosos e vesgos lançando-se de si um fétido deletério; e cada um, dando boas-noites à tia Laureana, ia sentar-se à banca, no seu lugar, chupando pontas de cigarro e pedindo decilitros. Todas as noites a casa se enchia e o aspeto era sempre o mesmo.

Ao fundo, encostada ao balcão forrado de zinco, a tia Laureana, mulher de grandes seios e arrecadas, que tinha a especialidade dos pastéis de bacalhau, e pernas másculas saindo de grosseiras saias de baetilha; ao canto o cego de chapeirão derrubado, atitude fria, faminta, dolorida e apagada, a rebeca nos joelhos, a manta de riscas ao ombro, a eterna noite nas feições. O grupo dos trolhas, junto da porta, discutia o preço das couves e o número de ventres perfurados com facas de ponta, durante a semana. Zé

Claudino tinha a palavra; a sua autoridade indiscutível de orador popular fazia-lhe cair dos lábios, como um rosário de sons, as palavras graves, indecorosas, chulas e poéticas, em misto turbulento e inteligente.

Bêbedos extraordinários falam de tudo e descrevem parábolas no solo, com a sombra dos seus corpos embrutecidos. Dois ou três embirram com a sombra.

— Mete-te comigo — resmungam; — cai nessa, minha tirana!

— A velhaca — comentam — tem agora a mania de ir adiante de mim. Esta manhã era atrás. Mas não me larga! Bêbeda!

— Era o que me faltava! Súcia de marmanjos!

E, insistentes, aos ziguezagues:

— Persegue-me, anda, persegue-me, que levas dois butes.

— Lá isso — ouve-se outro dizer na rua —, lá isso não digo eu... Que ele há um Deus que nos governa: é boa!

Eu entrava, cumprimentando os velhos conhecimentos.

— Ditosos olhos, estudantinho! — dizia um.

— Ó seu casaca! — fazia outro.

— Seja bem aparecido e pague-me dois dedos de marujo.

Um velho fressureiro, com o olho esgazeado de sicário experiente, tocando-me o braço com a sua mão ensanguentada, ia aconselhando baixo:

— Prove-me do branco, doutor; prove-me do branco; que é uma reinação! Com um pastelinho, não lhe conto nada...

Aqueles eram os meus amigos, perigosos amigos contraídos na intimidade do vício e no surdo deboche das tascas.

Sentava-me A Laureana vinha, sorrindo, servir-me; e o seu olho pardo, sequioso, acariciava a brancura do meu pescoço, apetecia os meus cabelos de um louro-claro, tons insípidos, sob as abas do chapéu esburacado. O seu hálito empestava a dez passos, trazido nas asas do seu amor quente e brutal, de uma infâmia cheia de mercancia. Ouvindo-me pedir qualquer coisa, o olhar adoçava-se-lhe como o dessas gatas a quem coçamos o crânio; e eu sentia

exalar-se dela um fartum de gorduras fundidas, que me perturbava. Nessa noite chegou o tio Farrusco.

Era coveiro e o mais asqueroso — o da vala; aspeto repelente, perfil áspero e cortante, descarnadas as faces, as mãos aduncas e gastas, cheias de terra e de cabelos.

Sobre a testa, de uma polegada de largo, caíam grenhas fermentadas; as orelhas desapareciam-lhe sob a lã sebácea de um barrete cinzento; por um rasgão da camisa, furava uma moita de cabelos hirsutos, brancos como um pé de junco seco, nascido entre as pedras de um muro arruinado de azenha decrépita. Quase lhe ficavam pelas esquinas a que se encostava os farrapos em que embrulhava o corpo esquelético e lustroso, como de couro curtido.

Um cabouqueiro tostado, perfil adunco de coruja, bateu-lhe no ombro:

— Tio Farrusco!

O outro tentou aprumar a estatura lassa na moleza da embriaguez, e resmungou:

— Que é lá isso, patego? — O seu olho envidraçado não podia fitar; os fios de baba desciam-lhe, lentos, aos cantos

da boca.

— Olá! — fez o cabouqueiro — a maré encheu. — E sacudia-o.

— Mais bêbedo é você, grande cavalgadura!

Tentava caminhar; a sua sombra oscilava, amplificada na parede, como a de um antediluviano fenomenal, e quase se não compreendia bem como aquela coisa era um homem. Arrastou-se custosamente para um canto; ao passar por Zé Claudino tomou-lhe o copo, levou à boca o vinho e esteve bebendo devagar. As gotas, de um roxo sujo, caíam-lhe pelas barbas. O nó da garganta subia-lhe e descia com vagarosos movimentos de embalo no cilindro de uma bomba. Pousou o copo com ruído, com a manga da jaqueta limpou os beiços.

— E a filha? — perguntaram-lhe. "— A Ruiva... O tempo tem estado famoso para doentes. Um sol quentinho que é um forno. — Do fundo, alguém disse para Zé Claudino:

— A Ruiva ainda é viva?

E o trolha, curioso:

— Não era essa que deitava sangue pela boca? Na tenda do Malaquias vi eu... foi pelo Santo Amaro, faz agora anos...

Mas cada um procurava informar-se:

— Uma gaja de granha encarnada, um sinalzinho de cabelos no pescoço... O quê? Era filha daquilo? — E apontava o coveiro.

— Bem sei — diziam; — que peça! A que estava com o Nicolas das seges d'enterro. Contem-me cá quem isso era. Bêbeda como ratos! Ora esperem. Ela era também da súcia da Panasqueira. Lembras-te, Zé Claudino?

— Bons tempos — fez o interrogado do fundo da sua saudade dissoluta—, aquela noite no palheiro do Panelas. Vinte raparigas dos casais, todas pimponas, vieram dormir à granja. Alta noite — piscava o olho —, alta noite...

— Não ponhas mais na carta. Tosquei tudo! Que bailões! E a Ruiva também era ...

— Uma mulher dos diabos! Enfezadita dos nervos, mas coragem que tinha diabo. Quando ela se deitou ao Nicolau, aquela vez pelo Entrudo, além ao Quintalinho! Prega-lhe duas taponas, que nem eu sei como o não virou!

O coveiro olhava, sem compreender, um pasmo idiota na face. Na penumbra da taberna, aquele asqueroso vulto tinha uma expressão rembrandtesca e crua, que fazia medo. O deboche nunca se concentrara tanto, podia-se jurar.

— Mas, tio Farrusco, a Ruiva vai melhor, hem?

— Melhor, melhor... — gaguejou ele. — Esta manhã via-a estar dormindo... mais branca! — Pagas cambrainha', ó tirano? Uma pessoa, cos diabos, gosta de molhar a palavra. Quero lá saber!...

Tentava apoiar-se na banca, com as duas mãos trémulas. Ouviam-no cantarolar baixo, babando-se:

Foi fazer uma caçada A serra de Montalvão!

I Aguardente.

E, com risadinhas pequenas e cruas, geladas, doidas, que produziam como o grito do estanho, aconchegou-se ao canto, para dormir, com círculos de cão vadio que se anicha. Todos procuravam espicaçá-lo com uma chufa. Blasfemava-se, em voz alta, uma riqueza inultrapassável de obscenidades.

— A minha filha — resmungou o tio Farrusco. — Querem saber da minha filha, da Ruiva... Súcia de tarimbeiros!...

Foi fazer uma caçada A serra...

Ainda hoje o Nicolau, que atira à vala as reses que se abatem no hospital', me disse que a trazia ali. É boa! Se eu bem vi o saco... e cosido que ele vinha. A Ruiva em postas! — Ria-se. Caíra tudo num silêncio álgido.

Calou-se, e depois:

— Também eu hei de morrer. Quero lá saber nada daquela grande velhaca!

— Vamos — disse eu. — Há uma coisa pior que um cão danado: é um coveiro bêbedo. — E saí.

Um dia antes, o meu escalpelo penetrara o corpo dessa perdida criatura, que veio a fornecer subsídios notáveis à minha tese inaugural.

Inquiri pormenores. Disseram-me que o tio Farrusco fora casado com uma vendedeira, a Marta, muito conhecida por Buenos Aires. Soube-se depois que as hortaliças que esta mulher vendia eram pelo marido plantadas no cemitério,

para lá da vala e longe das vistas dos indiscretos, hortaliças que com o tempo e o belo tempero da terra adquiriam grande desenvolvimento.

Se lhas gabavam, Marta retorquia:

— Ai! bom dinheiro custam, freguesa. Vêm todas as manhãs de Odivelas, uma estopada que eu sei!...

E explicava que um cunhado, da quinta do senhor marquês de Borba, tinha seu vintém e um bocadinho de terra.

É no Alto de S. João que se sepultam os cadáveres do hospital; para o nosso caso, porém, isso não importa onde se faziam os belos nabos e aquelas lombardas folhudas. Caro, tudo pelas últimas, dizia pondo a sogra, os cordões a luzir no peito.

Carolina nasceu no dia da morte da mãe. Até ali, o coveiro vivera sem misérias, mas, morta a mulher, descobriu-se donde vinham as couves e ninguém mais lhas comprou. Não se sabe como a pequena se criara, mas aos doze anos era bonita, franzininha, o nariz arrebitado, descalça e cheia de remendos.

E, sem consciência do que via, acompanhava o pai na sinistra ocupação de sepultar os mortos. Assim crescera. Naquela miseranda existência entrara a criar predileções. Começou a amar principalmente os mortos que paravam à porta do cemitério em ricas berlindas douradas, entre filas de gatos-pingados lúgubres, de tochas acesas, e puxadas por seis parelhas cobertas de crepes. Visitava-os na casa das observações, acocorada a um canto, com o olhar absorto, durante as vinte e quatro horas que os caixões ali passavam abertos, e onde contemplava, deitados na pétrea imobilidade derradeira, os que na sua vaidade egoísta, corruptos e miasmáticos, iam habitar em sepulcros de mármore, com figuras sentimentais na fachada e pomposas inscrições nas lápides. Pode dizer-se que aprendeu a ler no cemitério, quando curiosa na sua pobreza esfrangalhada queria saber os nomes e posições ocupadas no mundo pelos que habitavam aquela branca cidade de mármores, de que se julgava rainha.

Uma tarde, passeando na grande rua que corre ao longo da fachada do cemitério, tinha parado a contemplar, no alto de um pedestal glorioso, a estátua do conde das Antas. E

falava ' ainda, nos seus últimos dias, daquela enérgica figura de soldado, grande barba sobre o peito e cabeça de um vigor leonino, a mão apertando o punho da espada... e, desde então, a sua ânsia pedia-lhe militares, que arrastam nas ruas os sabres prateados e destacam, na agitação dos enterros, dentre os graves toilettes negros com a alegria embriagadora dos seus vivos rutilantes e das suas divisas sanguíneas, cor dos desejos insaciáveis. Nos seus devaneios passavam pálidas figuras de alferes, dos que tilintam esporas no lajedo dos passeios e retorcem bigodes frisados, contemplando as janelas, em domingos de procissão. Todos os dias visitava a casa das observações: ali, sobre bancas, expunham-se caixões abertos; ela mesma metia nas mãos dos mortos as argolas de alarme, e tal emprego quotidiano permitia-lhe ver gentes de todas as castas e profissões. Meninas ricas, filhas de milionários e nascidas entre veludos, áureas meninices em berços de renda, acalentadas por amas normandas de cachos louros, iam ali dormindo nos seus caixões de cetim, vítimas de tísica galopante, olhos vítreos e face cavada, lábios brancos em listras lívidas e o gelado sorriso dos mártires, clareando em reflexos os rostos, de uma rigidez de escultura.

Rapazes pobres, dos que ao clarão das forjas crestaram a vida, figuras secas de famintos, torciam nos rostos expressões de sofrer infernal e gelavam-se na nudez miseranda da morte, ao lado de reverendos, com a barba bem feita, a batina nova e grave, quebrada em pregas simétricas, finas camisas de bretanha, tiras de folhos e sapatos de fivela, cingindo, à força de apertadas com uma fita contra o peito, cruzes de marfim bento, símbolo de uma fé que nunca os caracterizou na vida.

E os grandes devassos, os magros adúlteros que nos foyers das óperas e nos camarins das cantoras, nas casas de batota e nas alcovas fáceis fazem pública a sua dissolução e desonra, vinham também, diante da pequena, exibir a última elegância.

Carolina, pelo número e aspeto dos convidados de um enterro, chegara à perfeição de fixar a posição social de qualquer defunto.

Os conselheiros reuniam graves figuras circunspectas de velhotes de luva preta e grandes pés, folgados em botas macias. Os condes faziam-se acompanhar dos coches da

casa real, riqueza oxidada e rota, em que se sentiam os anos, os ratos e o óleo dos cabelos reais.

Os escritores arrastavam figuras chupadas, de luneta, vastas cabeleiras polvilhadas de caspa, expetoração de discursos com gestos amplos e eloquência estrondosa. Conhecia o bombeiro, o polícia, o correio e juiz de irmandade. E odiava quem vinha só para entrar na cova, os que embarcavam para o outro mundo sem deixar, na gare, alguns amigos da infância, ou herdeiros de guardar conveniências. Ouvia nesses momentos dizer ao pai:

— Súcia de vadios! — quando tinha de abrir cova sem receber gorjeta.

E aprendera a dizer com ele esta frase profunda:

— Até morrem pelo amor de Deus; cambada!

Havendo enterro grande, punha uma garihaldi vermelha, azeite nos cabelos ruivos, sapatos de duraque preto, sem tacões e chatos como linguados. Toda risonha, ajoelhava na passagem do préstito, movendo os lábios como quem reza. Depois, na volta:

— Uma esmolinha por aquela alma de Deus!

E comprava pevides, amendoim torrado e alféloa, à tia Palma, uma de capote verde, sem um olho, que vinha vender à porta, num tabuleiro velho, secas gulodices de arraial. O que a abalava era aquela vida na casa das observações. Olhava já sem terror os cadáveres, como se fossem pessoas adormecidas no mesmo quarto, cada qual na sua maca de estalagem. Os homens, sobretudo. Alguns eram ainda novos, louros, pálidos e bem-feitos; alguns, ricos, tinham a pele fina, de um contacto cetinoso e bom.

Nas horas de calor, de Verão, quando sob os ciprestes os empregados do cemitério dormiam, ia devagarinho, sem ser pressentida, à casa dos depósitos, escolhia os cadáveres dos moços, dos belos, se os havia, e como um pequeno vampiro sequioso entreabria as mortalhas, despregando com uma navalhinha as camisas; metia a mão devagarinho pelo peito, metia, escorregando-a ao longo das carnes, beliscando-as levemente, com prazer; o olhar dilatava-se-lhe, havia na sua face uma mancha de excitação, mordia os lábios, exaltada; e, palpando, estudando, compreendendo e adivinhando, ficava absorta, um pouco curvada sobre os corpos, o hálito ardente, uma palpitação larga e cheia de

ímpeto. A sua imaginação rasgava as névoas indecisas que, diante da inteligente maldade, a sua inexperiência despregava como uma máscara casta e límpida cheia de placidez. Estas explorações fizeram-na muito cedo mulher, preparando-a a compreender mistérios e umas meias frases que ouvia aos gatos-pingados, se passavam por ela. Às vezes, eram rapazes de quinze a vinte anos que jaziam.

Carolina em os vendo exaltava-se, todos os nervos se lhe distendiam na ânsia de um desejo que jamais formulara.

Duma vez tinha beijado sôfrega uma cara, com balbuciações aflitas, ardendo em pecado, como uma alma de réprobo.

Não conhecera mãe, nunca uma boa mulher a beijara e o coveiro não reprimia diante da filha as suas expansões brutais. Entregue a si própria, chamuscada por carícias pérfidas de homens entregues à rota corrente da sua bestialidade, fizera-se nisto. Havia no entanto dentro dela, ainda, uma coisa ideal e inexplicável, certa virgindade infantil: de noite rezava! Vinham-lhe tristezas íntimas, a insónia triturava-lhe por vezes a saúde como num almofariz de bronze. Sem saber porquê, era desgraçada. Desejaria

ser como uma pequena que vira um dia costurando à porta de uma carvoaria, com uma rosa nas tranças. Mas, de súbito, alguma coisa a arremessava à lembrança condenada dos homens adormecidos na casa das observações, e via-os surgir das suas mortalhas alinhavadas, sorrindo, com vida; estendiam os braços a procurá-la; roídos de vermes, muitos vinham, como na dança do Roberto, roçar-lhe pelos quadris os membros esquálidos e podres.

E estonteada, fitando no vácuo aquela visão candente, miserável nos seus quinze anos, sentava-se, extenuada e languescida, à sombra dos ciprestes anosos e dos túmulos soberbos, com a cabeça aos baques, revolta a alma por criminosas comoções. Era já noite, muitas vezes, quando ia só para casa, fora do cemitério. O pai ficava embrulhado num cobertor com um gorro de lã preta, por cujos rasgões lhe furavam os cabelos; deitava-se no côncavo de algum velho túmulo vazio; se caía geada, erguia a tampa de um jazigo de família para ir estender-se nas gavetas, entre caixões de chumbo.

Já estava acostumado àquela folia, e depois, assim, não dormia as manhãs na cama, e podia começar cedo o

trabalho, regando logo de madrugada os canteiros dos túmulos das famílias que lhe pagavam esse trabalho, varrendo dos pedestais as folhas secas que o vento despregava dos ramos, e alta noite, com passadas lentas e lúgubres, nas trágicas encruzilhadas dos ciprestes, reanimando ou acendendo, com o rolo metido nos dedos, as lâmpadas extintas pelas lufadas do nordeste.

Nem uma vez se lembrou de Carolina que ficava de noite, na cidade, separada dele, a sua filha, entregue à leviandade dos seus quinze e aos furores de coração de um aprendiz de marceneiro que a perseguia, preso de maus instintos. Carolina era branca, delicada e nervosa; o seu sangue tinha originalidades singulares, inquietações de luta e o furor da aventura, e do seu seio dimanava essa ânsia ardente de que se fazem os gozos, ansiava como uma sede antiga.

Dormiam numa casita arruinada e miseranda, oculta no fundo de um pátio sem luz de lampião, para onde abriam as janelas de tabuinhas de casas suspeitas, em que marinheiros tocavam guitarra.

A história das suas exaltações enraizava também, como uma hera, naquelas más janelas, pelas noites escuras de

Verão, quando, encostada ao peitoril da janela, escutava altercações, descantes e venalidades, na confidência de carroceiros.

Nestas disputas Carolina entrevia uma coisa, que se apoderava rapidamente do seu organismo, enroscando-se-lhe no corpo como serpente com frio, amarrotando e poluindo no amplexo alguma, ainda que pouca, dessa adorável modéstia que é o tesouro das mulheres honestas.

Viam-na de manhã, quando saía, dar bons-dias à vizinhança e sorrir às pecadoras mendigas, que nas tabernas jantavam gravanzos por qualquer pataco, ter com elas palestras. Desassombradamente olhava para os homens, tinha desdéns para uma ordem de gente e criara predileções pelos louros; nos seus trapos escolhia sempre cores que dessem na vista; e, calculista, com o olho febril, arquitetava aventuras: seria de noite, uma chuva miúda peneirar-se-ia do alto, sobre as calçadas; fugiria embrulhada no xalito com um louro... Hem?

Da janela da sua mansarda, empinada sobre um banco de pinho, podia ver o que se passava na alcova de um pobre bordel carairo. Apagava a luz para não ser vista, subia ao

banco, encostada à janela; e ali, durante horas, passava a espreitar o que fazia a vizinhança. Cenas equívocas desenrolavam-se por lá. Era tão curioso! A nudez impura dos contactos fazia-lhe regurgitar de dentro uma seiva cuja plenitude a estonteava. Era a febre do sangue inficionado pelos microzimas do vício e o desejo de cadela nubente que uma força espicaça de irritantes curiosidades e terrores deliciosos. Aquilo vinha-lhe às ondas, como a babuge das praias contra fraguedos solitários.

Coroas de padres esverdeados mostravam-se à luz de candeeiros de petróleo; no espelhinho dos toucadores das cómodas refletiam-se grupos sombrios, estranhas fantasias das encarnações de Vixnu. E alguém, dedilhando guitarras, entoava com voz rouca fados rasteiros do conde de Vimioso e da Severa, entre exalações de aguardente. E tiniam garrafas, sentia-se o cheiro das sardinhas assadas. Toasts desbragados expluíam claramente. As vozes das mulheres guinchavam. Alguém rolava pelo sobrado e rimas de pratos caíam, com estrondo, em migalhas, no meio de pragas de raios de uma vez, tresloucada, descera à rua. Domingos de

Inverno. A noite lôbrega alonga-se. Alguém gritava — «Jornal da Noite», traz; a lista de Espanha!

O frio penetrava as carnes. Carolina tremia, lábios secos, uma aflição enorme subindo-lhe do estômago. Não sabia para onde ir. Quereria as coisas mais violentas, amplexos de ferro, beijos de lava, o vasto oceano de um amor sem fim e sem felicidade.

Mas o aprendiz de marceneiro, um rapaz atlético e sanguíneo, apetites excêntricos, saía da oficina, dava com ela, aproximava-se com uma piada...

Carolina recuava, humilhada e cheia de vergonha. E, sem uma palavra deitava a correr para a mansarda, subia a escada sem parar, fechava-se por dentro, e atirando-se para cima do leito desatava a soluçar sem remédio a desconsolação daquela vida, que flutuava sem linha de conduta.

O candeeiro apagava-se no alongamento da noite. Das torres da Estrela uma badalada caía sobre a cidade adormecida, a vibração enorme alongava-se num círculo infinito...

E, no silêncio da mansarda, Carolina abria os olhos com um terror em que dançavam fantasmas sardónicos com a cara do aprendiz.

Era a tarde da nossa Senhora dos Prazeres. O tempo serenara, o céu não tinha nuvens e no azul espiritualizado os voos brancos dos pombos davam uma inocência casta ao ambiente. Havia arraial nessa tarde. A procissão, saída da igreja de Santos, por entre farrapos de bandeiras e verdores de buxo, devia entrar na capela do cemitério, à noitinha, no meio de foguetes e aromas do peixe frito, cuidadosamente consumido pela fome do povoléu curioso.

Na esplanada que vai terminar à porta dos Prazeres, as pequenas barracas de lona enchiam-se de grupos; filhas de saias engomadas, olheiras fundas, com fadistas de calças esticadas sobre alpargatas de linho. As mulheres gordas, lenço vermelho, os grossos braços nus, refogavam mexilhão, vermelhas de calor; em torno os soldados passavam, de chibata, rostos vulgares e bestiais, dilatados em risos enormes; e, abanando-se, diziam brutezas às pequenas ovarinas sujas. Na confusão dos grupos os garotos sujos, vivamente alegres, corriam relanceando

olhares famintos sobre os bolos secos das vendedeiras ambulantes, e de passagem pediam cinco réis. Aqui e além viam-se sobre a relva, petiscando, famílias de operários, pequenas louras e limpas, tipos de costureiras futuras, traços finos, cismadores e delicados. Os vadios esqueléticos, de calções em frangalhos, apregoavam água. No ar os ruídos multíplices abafavam-se uns aos outros, e das contínuas pulsações resultantes elevava-se um ruído uniforme e indistinto, como de ebulição longínqua. Os municipais da patrulha iam atravessando devagar, nos seus cavalos negros, e os capacetes esguios, de cuja crista jorrava a branca cabeleira dos penachos de linho, salpicavam de originalidade e paisagem. Eram um enlevo. As criadas olhavam-nos suspirando. O ruído crescia. O sol mergulhava com uma pompa escarlate no silêncio do rio, e o poente inflamado era de uma amplidão sem balizas. Dentro do cemitério o mesmo movimento de quem ia e vinha. Pessoas fornidas de carnes, esposas espessas de oleiros, capelistas de chapelinho, laços escandalosos e sombrinha, liam, soletrando, as inscrições tumulares. Admirava-se o mármore, as fachadas. Os pequenos, vagarosos, colhiam alfazema e sardinheiras. Alguns

olhavam através das rótulas, o interior dos jazigos, a ver quem tinha berloques de contas e figuras bordadas de lã em molduras ricas. Alguns ferreiros de mãos calosas descansavam na borda dos pedestais, tasquinhando as suas merendas; muitos bebiam pelas garrafas, fazendo saúde aos compadres. E todo o mundo ria a sua pândega, a fazer arraial com grossas bobages cruas de taberna e de oficina. As mulheres, de vestidos de merino, com folhos, mantas de lã com borlas caídas atrás, xale bem dobrado no braço, olhavam pasmadas. Os fragmentos das palestras, apanhados de passagem, eram os mais originais e contrastantes. Veteranos procuravam o túmulo do conde das Antas. Explicavam os emblemas, a atitude fera da estátua.

— Portugal velho! — comentavam. — Ele e o Saldanha!...

E familiares, um clarão purpúreo na face:

— O nosso velho! — diziam. — No dezanove de Maio...

E outros queriam ver o túmulo do Palmela. Uma velha de Aveiro ouvira dizer na terra que era obra famosa. Alguém

explicava as riquezas do duque, as suas quintas, dois contos diários de rendimento; a duquesa era bonita, e um pouco gorda; ele tinha sido da Marinha. De resto, boas pessoas e fidalgos da gema; pela Semana Santa pediam na Sé para os pobres e sustentavam asilos. E iam semeando o chão de espinhas de peixe, de cascas de laranja, e os ares de rumores de palestra. Mas estrondeavam foguetes. Uma filarmónica sentia-se ao longe. Corriam. Era a procissão. À frente um marceneiro espadaúdo trazia o pendão, pomposo na sua capa de seda vermelha. Virgens de branco, rosas na cabeça, tipos de gaiatos disfarçados em saias, vinham gravemente, acertando o passo. E sobre as cabeças um andor de pau dourado e pequeno trazia a imagem, cheia de flores de papel. Carolina com a garibaldi melhor, uma rede de contas nos cabelos ruivos, fora também à festa. O coveiro embebedava-se em casa do Pescada, com a barba feita, o seu carão anguloso e miserável, inerte sob as abas de um chapéu de Braga. Carolina vestira-se logo de manhã, toda brunida, botas de duraque sem tacões, brincos de vidro prateado, arzinho alegre, o branco apetite da sua carne anémica, feminil e débil. E fora ao cemitério

espairecer um bocado, com um farnel no lenço, laranjas, duas queijadinhas da tia Palma.

A senhora Marcelina, que fora ama do padre Anselmo e agora arranjava criadas e consertava cadeiras, tinha prometido a Carolina ir lá ter com ela mais a mulata, que saíra do hospital havia uma semana e lhe estava devendo coisa de quatro moedas. A Marcelina morava no pátio também, no primeiro andar, tinha arranjos de casa e barbicas pela cara, sua meia dúzia de lenços, um rico cordão de ouro com medalha e uma Senhora das Dores com olhos de vidro, mesmo viva, a olhar para uma pessoa.

E falava-se: que havia papéis, uma panela de dinheiro no quintal, ricos manteletes nas cómodas, que tinham pertencido à irmã do padre Anselmo. Marcelina era uma pessoa baixa e vagarosa, aspeto redondo e roxo de hemorroida, feridas na perna emplastada, anéis pelos dedos e o vozeirão de um quartel-mestre saindo do capote d'alcoviteira. A sua história apoiava o enredo principal no governo civil, no hospital e na Rua das Atafonas. De resto encontrara o padre Anselmo capelão da Guia e tomara-lhe amizade. Boa pessoa, o padre Anselmo, amigo do seu

amigo, boas manhãs na cama, de Inverno, beberricava-lhe um quase-nada, ratão, pregando belas peças; manhã cedo, ela ainda na cama, e vinha ele da missa, descobria-a zás, uma palmada. E morrera. Tudo quanto é bom acaba. A gente fala, fala... um dia chega. E dava suspiros. Carolina conhecia-a. Mal luzia o buraco, já a senhora Marcelina corria a vidraça e vinha, de coifa branca, espanejar o peitoril. Tinha um sorriso agradável; um dente trôpego, único e esquecido, esverdinhava-lhe na boca desmobilidada; as barbicas hirsutas recordavam uma gata mansinha que se corcova, elétrica, sob as festas do dono. Era-lhe demais a mais muito obrigada. ...De rastos que eu ande, dizia, de rastos que eu ande, não lhe pago as obrigações que lhe devo. Quando estivera doente, com tosse e muita febre, ninguém dizia que ela escapava, a senhora Marcelina vinha dar-lhe caldos e fazer meia junto do seu leito de proletária. Havia dois anos. Mas não se davam muito; a Marcelina era mais das outras em frente, falava com elas de janela para janela, grossos risos e pesadas graças. E ratona, então, como nunca se vira. O que sabia de frades, e do poeta Bocage!... Era arrebentar de riso, senhores. Além disso andava sempre ocupada na vida,

uma azáfama, xale traçado e sapato d'ourelo, a massa dos seios papuda e molemente batida por mais de meio século, arrotos estrondosos... Saíam de casa dela pessoas lúgubres. de uma vez a polícia fora ali. Enfim, falavam-se coisas, ela sabia de facadas, e Carolina ouvia dizer isto — arranja pequenas a velhos. E no fundo da sua alma branca e suscetível experimentara horror. Na tarde anterior a filha do coveiro recolhera com ares de dia, a Marcelina estava à janela; falaram-se, como estava, como não estava, o pai como ia e que ela ia vivendo com o seu padecimento de entranha, amargos de boca, uma canseira, uma canseira; mesmo mortinha de todo! Tinha posto bismas de confortativo que era muito bom, andava agora tomando poses caras com a fortuna, mas o fastio era grande, aflições por dentro... O pior eram as noites, contava todas as horas. E depois as pulgas. Ai!, dizia, quem tem mazela, tudo lhe dá nela. Que é feito, que é feito? Não havia olhos que a lograssem. De resto amava as criaturas sérias como Carolina; nunca fora de tricas, louvado Deus. E arrotava. Tinha almoçado uma açordinha, com o seu ovo; tudo lhe fazia mal. — É caruncho, é caruncho, comentava. E convidara Carolina a entrar, descansar um pouco, tinha

rosas no quintal, uma franga preta que já punha ovos, manto novo na Senhora das Dores — minha rica mãe do céu!

Carolina subiu, beijocaram-se, ricas filhas para um lado, abraço para outro. Carolina sentia-se contente, uma quietação plena, chocada pela sinceridade da outra. A senhora Marcelina olhava para ela de face. E largou daí a nada este dito:

— Há de ser um peixão! — E piscava o olho pardo com ares de entendedora. Andaram vendo o quintal; Marcelina fazia-lhe um ramilhete de rosas. Dali a nada veio a mulata, encostada às paredes, uma cuia enorme de postiços e fundas olheiras, olhos de carneiro mal morto, um cheiro a cigarro e a cânfora.

Mas foi-se logo encostar. Com o tempo húmido, tinha dores do diabo nos ossos. Desejaria morrer já — raio de vida! Carolina dizia-lhe palavras comovidas; que aquilo não havia de ser nada, em o tempo limpado já a coisa era outra, que tivesse paciência, coitadinha que tivesse paciência. E a mulata arrastava-se, com um sorriso em que havia alta percentagem de amargura, aspeto chato e esmagado, como

saco vazio de roupa velha. E o seu crânio pequenino de estúpida, de grande bestiaga, tinha a calva depressão idiota de uma cabaça oca. Quando ficaram sós, a senhora Marcelina, abaixando um pouco a voz, disse à filha do coveiro:

— Tenho uma coisita para lhe dizer, seu interesse.

— Sim? — fez Carolina.

— Não é coisa nenhuma má, não senhor. O seu ao seu dono!

— O que é então?

— Não se zanga, não?

— Por que havia de zangar-me? Mas diga.

— Há aí um rapazola que dá um cavacão pela menina. Um cavacão, cos diabos; um cavacão!

Carolina teve um sobressalto. O coeficiente das suas orgulhosas alegrias traduziu-se num sorriso.

— Está a gozar — disse.

— Palavrinha, é coisa séria. Ele falou-me nisso.

— Para quê? — disse ela, trémula, penetrada.

— Ora! Namoricos; não sabe como as coisas são? Rapaziadas. Todos nós temos disso. Enfim, falar não ofende.

Carolina estava pálida, sentia-se vagamente num deleite, curiosa e cheia de excitações.

A senhora Marcelina, de olhos no chão, mordia o lábio inferior, como quem reflete.

— Com que então — disse Marcelina, — gosta?

— Hi!...

E, passado um momento:

— Um rapaz com umas casas, forte, loiraço e bom trabalhador. Hem? Sua sonsinha... Hem?

E, insinuando-se, velha toupeira:

— Tendo juízo, minha riquinha, é uma mina. Nada de cair antes de tempo, percebes?

Carolina estava rubra, com palpitações doidas.

— E quem é? Como se chama?

— Isso queria você saber, isso queria você saber!

— Não, sério, diga. — E, mais resoluta: — Há de dizer!

— Aqui, em frente do beco, há uma loja de marceneiro. Sabe. A do Ferreira, um de óculos.

— Ah! — fez Carolina. — Já sei.

— Há um oficial, o João, bonitote, muito claro. É esse.

— É esse então? Pois senhores...

— Um belo moço! É vê-lo além na loja, a camisa arregaçada; que braços, hem!

Carolina adivinhava-o, sentindo-o na sua imaginação com um vigor de pintura.

— E depois? — disse ela.

— E ele pediu-me que arranjasse a coisa, que lhe falasse; tinha vergonha de vir ele mesmo... Ganha seis tostões, vive só; bom rapaz no fundo.

— E o meu pai?

— Ora! Nem o adivinha. Vive sempre lá em cascos de rolhas. Quer lá saber... É vinho e deixa andar.

— Nem sei, nem sei...

— Isso, o resto arranja-se. Amanhã há festa nos Prazeres, percebes? Ele vai por ali. Tu vais comigo. Entendam-se lá como quiserem. Gostas dele?

— Sei lá, sei lá! Não é feio...

— Entendo. Amanhã vamos ao arraial. O dia deve estar bonito.

— Olhe, vou de manhã. Lá a espero de tarde.

— Vá feito. Valeu. Faço os meus arranjos e vou depois.

— Adeusinho, adeusinho.

Desceu a escada. No portal gritou para cima:

— E obrigada por tudo, obrigadinha por tudo.

Não dormiu toda a noite. Uma turbulência de ideias desencontradas agitava-a. Havia dentro dela alguma coisa explosiva que rebentava, que se dilatava com um volume maior que o do seu cérebro e do seu coração.

Tinha projetos, predileções, vaidades. Iria comer petisqueiras de truz na frescura dos retiros, sob parreiras

verdes, enquanto, na encosta, lavadeiras batem roupa. Teria vestidos azuis, de merino, ricos lenços de seda com ramos, uma sombrinha e anéis, alguma coisa como uma opulência.

A tia Palma não a reconheceria tão liró, feita uma rainha de Nantes, com botas de biqueira. E mirava-se no espelho, embevecida, desvanecimento pelintra, a admiração de si mesma. Surpreendia-se a murmurar baixinho. — O meu João. O meu João está na oficina. O jantar do meu João. Em o meu João vindo. O meu João saiu. — E orgulhava-se: ter um homem, ter um amigo...

Diriam dela as vizinhas — a que está com o João na oficina, uma ruiva. — Via-se aos domingos no passeio da Estrela com ele, em roda de coreto, fazendo volutas por entre os soldados de Caçadores, vestido de merino azul, de folho, arregaçado atrás, a saia branca, um lenço nas mãos suadas e gravatinha encarnada, de borlas. E dali a um ano, quem sabe, broche de ouro, de moeda! Os pequenos é que tinham de ser o diabo, ranhosos, cheios de birras, cuecas vestidas, cuecas amareladas, de rastos, fazendo galos nas testas. Deixá-los! Também as outras se aguentavam: ora! Mas um

loiro, um loiro; que bom! Sempre tinha dito — Deus não me mate sem um loiro. Às vezes, ao acordar, na moleza lassa do corpo tépido e aconchegado, espreguiçava-se pensando:

— Ai! um loiro...

E lembrava as primeiras linhas do pescoço do aprendiz, linhas fortes e firmemente contornadas, tons rosa no sanguíneo da epiderme, pequeninas espirais de cabelinhos louros, de um macio quente e provocante. E depois a sua imaginação, no delírio, na incoerência, prolongava nitidamente essas linhas, harmonizando-as, moldando-as, curvas suaves e veludíneas, cheias de saúde, aqueles brancos braços hercúleos e sem um pêlo, que lhe via na oficina, um peito amplo, cheio e poderoso, em que se sentissem vagas ondulações viris de seios, altas pernas nervosas, esculturais, direitas. E diante dela surgia aquele corpo lutador, de atleta, grandes traços magistrais e simples, de um pureza de academia. E penetrava-se da cor da pele, fresca e clara, sob que se sentiam correr ímpetos de sangue rico, jovem, virginal, fremente. Tomá-lo-ia pelos ombros, redondos como os de uma estátua, e erguida nos bicos dos pés, como era baixa, dar-lhe-ia pequenos beijos

furiosos na boca, sorvendo o seu hálito, estrangulando-lhe os arquejos, dominando-o e confundindo a sua na alma dele.

Seria assim eternamente, sem nunca se fatigar, e no alongamento das noites de Inverno, como grandes coroas que se rezam, deixariam cair as horas no silêncio.

No turbilhão dos seus devaneios sucediam-se rápidas as cenas, vibrantes como kolpodes que tumultuam na fermentação. Quereria a vida das vizinhas, agitações constantes da negociação dos corpos, que transformam a vida em sonho ou quimera. Via saias de goma arrastando, botinas vermelhas de roseta e tacão alto, os altos penteados característicos. As caras angulosas com manchas vinolentas sorriam para ela, deitando línguas negras de fora.

E sem explicar porquê, como um ritmo original, ouvia as pancadas de uma enxada na terra do cemitério. Gelava-se. — Era o pai que estava abrindo sepulturas! No fundo sentia-se infeliz e flutuante numa grande incoerência. Agitada como estava, o sono fugia-lhe, e as ideias, desviando-se pouco a pouco do primeiro intuito,

marchavam já, como raios que se refrangem, pelo vasto plaino das recordações. Pensava na vida do cemitério, o amor medonho dos cadáveres, em cuja gélida intimidade vivera tanto, abrindo mortalhas e erguendo tampas de caixões. Na sua sinceridade confessava-se horrível, cheia de afinidades com a hiena. Nunca mais iria exaltar-se perante homens sem vida. Que infâmia! Agora tinha o seu João, carnes brancas, de semideus. Era feliz então, sentindo na alma aquela irisação de paz que a perfumava toda como num banho voluptuoso. Ser amada por aquele forte, apertada e vencida nos seus braços esculturais, parecia-lhe uma ventura, um milagre, alguma coisa como um sonho febril. Dar-se-ia plenamente e sem reservas, com uma abundância louca de contactos, frenética e possuída de um alto desejo de o possuir. A sua vida condensava-se-lhe, colorizada numa recordação deliciosa, sem compreender no deleite a saciedade, a inanição, o desprezo de si mesma por fim. No fundo do espelhinho estanhado, a sua figura iluminada pela vela de sebo tinha uma curva nítida e delicada. Sorriu-se para mostrar os dentes, pequeninos e miúdos, de gatazinha branca. E dilatou-se num vasto contentamento interior: era bela, de uma compleição

tenuíssima e nervosa, toda feita de anemias. Com a mão torceu de leve, sobre a cara, uns cabelinhos ruivos, foi desabotoando, pouco a pouco, o corpete... O seio era branco, assim descoberto, estreito e apetitoso como uma miniatura, mas incapaz de amamentar um filho. Todas as linhas harmoniosas do busto, de fragilidade suave, pareciam moldadas num espartilho e realizavam uma elegância moderna, boa para ensaiar figurinos nos ateliers da Maria Cecília. Ia desabotoando: uma saia caiu, outra e outra, e a camisa envolveu-a, como uma túnica que se desaperta. Era magra e branca. Na harmonia dos quadris, na expansão geral das proeminências, exalava-se a idealidade das organizações virginais. Trivial e pequena como era, excitava assim mesmo. E ela mesmo se devorava com o olhar, examinando, ensaiando atitudes, cheia daquela forte figura do aprendiz de marceneiro. Na tarde do dia seguinte deviam encontrar-se, à noitinha, quando os pássaros se amam no mistério das ramarias; o que iria suceder? Sentiria a sua respiração ardente, com um cheiro a decilitros de Torres, queimar-lhe a face. Falariam embevecidos e frementes, cheios da mesma ideia profana, olhando em torno, receosos de quem passasse. Ele piscar-

lhe-ia o olho maganamente; entender-se-iam, e, como na membrana de um fonógrafo, na sua alma vinham arfar todas as vibrações daquela loucura de prazer, em que palpitaria no dia seguinte. Que farta estava daquela pobreza, comer açordas com alho, andar feita chineleira, aí como um diabo, com as saias todas rotas! Raio de vida! Ao menos, em ele sendo o seu João, a coisa ia melhor. E depois... uma pessoa não sabe para o que está guardada neste mundo. A tia Marcelina conhecia uma que fora peixeira, pé descalço por essas ruas, a vender carapaus, um fedor a peixum de seiscentos diabos, e agora estava uma opiniosa com um fidalgo, num primeiro andar, ricas cortinas de rendas nas janelas. Podia bem ser que nem sempre estivesse com o João — que ele era bom rapaz, coitado, mas diz que de sete em sete anos mudam as naturezas, salvo seja. A variedade atraía-a. A Marcelina tinha-lhe falado nos padres como bons patrões, unhas muito limpas, sua palma benta pelo Domingo de Ramos, cotos de cera pelas Endoenças, bom lugar na capela-mor, onde se podia estar refestelada a ouvir a música do lausperene. E certos particulares, nos priores principalmente, um respeito, belos lençóis de linho,

almocinhos que era um regalo, nunca recolhiam tarde, muito limpos e pés lavados todos os dias. Divagava pelos braços dos desembargadores, dos soldados e dos marujos ingleses. Conhecia uma da esquina, a Polónia, que até tinha inscrições; todos os seis meses ia receber seu milho, que lhe pagava o governo, ou que raio era.

Outra, a Libânia, um diabo bexigoso, tinha dinheiro a razão de juros, seu grilhão com medalha, anel de luzeiro. E fulana e sicrana, que tinham do seu umas casitas, seu estanco, nunca tinham ido ao Desterro, viviam à barba longa e andavam gordas. Assim como assim, era boa vida; deixem lá falar. Para pessoa pobre não havia outra. Que ser séria era bem. bom falado, mas o resto, tudo patacoada. Havia tolos que davam vestidos, ricos xales de caxemira, pagavam a ceia, sua noite ao Price — os babosos! Depois não se cansa a gente. Quem tinha juízo, sempre ia bem. Havia tal que era mesmo pelo beiço. E citava exemplos. A prostituição desenhava-se-lhe como a solução natural no problema da vida de uma rapariga pobre, que todas amam, umas mais, outras menos. E a sua ardência aligeirava-lhe as dificuldades. Pão, pão; queijo, queijo — que ela não era

lá de meias-medidas. E deixou cair a camisa. Entrou a lavar-se com pequeninos estremecimentos de frio; os cabelos ruivos desnastravam-se-lhe pelas espáduas, embaraçando-a; chapinava na água com ruído, rápidos movimentos cheios de graça, como frémitos de diapasão.

Ouviu chorar de repente, na calada noturna, um sino, de uma tristeza de morte. E depois houve ruído na rua, os candeeiros mostravam-se pelas janelas; um grupo de tochas, sinistro e lento, passou no meio de pessoas descobertas. Era Nosso Pai, a alguém que estava agonizado. Carolina viu.

E pôs-se a recordar a vida do pai, pelo cemitério àquela hora, gelado no silêncio noctâmbulo, enquanto os mochos deixam cair notas agudas, sinistramente escarninhas. Ele estava talvez dormindo nos seus farrapos, no coração de um velho túmulo profanado, entre caixões esquecidos. Ou perseguido pela insónia — talvez não tivesse ido ao Pescada — pensava nela porventura, na sua solicitude de pai, porque também têm coração os coveiros, mercê de Deus! E ela, sua filha, pensava em abandoná-lo, em fazer-se servir como uma isca de fígado aos cocheiros e aos trabalhadores,

com redução de preços! Roçava então pela miséria do coveiro a sua piedade como uma asa de gaivota, e pensava: — Pobre velho!

Vinham-lhe subitâneas ternuras, vibrações de lágrimas íntimas, uma desconsolação patética de tudo quanto a cercava. A ideia de morrer aparecia-lhe difusamente, envolta numa fotosfera de sofrimentos. Lembravam-lhe irmãs de caridade, jovens e pálidas, um rosário na cinta, o negror do hábito amortalhando corpos de virgens maceradas. E longas penitências no mármore das clausuras, entre açoutes de martírio, ao rumor dos confiteor. Ia arrepender-se, pedir perdão…

Mas o corpo do aprendiz aparecia-lhe numa tentação hilariante, branco, moço, potente e triunfador! Esmaecia, como um vago luar que empalidece.

A Marcelina apareceu à tarde, depois da procissão, afogueada, cheia de esfalfamentos; que arrebentava se a não deixassem sentar um bocadinho, e que ia muito mal; a noite passada não tinha podido pregar olho; tudo eram bonecages diante dela, uma confusão, uma algazarra de meter medo. E estava ainda com febre — dava o pulso —

que vissem, que vissem. ... Nunca fora esmorecida, louvado Deus, lá isso não; que até pela febre-amarela... ai! nem se queria lembrar. Águas passadas... Tinha ido ao banco do hospital, explicado o que sentia, e desconfiava que aquilo era coisa de um rapazote novo, que parecia ainda estudante, torcera a venta, e ela bem vira... ai! tomara já morrer; que andar uma criatura a penar por esse mundo e depois marchar da mesma maneira... ora!... que lhe faltava! Antes ir de uma vez. E que Deus lhe perdoasse, que Deus lhe perdoasse!... — Carolina sorria-se compassiva e cheia de interesse, tinha ternuras pelintras, roçava o seu rostinho branco pelo queixo barbado da inculcadeira, chamando-lhe Li-Li com voz de criança amuada. Ia caindo a tarde. O sol mergulhava no mar, acharoando de tons metálicos e cúpricos as nuvens do ocidente, em gradações insensíveis, de uma grande riqueza de pinturas. Por entre túmulos, os ciprestes antigos erguiam-se como sentinelas imóveis, armadas de capacetes pontiagudos. Fora, as guitarras rumorejavam fadinhos tristes, do Calcinhas e do João Brandão; um trolha cantava rouquejando,' com voz expetorada:

Habitantes deste lugar Se m'alegra ó coração...

E vozes de garotos apregoavam — vai água ou não vai água! — no meio do vasto rumor de quem saía.

— Sabes — segredou a Marcelina ao ouvido da pequena — que ele vem ao anoitecer? Teve hoje de trabalhar na oficina; sempre são seis tostões... Está mesmo parvo, pelo beiço. Demais uma criancinha — dezoito anos ainda a fazer pela Santa Maria! Podes fazer dele gato-sapato. — E depois de um silêncio:

— O que aquilo quer é roupa branca, jantarinho às horas, festinhas e deixa andar. Vocês não sabem do mundo; ainda ontem largaram os cueiros. O primeiro que nos regala é o único asseado e de quem toda a vida se tem saudades. Que os mais — tudo gajões que a pregam na menina-do-olho!...

E que visse, que estudasse a coisa: quando se tem na mão o pássaro, é que se não deve deixá-lo fugir. E rindo, dilatada numa hilaridade de velhaca, de rameira bêbeda, mãos nos quadris, roncava, afetando lubricidades: — Ai!... Tivesse ela os seus vinte, e quem o lograva era ela. Só aquelas carnes,

em que se podia lamber mel. — E, sordidamente mordida de apetites, agarrava-se a Carolina, fazia-lhe cócegas, dizendo-lhe muitas vezes:

— Ricas filhas, ricas filhas!

E rolavam ambas pelos sepulcros rasos, rindo soltamente, com um prazer de barregãs.

Dali a pouco chegou o João. Trazia a blusa de riscado vestida debaixo do jaquetão, e os cabelos crescidos e encarniçados, cheios de aparas de casquinha. Era quase imberbe ainda, branco e sanguíneo, de uma compleição hercúlea, em que se adivinhava a seiva fértil e jamais esbanjada dos corpos encouraçados na própria virilidade, e no trabalho absorvidos até à idade dos loucos amores de bordel. O seu tipo era de criança e pressentia-se o fadista mais tarde, amanhã mesmo.

— Ora graças — comentou a Marcelina — graças que nos aparece! Uma coisa assim! Fazer esperar esta menina! — e recriminava-o, enchia-o de censuras: que para o futuro queríamos homem mais aquele; que quem esperava desesperava; era uma verdade! Mas nada daquilo era

morte de homem, louvado Deus! — E fazia as apresentações. — Carolina, não to dizia eu? Um rapagão capaz de arrombar o Castelo; e que lindo, mesmo de regalo! — Mencionava pormenores, nunca tinha tido uma doença, benza-o Deus, nunca tomara remédios de botica, nem sequer uma purga. E que mãos de prata! Fazia cadeiras de polimento como o primeiro; um armário, que acabara pelo S. Pedro, tinha sido vendido a um homem de fora — tinha aquela de francês, uma fala a modos esquisita — por belos mel réis. E mais coisas ainda que se não diziam.

O João, inchado, meio confuso, sorria, dizendo com inflexões variadas — Homessa! Homessa!... E, aquecido, trescalando a carrascão, a perna bem desenhada na calça de boca de sino, cambada um pouco para dentro e afeita às escovinhas, chapéu arremessado com um piparote para a nuca, fitava Carolina, mordendo-a com os olhos e resmungando:

— Deixe falar, deixe falar, que isto sabe-a toda.

A Marcelina declarou que estava com a telha, uma alegria mesmo lá dentro, e dizia: — Viva a borga! em estrépito. E,

tomando Carolina pela cintura e agarrando o braço do aprendiz para aproximá-los:

— E que canta você cá da pequena, seu petiz? Olhe que nem mandada vir de encomenda. E então esta carinha, que parece de seda... Maganão! Bem sabia que a não merecia, um chichisbeco daqueles! ai! mas queria ser generosa... E que tratasse de a estimar, melhor que o pai a tinha estimado; que a queria ver uma senhorita toda de fitas a voar e casibeques de pano fino, pelo Inverno; conhecia casadinhos que era mesmo uma gracinha, mais unidinhos e mais guapos que era uma providência. E que fossem assim toda a sua vida. — Ambos eles sorriam, corados.

Nos seus olhos húmidos, em cujas íris de inquietadas fibrilhas havia um contrair de comoções refreadas, luzia a cáustica lascívia do desejo incendido.

Carolina sentia um quebrantamento fundi-la toda; era do calor, da fadiga da tarde, talvez da contemplação do sítio. E a sua alma perdia-se em grandes esquecimentos; alongava o olhar de encontro às vastidões do céu e da paisagem, como se toda ela se expandisse naquela área sem termo, alada no vago de uma impressão que até ali não soubera

formular. Viu-o preguiçosamente estendido na pedra branca de um túmulo. Era numa das ruas afastadas. Naquela posição de madraço, a vigorosa expansão do seu corpo ressaltava em linhas magníficas, de animal contente e são, que descansa. Tinha-lhe caído o chapéu, e deitada para trás, nas duas mãos sobrepostas, a cabeça parecia-lhe esbatida no fulvo dos cabelos, que à luz poente faziam um desenho de juba. Via-se-lhe o tronco oscilando, a camisa tufada por baixo do colete, uma das pernas fletida sobre o coxa e a outra estiraçada, com bestial franqueza para diante. Carolina devorava-o: era assim que ela sonhara o outro, nos seus delírios histéricos de virgem reclamando direitos de mulher fecunda em noites de entrecortada alucinação. E via-o deslocar-se aos círculos por diante dos olhos, sentindo um tremor de mãos e frialdade mortal nas pontas dos dedos. pelo seu lado, o João fitava-a com fúrias de novilho que desperta.

E, velhacamente, um riso nervoso nos cantos da boca, piscava-lhe os olhos, desafiando.

A noite tombara das encostas, pelo céu, e uma sineta batida pelo guarda do cemitério mandava sair. Barras de nuvens

tranquilas estendiam-se ao oriente, aspetos esbatidos, de vaga melancolia contemplativa. A lua, de um branco baço flutuava como uma boia de cristofle, e tristes raios quiméricos mal podiam coar-se pelos galhos corpulentos dos ciprestes antigos.

Via-se pouco pelas ruas do cemitério; na ventana da capela um mocho narrava, sarcástico, em notas vibrantes, legendários terrores; um vento passava vagaroso, como vigia de arraial adormecido, varrendo o pó das brancas sepulturas glaciais. A Marcelina ergueu-se para pôr o xale rico e ia andando.

Carolina ergueu-se para segui-la. Mas João agarrou-a pela cinta e, com voz alterada, quase gutural, dizia-lhe, atraindo-a si, corpo a corpo:

— Olha lá, espera, olha lá.

Erguera um pouco o busto, e com inabalável teimosia puxava as saias da rapariga.

— Esteja quieto, podem ver. Mau!

Ele porém não a escutava.

— Não te vais daqui, não te hás de ir daqui — murmurava-lhe ao ouvido.

Todo o seu esforço era para apanhar-lhe a cara; tinha a respiração sifilante, e um tumulto de sangue turgescera-lhe as cordoveias do pescoço.

— E o beijo que me deves, o beijo que me deves? Dá-mo!

Tinha-a agarrado pelas costas, metendo-lhe as mãos por debaixo dos braços, e com uma força cruel conservava-a apertada sobre o peito, enquanto lhe premia !:Os seios crespos e redondos, de mulher inviolada. Carolina tentava embalde arrancar-se ao amplexo. Conservava os olhos cerrados, um bater de narinas, a boca escarlate como a ferida de um fruto tórrido, palpitações. E dizia:

— Mau! Olhe que eu chamo, olhe que eu grito!

E, num tom choroso:

— Ora isto, ora isto!

Ele não dizia palavra; apertava-a na cinta uivando com fome, e beliscando-a na redondeza dos quadris e na curva marmórea das espáduas. A sua exaltação crescia, e lutava a

seno, . com arrancos de besta na quadra fatal do cio. E, erguendo de repente o braço, forçou-a a voltar a cabeça para trás, despenteando-a um pouco na frente.

— Mau! — dizia ela. — Rasgar não vale!

Olhava-o com os seus olhos velados, que tinham uma condensação de amor voluptuoso, essa expressão parada e lúbrica que nasce dos espasmos profundos e desolantes.

O João dobrou-a vigorosamente, como se quisera partir-lhe os ossos.

— Cala-te, cala-te! — dizia-lhe.

Os seus olhos ressaltavam, havia um arrepio de fibrilhas nos ângulos das órbitas e sentia-se o estertor da sua respiração estrangulada. Então, curvando-se sobre ela, com os seus lábios ardentes sorveu-lhe a boca palpitante, e furioso tirou-lhe o lenço para meter-lhe as mãos no seio. Ao contacto das epidermes a descarga dos fluidos deu um frémito de corpos, e Carolina esticando os braços atirou-lhe as duas mãos aos ombros, murmurando:

— Oh, matas-me...

E, como na corrente múrmura de um rio que vai fugindo, entregou-se-lhe toda, sonhando com esses fiordes serenos e brancos das regiões onde os êxtases, como as noites, duram meses, sempre iluminados por um íris de aurora polar.

João agarrou na rapariga ao colo, como a uma criança, foi pela rua adiante ao encontro da Marcelina, que não estranhou se houvesse demorado. O João dava-lhe quatro pintos de comissão; era para comprar aviamentos para um vestido de fazenda, azuloio, que tinha ganho quando fora do alferes Sarmento. Andava precisada de botinas; as dos domingos, de polimento, tinham uma fendazinha no joanete e via-se a meia. Não podia ir a parte nenhuma que se não envergonhasse. Falara nisso ao João, mas ele enfadava-se. Já lhe tinha dado para umas camisas e para a ajuda de uma medalha, e certas miudezas, lenços de seda, um casaco de pano, bordado a trancinha, que tinha comprado à Francisca adela, com jeito no olho, um pouco gaga. E a sua tagarelice, mal apanhou quem a escutasse, entrou a estafar a paciência alheia, de comentários nunca levados ao fim,

historietas afogadas no prólogo e logo preferidas a outras não menos interessantes.

— Ai, filhos, que se vai fazendo noite, negro tudo como breu. — A mulata devia estar em cuidado já. E não comprara os carapaus para o bichaninho, o Pimpão, eram mais de sete horas! Não tinha sustância no estômago, mas havia sua vontadinha de comer. Tivera fressura para o jantar, umas ervilhazinhas com presunto que as podiam comer os anjos. Mas a fruta cara; a hortaliça estava para a gente rica. E então as mulheres da venda pelas portas, uma pouca-vergonha! Quarteirão de laranjas, dois tostões! Nunca se vira tal nesse mundo de Cristo. E com a guerra, dizia, é com a guerra. E que andavam os papéis cheios dessas coisas, mais de duas mil pessoas mortas cada dia na Estranja, a tiro. E que Deus nos livrasse, que Deus nos livrasse, cá de levantamentos. Quando fora pela revolta do quatro, ainda os dois não eram nascidos, tinham corrido rios de sangue, gente fugida por esses campos, até os santos andaram numa alhada. O nosso Senhor nos perdoe pelas suas cinco chagas! E persignava-se, dando beijos na unha do polegar, com ruído. Saíram do cemitério. Carolina

não dizia nada, apertava o braço do aprendiz. A velha estava mesmo a cair, e queixava-se. Estavam-lhe lá por dentro a remoer, a remoer; a modos que coisa assim de bicha. Tinha tomado as pevides de abóbora — nada de resultado! Ai, mas ia mesmo mortinha; e que fossem enxugar uma pinga com uma iscazinha sem elas... Já não estava em idade de folias, bem lho estava dizendo aquele esfalfamento. E os seus intestinos roncavam, ameaçadores. Tinha sina de morrer cedo; então!... Toda a sua gente murchava ainda nova. O seu pai, um homenzarrão com a um raio, tinha saído bom, com uma capa de briche novinha, para casa do regedor, e à noitinha dá-lhe a febre-amarela, e agora o vereis a vomitar... mandaram chamar o médico Cansado — parecia-lhe que o estava a ver —, luvas de casimira, um caixa-d'óculos corcovado, barbicas loiras, arrastando de uma perna... — Receitou para ali umas berundangas, ela foi à botica, noite fechada. Enterros por cada canto, padres a cantarem responsos. Nem ela sabia dizer bem. Quando chegou a casa, a mãe estava num berreiro: — Ai, meu homem da minha alma! Ai, meu rico amor do meu coração!... E escarapelava-se pelos cantos em saias de estamenha, sapateando as grossas solas cardadas

pelo sobrado. A sua mãe fora lavadeira da infanta, muito estimada das açafatas e aios; levava e trazia segredinhos, bilhetinhos, do Ramalhão para a Bemposta e da Bemposta para o Ramalhão. Chamavam-lhe a Angelca; um cabo da guarda apaixonara-se pelos seus belos olhos e cantava-lhe modinhas. Mas ela, esperta que tinha raio! — moita carrasco! de uma vez, numa devesa, dois ganhões atiram-se a ela. Mas ena, pai!... se vocês querem ver o que era dar lambada, com os serões; andava tudo numa dobadoura, quando veio gente que apaziguou a faina. Quando não, era mulher capaz de dar cabo deles. E havia de se ralar muito. Enfim, filhos, enfim era de faca na perna — resumia com pompa, cheia de vaidade.

— Manda Nosso Senhor os bons à sua santa vista, que dos maus nem quer saber o diabo. Uma tarde a minha mãe apareceu com tosse, tossinha de gato engasgado, dores pela espinhela, calafrios... veio-lhe uma pulmonia da fortuna... pulmonia foi ela que a raspou até hoje. Foi em quinta-feira de Corpo de Deus, moravam aí para as bandas da Sé, numa barraquinha velha; todo o dia a música a tocar; tropa para: lá e para cá; a pretalhada tá — ti — ti —

tá; tá — ti — ti — tá; tá tara tá! Gentalha de pagode, o rei, os ministros, a procissão, o S. Jorge; e a mãe para ali amortalhada em chita velha, à espera do padre, para ir para debaixo da terra. Nem um coto de cera, nem uma fita, nem um véu de escumilha. As bilhardeiras das fidalgonas, enquanto a Angelca pôde servir-lhes de alcoviteira, fizeram-lhe festa, sim senhor. Mas quando fechou o olho — diabo que te carregue! São uma coisa que eu cá sei, aquelas peças. Não é lá dizermos, andam na berzundela um dia ou outro, mas sempre, sem nunca parar.

— E cheia de reticências procurava incitar o interesse. Baixava a voz, com uma confidência obscena em que figuravam infantas de capote e lenço, passeando pelo Campo de Sant'Ana com o Chico Belas, charuto na boca, uma gazua no cinto do vestido e viva a reinação... E fulana e fulana que aí estão casadas com sicrano e sicrano, sonsinhas de uma figa, já se não lembravam de quando escreviam cartas a este e àquele, para que viessem às tantas horas... sempre se viam coisas neste mundo! Uma lástima, filhos, uma lástima! E que havia sécia que era mesmo para ali, para quem queria ver, na cocheira com os

trintanários. Conhecia boa meia dúzia dessas tipas; algumas eram damas dó paço. E que o mundo era todo assim. Mas o que a raivava era quererem ser grandes santarronas, que nem quebram um prato, e no cabo deitavam abaixo a cantareira! Iam passando diante do Pescada A casa estava cheia de gente; rumores de guitarras bordavam finos arabescos sonoros de fados corridos; vinha lá de dentro um burburinho de gente avinhada; o fumo dos cachimbos azulava o ambiente, empestando, e grossos risos estalavam brutais entre histórias alegres do arraial, e largas digestões de mexilhão e pimentos. Via-se a tia Laureana, papuda e quente, encostada ao balcão, entre bojos de garrafas pretas e tabuleiros de queijos frescos. Um aguadeiro deitava ao longe o pregão monótono; para o interior da cidade, rumores de carruagens amorteciam gradualmente na morna sonolência quebrada da hora. O João lembrou que fossem comer alguma coisa. E mais aberto com as mulheres contava os seus apetites e as suas valentias; de uma vez tinha tosado um gajo, na Perna de Pau; já aquilo chuchou cascudos!... E vai, quando mal se descuida, o outro tinha passado as palhetas.

Era agora de uma sociedade Esperança e Harmonia; tinha alugado casa na Rua dos Quelhas e tratavam de arranjar filarmónica; ele tocava pratos. Havia um barbeiro na Rua das Trinas, o Lopes, que fazia comédias, galegos que namoravam as sopeiras e cantavam versos da sua terra: era reinadio! Ele fazia de polícia, tinha comprado uns bigodes de crepe... E dizia as suas boas intenções —em que se havia uma pessoa de entreter; andar para aí perdido de bêbedo? Assim sempre era mais decente. E que ela, Carolina, havia de ir às comédias; não era verdade? Para o Verão queriam dar bailes campestres numa horta, com balões de cores. Iam entrar no Pescada, mas Carolina puxou a manga do aprendiz, pediu que não fossem para ali; tinha lá o pai, se ele visse, santo Deus, era capaz de fazer alguma. — Aquilo, juntava Marcelina, em estando pingado, era o diabo mais ruim da cristandade. E, prudente, aconselhava o Manei do Altinho; ia ali gente mais pacata, havia quartos particulares, seus reposteiros de chita, um rico cozinheiro, e, enquanto ao sumo, era por conta do lavrador, sem confeição. Uva e 'mais nada! resumia.

Carolina sorria benevolente, sem dizer nada. Entraram no Manei do Altinho, para um quarto. O João bateu com ostentação de ricaço na mesa, perguntou às mulheres o que queriam; a Marcelina apetecera um bifezinho. Carolina não tinha vontade e o João quis salada de camarões. E rindo, todo corado, olhava para a pequena, abanando a cabeça, dizia vagamente para achar pelestra:

— Com que sim senhor, com que sim senhor! — E confidencialmente, inclinado para Carolina:

— Não come mesmo nada, mesmo nada?

— Mesmo nada — dizia ela sorrindo, embevecida nele.

— Nem tanto como isto? — E mostrava a ponteira da bengala. — Homessa! Olhe que entisica.

Piscava o olho. Riam baixo.

— Velhaco! — segredava ela, vermelha, tocando-lhe a face.

— Pois há de comer, há de comer por força!

E, lentamente:

— E camarões, para abrir o apetite.

O olhar do aprendiz penetrava nela como um estilete. Miravam-se com curiosidade petulante, adivinhando-se. O olhar dela afogava-se num langor amoroso e húmido, de uma simpatia impura. O João chegou-se mais e com voz quase impercetível:

— Hoje, lá para a tarde, vou, sim? — disse ele.

— Hoje não — disse ela.

— Porquê? Que tem?

— A vizinhança deita-se altas horas. É gente má, percebe? Podia falar-se, o meu pai sabia... Hoje não. Depois.

— Mas se eu não posso, vê? — suplicou o João, com voz piegas de criança. — Então? ...

— E tímido, uma doçura insistente na boca:

— Vou, sim? Não pode recusar. É má!

Carolina deixava-se penetrar daquela imploração toda incendida de amor desonesto. E sem resolução:

— Pois sim, pois sim — disse ela —, mas às duas horas, ouça bem, às duas horas, quando não houver luz nas

janelas, das tais.

A Marcelina, um pouco afastada, tinha adormecido.

O rapaz chegou com a ceia. Carolina gostava mesmo muito dos camarões. E bebia, toda palreira já.

Ao outro dia o aprendiz apareceu mais tarde na loja, tresnoitado e cheio de fadiga. Era a primeira vez que ele faltava aos seus deveres e o patrão, o Ferreira, velho direito e tostado, fisionomia vulgarmente honesta, nada lhe disse. O João era destes filhos que os pais, viciosos e desleixados, abandonam pequenos a uma vadiagem perigosa. Aos dez anos meteram-lhe umas cautelas na mão. De manhã cedo, ainda escuro, ia descalço e cheio de lama às redações comprar os jornais do dia, numa pasta sebenta, que encontrara numa escada. E, caminho dos bairros distantes e ainda adormecidos, sob a luz vacilante dos lampiões, lá ia apregoando o Diário de Notícias e o Popular que saiu agora a dez réis. Gastava assim a manhã. Algumas vezes, pequenino e todo roto, a carne suja transida do frio, deixava-se dormir nas escadas, com a pasta por travesseiro. E esquecia-se, no sono, da venda dos Populares. Recolhia a casa carregado, com os jornais intactos; davam-lhe tareias

monumentais, com uma corda molhada, nos rins. de uma ocasião perdeu as cautelas, pôs-se a chorar na rua, cheio de medo. Quem passava queria saber o que era; ele, soluçante, dizia a sua desgraça, estorcendo as mãos. Alguns davam dez réis. Mulheres de ricos vestidos de cauda compadeciam-se: — Coitadinho, coitadinho... — As crianças olhavam-no comovidas, esmolando-o. Um velho alto, barba toda, de bengalão, ao passar disse azedamente:

— Parece impossível que a polícia consinta este desaforo numa cidade civilizada! — E ele envenenava o seu ânimo numa aflição profunda, expressa em lágrimas sem remédio. Ninguém tinha achado as cautelas; ia passando cada vez menos gente, menos gente; perguntava a todos, uns riam-se, outros diziam que não! Alguns nem respondiam: todos iam andando! As lojas fechavam: uma tristeza parda fazia-se na rua, obscura e fria. Os pianos choravam nas salas medíocres dos terceiros andares, velhas romanzas de Bellini e Weber, em desafinação sentimental, e, através das janelas unidas, vozes de meninas líricas diziam em italiano barbaresco afetos candentes de heroínas tísicas, com gestos cavos e baladas entorpecedores, cheias de pecado e

ofensas à moral pública. Ele sentia, no meio da felicidade dos outros, pesar-lhe a sua miséria, como um globo de chumbo do pesa-mundos.

Era bonito e loiro; os cabelos crescidos, anelados, revoltos e cheios de terra, davam-lhe um doçura tranquila e casta, cheia de encanto e inocência, o ar de um leãozinho amamentado num viveiro. Tinha nos olhos um azul-escuro de safira, de uma profundeza de Bambino, no fundo dos quais se sentia dormir a sua almazinha angélica, sofredora e cristalizada, como uma fina joia, desconhecida e brilhante. Não conseguira fazer com as esmolas nem metade do custo das cautelas; todo o mundo era feliz e sorria; muitos gastavam em ninharias, em bonecos e em fitas, um dinheiro louco. Só ele não tinha ninguém que lhe desse o quartinho dos seus bilhetes perdidos. Mas um homem vinha envolto no seu casaco de Inverno; ele chorava! Encheu-se de valentia e chegou-se ao transeunte:

— Meu rico senhor — começou ele —, eu tinha umas cautelas, que o meu pai me tinha dado para vender. E vai, ali na Calçada dos Caldas, perdi-as, meu rico senhor. Se eu

não levar o quartinho, o meu pai é capaz de me enforcar, meu rico senhor. Tenha compaixão...

— Passa fora, gatuno! O que tu querias nesse espinhaço bem sei eu.

Ele recuou aterrado, convulso.

E varado por aquela violência ficou soluçando no meio da rua solitária.

Se fosse para casa, o pai, um pedreiro incorrigível e bêbedo, tinha-lhe preparada a corda, num alguidar cheio de água. Lembrava-se que a mãe, triste criatura amarela, resignada, loira e cheia de privações, eia meiga para ele e clemente, ocultando-lhe as faltas, vestindo-lhe a nudez com os seus trapos, contemplando-o em certas noites com um amor, uma tristeza e uma suavidade toda. feita de sacrifícios, de dores e apreensões. Essa pobre mulher imploraria de joelhos o seu perdão, quebrando nas suas costelas as pancadas que o pedreiro atirasse ao filho, calada e paciente, de uma humildade evangélica e de uma vileza sublime! E uma ideia cortava-lhe de repente este referver de recordações, de vacilações, de receios — se ele

não fosse para casa? A tunda adiar-se-ia para o dia seguinte com acumulação de juros; a mãe, tão mesquinha e tão boa, pagaria por ele, levando puxões de cabelos, picadas de alfinetes, socos pelo vazio e pimenta pela boca, que o pedreiro, em estando com ela, era um dragão em casa. A vizinhança às vezes apitava; ele quebrava vidros, dizia impropérios, atirava-se à patrulha, à dentada, como um danado. Era no Inverno, altas horas. Começou a chover, a chover. O vento, encanado pelas ruas, ao longo das altas casas, agitava os lampiões com estalidos secos. Dois ou três coupés passaram a toda a força. Um deles levava crianças e era tirado a quatro. Era o rei que voltava de S. Carlos, com a família. João ficou parado, a seguir aqueles trens opulentos, de gente que podia perder cautelas sem levar tareias, e sem passar noites fora de casa, com medo das cordas molhadas. Ser rei era para ele muito mais que ser Deus; e fantasiava uma existência inaudita e fenomenal, se fosse rei. Teria camisas de chita, de quadradinhos, camisolinhas de flanela, boas botas de Inverno, um relógio, cadeia com pingentes, mais cara ainda que a do vizinho Maurício — o da tenda de S. João da Praça. E dir-lhe-iam:

— Vossa real majestade senhor rei, vossa real majestade... E ele daria a mão a beijar, com um grande anel, melhor que o do senhor Parreira,, o comissário de polícia do seu bairro. E ajoelharia diante dele, repetindo:

— Vossa real majestade, vossa real majestade...

E marcharia à frente dos esquadrões de lanceiros cheio de medalhas, uma banda, de bigodes retorcidos e tirando o chapéu armado ao povo, no meio dos hinos das bandas marciais, ou então na procissão de S. Jorge, de manto e debaixo do pálio, iria descoberto, acertando o passo, com ares majestáticos. As beiras dos telhados deixavam cair as suas lágrimas monótonas com um ruído metódico e gelado. No céu escuro e forrado por igual, nuvens brancas, como de algodão fofo, esbarravam, acossadas pela nortada. Os passeios desertos, nus de transeuntes, ofereciam à claridade triste do gás o seu esguio e pálido espinhaço, que recordava o de um peixe antigo, dos que se fazem admirar em esqueleto, fossilizados, nos museus. Recortavam vagamente no ar os tetos negros a sua dentadura de pentes partidos; nas fachadas imbecis, que os reflexos mosqueavam de um livor doentio, cortadas por filas escuras

de janelas toscas, as tabuletas faziam nódoas de luto, ensanguentadas por letreiros vermelhos, de modistas e de armazéns de fazendas. Ao fundo da rua, num terceiro andar, uma parteira tinha uma lanterna rubra, de aviso. Dois gatos seguiam ao longo das paredes, miando a sua paixão nervosa e excêntrica. E por sobre a cidade os aguaceiros esfarrapavam-se lentamente na sua caminhada fatal, fazendo nos confins dos edifícios afastados, longes indecisos e lúgubres, linhas frias de mausoléus — um abandono do campo-santo, desconsolado e fatídico. João pôs-se a andar vagarosamente, cabeça baixa, as mãos remexendo o forro das algibeiras, transido do ar da madrugada. Não tinha senão um pensamento — não ir para casa. O mais, que lhe importava? Mas sentia-se cansado e triste, como quem vai partir para um país ignorado, dos Brasis. Sentiu uma coisa dura no bolso das calças: não se lembrava do que seria. Tirou para fora: era um vidro cheio de facetas, uma rolha de garrafa que encontrara na rua. Com a curiosidade natural de crianças, aplicou o olho a uma das faces e pôs-se a mirar a luz de um candeeiro, através do poliedro. Experimentou deslumbramentos.

A luz multiplicava-se no seio do cristal em centos de imagens fulgentes e irisadas, vívidas numa saturação de amarelo-pálido. E o cristal dilatava-se como uma arcaria fantástica em mil sentidos opostos, onde cintilas cruzavam as suas linhas coriscantes, com uma abundância embriagadora. João nunca olhara coisa assim: era como um mundo de diamante e de luz, salas desertas e imensas, iluminadas como para um sarau. A sua alma, como uma borboleta fascinada, ia, em lufadas de gozo, penetrar essa vasta habitação principesca e oriental feita do que há mais puro e mais comovente: a luz, a alegria, a glória... Novamente apeteceu ser rei e viver naquele palácio, num trono. Tinha fome, desde pela manhã não comia, as pernas vergavam-lhe.

Encostou-se ao umbral de uma porta, olhando sempre os seus salões mágicos vestidos de tapeçarias iriantes, em que a luz incidia polvilhada em átomos de glória. Mas a fadiga oprimia-o. Curvou os joelhos na pedra húmida de chuva, absorto na luz. Os olhos carregados de chumbo, cerravam-se. Mas abria-os devagarinho, para mirar. E sem sentir, uma tranquilidade emoliente nos membros, adormeceu.

De manhã acordou, admirado de haver dormido fora de casa e surpreso mesmo da proeza heroica que o expunha às cóleras do pai intratável. Corria um arzinho cortante que esburacava a névoa do rio e dava comoções fantásticas às nuvens húmidas do ar. Uma parte da cidade envolvia-se em grandes vapores translúcidos, em que se perdiam as torres das freguesias. No macadame gasto e revolvido, rugosidades de lama cinzenta faziam hieroglíficos intermináveis, gastos por vezes na profundeza dos sulcos dos carros e no remoinho de pegadas dos vendilhões descalços. Começavam a passar carroças de hortaliças para o mercado. Jumentos tristes e felpudos, de uma resignação cristã, seguiam lentamente, carregados de roupa. Uma leiteira forte, vestida de azul, grossas botas de cano, conduzia as suas vacas meigas emagrecidas, todas malhadas de branco, com velhos cobertores no dorso, e as grandes tetas, pendentes e cheias, batendo nas pernas. em frente, no chafariz, os aguadeiros enfileiravam os barris vermelhos, cintados de negro, a fazer carreira; e todos sujos, aparvoados, de uma ingenuidade sórdida, chalravam a sua galegagem brutesca. No entanto, as janelas fechadas dos prédios tinham uma passibilidade sonolenta e morna;

as águas-furtadas, agudas e revestidas de telhas escarlates, recortavam, acima das platibandas pardas, vagas triangulações idiotas. Nas altas varandas corridas dos quartos andares, arbustos raquíticos e estiolados pela tristeza dos vasos e pela humidade sulfídrica da atmosfera debruçavam pelos buracos da gradaria, para a rua, tristes flores esmaiadas, velhas corolas de uma 'Sentimentalidade doente; pelas janelas, trepadeiras ressequidas enroscavam-se em caniçados, bordando jardins suspensos de amanuenses medíocres. O dia aclarava-se no côncavo da abóbada. A espaços, no bocejo das vaporizações longínquas acossadas do vento, esmaltava-se o azul lavado e fino, de uma grande paz comovente. E sentia-se despertar a população. Os moços de padeiro enfarinhados e tiritando de frio, passavam com os cestos, a correr; um sino afastado dava matinas numa toada cheia de melancolia. João ergueu-se, com espreguiçamento, quebrado da friagem da escada. O que se teria passado; para onde iria agora; o que seria dele sozinho, por aí?...

A verdade é que não estava para aturar o bêbedo do pai: isto é que era! Com a venda dos jornais e das cautelas

sempre ganharia para comer. Podia dormir nas escadas. Às vezes tinha venda de ganhar dois tostões; havia dias de menos também: era conforme calhava. E, contando pelos dedos, punha-se a calcular: — um pão, um pataco, e chega para todo o dia; dez réis de caldo; um vintém de sardinhas; dois decilitros... ao todo, gastava seu tostão. O mais era para fato e extravagâncias cá da pessoa.... Afinal era uma bela vida. Melhor que um padre de missa! afirmava. E seria livre, costado sem pancadaria, indo' às hortas quando tivesse vontade — que uma pessoa não pode andar sempre no trabalho; lá chega um dia... E, repetindo frases que ouvia ao pai, para a sim mesmo parecer homem, lembrava-se irritado das brutalidades do pedreiro. Bem sabia que ele era seu pai e lhe podia bater por ser mais velho; mas as suas costelas não eram nenhum fole de ferreiro. Alto lá! Era de mais, também! E que ele era muito bom, sim senhor, mas em lhe fazendo chegar a mostarda ao nariz — está quieto! Mas a sua mãe, aquela pobre mulher palidamente mártir, tão sofredora e tão resignada, que seria dela, sem o filho? Como poderia a pobre criatura, de uma fragilidade triste, suportar as brutalidades do marido? E lembrava o seu perfil engelhado e seco de privações, os seus olhos

amortecidos de dores antigas e o seu peito esfacelado de tosses, côncavo e velho, de que ele pendera pequenino, guloso de mama e envolto em mantilhas frescas. Quantas alucinações rasgavam, havia tantos anos, a alma dessa obscura macilenta, dessa escrava de um canalha convicto?... E, como uma chama cantante, palpitava-lhe dentro aquele amor honesto e cheio de castidade infantil, cor-de-rosa. de uma vez estivera doente com sinapismos nas pernas, um febrão desabalado; e em delírio descobria-se no leito, cheio de agonias, vendo dançar no teto os Populares e os garotos do seu conhecimento. E em torno da enxerga, na penumbra do quarto abafadiço, de cada vez que lhe vinham momentos lúcidos, descobria o rosto ansiado da mãe, batido de vigília e escavado de lágrimas, de uma expressão que fazia dó. Todas essas lembranças atiravam a sua pequena alma a uma tristeza em que o seu coração se sentia boiar, como num lago ácido e corrosivo. Deixar a mãe, aparecia-lhe como um pecado funesto e impenitente, dos que fazem. bailar Satanás. — Nem os brutinhos, dizia, nem os brutinhos fazem tal. E sem resolução, ruminando a sua incoerência estúpida, com as mãos nos bolsos das calças em frangalhos, foi comprar os

jornais do dia. A luz alastrava-se pelo céu e, no oriente, lavado de nuvens agora, os feixes, no morno sol, riscavam nas fachadas poliedros amarelos e emolientes, de um agasalho caridoso e bom.

Nesse dia, acabada a venda, foi a casa. Encontrou uma janela fechada e a porta unida; uma grande quietação flutuava nos quartos. Entrou de manso: o gato dormia sobre a cómoda, ao lado do oratório; em torno quebravam-se, na meia-luz do recinto, formas hirtas de velhos móveis mutilados, cadeiras sem palhinha, mesas sem gavetas, esqueletos de baús escancarados e vazios, com o forro em tiras. Viu a mãe caída sobre um colchão, respirando alto. Na chaminé não havia lume, nem louça; o cesto, vazio de pão, abandonava-se sobre o poial de tijolos. O João percorreu devagarinho os quartos. No saguão e sobre o peito da janela, um vaso de salsa esverdeada; mais alto, uma cana, uma camisa velha estava a enxugar com as mangas pendentes, como num desalento miserável; um chinelo húmido e proscrito sorria como um queixo sem dentes, à borda da saijeta, e tudo aquilo soluçava um

desconforto triste, como a nudez de uma tumba. O pedreiro não estava em casa — ainda bem! O João chegou-se à mãe.

— Mãe! —' Ela gemeu alguma coisa confusa, mas a sua cabeça caiu, outra vez, numa prostração desolante. Enrolava a cabeça num xale; um sulco negro descia-lhe da testa à face, inflamada e ardente. O lábio escorria sangue, rasgado por alguma pancada. O João descobriu docemente a cabeça da pobre mulher, procurava com beijos dizer a sua pena. E, em súplicas balbuciadas, de aflição sincera, dizia que lhe perdoasse, contava as asperidões da noite anterior, as suas misérias, a perda das cautelas entre gente indiferente e cínica, que lhe chamava vadio.

— Triste de quem é pobre, lamentava ele, triste de quem é pobre! Com as mangas da blusa limpava as lágrimas, e vibrante, numa solicitude amorável e leal, toda feita de grandes dedicações, inquiria a história dos golpes que rasgavam a cara da mãe. Ela mal podia falar. Tinha esperado pelo filho até fora de horas: quando o pedreiro recolheu, não havia ceia — pão e água! E entrou logo a barafustar, a dizer insolências; que andava a trabalhar como um mouro para aquela grande bêbeda, que havia de

fazer um dia alguma de rachar pedras. De resto tanto lhe dava ir para a costa d'África como ficar no Limoeiro Novo; em toda a parte se ganha pão, com seiscentos diabos! Ela queria convencê-lo, prestava-lhe contas da semana; pouco recebera da féria, ele bem o sabia; como era possível tornar o pouco em muito? E esboçava róis: tanto de pão, tanto de arroz, pano para uns remendos, conserto das botas... O marido nem deu palavra; cambaleante, tocado de vinho saiu. Ela quis retê-lo, que se fosse deitar, que não fizesse distúrbios, pelo amor de Deus, por tudo quanto tinha de mais sagrado!... Mas cortou-lhe a palavra uma bofetada crua que a derribou, com um gemido. Atravessou a rua, desceu à taberna. Das bancas gordurosas saudavam-no como a uma pessoa íntima e querida. Ela, coitadinha, chorava atrás da janela, enquanto, na parede do fundo, a lamparina do oratório, posta atrás de uma cesta, enchia de sombra o papel desbotado, cheio de manchas escuras e fatídicas.

À uma hora viu entrar o marido, chapéu à banda, a tosca fisionomia viciosa, com ângulos de vértices sinistros sombriamente cortados em sombra, os olhos absortos, fixos

num pasmo selvagem, feramente imbecil — como a encarnação do crime! Ela cosia-se com a sombra, sustendo a respiração. A rua estava dormente, a vizinhança recolhida; viam-se passar os gatos de escada para escada, num silêncio lúgubre e frio. O pedreiro agarrou numa cadeira e esmigalhou-a com estrépito, no meio de pragas. E, não tendo resposta, agarrou no oratório. Os mártires mutilados e cheios de fitas, os seus rostos de pau pintado cheios de inchações vermelhas,, caíam com uma resignação bíblica no meio da casa. Ela então saiu da sua sombra discreta e disse-lhe com os dentes estralejando de medo:

— Manuel, anda deitar-te, homem. Tem hoje paciência, amanhã se fará o que queiras.

O pedreiro cresceu contra a pobre, com um pé de cadeira quebrado na mão; agarrou-a pelas goelas com uma força de salteador, e torcendo-a, rangendo a queixada, ébrio da sua ferocidade surda, descarregou-lhe pancadas furibundas nas costas, na cabeça, contra o peito. E ergueu-a inerte, como morta, para a lançar no chão moída de pancadaria. No entanto, a vizinhança acordava pelo rebuliço; apitos soaram na rua; duas mulheres em saias brancas gritavam — ó da

guarda! — e polícias, arquejantes da corrida, enfiaram pela casa com os chanfalhos em riste. O pedreiro queria lutar, esbracejava furiosamente entre os pulsos cabeludos dos agentes, blasfemando. Pelos grupos, uma velha suja, olho de coruja, andava tomando informações, de uns para outros, com lamentos de uma piedade desenxabida. Tinha-se alastrado na rua o burburinho. Alguém trazia arnica para as contusões da prove. Uma rapariga aconselhava cerveja preta, coisa de quatro dedos, que não havia nada melhor para maçadas de arrocho. E vários narravam casos de pancadaria com pessoas tesas, que desarmavam a patrulha com três tabefes. O pedreiro, amarrado entre dois polícias, passou entre as mulheres curiosas, no meio de pragas. E explicavam-se as feridas da mártile: havia uma na cara com a dois dedos, e já aquilo vertia sangue!... Uma rapariga trigueira, de uma prenhez disforme, tinha suas desconfianças que havia costela partida. Outros gesticulavam, tentando elucidar, com figuras e arremedos, a narração que iam fazendo de como a gente era cá por dentro. Mas ouvia-se a voz da patrulha que descia a rua.

— Nada de juntamentos aqui! Nada de juntamentos aqui! — E cada um foi para a sua banda, dando boas-noites. A triste espancada nem dava acordo de si. Corridas as primeiras curas das feridas, cada um foi dormir descansadamente e ninguém se lembrou de chamar o médico.

Sem o filho, sem uma pessoa que velasse por ela, a triste mulher revolvia-se nas enxergas, às escuras, em gemidos de dor e desvairamentos de febre.

E como de costume a manhã rompeu dali a cinco horas, anunciando uma terça-feira de Inverno.

O dia correu no meio de tristezas carregadas. A casa emergia num torpor abafado. Na rua dois ou três pequenitos brincavam, seminus, com lama. O João andava de uma banda para a outra, sem poder sossegar. Desde as onze horas que a mãe perdera o tino e mergulhara no delírio. Sentia-se sepultar num horror sem limites, como se fora um ponto suspenso no centro de uma grande esfera vazia, inerte, sem fim, em que eternamente se gira e embalde se chora, sem eco. Fora, de mansinho e descalço, cheio de uma ternura lacrimosa, chamar por ela, dar-lhe

água: a sua pele seca, de um contacto áspero, ardia de febre intensa. Os olhos, de um azul apagado, escancaravam-se num pasmo doloroso; um sulco parvo distendia-lhe a boca, seca e fétida; a respiração cortada, longa, lenta e difícil, soava por toda a casa, com um ruído de serra. O João parara então em frente da cama, absorto e diluído em pressentimentos trágicos. A alcova era estreita e nua, de teto muito baixo, toda pespontada de moscas. Uma cruz negra pendia à cabeceira, com uma palma seca, ao través. Num canto, um caixote cheio de ferramentas manchava cruamente as faces retangulares do recinto. Umas saias esfiadas pendiam num cabide, com um capote verde, e em torno, moscas aos magotes, zumbiam famintas, como quem se aborrece da ociosidade. Dali a nada entrou a senhora Joaquina, a vizinha do lugar. Trazia um caldo, duas maçãs, cobertas com um guardanapo. E, curvada para a doente, perguntava como tinha passado a noite, mas calou-se logo, empalidecendo, com a xícara na mão.

O olhar do João colava-se nela como um borracho sob a asa da mãe, um terror ululante penetrava-o, com profundeza

gélida e cheia de alucinação. A senhora Joaquina olhou para o pequeno e disse isto:

— A coisa está mal! — E sem uma palavra ergueu-se e saiu. Ele ficou pregado na parede, sem resolução: ouvia os baques do coração convulso, mas não pensava nada, não se lembrava de nada; ficara para ali, como se o atirassem. E media as palavras no ouvido:

— A coisa... está mal! O que seria? — Tentava fazer um supremo esforço, queria por força voltar à sua disposição habitual, respirar livre, mover-se elasticamente, marchar firme, com os seus rijos pés plebeus, mas experimentava uma coisa, inexplicável talvez: era como se o seu corpo se alongasse muito numa faixa elástica, e lhe tivessem esmagado a cabeça entre lâminas de ferro, depois de o haverem adormecido com cloral, em grande dose. E no fundo do seu peito dobravam, como num enterro, aquelas quatro palavras lúgubres:

— A coisa está mal! — Os seus olhos erravam pelo teto, pelo cabide de que pendia o capote em contornos de mortalha, amplas dobras de um funerário abandono. E, casualmente, desceram contra as roupas da doente, que

arfava ao tiquetaque da respiração. O dia estava triste e forrado de burel; ouvia-se cair a chuva nas telhas, com um compasso monótono e fino. À alcova mal chegavam franjas pardas e mal definidas de luz; que não conseguiam contornar as coisas e, em triângulos colossais, amontoavam penumbras ondulantes de um pavor febril. No ânimo do João também enormes cenários de trevas desciam, e, o bélico de bronze, o infortúnio como o aniquilava sem apelo. A sua imaginação viva e de uma excitabilidade supersticiosa e audaz fazia surgir, como no alvo de um fantascópio, grupos nubívagos de defuntos e velhas histórias diabólicas de enforcados que ouvira às vizinhas: e tudo eram olhos pela parede, pelas enxergas e pelo chão, na sombra, na treva, na incerta claridade da porta, que o fitavam escancarados, com uma teimosia agoureira e uma surpresa cobiçosa. E parecia-lhe que alguém o ia a tomar pelo gasnete, que velhas sardónicas, cheias de feitiços, afiavam estiletes para o rasgarem, e um papão de grandes barbas revoltas, capuz profundo de asceta, levantava sobre ele os braços, prenhes de maldições e castigos. Os seus ouvidos ressoavam interiormente numa vibração confusa de arqueus; sentia as fontes baterem com uma onda de

sangue convulsionado, e todo o seu desejo era fugir dali e correr para fora; mas tinha medo de voltar-se; o silêncio gelava-o, como de cripta secular, em que se tropeça em ossadas de cavaleiros, e se abrem caixões de veludo preto, ao gemer estranho do órgão. Pela tarde adiante a vizinha chegou, com uma garrafa, mostarda, lençóis lavados. E pôs-se a fazer sinapismos, esfregações, toda repartida em desvelos amigos. Ao lado, o João, imóvel, abria os seus ingénuos olhos azuis, uma admiração tosca e vagamente reconhecida. A Joaquina ajeitava as roupas, desembaraçada, mangas de lã vermelha e um lenço de ramos sobre os seios murchos, como frutos sorvados. E dizia:

— Isto é lá cama, nem a minha avó!

E alto:

— Vocês não têm um quarto com janela? Mudava-se para lá a cama, sempre há mais ar.

— Há, ao pé da cozinha. É o meu.

Foram ambos ver. Era um casinholo arruído. Quase no teto, uma fresta piramidal e profunda, sem vidros, dava uma

claridade amarela: ouviam-se ratazanas roer o forro, familiarmente.

A vizinha resmungou:

— Pior a emenda que o soneto! — E com um ar distraído: — Doenças destas, ou bem tratadas ou então...

As últimas palavras fizeram calefrios na espinha do rapaz. A Joaquina corria-lhe a mão pelos cabelos, com ternura de mãe. E olhava-o esquecida, uma tristeza contemplativa cheia de pressentimentos e emoções. Uma lágrima caiu na mão do rapaz. Ele então quis olhar firme, com a coragem de um homem, mas alguma coisa estrangulou-o, e deixou escapar um soluço...

Quando acabou de chorar, a Joaquina tinha-o no colo, dava-lhe beijos, dizendo-lhe consolações banais e cheias de mimo. E dali a nada:

— Olha, filho, se ela pudesse tratar-se no hospital...

Ele ficou aflito, todo desconsolado:

— Mas ficava aqui só. Não a via nunca — objetou.

— Qual! Aos domingos dão licença para visitar as enfermarias, lá isso dão. — E explicava: havia muita caridade, boas roupas, tudo de linho, e quanto a médicos... a mestrança... upa!

O João, com as pernas apoiadas na parede, a cabeça no avental da vizinha, resistia tremendo. Cortava-lhe a resolução, como uma lâmina frígida, esta ideia excêntrica e rubra:

— Se ela morresse...

Tinha os olhos cheios de lágrimas limpidamente angélicas e uma palidez definhada retocava de um mimo casto a graça correta do seu rostinho ingénuo. Por mais esforços que fizesse deixava-se ir vencendo por um quebramento pesado de fatalidades lívidas. A Joaquina fazia também grande esforço querendo parecer forte, exteriormente alegre, e a cada passo o seu ar tranquilo e descuidoso obscurecia-se de angústias, que o seu coração de burguesa bolsava em golfadas. E dizia como para si:

— Mandei chamar o médico para ver a minha vizinha. Se ela for de parecer que vá para o hospital, agarramos

nela e toca! O meu homem é muito dos enfermeiros. Um deles, o Bento, é afilhado; o Zeferino é até compadre de águas bentas. Ia bem recomendada, não tem dúvida. Lá isso... Tratada que nem uma princesa, olá! — E circunvagando a vista pelos andrajos do quarto: — Que nesta pocilga, meu rico, até morrem os que têm saúde. Nem sei como vocês aqui viviam e lidavam. — Cuspia de nojo, e ressentida:

— Aí Tudo por causa daquele negro daquele bêbedo. Deus me não castigue, pela sua misericórdia!

Ao anoitecer, a doente, empacotada numa maca, foi aos ombros de quatro galegos para o hospital. Era um cortejo doloroso. As mulheres chegavam às portas, arregaçadas, no meio de filhos descalços. Algumas diziam — coitadinha!... de uma janela, a costureira explicava o caso para o segundo andar, e duas ou três tinham lágrimas e torciam os aventais, lamentando as coisas deste mundo. A maca era velha e rangente; o vento da noite erguia a espaços o oleado carcomido e aparecia então na caixa do leito o corpo imóvel e morto da velha, coberta com o capote, indecisamente esboçado. Ia atrás o João, descoberto e

aflito, triste na sua pobreza descalça e órfã, como um cão fiel que esqueceram. A Joaquina, parada à porta, chorava. Uma ovarina passou, inquiriu do pranto. A outra mostrou-lhe com o dedo a maca, que desaparecia no cotovelo da rua, e disse:

— Aquela já cá não volta. — Escurecera de todo. Um homem de blusa acendia os lampiões.

No hospital, a, maca pousou. Dois moços vieram para expulsar o pequeno, que queria ficar com a mãe. Sozinho, abandonado e partido de soluços, foi-se acocorar numa porta; ficava diante, com uma grandeza sepulcral, a parede branca do edifício, glacial e esburacada de janelas, onde uma luz vaga, mortiça, esmorecia. Junto da porta a sentinela girava, e no pátio, através das grades, figuras de apóstolos enfileiravam a sua majestade de pedra junto da parede, em pedestais geométricos e frios. Ali estava a mãe! O que iriam fazer dela? Nunca entrara na enfermaria: como seria? E figurava camas de palha cheias de podridão, em que se estorcem corpos de galegos e mulheres tísicas, numa promiscuidade canalha. Sentia sufocações no peito: nem podia chorar! E a rua, no entanto, sonora de passadas

de transeuntes, operários que recolhiam, garotos felizes que vadiavam gritando, oferecia aspetos alegres e cenas de vidas bem alimentadas no quente aconchego dos ménages probos e robustos de labor. Uma saudade lacerante entrou no coração do garoto; e, como nunca, encarou a sua vida miserável. Quando entrou em casa teve medo: uma solidão mortal na cozinha, as ratazanas tripudiando no saguão; abandono, pobreza em tudo. E seria assim sempre! O pai na prisão. A velha no hospital. Que desgraça, que desgraça a sua!. ..

No dia seguinte era preciso comer. Por conselho da vizinha foi vender jornais, para não perder os fregueses. Ao meio-dia foi saber da mãe. Expulsaram-no de novo, com uma vara. Perdeu a vontade de comer, voltou para casa aniquilado, amarelo e vazio.

— Se ela morreu! — dizia. .. E pavores imensos, soturnos fantasmas de umas transparência mágica, surgiam-lhe de noite aos portais, gemendo credos de monges, e mostrando dentuças formidolosas. Uma tarde estava no lugar da Joaquina, com os pequenos. Entravam uns e outros a beber vinho: ao balcão um grupo

conversava, entre a fumarada dos cachimbos. À voz da vizinha gritou:

— João!

Ele foi. A Joaquina disse:

— D'amanhã em diante, hás de levar o Notícias a este senhor. — Apontava um velho seco, olho morto, ar veterano, de blusa azul.

O João olhou timidamente.

— Pois sim, meu senhor, pois sim — disse ele. — Seja pelo amor de Deus. Em que rua é, meu senhor?

— Não é rua — fez o homem. — Tu entras pela porta do carro, percebes? É no Hospital de S. José! Vais por ali dentro, percebes? Tudo por ali fora. Há umas grades, entendes? Vais por ali adiante e vês uma casa baixa, entendes? Tem uns degraus: é aí. A porta está aberta para quem quer. Renda barata, entendes? — Ria-se, um riso enorme, adunco, de carnívoro.

Os mais tinham gestos comprovativos. Um até disse isto:

— Livra-te de lá morares, rapaz.

O João não percebia nada. Como era no hospital, observou:

— É onde está a mãe?

O velho tossiu cavamente.

— Talvez já fosse minha inquilina, percebes? Mas entram e saem muitas, nem reparo.

— Sim, sim — fez o outro.

O homem juntou:

— Lá, os semestres têm vinte e quatro horas entendes? —

Tornaram a rir-se. O que era velho tinha dentes aguçados e negros de cárie: quando ria, esgares de grotesco bárbaro repuxavam-lhe as maçãs do rosto tostado, de ídolo. Os anos tinham-lhe polvilhado os cabelos, hirsutos como juncos secos.

No outro dia mal amanheceu, o pequeno entrou a porta do carro', subiu a rampa, encostado à Escola. No terreiro parou para orientar-se. A porta parava um estranho carro negro, linhas de cofre, todo crivado de buracos, lúgubre e frio como um caixão. Sobre a tampa havia uma urna

esculpida, meio coberta com um pano e toscamente executada. Um homem sentava-se na almofada; tinha o seu capote azul, o seu chapéu de oleado e a cara vulgar dos caleceiros nem maus nem bons, imbecilmente honrados. Outros dois, em mangas de camisa, traziam fardos de dentro, feitos de serapilheiras esburacadas, mendigas. O João mal reparou naquilo: tinha visto a casa baixa ao fundo da rampa gradeada: era ali que lhe mandavam deixar o Notícias. Foi lá. O velho estava em mangas de camisa almoçando café, à entrada. Era um corredor estreito para onde abriam óculos de vidro de pequenos compartimentos claros e cheios de ar; a luz crua da manhã caía do alto, pelas vidraças abertas. Ao fim do corredor, um altar negro frisado de douraduras saía da parede, e em cima um Cristo de pau, entre velas intactas e cheias de moscas mortas, estendia os braços cilíndricos, dourados a casquinha.

Um arame escuro, de algum timbre distante, riscava a brancura do teto e unia outros arames convergidos de cada compartimento, como uma espinha de peixe. Oxidada e velha, uma lâmpada de latão caía de cima com a sua luz inútil na claridade diurna. Tudo aquilo era de um aspeto

lúgubre e frio através de que se sonhavam infortúnios e alucinamentos. O João esteve a mirar tudo: estaria ali a mãe? Era o hospital — devia estar. E via o velho ensopar em café grandes pedaços de pão; olhava...

— Aqui está o jornal — disse. E ficou-se. Tinha ganas de perguntar pela mãe; acanhava-se. Ao fundo, a lâmpada pendia, como num nicho. O altar negro e frisado de ouro lembrava uma capela de jazigo. Tirou o barrete, reverente:

— Ó meu senhor...

— Que é? — fez o velho. E tasquinhando: — É o Notícias, hem? Aposto que traz o caso da sopeira dos Calafates!

— Ó meu senhor, isto aqui é igreja?

— É hospital: tu não vês?

— É hospital...

E a medo, uma ansiedade íntima:

— A minha mãe está aí, está, meu senhor?

Tremiam-lhe os lábios, e conhecia-se a dolorida expansão de um amor de ave, implume e doce, que descobriu

amparo. O velho olhou-o com ironia, depois teve dó, um dó alarve, quase insolente.

— Procura-a se queres — respondeu.

E o seu dedo escuro e cheio de nós apontava os óculos dos pequenos cubículos, abertos sobre o corredor. O garoto entrou a medo, como numa igreja: como era baixo, não chegava aos vidros. Havia um banco: agarrou nele, assentou-o junto da primeira porta, subiu corajosamente com a pasta debaixo do braço. Esteve a olhar, a olhar.

— É um homem — disse ele.

O guarda parara de comer; na dilatação da sua pupila poder-se-ia adivinhar a alegria surpresa de quem vai pregar uma boa peça.

— É um homem, é — concordou.

— Dorme, coitadinho. — E, penalizado: — Tão magro!... Tem filhos, meu senhor, tem?

O velho não respondeu. A esse tempo, já o pequeno tinha o banco ao pé da segunda porta e subia.

— É uma velha — notou ele. — Olhe, meu senhor, está a rir. Cada olho!

— Ri-se de ti talvez — comentou o guarda. E para o afastar do óculo: — Está doida; sai daí.

O João detinha-se muito pálido e nervoso, pressentindo alguma coisa horrível. E não podia descer.

— Mas ela não mexe! — Tremia de medo. — Meu senhor!

— O que é? ...

— Aqui é o hospital? ... Diga, é o hospital?

— Pois o que há de ser? Não vês as camas, os doentes.

O João hesitava, agitado.

Não disse nada, desceu devagar, com a cabeça pendida numa absorção angustiosa. Pôs o banco ao pé do terceiro óculo; subiu.

— É a mãe! — Tinha os últimos alentos na voz; uma revolta de amores, desconfianças e luto, impulsionara agora de súbito nessa organização inerme uma desusada atividade, quase uma audácia. Saltou para o chão,

arremessando ó banco. Ia abrir a porta. O guarda correu para ele, deu-lhe um encontrão brutal! — Eh rapaz!... Diabo! — Segurava o fecho, olhando.

— Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus! — implorava o pequeno — É a mãe, é a minha. Deixe-me ir falar-lhe, deixe, meu senhor.

E de mãos postas:

— Pela sua saúde, por alma dos seus defuntos! — E com um desespero explosivo: — Ora isto! ora isto! — Levava os punhos cerrados aos olhos; um choro dilacerante abalava-o. Tomou as mãos do guarda: — Só pedir-lhe a bênção, meu senhor; vou-me logo embora, vou-me logo embora!

Essa alma dura do velho verteu compaixão.

— Mas não podes, não tenho ordem, percebes? — E dava razões: ela estava com cáusticos, com uns emplastros na espinha: tinha acabado de tomar o remédio; era um banho forte, que fazia dormir. E que bem tinha visto pelo óculo, pois não era verdade? Não lhe tinha visto os olhos fechados? Era sono, está claro! E que, se queria vê-la boa, não a fosse agora acordar, a pobre velhota. — Percebes?

— Amanhã vens tu aqui, entendes?, de manhãzinha cedo, e talvez já ela esteja capaz de te ver; entendes? Pois isto é que é.

Ele, de cabeça baixa, refletia.

— Vossemecê não me engana, não? Sou um pobre de Cristo, vivo dos jornais; não vê? — E apresentava a pasta. O guarda compadecia-se.

— Não engano, homem: para que te havia de enganar? E boa!

Armava no rosto uma sinceridade benévola e rudemente ingénua. O João saía vagaroso.

— Então amanhã, meu senhor. Adeus. Seja por alma de quem lá tem.

Ao fundo dos degraus deteve-se para voltar a cabeça. E ficou-se a murmurar pensativo:

— Mas quando uma pessoa está doente, não apanha ar. Ali têm as janelas escancaradas. — Ia devagar, embebido, com os jornais na pasta. — Eles sempre são cirurgiões — disse —, entendem mais que um qualquer. — E a espaços:

— Então amanhã. Hei de lhe contar que estou muito obrigado à vizinha; nem que fosse minha mãe. — E chegou à rua, ergueu o pregão. Todo o mundo era feliz e sorria. Ninguém reparava nele.

Disseram-lhe depois que a mãe morrera, e a sua vida mudou. Nunca mais foi visto no sítio nem tornou a levar ao velho o Notícias, todas as manhãs. Dormia nas escadas, de manhã vendia os jornais, o resto do dia passava-o nas ruas, sentado pelos bancos das praças, dormitando canalhamente ao sol. E a suavidade de génio, a doçura "implume dos seus olhos derivaram numa rispidez, numa malícia de garoto.

Entre os da sua idade começou a ter predomínio; era o das partidas subtis, o que comandava as troças que o bando fazia aos velhos, o que ia gritar nas escadas, o que armava intrigas, desenvolvia contendas, e nos magotes repartia socos e pontapés, no meio da grita e das risadas dos taberneiros. Durante dois anos viveu esta boémia das ruas, tripudiando no meio ínfimo a sua turbulência e a sua alegria. Às vezes tinha fome: ia pedir nas ruas escuras, com o barrete na mão, a quem passava. E o seu coração sofria

todos os maus modos e todas as humilhações, sem rebeldia. Nesta senda privou com os incorrigíveis, conheceu os mendigos, os gatunos e as velhas de capote verde, sem meias, que esmolam nos adros das igrejas, em lamentações dolorosas. Uma vez a polícia entrou numa casa de malta, na véspera de uma parada, e varreu quanto lá achou para a prisão. Os pequenos foram metidos na Casa da Correção e os gatunos no Limoeiro, por contas antigas. Sentiu duramente o cárcere, e sinceramente chorou a vadiagem dos antigos dias, em que o seu pé vivo, forte e ágil, pisara livremente as ruas em corridas ruidosas, em pândegas de boa marca. Na reclusão, os seus dias medidos por ocupações sujeitas a uma tabela e a um horário foram enlutados no tédio e no sentimento da própria inutilidade: levantava-se antes de nascer o sol com os demais companheiros estremunhados, tiritando do frio que ao longo dos corredores se esfuziava cantando; um sino batia horas acima das abóbadas, e o eco ondulava de cela em cela, como o soluço de uma alma penitente, a quem não perdoam; pelas profundas janelas do antigo convento, pedaços de céu faziam manchas lúcidas de espiritualização inefável, em que o olhar dos pupilos se dilatava com

grandes tristezas de oprimidos. Caminhavam formados dois a dois para a capela, à oração da manhã. Depois cada um ia para a sua oficina, ou para a aula de estudo. Os rudes prefeitos passavam lúgubres, lívidos e cheios de consumpção, e os seus olhos ferozes corriam sobre as cabeças humildes dos rapazes, curvados sobre os livros ou sobre os trabalhos de oficina. Aos domingos ouviam missa; uma charanga tocava no pátio e os jornais convidavam o público a ir ver o colégio, louvando os desvelos do diretor e proclamando os resultados da instituição beneficente. Ali tomou ele próprio, aprendendo a ter asseio, correção e aprumo; aos dezoito anos o Ferreira tomou-o para aprendiz; era uma pessoa cheia de si própria, estatura avantajada, completamente formada, que passara incorruptível no meio viciado do hospício, resistindo aos vícios mórbidos e fatais da caserna, e salvo, numa palavra, da ociosidade e do desprezo de si mesmo.

Resolveram encontrar-se, o João e Carolina, todas as noites, à hora em que fechava a oficina; iriam passear, falando dos seus negócios sem temer ditinhos da vizinhança. Ele instara vivamente para que se ligassem; era assim melhor,

não sofriam tanto as saudades da ausência e estariam à vontade; e se a coisa tinha que ser, que fosse quanto antes. Carolina lutava um pouco; todos os seus cuidados eram o pai; quando ele chegasse a casa e os visse, que diria? E suplicante, uma meiguice infantil, obrigava João a ceder, com pequeninas carícias voluptuosas e finas. As noites eram frias e escuras, orvalhadas no alto de cintilações de estrelas, arquipélagos de luz num Pacífico lôbrego e sem fim. Reuniam-se a uma certa hora no Largo da Estrela, e de braço dado, estreitamente unidos, com declarações pelintras empoladas de palanfrório sem nexo, diziam um ao outro o seu amor eterno, citando cantigas, pequenos versos de manjerico, procurando a sombra, desviando-se das zonas claras projetadas pelos lampiões, como proscritos cônscios da sua culpa. De ordinário vinham por S. Pedro de Alcântara, S. Roque, até ao Chiado. Àquela hora as ruas atulhavam-se de gente abafada em capotes felpudos, carruagens cheias de mulheres melancólicas; um largo ruído emergia da luz, da vida e da enorme respiração da cidade, espapando-se nos ares num tom indistinto e abafado. À porta da Havanesa um forte grupo enchia o asfalto; caras em sombra saíam das golas altas; de todos os

lados partiam rumores de palestras que, apanhadas de relance, davam a diversidade mais curiosa e frisante; marialvas pálidos e bonitos, altas pernas apertadas em calças prenhes de joelheiras, chupavam cigarros em grupo, provocando as costureiras que recolhiam dos armazéns; militares secos, sonoros de esporas, uma curva de espinha, discutiam às esquinas. À porta da Casa Singer, destacando em sombra a crua luz irradiante do lustre, um cónego forte e barbeado, envolvia-se na sua capa, baixo perfil de javardo estupidamente grave. De um lado e outro, a fileira de transeuntes seguia, gente de todas as castas, mulheres embuçadas em mantas, rapazes débeis e palreiros, velhos dilettanti da ópera que faziam a digestão com charutos fortes; ao trote de grandes parelhas, as famílias iam para S. Carlos, recostadas nos cochins dos coupés; e Carolina, invejosa da vida que não vivia e da opulência que a deslumbrava, ia picando as cenas de comentários amargos, um vago rancor de proletária. O João murmurava de vez em quando:

— Isto é o tom, isto é o tom! — Gente pasmada parava em frente das vitrines do Seixas, admirando oleografias,

porcelanas, pequenas esculturas suíças. em frente quase, no Elie Bernard, as amas de toucas de renda apartavam polichinelos, pequenas arcas de Noé, para frescas crianças de banqueiros, aconchegadas de arminhos e louramente ideais. No Leonel, as senhoras de cauda princesse, perfis orgulhosos de marquesas, palidamente altivas, viam cetins da estação, fortes veludos de pregas elétricas, opulência cara. Sentia-se apregoar o Jornal da Noite. Divas de mantilha, marmóreas de riz, elegâncias de figurino, vendiam-se a quem passava com pequenas tosses e psts! Eles atravessavam a multidão, isolados no ruído como estrangeiros. A Rua Nova do Carmo tinha menos gente, menos luz. No fundo do Margotteau, uma luz soturna agonizava sobre estofos amontoados, pilhas e coxins, bancas de jogo marchetadas e brilhos de lustres, pendentes do teto. Sobre o Rossio caía a cúpula tenebrosa da noite, como um assombro legendário; em D. Maria, acima da arcada, pontinhos de gás escreviam espetáculo; em torno da praça rolavam os trens; soldados risonhos saracoteavam-se na penumbra entre os grupos de velhos celibatários; o Martinho estava cheio de estudantes e literatos; e contratadores de senhas, cauteleiros e

americanos em marcha faziam um ruído infernal e contíguo, o tohu-bohu das capitais exaltadas pela nevrose da noite. Eles iam seguindo vagarosamente. Fechavam as lojas. Chegavam de ordinário a casa muito tarde. A vizinhança dormia. No relógio da Estrela badalavam quartos, som lúgubre. Passavam a noite amando-se, jurando a si mesmos fidelidades eternas e amores fenomenais, enquanto a vela de sebo posta a um canto, deitava clarões amarelos e um cheiro sufocante de morrão.

Afinal o João fez conduzir para casa da rapariga o seu baú, os seus arranjos. A vizinhança falou do escândalo, nunca se vira uma pouca-vergonha assim, o mundo estava perdido.

Muitos diziam:

— Já a comadre bebe! Mas deixa que o pai saberá...

Só a Marcelina achou natural.

— Cada qual governa-se — sentenciava ela.

Os primeiros dias correram-lhe distraidamente, nas espiras de um amor canino e desonesto.

O João aparecia tarde na oficina, cheio de sono e de fadiga. E sofria as meias palavras do Ferreira, a sua grosseira rabugice de velho rigorista, via-o atirar as coisas com mau modo, girar nervosamente por entre os bancos de trabalho com o olhar relampejante através dos óculos. Para o aprendiz, o melhor tempo era o recolher do trabalho, ao cair da noite: ia quase a correr para casa, subia a escada a quatro e quatro; Carolina estava de ordinário costurando, com um casibeque de lã, lenço na cabeça, a face de uma palidez transparente e doce. Ele tomava-lhe delicadamente a cabeça, com as duas mãos; beijavam-se com uma sofreguidão provocante, e toda ela vergava languidamente no peito do aprendiz, sonhando as divagações mais sublimes. Nunca saíam, senão noite feita. Diante de uma mulher, o João experimentava um aconchego tépido, delicioso: com ela, a sua força, a sua forma vigorosa e superior, acobardava-se, quebrantava-se, caía: era então dos sentidos. Não se lembrava de olhar em torno de si, no desleixo da casa, nua, repartida em compartimento baixos e retangulares, sem luz e esfolados nas ombreiras, com laivos de oca barbarescos no rodapé. Pelas paredes encostavam-se móveis antigos e coxos; leitos de ferro, de varais tortos,

tinham colchões estripados e cobertores de uma farrapice sórdida; em volta nem um objeto limpo e cuidado, nem uma cor alegre e rutilante, em que a vista pascesse uma satisfação honesta; todas as formas duras e cruas das coisas tinham um desleixo antigo, de anos, e desmantelavam-se como bem lhe parecia. Pelos aspetos, via-se a história de Carolina, a sua orfandade, as ausências do coveiro na desolação das covas, como um desterrado. Na cozinha, a chaminé derruía lambida da fumarada, cheia de terra e tijolos partidos, abrindo como uma goela calcinada e pulverulenta. Teias de aranha, espessas e papudas, faziam prateleiras aos cantos. Num poial húmido e cheio de covas, rimas de pratos sujos, de almoços antigos, estavam para ali de semanas; sobre o peito da janela, uma palmatória de barro tinha um coto de sebo; a miséria enrodilhava-se pelas coisas, numa frialdade canalha e vilíssima, em que se acusava uma existência sem destino, sem direção, sem o exemplo da outra. Nenhum móvel no seu lugar, o lavatório vazio, uma bacia numa cadeira, saias enxovalhadas nos ferros dos leitos e o gato lambendo-se sobre um xaile. E à medida que passava o tempo e os dois conviviam, Carolina que, no começo, por pudor, fora um

pouco cuidadosa, entrou em entregar tudo ao acaso, para ali, ao deixa-te estar que estás bem. Enquanto só, era ela quem lavava a sua roupa, de mês a mês. Quando o João se ligou com ela, foi impossível continuar aquilo. Eram precisas camisas engomadas, roupas, lenços brancos, quem costurasse, quem cuidasse com amor, sem fadiga, sem mal-estar, todos os pormenores do lar de todas as pequenas necessidades do trajo. Carolina nunca engomara. Foi perguntar à Marcelina como era. A velha deu explicações: que se molhava primeiro a" roupa em goma fervida, com um trapinho, e depois se punha a enxugar muito bem, a enxugar... Carolina lavou corajosamente as camisas do aprendiz, mas não ficaram brancas — que birra! E, resignada, aqueceu o ferro, pôs em prática quanto ouvira da velha; mas o ferro tostou-lhe o pano deixando uma nódoa escura e fumegante; ela ficou toda desconsolada, lacrimosa, temendo ralhos, quando o João viesse. Fazia um mês que se tinham visto no arraial. E Carolina, refletindo, comparava os dias à medida que eles se distanciavam do primeiro: as coisas não são algumas vezes o que parecem; nem tudo o que luz é ouro — lá diz o rifão. Era verdade! E entristecia-se. O jantar foi menos animado que os

anteriores. O João não tinha vontade, era sempre a mesma coisa... E em conversa disse os seus pratos mais prediletos, em que havia mexilhão, cabeça de porco, refogados. Ela estranhou a palavra.

— Refogado! — disse sem perceber bem. Olhava o teto. — Refogado!

— Sim, não sabes? — fez ele admirado daquela ignorância. E pôs-se a dar explicações, a dizer como era. E dali a pouco:

— Em coisas de cozinha, a modos que sei mais que tu. — E sem mudar de tom: — Diabo! Que te ensinaram então! — Carolina ressentiu-se um pouco. Estiveram distraídos nessa noite; queriam ambos disfarçar, ter excessos, exuberâncias, brincadeiras, pequenas ternuras piegas, mas de repente esqueciam-se e paravam, sem saber porquê, absorvidos. Ele perguntava-lhe:

— Em que estás pensando?

Carolina encolhia impercetivelmente os ombros, um meio sorriso sem expressão.

— Nada. — E ao acaso: — No meu pai. Porque perguntas? — Estiveram assim . Viam-se os seus esforços para entabularem palestra e parecer como nos outros dias, mas um tédio e uma contemplação íntimas dominava-os, atraiçoando-os.

— Amanhã é domingo — observou Carolina. E com admiração: — Já amanhã é domingo, hem?

— É verdade — perguntou ele —, tenho roupa?

Carolina sentiu-se empalidecer. Balbuciou:

— Tens. — O seu desejo seria aventurar uma explicação, dizer o que sucedera, afiançar a sua boa vontade, pedir perdão da sua simpleza selvagem, mas que vergonha!... Qualquer rapariga engomava, varria, sabia cozinhar, manter limpas as coisas, brancas as ombreiras, sadias de traça as roupas guardadas nas gavetas e nos baús: e só ela, a burra, nada sabia, aquele grande cavalão! Tomou coragem!

— Olha... — disse, e ficou-se; sentia-se palpitar.

— Que é?

Na calada a asma do gato resfolegava.

— É que eu. .. — curvava a cabeça com a vista obscurecida de lágrimas. O João ergueu-lhe a cabeça com a mão, tomando-a pelo queixo, com carinho quase.

— Que diabo tens tu, filha? Então! Que diabo quer dizer essa aquela! — E sem obter resposta: — Se tens alguma coisa, Carolina... — E comovido, admirado: — Mas ofendeste-te do que eu disse há pouco? Nem reparei, foi sem tenção de te magoar. — Beijava-a repetidamente, procurando chamá-la a uma tranquilidade conciliadora e a uma justa apreciação de palavras.

— Não vês que te amo tanto, hem? Não vês? Uma pessoa, às vezes, nem repara nas coisas que diz; vês tu?

Ela abafava soluços, com o lenço.

— Não é nada, não é nada: isto é do meu génio a modos tristonho — dizia ela —; que eu bem sei que não sirvo para nada, bem me conheço. Para que serve um diabo assim?... Nada sei fazer, nunca tive quem me ensinasse, pela minha desgraça! Até nem roupa...

O João acudiu logo:

— Se não está arranjada é o mesmo; lá isso não tem dúvida; não nos havemos de ralar por tão pouco. Ora! Manda-se à engomadeira; alguma vez aprenderás. — E enxugava-lhe as lágrimas. — Sua tola! Agora a choramingar. — E dava-lhe pequeninos beijos, abraços amigos, dispensando-lhe solicitudes paternais.

— Vale lá a pena! — resumia. — Não sabes, acabou-se. Ninguém nasce sabendo, isso é velho. Ninguém te ensinou... não tens culpa; é boa!...

Mas no seu ânimo encrespara-se um mau humor que o ralava, e uma irritação sem alvo fazia-o passear com rapidez, acentuando as passadas no solo. Não saiu no domingo, ficou à janela fumando. Via passar na rua grupos todos asseados, mulheres vermelhas e fortes, cheias de saúde e de alegria. E sem querer punha-se a compará-las com Carolina, tão linfática, tão desleixada e tão pouco limpa. Homens iam de charuto, fumegando com pompa, bengala, suas botas engraxadas, camisa muito branca.

E ele não tivera camisa lavada, nem gosto para dar o seu giro às hortas ou ao_ passeio.

E molestado, roído, retirou-se para dentro, foi estender-se ao comprido na cama.

— Ai! — suspirou. — A gente sempre faz cada uma! — E ficou-se imóvel, refletindo, com saudades dos tempos em que era livre e tinha camisas lustrosas, todas brancas, cheirando frescamente a sabão.

Pouco a pouco o aprendiz pôs-se a reparar em tudo, na casa, nos objetos de uso, na cozinha, nas lavagens. Carolina não tinha nenhum desses instintos delicados e espontaneamente artísticos, que são a revelação da mulher; nos seus menores labores era de uma incorreção tosca e de uma rotinice escura. Não varria a casa, ou varria-a mal; nenhum método, nenhuma paciência, nenhum amor em conservar as coisas. O João mandara para casa uma cómoda, cadeiras, um pequeno espelho, duas jarras de louça azul, e ele mesmo tinha disposto tudo, esfregado o solo, as portas, consertado as bancas e o leito, nas horas vagas. Mas dias depois o pó cobria tudo, havia sinais das mãos gordurentas de Carolina nos puxadores das gavetas; a cama estava sempre desmanchada, com o sinal dos corpos. Ele perguntou-lhe uma vez:

— Que fazes tu, quando eu vou para a oficina?

— Costuro alguma coisa, durmo. É tão triste!...

— Mas, filha, deves arranjar a casa... — aventurou ele.

Carolina ficou-se. A sua natureza preguiçosa, habituada aos ócios, quebrava-se de fraquezas, bocejos e espreguiçamentos, só de lembrar-se do trabalho que tinha a fazer. Às vezes lutava, fazia uma grande atividade, mexendo por um canto e por outro, mas vinha a fadiga, o aborrecimento: atirava-se para cima dos colchões.

— Se eu não posso!...

O aprendiz dera-lhe vestidos novos, uma pequena capa de xadrez, mantas, roupa de patente com abertos. E tudo andava pendurado pelas portas, à poeira e aos encontrões, desmazeladamente. Passava horas penteando os seus cabelos ruivos, anelados e finos de lustro macio e espessura abundante, fantasiando penteados, ensaiando laços, cuias arrebitadas, vaidadezinhas de criança. Outras vezes amanhecia preocupada, taciturna, nervosa, salivando pelos cantos; fazia o almoço muito cedo. O João ainda ficava às vezes na cama; ela ia devagarinho olhá-lo; aproximava-se

curiosa, absorta no vulto do aprendiz que arfava sob as roupas mornas. E cheia de vertigens, de subitâneas paixões que rebentavam do seu temperamento em espirais de desejos, lançava-se a ele, abraçando-o como doida, fazendo as protestações mais vivas e os amuos mais doces, tentando vendar-se sob uma face nova, inventando mesmo ardores, manias e excêntricos frenesis inexplicáveis. No meio de tudo isto, e afora estes arrulhos, o seu desarranjo era o mesmo; não lhe passava pela cabeça que cativaria o seu homem tornando-lhe o lar alegre, limpo, fresco, fazendo luzir a boa ordem, a boa administração e o decoro nos mais simples pormenores da residência. Fora do pecado mortal, não tinha préstimo, nem imaginação, nem propósito.

E neste meio o seu corpo desenvolvera-se um pouco; os seios ampliaram-se numa curva graciosa, de contorno quase casto; e esmaltado de palidez mórbida, lasciva e um pouco cismadora, o seu rosto era doce, de uma harmonia dolente, como certas pinturas de virgens mártires que oram em atitudes pias, no fundo das capelas da arte gótica.

Um dia o João achou-a fétida, cheirando a saias velhas; nunca mais lhe saiu esta ideia da mente; entrou a achá-la

esquelética e cansada; ao deitar-se fazia um esforço para não parecer saciado, mas os seus beijos eram frios, convencionais, espaçados. Ela reclamava, cobrindo-o da sua paixão como de um cáustico, querendo reapoderar-se de um amor que lhe sentia fugir e padecendo, embalde, ciúmes de todo o mundo. E começou a desconfiar, a seguir o João à oficina, a furtar-lhe as voltas. Nas menores palavras que ele dizia encontrava dois sentidos, o aparente e o oculto, que parecia envolver sempre um sarcasmo, uma ameaça, um insulto. Foi uma luta tremenda; a sós falava alto, altercava consigo mesma, dizia pragas, arquitetando projetos de vingança e planos de sedução.

Havia horas em que a sua vontade era morrer, tomar qualquer corrosivo, precipitar-se da muralha de S. Pedro de Alcântara; outras vezes estalava de aflições, contorcia-se em desvairamentos supremos, querendo chorar, soluçar, pôr em evidência a sua sorte. Quando ele vinha, afetava rosto sereno, uma certa despreocupação feliz; mas a sua gana era apertar-lhes as goelas, para que outra o não gozasse. Enquanto o João comia, ela, encostada à porta da cozinha punha-se a fitá-lo do fundo da sua paixão danada,

cheia de ideias trágicas. Uma noite agarrou-o pela cintura, os olhos envidraçados:

— Tinha mesmo vontade de te matar! — disse, sôfrega. O João riu-se olhando-a; mas ficou logo todo sério, abrasado naquela ânsia, e uma corrente galvânica percorria-o, nascida no olhar dela, sequioso e feroz, cheio de gula e de fel.

Vieram então as pequenas especulações, as pequenas ciladas sujeitas todas a um plano geral de má índole, de reserva e de ciúme — da parte de Carolina. Umas vezes era o jantar que não estava pronto a horas, outras reclamava bugigangas de adorno, fitinhas, meias de riscas escarlates.

O João satisfazia tudo, ouvia tudo, mas era-lhe indiferente esta ou aquela' deliberação; tudo achava capaz, assisado, justo.

Já não era o mesmo. Emagrecera nas faces e andava pálido, com os olhos fundos de cansaço. Tinha agora para mirar as mulheres uma atenção persistente, uma fixidez de olhar que as percorria todas, desde os cabelos até aos pés. E muitas vezes na rua voltava-se para trás, seguindo as que

lhe passavam perto. As suas predileções eram todas para as roliças, e sentia furores pelas trigueiras, em cujo lábio superior via ensombrar-se a penugenzinha de um boço, donativo de vivacidade de temperamento e escandecências do sangue.

— Mulher que se sinta nas mãos ! — notava ele rudemente.

Esta transição demarcava o homem feito e precocemente liberto das últimas infantilidades, homem com características de apetite, frenesis e vacilações de carácter.

A cara emborbulhara-se-lhe de barba, tinha-lhe engrossado a voz e acentuava-se um cunho imperioso no seu modo de dizer.

Na oficina, quando de manhã aparecia em algum daqueles desalentos profundos, nascidos da desordem das noites, os colegas riam-se, cobrindo-o de chufas e apoquentando-o com perguntinhas velhacas. Do seu banco, o Ferreira não dava palavra, mas de vez em quando saía-lhe um canto nasal, espaçado por grandes silêncios, que era a sua fórmula de raiva brusca, recalcada por sessenta anos de

prudência. Os íntimos porém queriam da boca do João saber por força como tinha sido, se adormecera tarde e se a lua-de-mel continuava. Entre risadas apupavam-no dos bancos de trabalho:

— É o mês dos gatos, não admira — diziam.

Ele dava cavaco em ouvindo estes dichotes. Ficara mal com os dois ou três mais atrevidos, jurando que faria alguma ainda. O seu génio concentrava-se num silêncio reflexivo, quase triste. Era muito exato às horas de trabalho, pacientíssimo aos ralhos da rapariga, vivia pouco em casa, recolhia tarde. Ela uma vez observou-lhe:

— Tu já não és o mesmo rapaz, João!

— Aí vens com tolices — disse ele.

Carolina invadia-se de um terror desconhecido, toda entregue a uma desconsolação.

Uma tarde a Marcelina apareceu:

— Adeus, filha, adeus. — E notando a cómoda, as cadeiras: — Viva! Isto é que é! isto é que é... Viu-se tafularia maior? — E mirando Carolina:

— Que senhoraça, que senhoraça! Toda no chefe. A sua espiguilha no casibeque, sua cruz ao pescoço!... Ai! quem tem homem não sabe o que tem. Vejam como tudo está mudado. — E baixo: — Quanto custou cada metro? — Apalpava a fazenda do vestido, esfregando-a, estudando a espessura. E expluiu logo em narrativas, que a mulata tornara para o hospital, e morrera! — Minhas ricas quatro moedas, que fiquei a ver navios. — E azorragando os caloteiros abria a caixa de tartaruga, tomava rapé com os dedos em leque, sorvendo com grande delícia, o olhar piedoso.

— Como te vais dando com ele? — inquiriu passado tempo.

— Bem; então como? É muito bom rapaz, lá isso sempre o direi.

— Bom génio, hem?

— Bom génio... — E vencendo uma repugnância, afetando grande franqueza para com a velhona: — Olhe, todos nós temos as nossas coisas, percebe?

— Está visto, está visto. Que bom só Deus.

Fizeram um silêncio beato. A Marcelina desconfiava já que tinha havido mocada. Interrogou cheia de curiosidade:

— Mas houve alguma coisa?

— Não. O que havia de haver? Hoje em dia, uma mulher precisa saber de tudo. Eu confesso a verdade: de engomados não sei. Quem é pobre não usa certas coisas.

— Nisso foi eu sempre com a primeira. Não é por me gabar. Que engomo encanudados ainda hoje, como poucas. — E explícita: — E que é uma das coisas mais custosas de fazer, o engomado!... Só o polimento!...

— É verdade, é verdade — dizia Carolina.

— Mas o quê? Ele disse alguma piada por isso?

— Estranhou. Ele nunca se zanga. — Armava no rosto uma soberania indomável. — Zangar-se? Oh!. .. tenho-o aqui fechado — e estendia o punho — mas...

— Ora diz a verdade: tu queres contar-me alguma. Cos diabos! Bem sabes como eu sou. Fala à vontade. Se eu te puder valer. .. prás amigas estou às ardes.

— Olhe, é verdade. O João, nos primeiros dias, eram excessos que nem eu sei. Andávamos sempre aos abraços, às festinhas, nunca nos separávamos. Mas há uns dias que o vejo apoquentado, metido consigo; come e vai-se com Deus; hoje não gostou do jantar; passa as noites fora, recolhe-se altas horas; a minha desgraça!

A velha pasmava.

— Pois olha, fartou-se cedo, o melro. Então será de má boca? Mas não desconfias de nada? Não lhe deste tu motivo?

— Que eu saiba não. Talvez se aborreça por eu não saber bem governar a casa. Sempre disse: nunca Deus me dará fortuna em coisa nenhuma!

A Marcelina refletia. E dali a pouco:

— Queres tu experimentar as cartas? A ver o que dizem.
— Carolina estremeceu.

— Credo! Tenho medo. — E mais baixo: — Dizem que aparece o diabo!...

Ficaram caladas. E depois.

— A mim ninguém me tira da cabeça que o João anda de olho com alguma gaja!

Puseram-se a falar no tempo. Marcelina ergueu-se para sair.

— Se ele te não quiser, filha, não morrerás de fome por isso. Graças a Deus, enquanto houver homens, qualquer mulher se governa. Tive muito disso, tive. Ai!... Tomara-me nesse tempo!

Desceu a escada. À porta observou, piscando maganamente o olho:

— Não fui das que gozei menos, não. Que até condes beijaram este palminho de cara. Ai! Bom tempo! — E serviçal: — eu indagarei, eu indagarei a coisa.

A rapariga não dormiu nessa noite. Ergueu-se ainda lusco-fusco, cabeça pesada, uma fadiga enorme nos ombros. Sentia que a sua vida oscilava na notícia que a Marcelina trouxesse, como num fulcro de aço uma agulha magnética. Ao meio-dia, de feito, a velha voltou, olho arregalado, agilidade de alcoviteira no andar, rebolando-se, com as barbicas assanhadas.

— Sabes tu, sabes tu? Vai todas as noites ao Moinho de Vento palestrar com uma sirigaita do primeiro andar, mesmo à esquina do pátio, por cima da loja de louça. Está ali horas ao relento, a tomar gargarejos: só uma carga de pau!

— Por isso ele vem tarde!. ..

— Vejam as habilidades do Santo Antoninho de quinta, hem? Aí está para que ele se empenhou tanto comigo, para chegar à tua fala; vês tu? — Atafulhava as ventas de simonte. Carolina ficara morta de surpresa, de terrores, e desesperação.

— A minha desgraça! — repetia. — A minha desgraça!...

— Quem me contou tudo foi a Matildes, uma que engoma para fora; eu estava mesmo parvinha de todo, nem o queria crer, vê tu lá. A gente vê caras, não vê corações: é certo. E para mais é todo amigalhaço do irmão da dita pessoa; andam sempre de súcia, grandes chalaças, sim senhor; franquezas de tabaco; para onde quer que vão, vá de vinhaça, comes e bebes, com toda a grandeza! Ai! hoje presentemente, minha rica, nem uma criatura sabe para o

que está guardada. Algum dia, em acontecendo uma destas, parece que até ia tudo raso. Havia justiças, muita obediência; então com quem brincavam eles? Hoje… Eu até fiquei sem vontade de comer; tarrenego! e depois veio-me a dor. — Dava um estalo com a língua. — Mas deixa estar que to cantarei.

Carolina nem ouvia.

— E agora? — disse ela com um gemido, atirando-se com uma grande angústia sobre os colchões, miserável na sua deceção.

A Marcelina tentava fazê-la sentar, compondo um rosto compungido. E dizia a espaços:

— Ó filha, pelo amor de Deus! Isso não é agora morte de homem. Há muitos modos de governo. Estávamos servidas se fôssemos agora a morrer por todos os malandros que se raspam, em nos apanhando.

E, como achando o modo de tudo resolver, enquanto a outra chorava:

— Olha, podes-te empregar na fábrica, dois tostões por dia: leva-se lanche. — E muito baixo: — Para quem quer

reinar, nada melhor. — Piscava o olho: — Percebes, percebes? — E desenvolvia projetos, propunha expedientes.

— Encontras logo arranjo; nas fábricas então é como passastes. Conheço lá muitas que andam ali mais estimadas, que eu sei; elas bem vestidas, bem doiradas, arranjo de seu, ali o jantarinho de carne todos os dias...

— Gente sem vergonha! — comentou Carolina, com voz cantada pelo pranto.

— Ora, histórias, filha, histórias! — E sentenciosa: — Que nisto de vergonha, cada qual toma da que gosta. Em se evitando falas do povo, deixa andar. Dois dias que a gente anda por cá... — E generalizando a doutrina que pregara: — Se vamos assim, então não há ninguém de vergonha no mundo. — Carolina abanava a cabeça. A velha, com ademanes de mestra, cuspia-lhe no ânimo a sua piedade de estafermo.

— Ainda estás muito verde, minha rica! — dizia.

Caíram em silêncio. Às vezes soluços fundos estrangulavam a garganta da rapariga?

— E eu que cri em tudo! — lamentava ela.

— E não querer ver? Eu iria pôr a mão nos livros sagrados.

Mão me salve, se julguei que sucederia isto. — E com voz cantada: — Vamos nós agora ver o fio da meada. Como diabo sairá ele desta?

— Como sairá? Casando com a outra. Vejam como. Lá tem o irmão que a defenda. Só eu não tive quem me aconselhasse.— E desfazia-se num choro íntimo, dizendo a sua infelicidade. — Morre quem faz falta, só Deus me não chama pra si...

Havia tempo que homens altercavam na rua, entre sons de guitarra. De repente, uma voz avinhada disse um fado choroso, em que se despediam almas e se davam facadas, em verso. Rameiras de grandes caudas de goma riam com estrépito, dizendo doçuras roucas, de uma vadiagem canalha. Carolina gemera:

— Ai vida, vida! Só aquelas nunca estão tristes!

A velha tinha-se erguido, interessada na algazarra da rua, curiosa de espreitar a pândega como um antigo comensal expulso. A voz dizia:

Pobres donzelas honradas.

Quanto de vós tenho dó!...

Carolina, de cabeça um pouco erguida, tinha ficado a escutar; toda a gente ria quando ela chorava!... Em que coração acharia interesse? — E via de pé a sua desdita envolta em fumos negros, olhá-la cheia de rancor inquebrantável. Queria recordar-se da sua meninice, como quem se refugia, mas diante dela desfilavam recordações lúgubres, surgiam grupos de mortos, filas de ciprestes, um coveiro encanecido que erguia a enxada, cantando.

Não tinha a menor ideia do que fosse ter mãe ou ter amigos. No seu contacto com a gente, entrevira apenas o tenebroso fundo da bestialidade que referve em cada homem, com um fragor de luxúria cruel. Vivera sempre em si própria, sem a reminiscência de uma carinho que alma piedosa lhe houvesse prodigalizado. Quantos beijos deixara roubar aos moços do cemitério e quantas palavras tinha merecido aos gatos-pingados, todas vinham ervadas da mesma ideia e o mesmo intento. E assim crescera naquela incultura de espírito sem guia, sentindo dentro avigorentar-se-lhe apenas uma tendência — a de cadela fértil, que vai

entregar-se. Através da sensação rudemente nascida olhara o mundo, esfaimada e torpe como se fora um verme descomunal das sepulturas, incapaz, pelos desolados cenários que tinha contemplado nos seus dias de criança, de dar acesso na sua alma às multíplices emoções e suscetibilidades histéricas, que fazem da mulher o precioso recetor das coisas mais subtis que a língua não exprime e os olhos mal sabem formular.

Tinha-se dado ao primeiro que chegara, e sem receios de pudor. Fora a Marcelina a causa de tudo. Para que lhe viera contar de padres babosos e varinas amancebadas?

E detida, cônscia de um desalento mortal, sentia na penumbra os olhos de Marcelina caídos sobre a sua cabeça com um brilho fatídico. Fora, riam com estrépito no meio de disputas sórdidas. A velha tomou-lhe a mão, aproximaram-se ambas da janela.

— Queres um conselho mesmo cá de dentro, queres?

— Que é? — fez a rapariga.

A outra estendeu o braço na direção das janelas de tabuinhas, e o-seu dedo engelhado apontou as cabeças de

altos penteados que destacavam com relevo negro no tom vermelho dos quartos iluminados da casa caraira.

— Olha — disse ela. E com gesto de quem se impõe, de quem se mete por uma pessoa dentro: — Lembra-te do que te digo hoje. — A sua voz insistia, escolhendo os tons persuasivos, doces, sinceros, e ao mesmo tempo as suas palavras discretas, ditas no fundo de um segredo, vinham com uma intenção pérfida, cheia de depravação. Carolina ficou hirta perante aquelas insinuações, olhando com os seus olhos cheios de febre a cara franzida, esperta, dessa megera que dominara o seu destino impelindo-a na perdição e apontando-lhe como um fim lógico, consequente e feliz. Grandes desvairamentos pulavam-lhe no crânio, exagerando-lhe os sons, tornando-lhe as figuras sarcásticas e as sombras lúgubres. E as fontes pulavam-lhe, como molas premidas que reagem; e o seu espírito dilacerado de aflições saturava-se de alguma coisa estranha, como o indiferentismo ou a idiotice.

Nessa noite o João entrou a desoras; cambaleava de bêbedo, cantarolando todo cheio de terra, como quem tivesse caído pelas ruas, à porta das tabernas. Ela viu-o

chegar sem se mostrar surpresa, como quem esperava mais. Mas disse, ao meter-se na cama, estas palavras sem nexo:

— A fábrica...

E com um movimento impercetível de lábios:

— O colégio...

E ficou a pensar, imóvel, com os olhos fitos na luz.

Estas duas palavras representaram dali em diante o seu destino, guiaram-na por um caminho espinhoso que sonhara ridente, em horas de contemplação e plenitude.

Ao João era manifesto o tédio daquela vida e o mal-estar daquela união. Pouco a pouco, com transições insensíveis, as palavras dele adquiriam notas ásperas, grandes frenesis inesperados, uma taciturnidade crescente, moedora e constante. Ela experimentava pelo seu turno uma altivez ferida e rebelde de mulher espezinhada e esquecida por outra; em certos dias estrangulava de raivas surdas, em que resfolegava, a espaços, a ânsia de humilhar, infamar, perder alguém; fazia árias estrondosas pela casa fora, garganteando pelintramente como no teatro; mas a noite

vinha gradual; ficava logo invadida mortalmente de uma grande tristeza, de uma inexplicável passibilidade indiferente ao estímulo, dominada de pressentimentos e arquitetando toda trémula futuros famintos, esfarrapados e enfermos. Não passava uma tarde sem ver a Marcelina; juntas parolavam durante horas, desenrolando planos misteriosos e discutindo futuros. A velha revelava pormenores do ofício, as subtilezas de que lançam mãos certas mulheres, o segredo de provocar, chamar, sorrir, andar na rua, mostrar as riquezas do busto, conservar a face rosada, mesmo depois de uma noite de orgia. Carolina reagia com monossílabos apenas, a esta insinuação torpe; mas abandonada pelo João, a falar a verdade, que faria? Foi assim que ela determinou entrar na fábrica, em Alcântara. O João não opôs resistência; via o meio de afastar aquela rapariga importuna que o estorvava nos seus projetos, nos seus namoros. Ia todas as manhãs muito cedo, com o seu passo miúdo e rápido, saracoteada e risonha, com a sua manta de borlas, uma capa de escocês verde, saia de folhos, o lanche num cabazinho da Ilha. No caminho encontrava as companheiras, moças alegres e desembaraçadas, cheias de risos, largando chalaças de

mordacidade equívoca. E iam todas por ali fora. Os merceeiros dirigiam-lhes afagos pérfidos, apupavam-nas os galegos sujos, os estudantes e os soldados. Que pândega! Respondiam a tudo com grandes risadas bêbedas. Uma então, a Jerónima, trigueira, a face picada de bexigas, até dava encontrões nos polícias, piscando os olhos: e todas se divertiam a valer. À entrada da fábrica, os operários davam-lhes abraços, com grande intimidade; tratavam-se todos por tu, como uma algazarra incorrigível, até que o fiscal, de barba branca, o seu casacão amarelo, um cachimbo preto de nogueira, abria as portas da oficina. No corredor, os operários dividiam-se em turmas; uns iam para o empalamento dos cigarros; outros iam picar o tabaco; alguns cortavam rótulos para as caixas de charutos. Se o burburinho crescia em torno das longas mesas de trabalho, o fiscal erguia a voz:

— Nada de algazarra! Parece que estamos nalguma feira! — E todos falavam baixo, contando histórias pagãs de gente sem vergonha, de uma sordidez de viela. Sem grande esforço Carolina aceitou estes hábitos que se lhe afiguravam de uma naturalidade legítima, tão sincera e tão

cómoda. Afeiçoara-se à Jerónima, participando das suas opiniões, dos seus ditos, da sua fama. Ao escurecer o fiscal dizia, dando uma grande palmada na mesa:

— Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo! — E todos largavam o trabalho, tomavam os seus chapéus, os seus xales, os seus capotes; na escuridão do corredor estalavam beijos, pares canalhas escorregavam nas escadas, havia gritos e a chusma em tumulto, numa desordem vadia, atulhava rapidamente o pátio, combinando ceias, encontros, relações impuras. Foi a vida melhor que Carolina viveu. Aquela grande liberdade infiltrara-lhe uma alegria espontânea, uma grande destreza, um vigor manifesto. Ganhava dinheiro, além disso; caída nas graças do fiscal, obtinha sempre uma féria bem favorecida, sua gorjeta para alfinetes. Teve a partir daqui, pelo menos, uma dúzia de amantes, amantes de uma semana, de um dia, preferidos à noite, esquecidos no dia seguinte, e concorrendo todos para a sustentação de um luxo que pouco a pouco se ia manifestando em Carolina. Um domingo apareceu em casa da alcoviteira, toda penteada à moda, com um chapelinho de fitas verdes, um casaco

bordado de contas, meia de riscas, leque.. A velha discutia com duas raparigas o preço de um vestido de fazenda, que mostrava com largos elogios.

— É um ovo por um real, minha rica — dizia. — Um vestido como novo!

— Mas seis mil réis é muito bom dinheiro, santinha!

— Pois olhem que da peça é o triplo do custo. Agora façam lá o que quiserem. — E voltada para Carolina:

— Viva o luxo! Viv'ò luxo! Vais observando que eu tinha razão no que dizia. — E com insistência: — Tendo tino não há coisa melhor, meu anjo. — E baixo, tomando-a de parte: — E ele?

Carolina encolheu os ombros desdenhosa, um ar de desprezo. A velha disse-lhe ao ouvido:

— Quem paga a renda da casa?

— Meu pai. Há dois meses que o não vejo, por tal sinal.

— Pois filha, se o João não te serve para nada, que se ponha ao fresco, quanto antes. Primeiro teu governo.

— Sim, sim — disse ela pensativa.

E, dirigida pela alcoviteira, começou a viver só.

Desde esse dia, as aventuras vieram-lhe por centenas. Conheceu todas as espécies de homens a quem se impingia às horas, por baixo preço. As gengivas tinham-se-lhe descarnado, pintava os beiços com carmim e para o giro da noite cobria-se toda de pó-de-arroz. Forçava-a a profissão a peque-nos sacrifícios, no intento de agradar aos que a buscavam. Comprimia os pés em sapatinhos altos, golpeados no peito para deixar ver a meia de cores.

Apertava a cintura e os flancos com espartilhos que a estrangulavam em duas metades, deixando-lhe o tórax afunilado e hirto, o fígado opresso e a respiração entrecortada. À hora dos teatros, quando nas ruas da cidade baixa fervilha inquieta a multidão dos que digerem, e giram buscando par os velhos viciosos e os rapazes definhados, ela descia do seu bairro obreiro mais Jerónima, paramentadas ambas de arrebiques pelintras — à pingadeira, como lhe chamavam. Tinham horror à polícia, procuravam as sombras da rua chegadas uma à outra, e olhando quem ia com o riso postiço das rameiras de profissão. A espaços, automaticamente quase, segredavam

aos homens amabilidades sórdidas desenrolando toda a gíria do oficio.

E ao pararem para apertar as mãos dos cocheiros e dos trolhas circunvagavam a vista de um modo inquieto a ver se — andava algum.

As noites assim passeadas até desoras fatigavam-nas de morte. De manhã nem se podiam mexer, uma paralisia de músculos, as articulações endurecidas, um travor na boca saburrosa, das más digestões desordenadas. Sucedia por vezes amanhecer-lhes pelas escadas no outro extremo da cidade, ou nas hospedeiras de má nota onde vão anichar-se as últimas escoriações da torpeza. Expulsavam-nas então com o nojo que nasce da saciedade, escada abaixo, sem lhes pagarem muitas vezes.

Se retrucavam, era sempre a mesma ameaça que as ia fazer calar — a polícia e o livrete. Aquelas duas palavras punham-lhes baques nas fontes, suores de rins e um calafrio mortal pelo dorso.

Na rua, os dichotes dos vendilhões e dos galegos cuspiam-lhes na face obscenidades de tremer. Riam-se, retrucando

algumas vezes. Mas a humilhação era frisante e seguiam sempre sob o terror da chacota ou da prisão. A indolência de Carolina era agora mais refinada que nunca, deixou de ir à fábrica, passava os dias na enxerga da pocilga, dormitando.

E de uma vez teve fome, sábado por sinal. Contraíra já os últimos vícios suplementares da devassidão, fumava, bebia, e nas tavernas, em estando bêbeda, punha-se a dizer com voz rouca fados ignóbeis, no meio dos cocheiros excitados e ao som dorido da guitarra.

Os velhos apeteciam-na de preferência, pelo seu ar moço e pelos seus cabelos ruivos. Havia um coronel reformado que lhe dava dinheiro para sapatos catitas. Era um velho gordo, de óculos, todo grave na sua sobrecasaca preta. Gostava delas bem calçadinhas, meia esticada, e começava sempre pelo pé, acariciando-o de diminutivos ternos.

Era o seu melhor amigo, aquele senhor tolerante, e de uma vez desaparecera. Vieram os maus dias então, a polícia vigiava as casas de má nota, e prendera a Jerónima uma noite...

Carolina lembrou-se de voltar à fábrica. Sentia-se doente, fatigada daquela vida de acaso que lhe não tinha dado senão fomes, maus tratos e terrores. Mas encontrou já ocupado o lugar que deixara na oficina. Quando descia ao pátio, deu com o fiscal, que se pôs a olhar para ela muito tempo. E dali a nada lhe disse, voltando a cabeça:

— Como você anda já...

Aquela comiseração afligiu-a cruelmente, e chorou todo o dia, mirando no espelho a cara chupada e amarela, onde entre círculos roxos luziam dois olhos febris. Dias depois, a polícia, que a espreitava, conseguiu surpreendê-la em flagrante, é dali a nada era inscrita no livro de cinco mil nomes, uma das glórias, já hoje, desta florescente cidade que passa os seus dias enchendo de moeda falsa os Brasis, e servindo óleo de bacalhau ao melhor de cem mil tuberculosos.

Datam daqui todos os episódios da existência que teve o seu epílogo há três dias, numa das camas da enfermeira de Santa Ana, no Desterro. Foi o tio Farrusco quem cobriu de terra, sem comoção nem saudade, o corpo, espedaçado pelo seu escalpelo, da rapariga corroída de podridões

sinistras, abandonada do berço ao túmulo, e pasto unicamente de desejos infames e de desvairamentos vis. Tenho sobre a minha banca neste momento a sua caveira fria, limpa de películas e cartilagens, branca e escarninha, cujas maxilas escancaram diante de mim, numa careta trágica, a sua concavidade cheia de sombra. Este despojo inerte, rendilhado e esponjoso pelos estragos do hidrargírio, embalde interroga a meditação que me abisma, sobre as causas prováveis da grande desmoralização atual.

1878.

SEMPRE AMIGOS

Joana tinha já dois pequenos. O Ricardo, de cinco anos, fulvo como um novilho, e o João, pequerrucho de peito. Era uma rapariga alta, músculo duro e sobrancelha espessa, cujos punhos podiam amassar sem cansaço alqueires e alqueires de pão, e cujos quadris agitados na marcha, sob as saias de baetilha avivadas de azul, revelavam a sólida enformatura montanhesa das primitivas mulheres, tostadas e laboriosas. Casara havia seis anos com o Jerolmo, por uma vindima mais fértil. E ambos pobres, ela filha mais nova de um maioral do conselheiro e ele ganhão da herdade de Valparaíso, tinham gostado um do outro, bailando depois nas romarias do Verão, procurando-se instintivamente nas ceifas e mondas e aos domingos à hora da missa conventual. Não estava arrependida de haver casado, não. O Jerolmo era trabalhador incansável e sadio; Joana começara por namorar-lhe o peito cabeludo e trigueiro e a forte caixa de pulmões dilatada a cada esforço

de trabalho; cativara-a além disso, depois, a sua mansa maneira de dizer as coisas, sem notas altas na voz e sem impaciências nervosas de bilioso, a sua vida toda regulada por hábitos e a condescendência tida para os velhos.

De uma vez vira-o erguer-se de punho cerrado e olho torvo a desancar numa malta que primeiro o espicaçara de bestialidades. Até ali, todos de boa saúde, louvado Deus! Seis anos de ventura decorrida sem atributos e sem nuvens, E os dois rapazitos!... Lembrava-se dos terrores do primeiro parto e das alternativas de humor características, os suores dorsais e frios, a dorzinha vaga primeiro e intensa depois, em toda a região dilatada.

Em certos momentos, um mundo de fantasias, projetando-se-lhe do fantoscópio da mente, inundava-a de fotosferas de luminosa essência — se seria um pequeno valentão capaz de ajudar o pai, se seria uma rapariga de calcanhar quadrado e dentes sólidos, que enchesse de cantigas e de atividade o ninho!. .. Todas as noites, à hora da ceia, o casal acumulava e destruía planos, fazendo e desfazendo receios — perdidas evocações desse primeiro tempo de esposa! ... Mirando a casita e as cadeiras de Évora da casa de fora, as

prateleiras de louça e as quatro garrafas de vidro branco em simetria, olhando no quintalório a meda de azinho para os lumes do Inverno e o bácoro para a fartura do ano, Joana sentia, no meio dos filhos e dos labores constantes da sua vida azafamada, um bem-estar de consciência satisfeita, um como júbilo Íntimo. O seu trabalho caseiro luzia: viam-lhe sempre o ladrilho varrido e as cadeiras arrumadas, um esteirão algarvio ao canto para as visitas, cobertas de retalhos lançadas sobre a mesa e dorsos dos baús, o pequeno espelho pendendo ao lado de um Francisco José, de Épinal, brancas as paredes com rodapé de almagre em torno, e a cinza do lume constantemente varrida do lar. Dando largas à sua iniciativa de negociante, criara, além disso, no quintal um exército de galinhas e gansos, cujos ovos o Ricardo ia vender toda as manhãs em altos pregões, pelas ruas da vila.

Manhã clara, era a primeira a erguer-se na rua e a encetar a labuta inquebrantável e voluntariosa.

Paredes meias vivas a Francisca, casada com o Estragado, um bêbedo.

Joana tinha amizade a essa pobre mulher macilenta e sofredora, semanalmente espancada pelo marido, que para mais lhe impunha o sacrifício de fomes e farrapos.

Dissera muitas vezes, vendo-a passar para o prego com trouxas de roupa à cabeça, envelhecida e estúpida pelo contágio das misérias e brutalidades sofridas, com o filho seminu agarrado às saias e o enjeitadinho ao peito:

— Não sei como vossemecê pode, coitadinha!

A outra não se queixava; tinha as miseráveis resignações de uma cadela expulsa; com um jeito de ombros e a voz sumida retrucava sempre:

— Então, paciência! Deus não quis...

E a Francisca era reconhecida à vizinhança, que bastantes vezes a livrara das brutalidades do bêbedo e das frequentes penúrias da casa.

A Joana, comparando a sua sorte à da pobre engelhada, sentia da comparação exaltar-se a sua felicidade, abençoando a hora em que lhe nascera o primeiro impulso para o Jerolmo. Quando este chegava do tabalho, com largo e velho chapéu braguês deitado para a nuca, a manta e a

enxada ao ombro, ceifões, já pelados pelo convívio dos ásperos atritos, o burro e o borrego atrás, fartos de erva e alegres da jornada, Joana não se continha sem lhe referir os sofrimentos da pobre mulher e a pancadaria do Estragado.

O marido então encolhia egoistamente os ombros, farto da eterna lamúria e repetindo:

— Deixa-os lá. Que se avenham.

O Estragado era dos seus tempos de rapaz, pudera seguir-lhe a vida ponto a ponto e observar-lhe a predisposição fatal para a vadiagem e para o vício. Aquela índole de desordeiro repugnava-lhe, que sentia um tédio pelos que não tinham como ele a infatigável atividade produtiva e a repousada consciência dos deveres cumpridos. Àquela hora os trabalhadores recolhiam em bando dando santas-noites; uma poeirada sufocante erguia-se na ladeira sob os grossos sapatos cardados dos cavadores e das patas dos jumentos, carregados de alforges e feno: a tarde morria, enlaivecendo de um ouro fulvo o poente; pelos campos fora os grilos, as rãs, os ralos e os mochos preludiavam a longa sonata noturna, enquanto em frente da casa o Ricardo mais o filho

da vizinha, descalços e ferozes, jogavam os touros, rolando na relva com um vasto prazer inexaurível.

— Sabes o que me convinha? — disse de uma vez o Jerolmo para a mulher. — Ir pra feitor de uma casa. Não anda uma pessoa a estragar-se pr'aí a cavar desde manhã à noite, e sempre ganha algum vintém melhor.

— Pois está visto que era o que te convinha! Um homem de trabalho como és...

— Diz que o conselheiro precisa. Fui-me a falar com ele, mas há pretendentes. Mal sabes quem, mulher?

— Alguma alma ruim... — disse a Joana.

— Aqui o nosso vizinho Estragado, nem mais nem menos. Oh senhores, que eu ri de maior quando o Galante me contou!

— Aquilo, que nem lhe chega o tempo para as tropelias que arma à pobrezinha da mulher. .. Excomungado, o Senhor me perdoe! Mas é só esse que pedincha?

— Só! Fiquei de ir ter esta noite com o conselheiro. Talvez se arranje a coisa.

— Era grande fortuna, homem. Casa farta, boa paga, ele uma bela pessoa. Mas o Estragado!... Ora não vi!

Estavam na cozinha. O Jerolmo, à cancela, limpava da lama as polainas de saragoça e o ferro da enxada, enquanto a Joana, de avental, refogava a ceia e ia pondo a mesa, ao fresco, no quintal. Sentiram passos na casa de fora, a Joana foi ver. Era o Estragado que saía sorrateiramente.

— O vizinho é bem confiado, não há dúvida — disse a Joana toda zangada. — Não há maior atrevimento! Quem escuta de si ouve, e é bem certo.

— Diga ao seu marido que mas não fica a dever.

— Deixa-o lá — disse pachorrentamente o marido. — Está bêbedo, coitado. Deixo-o ir!

Ceram; o Jerolmo, à cabeceira da banca, vigiava o filho, advertindo-o a cada partida do garoto. Entre os dois ficava o cão. Da outra banda a Joana, com o pequenito adormecido no regaço, migava sopas na malga.

Por cima, o céu um pouco escurecido e todo picado de estrelas, tinha um arfar de penumbras profundas, em que os olhos se perdiam, divagando. Um ventinho fresco,

impregnado de fenos, fazia agitar com murmúrios finos as folhas metálicas da figueira verdeal. O bácoro no chiqueiro ressonava espapaçado no charco. Tempo das eiras. Puseram-se a falar nos trigos; as searas tinham fundido bem, mas os tremeses menos. Então o Jerolmo contou as suas esperanças no trigo ribeirinho que semeara na courela das Taipas — um palmo de terra que valia um milhão, segundo ele.

— E estava lindo, aí pelo tempo da fava! — disse a Joana.

— Do que precisávamos era de uma vinhita —tornou o Jerolmo após um momento de pausa. E partia o pão trigueiro em grandes pedaços.

— Nada como a vinha pra render.

— Apesar das moléstias.

— Com alguns sobranos tínhamos aí um ou dois milheiros. Estava a calhar.

— Ou mesmo bacelo que pusesses...

Ele então enumerou projetos de futura prosperidade — comprar um carro com parelha de mulas na feira de Vila Viçosa, ter vinhas e olivais, a abundância de uma horta com águas correntes e noras rumorosas, num pedaço de vale profundo, com a sua barraquita sob nogueiras verdes.

E para se animar citava de memória os casos de fortuna acumulada pinto a pinto por homens ativos e poupados; o Sr. Joaquim das Nogueiras que estava podre de rico, o Fandango, que o seu pai conhecera a carregar estrume, o Baleizão, que fora da tropa e até estivera preso. Não havia muito que visitara o monte do compadres Nazaré.

— O meu padrinho! — gritou Ricardo. E a cada passo interrompia:

— Ele é meu padrinho, não é, pai?

— Pois senhores — continuava Jerolmo —, aquilo é que é lavoura, aquilo é que se chama seara! — E dilatado acumulava pormenores: — Quarenta moios nos celeiros, roças de palha do tamanho das torres da igreja, juntas de bois mais gordos que eu sei lá! E as carretas da vindima, as

tapadas, a casa dos arados, o moinho sobre rochas e dependurado no Guadiana — um encanto!

— Casa que é um ovo! — argumentava Joana embalando o pequerrucho nos joelhos.

— Pois mulher, há trinta anos não passava de um ganhão do Francisco do Cabo. E honrado, honrado como Deus!

— O que se quer é saúde, deixa lá. Deus ajuda quem trabalha — resumia a mulher.

E entre risos:

— Muito me havia de rir se ainda vinha a ser a senhora lavradora!

— Eu cá hei de ter uns sapatos e andar a cavalo — exigiu o Ricardo, que molhava os punhos da véstia de cotim na malga ratinha da ceia.

— A dizer a verdade não temos sido dos mais infelizes.

— Está de ver que não — apoiou Joana. — E deixa correr! Este ano talvez se peça pouco emprestado. Para o ano que vem já se pede menos, para o outro nada, e depois toca a juntar prá fazendinha.

— Pois vou-me ao conselheiro, a ver o que decide.

— Até logo.

À porta voltou-se e disse a rir:

— O que tinha graça era agora o amigo Estragado fazer-me uma espera e armarmos de garreia.

— De tudo quanto há de ruim ele será capaz, o carga d'ossos. Peste!

Apenas saiu, o Ricardo pulou logo a parede para o quintal da vizinha à cata do Manel, que tasquinhava pão seco de pança para o ar.

— Vamos pró adro, o pai abalou.

Não foi preciso mais.

Foram ambos às carreiras. No quintal, a Francisca roía o seu pão seco e negro, de semanas. A amassadura por pagar, uns fiados na loja do Vieira, trapos por toda a banda ... Ao chegar a casa, o Estragado atirara-lhe um soco ao vazio, pedindo o jantar para que não tinha dado féria. E cobri-a de injúrias obscenas diante dos filhos, exprobrando-lhe a fealdade e fraqueza.

Puxara-lhe até pelos cabelos, gritando com voz avinhada de cobarde:

— Grandessíssima porca! grandessíssima bêbeda!

Dera-lhe bofetadas com a áspera mão ignóbil de assassino, clamando que estava farto, que seria até capaz de a matar a punhaladas! A pobrezinha, abatida e com o gesto errante, nem podia chorar. Aquela vida de vilezas e insultos roubara-lhe até o refúgio das lágrimas, embotando-lhe pouco a pouco a razão. Abria os olhos sobre o bêbedo num pasmo trémulo, dizendo baixinho:

— Não me batas mais, pelo amor de Deus, não me batas mais!

Resumia-se para ela tudo na sova e na escravidão muda do martírio. Não tinha já mãe nem pai, tinham-lhe morrido os parentes. — Sua irmã fora assassinada pelo marido numa azinhaga sinistra e de noite para os lados do Moinho Branco. Era a última representante de uma raça de vergastados incapazes de resistência e não sabendo na vida outro fim mais que a obediência ao algoz e a procriação animal das marrãs de montado.

— Vizinha — gritou a pobre mulher do quintal, para a Joana, que acabara de levantar a mesa.

A outra subiu à lenha para debruçar-se na parede, sobre o quintal do Estragado.

— Que é?

A esse tempo já a Francisca trepara do outro lado, com o xale de baetilha pela cabeça. E disse num tom choroso:

— Perdoe-me pelo amor de Deus, que não me esqueço de quem me faz bem. É a minha desgraça, aquele homem, a minha vergonha...

— Houve pancadaria de moiro, aposto!

— O costume. O nosso Senhor nos ajude. E se fosses só isso...

— Então que mais temos?

— O meu homem não entrou na sua casa há pouco?

— Entrou, para escutar o que cada um está dizendo na sua casa! foi pró que ele entrou! Mas ouviu-a toda!

— Ai, filha. Veio de lá como uma fera. Puxou-me pelos cabelos, quebrou os cântaros da água, bateu no rapaz com uma corda; que eu é que tinha a culpa, que ia tudo a tiro, que tinham de saber quem era Joaquim António. Perdoe-me pelo amor de Deus, perdoe-me tanta mortificação. Pelos modos ouviu falar no lugar do feitor do conselheiro... E está com a pinga!

— Sempre gostava de saber se é pecado cada um agenciar a sua vida! O meu homem vai falar com o fidalgo; o seu quer o lugar — que vá também. O outro escolhe, e ninguém tem que se ficar queixando. Esta é a rezão!

— Tudo lhe disse, vizinha, tudo lhe disse! Homem, o vizinho Jerolmo não lhe parece mal que tu queiras ser feitor e pretendas o mesmo nicho que ele! Vai e falas. Falando é que uma pessoa se entende. Agora o vereis! Ainda me deu mais. Vizinha, perdoe-me pelo amor de Deus, mas eu queria dizer-lhe... é que... Olhe, estou a tremer que nem varas verdes, nem me tenho nas pernas, veja lá. Mas é que ele saiu com más intenções, que se havia de pagar, que ia dar cabo dele... Perdoe-me, filha, perdoe-me por alma do seu pai, mas ele é mau e capaz de fazer alguma, em estando

bêbedo. Não deixe sair o seu marido esta noite, não o deixe sair.

— Mas se ele foi agora mesmo! — disse a Joana, de súbito abalada.

Dum pulo saltou da lenha, deitou pela cabeça a pobre saia de chita azul, sem mais pensar no Ricardo, que brincava no adro, e com o pequeno ao colo deitou a correr para casa do conselheiro. Eram mais de nove horas. Os homens estavam nas eiras, fora da vila; aqui e além, deitados ao fresco junto das portas escancaradas e escuras, alguns vultos dormiam. A penumbra da noite, picada de estrelas, errava nas embocaduras, em cones movediços de uma indecisão fantástica. O campo dormia, e somente a espaços, no como silêncio absorto dos restolhos, latia um cão, ou tilintava a esquila de algum jumento de trabalho. A casa do fidalgo ficava no outro extremo da vila, isolada dos casebres por uma alameda de freixos enormes. À roda era a horta, e por detrás dos laranjais o olival sem fim. Joana corria quanto lhe era possível, arrastada por pressentimentos funestos e cheia da ideia do seu homem que era o seu deus.

Nos casinholos daquela banda tudo dormia já; a alameda em frente escancarava a boca de trevas, que à menor lufada de vento parecia ficar ruminando alguma coisa penível, num segredar entrecortado. A casa do conselheiro mal aparecia ao fundo, com a sua linha de grandes janelas morgadiças, cujas pesadas cimalhas avultavam numa faixa confusa de granito. Em outra ocasião Joana não teria ousado atravessar o caminho àquela hora — que errava por ali o vulto do doutor Soisa à procura do seu inimigo. Muita gente lhe tinha já ouvido os brados roucos, depois de corrido o sino da câmara , e contava-se que um homem o encontrara havia anos, perdendo a fala no mesmo instante.

À entrada do arvoredo Joana deteve-se a escutar junto de um tronco. Estalavam as ramas por cima, com ruídos secos. Aplicando o ouvido, sentia-se na horta o correr da água no tanque. Ninguém estava ainda em casa do conselheiro. Joana resfolegou mais tranquila: não tinha havido nada! E rápida, aconchegando a criança, percorreu a alameda e foi puxar a sineta do portão que deu um som vibrante no silêncio do edifício. Perguntou pelo marido; não tinha lá ido ainda. Fecharam-lhe a porta com fracasso sem mais

resposta. Joana então ficou hirta e muda, encostada à ombreira, com as fontes latejando.

Onde estava então o Jerolmo, não estando a falar com o fidalgo? Não era homem de súcias, nunca fora visto em tabernas, não trabalhava nas eiras, não era cantador noctívago... Era a primeira vez que ela ignorava o seu destino; que fazer? Então relanceando a vista à roda sentiu um calafrio, dos rins à nuca; à força de perscrutar a sombra, as imagens falsearam-lhe, deslocando-se-lhe à vista desvairada; parecia que os troncos iam e vinham rojando caudas de folhagem como espectros evocados de campas; os estalidos abriam num murmúrio de risinhos sofreados; ondulavam sem nexo bandos de formas estranhas e o rumor da água era de uma conspiração sinistra...

Joana sentia no peito o coração em sobressaltos e um zumbido pérfido enchia-lhe os ouvidos. E cheia de um medo álgido, olho atrás olho adiante, como se legiões de génios maus a seguissem, percorreu a alameda arrumada aos troncos e cosida com a sombra. A meio caminho deteve-se. Vira da outra banda um corpo mover-se. Escondeu-se por

detrás de um tronco, com os olhos fitos no ponto em que a forma bulira. Julgava já ter-se enganado. Mas o vulto tornou a aparecer, cortando em transversal o caminho. Bem depressa passou por diante de Joana, que, tomada de pavor, não fazia um movimento, de colada ao freixo.

Viu um homem de barrete preto e em mangas de camisa caminhar aos solavancos. Bêbedo por força; falava só, com palavras entrecortadas e torvas.

— Outro que fosse — regougava — outro que fosse... Quero lá saber! Tudo se paga. Arre!

Mais além já, parou um instante cantarolando:

Nesta rua cheira a sangue, Alguém nela se sangrou: Dizem que foi meu amor, de uma sova que levou.

Essa voz rouca e difícil, como coada por uma garganta sem cordas, fez tremer Joana. Era o Estragado. Vinha do conselheiro? Mas se o Jerolmo não fora lá, que recear? O bêbedo ia já longe, quando a pobre mulher se resolveu a abandonar o esconderijo. Apressou o passo; era tarde e talvez que o Jerolmo estivesse em casa já ... se estivesse, bom Deus! Esta esperança dissolveu-lhe um pouco os

terrores, que era animosa como uma filha de herdade. Mentalmente prometeu logo uma missa à Senhora da Boa Morte se nada tivesse havido. Saltou do valado para a estrada e, receosa de magoar o pequenito, apoiou-se num pedregulho, mas a mão teve um contacto húmido e mole que cedeu, ao pousar. Joana agarrou naquilo: era uma farrapo de lenço; puxou, e uma coisa dura caiu dando na pedra um som metálico.

Era uma navalha cheia de sangue. Perdeu completamente a cabeça; o seu coração dilatou-se efervescente de agonias e, ourada de lúgubres evocações, a sua imaginação bolçou pressentimentos funestos. Pôs-se a correr sem destino pelas ruas da vila, clamando em altos gritos contra o Estragado, contra Deus, contra a sua desgraça! Na calada do povo adormecido a sua voz ressoava com uma sonoridade alta e rápida a que o desvairamento imprimia uma nota febril e sincera, que comovia.

Alguns postigos abriram-se, por onde cabeças sonolentas e ávidas escutaram. Depois, sapatos ferrados bateram as pedras e os balcões das casas, e os vultos embuçados nas mantas foram seguindo Joana. Ela contava a quem vinha

que o seu homem estava morto, que os filhos estavam sem pão, que fora o Estragado. Começava trinta vezes a narrativa ao último que chegava, com a voz velada de choros e estrangulada de soluços. Mas onde estava o Jerolmo? Um trabalhador que recolheu tarde dera, nas escaleiras do adro, com o Ricardo e o filho da vizinha Francisca, adormecidos um ao lado do outro. Vira a porta aberta e luz na casa de fora.

Então foram todos ver a casa do Jerolmo, batendo fortemente os sapatos do trabalho. Algumas mulheres, atemorizadas, de xale pela cabeça e em grande abatimento, seguiam Joana, resmungando lamentações. Em breve a terra estava em alvoroço, e quando a pobre rapariga chegou à soleira a rua ia já cheia. A casa estava vazia. Recomeçaram os gritos e os comentários, o prior veio saber o que era, com largo capote nos ombros e o chapeirão descido. Todos contavam; a algum pormenor menos fielmente emitido, vozes diziam:

— Não foi assim! A coisa começou...

E punham-se a dizer como tinha sido.

— Mas lá por se encontrar a navalha suja de sangue não se segue que haja mortes — objetou o prior. E a sua voz de um timbre ingrato e cheia de autoridade fazia peso na roda. Muitos eram da opinião da sua Senhoria, concordando:

— Está bem de ver, está bem de ver.

— O que devem é ir rebuscar bem a alameda e os meloais que ficam à roda da horta do conselheiro. Talvez até o Jerolmo esteja nas eiras.

— De lá venho eu agora — disse um. — Não dei notícia dele.

Vários trabalhadores então partiram a esquadrinhar a alameda.

— Se passarem lá por casa, digam à senhora Madalena que lhes dê uma lanterna — disse o prior.

A Joana quis também ir, mas as mulheres opuseram-se. E sentadas na casa de fora, embiocadas nos xales ou com saias pela cabeça, jaziam silenciosas e curvadas, como se um vento de assolação as vergasse. No silêncio lúgubre, os soluços de Joana vinham a espaços como um estribilho magoado. A um canto discutia-se o Estragado, com

pormenores recentes. Segundo muito boas opiniões, enforcado devia ele estar havia muito tempo — peste ruim! Algumas tinham palavras de dó para a Francisca — que tinha o corpo como um fungão, da pancadaria. Ao fundo da rua, a voz avinhada ouviu-se:

Nesta rua cheira a sangue, Alguém nela se sangrou...

Ao mesmo tempo a calçada soou do outro lado sob os pés de muitos homens. E pela porta da Joana quatro moços do campo entraram carregando uma escada, onde vinha estendido o corpo do Jerolmo. Toda a gente se tinha erguido fazendo um ruído indescritível de prantos; uma rapariga caiu com um flato, algumas fugiram para o quintal, aterradas do cadáver. Joana só, estendida nos ladrilhos e resistindo a todos os empuxões que lhe davam para a afastar dali, Joana só não tinha medo. Passara os braços ao pescoço do homem, enchendo-lhe de beijos a cara e a boca aberta, de que um sangue viscoso corria. Uma enorme paixão rebentava dela sobre aquele corpo, que arrefecia pouco a pouco, retesando-se, com um sinistro desenho, anguloso e lívido. Fora, o regedor conseguira

agarrar o Estragado por um braço. Vozes clamavam rudemente:

— Está preso! enquanto retiniam nas pedras, com pompa de entremez, as espadas dos senhores cabos de polícia. A Francisca, que se interpusera, de cabelos soltos, arrastava-se abraçada aos joelhos do marido, pedindo clemência com a voz arrastada e baixa, em que havia um fundo de miséria e de dor. Os pulsos saíam-lhe das mangas da roupinha, tísicos e inabaláveis; por mais que fizessem não lhe arrancavam as mãos das calças do Estragado. Os maus tratos, as bestialidades e as fomes com que aquele homem a trucidara desde o primeiro dia de casados tinham enraizado no seu coração uma cega obediência, uma necessidade fatal daquele império torpe; mesmo assim gostava dele, pai do seu filho, o que partilhava o seu catre e lhe dera esse primeiro beijo, que é como a anunciação da maternidade à mulher virgem.

Das escadas do adro então as duas crianças ergueram ao mesmo tempo as cabeças, despertando ao alarido dos prantos.

— O que é aquilo? — disse o Ricardo.

— Olha é muita gente. Não ouves a chorarem? — notou o Manei.

— Oh! vamos a ver! — insistiu o mais novo.

E, como o Manel cambaleava estremunhado de sono, o outro passou-lhe o braço ao pescoço a segurá-lo.

E com ares protetores dizia-lhe:

— Vê se partes as ventas, vê...

Todo abafado no casacão, o senhor prior, saciado das novidades fresquinhas, saía de casa da viúva, pensando que era ainda uma rica moçoila.

Por outro lado, a morte do Jerolmo irritava-o: fora depois de cinco anos o menajeiro das suas labutas vinícolas, o que lavrara ao seu gosto, o que fazia uva à siranda com mais desembaraço.

Não bebia, não fumava, não era exigente nos preços... Assim pensava Sua Senhoria quando deu com os pequenos, que iam a passinhos preguiçosos e esfregando os olhos com os punhos, em direitura ao tumulto. E ao vê-los tão unidos

cresceu-lhe uma raiva de dentro, biliosa e vingadora. Separou-os com um safanão furibundo.

— Súcia de marotos, que os enforco!

E dirigindo-se ao Ricardo:

— Vossemecê não tem vergonha em andar com o filho do ladrão que matou o seu pai, hem?

E para o Manei, que chorava aterrado daquela agressão:

— A minha vontade era frigir-te, podengo!

E deu-lhe um puxão de orelhas, teso.

No dia seguinte foi o enterro. Era desses dias ardentes em que nos troncos das oliveiras as cigarras cantam, as rolas se abatem por dezenas sobre as últimas poças verde-negras dos ribeiros. Apenas o sino chamou a padres e o prior apareceu precedido do sacrista de cruz e caldeirinha, viu-se sair de casa de Joana o cortejo. Adiante o sacrista ia de cruz alta e campainha na mão — velho marau de sapateiro, de olho patife e calva luzidia, dos que sabem quantos escândalos usam acompanhar toda a gente do berço ao sepulcro.

Fora noviço de capuchos, adquirira hábitos de glutão e de bêbedo, aprendendo a negar a mulher decente. Rosnava-se um pouco das suas relações com a Sr." Madalena do prior, e temia-se em geral do seu cinismo correlacionado, segundo se afirmava, com o do diabo, pelo desfastio com que pisava rosários bentos e fatias de pão torrado. As beatas fulminavam contra ele exorcismos temerosos, porque à saída de uma missa de finados urinara na pia da água benta, estando bêbedo. De cruz alçada e opa escarlate, o Zé do O caminhava piscando o olho às mulheres, que, em saia de estamenha e sapatos de couro cru, viam da soleira marchar a procissão da morte, lacrimosas e trocando lamentos. A partir dele, duas filas de homens do campo seguiam com os fatos de áspera saragoça dos domingos, chapéus de Braga nos olhos, ornados de uma borla redonda, e os capotes de baetão das mulheres aos ombros. Alguns ainda novos, que tinham sido amigos do Jerolmo e como ele destinados sem resistência ou vacilação, de pequenos, para cavadores, iam com os olhos vermelhos voltando a cara, envergonhados de serem vistos em choro pelas mulheres que vinham às portas e às esquinas das ruas, rodeadas dos filhos descalços. Viam-se os altos

pescoços curtidos pelas calmas do Estio e pelas ventanias do Inverno, no convívio dos trabalhos de picareta, de arado e de foice.

As mãos, de enormes dedos coriáceos e palmas rugosas de calos, tinham curvas unhas, disformes de marteladas e entalões. Nos dorsos, as veias de uma espessura considerável ramificavam-se-lhes em árvore saliente, pondo em pregas a epiderme de poros largos, de que saíam cabelos. Alguns eram já velhos e curvados, contando trinta, quarenta e cinquenta anos de labuta em charneca, nas lavouras, nas ceifas, nas ferras do gado, no corte dos azinhais e na recovagem de noite por caminhos terríveis, de matagal em matagal. Tinham as cabeças brancas e o passo vago, e olhavam com esse olhar vazio de quem nunca teve esperança, e de quem jamais teve fortuna. Tinham ganho toda a vida o mesmo salário, cobrindo-se de filhos constantemente e fazendo da fecundidade uma distração, a única, que lhes era dada, e que ainda assim caro pagavam. Dois ou três nunca tinham possuído um fato novo. Quase todos tinham andado descalços e rotos até aos vinte anos.

Havia nessas faces, mesmo fora dos enterros, o mesmo ar lúgubre e suspenso que ali mostravam; pareciam seguir como se aguardassem alguma coisa retardada de há muito, boçais e emparvoados, não dando pela cárie dos dentes e pelo espasmo de humildade que os ia bestificando. Próximo à tumba os irmãos da Joana e os tios do Jerolmo iam afetando grande mágoa com as golas dos capotes erguidas, cabeças baixas e amarradas em lenços. Depois o padre: era alto, possantes ombros de tambor-mor, a barba de cinco dias negrejando de espessa, um carrancudo alarve na face. Como a volta era apertada, o seu pescoço extravasava gordurento fazendo uma rosca de carne, que pendia, refletindo um rubor sobre a pele do queixo e da cara, donde o suor borbulhava. Tinha as orelhas de um guardião, ar imperativo e voz grossa, em que a nota surda dos desejos que se refreiam dominava. Era um pouco agricultor e um pouco músico e nas récitas da terra fazia papéis de tirano, esbracejando com fúria para todos os lados. A tumba ia por fim, aos ombros de quatro mendigos, e um rapaz após levava o banco de pinho para a fazer descer, nos responsos.

Era um esquife de pau-preto com balaústres delgados, tendo o ar de um berço. Na vila causava horror. Era com que metiam medo às crianças; via-se-lhe pregada na cabeceira uma cruz preta, e um Cristo de ferro com resplendor de lata que tremia, agonizava, pessimamente fundido, mostrando os olhos vazios. No fundo via-se a enxerga coberta de paninho preto em farrapos, onde deitavam os cadáveres, havia muito. Esse pano tinha nódoas gomosas, à altura da cabeça. Os va-nu-pieds abatidos para a vala durante os últimos quinze anos tinham ali impresso o seu remember de muco sanguinolento, de que tresandava um fétido em baforadas. Era onde ia o Jerolmo, vestido no seu fato de saragoça, com sapatos de bezerro enormes nos pés, os dois pulsos unidos por uma tira de chita negra a premir as mãos cruzadas no peito, na atitude de uma imploração derradeira.

— Ainda ontem a estas horas estava são e vivo! — era o pasmo da vila, e vinha todo um volume de ponderações sobre a fraqueza da criatura de Deus.

Aos solavancos dos velhos que tinham desiguais alturas, o corpo pendera mais para uma banda: à menor

anfractuosidade do caminho então, os sobrecarregados rogavam surdamente as pragas mais torpes — que nem valia a pena levar um boi daqueles pelos seis vinténs da esmola.

O mais ratão dos quatro era um velhito baixo, que mostrava escarlate uma órbita sem olho e já caíra numa contramina de horta. Dizia ele com bela ênfase, todo sério:

— Como estas bestas morrem sem derreterem os toucinhos, senhores!

O garoto do banco escandalizou-se e resmungou:

— Vossemecê não tem vergonha em fazer mangação dos defuntos?

Os outros riram, e o mais alto:

— Caluda, filhote! Que ainda te havemos de levar adiante.

Mas o prior voltou-se, e da frente o sacristão veio correndo de cruz ao ombro, em ar de clavina, com a caldeirinha estendida para o responso. Os quatro da tumba pararam, o garoto estendeu o banco.

— Abaixo! — ordenou o prior enfastiado.

O esquife desceu. Uma vida fecundante de átomos impalpáveis. vibrava na luz, metálica na irradiação da cúpula amplíssima. O enterro tinha parado e todos se voltavam para trás, olhando o prior que espargia água benta sobre o corpo do Jerolmo. Estava-se quase fora da vila, ao meio da rua última daquela banda, que entre filas de casebres caiados corria, corcovando-se bruscamente depois sobre a azinhaga.

Como o sol batia de chapa, os trabalhadores faziam teto com as mãos em arco, à altura das sobrancelhas, abrindo a boca e premindo as pálpebras, por uma contração inconsciente de músculos faciais. Sobre os balcões das portas, as mulheres olhavam alongando saudosamente os grandes olhos pretos, húmidos de lágrimas. Abaixo da orla das saias de chita viam-se os tornozelos de algumas, calçados em meia de linha azul. Muitas faziam meia, com os cabelos oleosos de azeite e a marrafa separando as madeixas em duas pastas simétricas e alisadas. Na terra das soleiras as crianças seminuas rolavam-se rindo; um fumo raso subia das chaminés. Na última porta tinham

acabado de jantar e via-se a malga na mesa baixa, os garfos de ferro com três dentes apenas, restos de enorme pão da amassadura da semana, e em torno ainda sentada a família, onde o chefe, velho pastor de polainas altas e ampla calva, rezava de mãos postas e lábios mexendo, com o chapeirão nos joelhos.

O Jerolmo era muito estimado. Todos diziam — Coitadinho! — lacrimejando. E enumeravam as suas virtudes, o seu bom génio, a sua economia, a sua temperança. — Os bons leva Deus, que são do céu — dizia uma velha. Mas a voz do prior ouviu-se imperativa e cheia de sabedoria em ruminação de latins, e fez-se um silêncio piedoso. Toda a gente ajoelhou, que ninguém ouvia latim noutra postura na vila. A recitação grave e numa língua estranha dava aos espíritos simples a profunda emoção de um fim próximo e a lembrança de almas que partem para as regiões serenas da bem-aventurança com o seu pecúlio de graças adquiridas e asas brancas da inocência. O pior ia dizendo:

— De profundis clamavi ad te Domine. Domine exaudi vocem meam; nec aspiciat me visus hominis. Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleison! Pater noster...

E as vozes rezavam baixo, num coro murmurado, que ia como o som do vento numa fenda, alternadamente agonizando e subindo até se perder, à última aspersão de água benta do prior. De pescoço estendido, as mulheres, brancas de pavor, olhavam ao meio da rua o esquife envolto na luz, onde ia o corpo do trabalhador, retesado na rigidez que antecede a podridão. Descaíra-lhe a cabeça para trás por haver escorregado um pouco a cabeceira da enxerga, e o bordo da queixada, de uma linha parabólica, repuxava-lhe angustiosamente os tendões do pescoço esverdinhado, em que fazia corcova o nó da goela inútil.

Corria-lhe das ventas um fio de sangue negro, que os moscardos vinham beber zumbindo, e por entre os dentes, a espaços, na boca que se abrira na convulsão da última hora, gotas de gás podre faziam crepitar globozinhos, da íntima fermentação que progredia.

Os amigos doutro tempo tiraram então o lenço do bolso das véstias e saíam aos dois e aos três do seu lugar, para piedosamente virem limpar a cara e os lábios do Jerolmo.

— Bendito seja Deus! — diziam, apavorados pelo fervilhar da corrupção cadavérica, que a torridez do sol

ativava prodigiosamente.

O prior tinha acabado o responso e abrira o seu enorme chapéu de sol.

— Carreguem — ordenou Sua Reverência aos quatro homens. E o enterro entrou na azinhaga que ia dar ao cemitério.

Cada qual, sentindo-se um pouco à vontade no campo, teve a necessidade de falar na sua vida, coisas alegres e capazes de afugentar os maus pesadelos da cova.

— Quem teve seara guapa foi cá o mariola! — ia dizendo um homenzarrão, e depunha os grossos dedos no ombro de um seco, de olho desconfiado.

— É pra que saiba. E ainda temos hoje um calcadouro de tremês.

— E quando chega esse casório? — quis saber um rapazola louro, riso boçal, de pobre diabo.

— Está pra tarde. Antes da vindima não — diziam.

O de olho desconfiado não dava palavra, deixando que respondessem por ele.

— E moça de estimação. Desenxovalhada e mais branca!... Seio de encher olho e golpenha, cos diabos!

— Podes lá com uma vaca daquelas, meu poeta! — diziam-lhe. — Aquilo é mulher para te bater, ó Rato!

O de olho desconfiado ria, e disse pachorrentamente:

— Quatro mil cruzados em terras, está dourada que nem uma princesa, rica saúde e vinte e quatro anos. Um sobronho preto; que mais quero?

O louro conheci-a e o seu riso abria-se sensualizado, com uma reminiscência gulosa.

— Está bem de ver! Está bem de ver!

A calma picava. Sentia-se zumbirem os insetos, e ao longe nas oliveiras o ciciar das cigarras punha um ruído seco. Do outro lado discutia-se a Joana, ainda frescalhona; apesar dos dois filhos, aquilo vinha a casar ainda.

— Não seria eu que casasse com ela. Entrando só com o corpo e ter de aturar dois diabos! Olha a fartura!

— Cá para mim — dizia um barbado —, mulher que casa duas vezes é capaz de pregá-los ao marido.

— É a minha sistema! Mulher só pra um homem! O mais, cabras!

— Homem, que hão de elas fazer? — perguntava um benévolo.

— Mas a Joana fica mal, coitadinha. Eles não tinham fazenda. Têm o burro, as casitas, uma jeira de terra além às Taipas...

— Demais, o irmão do Jerolmo quer partilhas.

— Qual! — disse um viúvo, entendido. — Há filhos. Só se levar a cinza da lareira, que é boa para barrelas.

— Como. há de a pobrezita governar os pequenos?

— Ora! Como? Como as mais, no campo. E a Rita Santinha e a Teresa do Mudo, não vivem? À monda, à empa, à vindima, à ceifa. Pois onde? Avezada a tudo como está, pode bem fazê-lo.

— E nada má — fazia surdamente um amarelento, com certo riso.

Os valados prolongavam agora a faixa da rua que findara, e eram ali altos os silvados e tão robustos os cachos de

amoras que os rapazes mais novos saíram do renque pra fazer provisão. Estavam ao cimo da colina. O cemitério ficava a meia encosta, cintado em muros brancos, com uma cruz de ferro na fachada. Do ponto do caminho em que iam, a paisagem era da mais plena largueza de horizonte e da mais bela disposição de pormenores. Convergiam de ambos os lados as courelas ceifadas, sobre a garganta do vale, que ia perder-se a pouca distância junto do ribeiro e aos pés de uma antiga orla de choupos e faias. Das ouvielas dos ferragiais e das vinhas irrompiam secos os pastos, camomilas, malmequeres, grisandras, maravilhas e enormes cardos de cálices espinhosos. Para a esquerda ondulava num mar verde vivo quase sem gradações, fatigante e sadia, a região das vinhas. Figueiras gigantes abriam até ao chão para-sóis metálicos de largos folhedos, sobre que revoava a pardalada. Aqui e além as hortas abriam na grande sinfonia cromática uma cadência graciosa de tons bronze e verde-salsa; as nogueiras, junto dos tanques, ensombravam sofregamente as noras e cisternas, usurárias da frescura. À direita . era olival, tristonho e abrasado. No ribeiro, à sombra dos canaviais, as lavadeiras batiam as roupas, cantando. O fio de água era

ténue como de uma vida que pouco a pouco se desprende, e serpeando por baixo do arco da ponte, onde um tufo de eucaliptos novos bulia, ia expirar lentamente na areia, sob as raízes sequiosas das junças e escalrachos.

Era junto dos eucaliptos mesmo, que o Ricardo mais o Manel estavam à pesca das rãs, quando o enterro apareceu em cima. De entretidos nem deram por tal. Tinham conseguido, de manhãzinha logo, escapulir-se de casa enquanto as mães soluçavam e as comadres iam prodigalizando lamentações e consolos de momento.

— Não sabes o que a mãe disse, ó Manel?

— Que foi?

— Que em ela me vendo andar contigo me havia de dar sova.

— É mentira, deixa falar, é mentira.

— Olha, o pai morreu — disse o Ricardo. —Já não ralha, pois não?

— Nada que não! Em fazendo trovões.

— Olha, vamos brincar?

— Eu cá dispo a véstia. Peço um pedaço de pão à minha mãe e não apareço senão às trindades — expôs o Manel, todo resoluto da ideia.

— E eu cá também.

— Olha — disse o Manel abrindo os olhos espertos, que um embevecimento clareava — vamos às rãs?

— Oh, vamos!

As rãs eram a paixão dos dois, o seu sonho, a sua coisa mais ambiciosa na vida. Tinham construído sobre elas as lendas mais extraordinárias e feito, por cópia do que ouviram às mães, uma quantidade de promessas aos santos se um dia conseguissem apanhar uma viva, das grandes.

À tardinha, quando os olhos vigilantes da Joana por um instante os largavam, corriam logo para o ribeiro. A chegada dos dois as rãs saltavam de todos os lados, da espessura dos juncos e mentrastes, sobre a água dos charcos com um sonoro plhau! na profundeza dos pegos. Calavam-se logo, agachados no tufo de eucaliptos, esperando pacientemente a ocasião. Numa circunvolução do regato, pensando-se sozinhas, algumas das rãs

coaxavam à flor da água, erguendo acima do nível tranquilo as chatas cabeças verdes, olhos estourados de íris cor de ouro, e a enorme boca semielíptica aberta ao ar numa espécie de sorriso extático e a fila de pequeninos dentes córneas um pouco curvos dispostos para a apreensão dos animálculos. Erguiam-se então com grandes precauções e subtilezas, acautelavam extraordinariamente o ruído das passadas, prometendo baixinho, na febre do desejo, dúzias de padre-nossos a Santo António se fosse servido entregar-lhes algum dos animaizinhos que faziam a sua paixão e o seu desespero. Mas, precipitados como eram, não conseguiam jamais aprisionar os elegantes anuros e, caindo a noite das montanhas azuis alinhadas em decoração ao fundo da paisagem ridente, voltavam cheios de tristeza e cansaço para as ceias da família, acabando por adormecer um ao pé do outro. Na volta sentiam com surda raiva o coro de rãs uníssono e forte, magnificamente instrumentado de ironias, que parecia de propósito erguido para lhes saudar a retirada e escarnecer do desalento e pouca arte que empregavam na pescaria. Tal coro, na penumbra misteriosa e vasta dos campos, tinha a concentração harmónica e a poesia nubívaga de um trena — hino de liberdade de uma

colónia que de súbito readquire a sua independência. O Manel, especialmente, embirrava com a troça. E, com mão rápida, fazia chover nas poças de água mais sonoras grandes pedras talhadas em cunha e seguidas de pragas adequadas ao caso e à solidão do lugar.

Tinham ouvido os rapazes que as pernas das rãs tinham uma carne excelente e branca, tenra e fina como a de galinha. Nenhum deles comera ainda: mas era magnífico! Tinha-lhes contado o Coxo, um idiota da terra, que uma vez apanhara uma rã muito grande. E vai abriu-a, e tinha na barriga um canivetinho de duas folhas, muito bonito. Para os dois pequenos, ter um canivete de duas folhas era uma opulência inestimável. E qualquer deles, nos dias de desavenças ou amuos, querendo fazer sombra ao outro, já dizia:

— Deixa estar que eu hei de ter um canivetinho de duas folhas e tu não!

— Hás de, uma figa torta! — dizia logo o outro. Porque traziam as rãs canivetezinhos na barriga? Não sabiam. Mas traziam, traziam!

O Manel, que era mais imaginoso, entrava a explicar que as rãs faziam buracos pelo chão, furavam, furavam... e iam ter à loja do Vieira para roubarem as navalhinhas. Então o Ricardo ria.

— Mentira!

E, com a vozita gaguejada, fantasiava pelo seu turno uma teoria sobre os canivetes. E ambos à borda das poças se interrogavam de vez em quando, surpresos:

— Mas como será que elas têm canivetes lá por dentro? Aquilo é coisa que engolem.

— Qual?!

Como o calor era intenso, os anuros andavam no fundo da água, por baixo de limos reticulados com a delicadeza de frocos. O tufo de eucaliptos lançava pois sobre o pego mais próximo da ponte uma sombra alongada: ali sentia-se coaxar. As duas crianças agachadas quedavam-se, à espreita:

— Que cantoria que fazem! — dizia baixinho o Ricardo.

— Deixa — resmungou o outro com ares fanfarrões. — Eu dou cabo daqueles diabos.

Piscava os olhinhos com intenção, tirando do bolso um pedaço de arame aguçado.

— Elas aparecem, eu vou com isto estendido e tancho-as por uma perna.

E com profundo desdém:

— Hoje não é cá preciso padre-nossos!...

Foram-se aproximando do pego, de gatinhas.

Viam-se os tornozelos do Ricardo, grossos e de ligamentos inabaláveis, e o pé polpudo e forte, bom para firmar o corpo.

Devia ser de estatura mediana e muito robusto, de rico sangue. Pela camisa aberta e rasgada via-se o contraste da carne branca do tronco com a epiderme fulva da cara e das mãos. Sólido como um novilho, devia ter a índole ingénua e boa de Jerolmo, como lhe herdara a enformação animal. O Manei era esguio e seco, anguloso de ossatura. Tinha os cabelos corredios e as mãos estreitas, com unhas que

revestiam quase o dorso das falanges terminais. Era já teimoso e de nervos suscetíveis. A sua organização sensibilíssima, pressentida, daria mais tarde o tipo fisicamente inábil para a labuta da enxada e em construção perpétua de estratagemas. Tinha os olhos grandes e lúcidos como dois ónix molhados, e a linha do nariz sem proeminência, fazendo lembrar na cara olivâtre e comprida o que quer que era de masque egípcia. Àquele tempo, o sino da Misericórdia mandava o último dobre de finados. E o som badalado de quebrada em quebrada chegou às crianças.

O Ricardo parou, erguendo a cabeça. Alongava os olhos com essa tristeza vaga dos que de outra forma não conseguem formular uma comoção interior. Lembrava-lhe o pai morto que iam meter na cova. Como essas naturezas que a música enche de soluços e de invencível angústia, o sino, com aquela toada grave e preguiçosa — Tlão! Tlão!... Tlão! Tlão — dava-lhe como uma reminiscência lúgubre.

A esse tempo o Manel erguera-se também, esquecido da pesca. E os seus olhos deram com o enterro. O Zé do Ó ia

entrando já pelo cemitério, a opa escarlate parecia de longe uma papoila cortada que o vento impele.

Na meia-laranja da porta depois, os homens de escuro apinhavam-se para deixar passar a tumba, muito alta, aos ombros dos velhos, em que o Jerolmo, de mãos postas, oscilava, penetrando os muros brancos.

— É o teu pai — fez o Manel.

— Vai pro céu, então não vai?

— Está visto.

— Ele não gostava do teu, então gostava?

— Não gostava! O meu anda sempre bêbedo. É tão mau!.. . Dá com a corda.

— Ó Manei! Manei!

— Que é?

— A gente havemos de ser amigos sempre, não havemos?

— Havemos.

— E brincar sempre, então não havemos?

O outro não respondeu. Enquanto o Ricardo de gatas se adiantava para o pego com o arame na mão, os olhos do filho da vizinha acompanhavam de longe os movimentos da massa de gente negra que viera ao enterro. Toda a noite a mãe chorara, miseravelmente abatida sobre a enxerga que servia também para albardar o burro.

O pai fora levado entre cabos de polícia para a cadeia de Évora, com as mãos atadas nas costas e o fato roto. No puxão de orelhas e nas palavras desprezadas do prior sentira que estava filho de um assassino. Ouvia numa toada fatídica os sinos da Misericórdia. Então as suas narinas palpitaram, sentiu na garganta como um novelo que se engrossava para o estrangular. Uma coisa abateu-o todo, percorrendo-o de uma estranha galvanização de mágoas.

Entrou a chorar alto, com profundos soluços que num jogo brusco lhe alevantavam as pobres costelas esburgadas.

— Deixa — dizia o Ricardo, puxando-lhe as calças, deixa lá. — A mãe não ralha, não.

E, esquecidos, inocentes, recomeçaram a pescaria. Do outro lado da ponte as lavadeiras tinham cessado de bater

roupa. As vozes cobriram de pragas o Estragado, assassino, bêbedo e ladrão, que Deus confundisse na outra vida e as justiças degredassem nesta, para casa do inferno.

O TIO DA AMÉRICA

«Há tempos — escrevia Sabino de Sousa Pancada, comerciante de secos e molhados no Pará, ao seu único sobrinho e futuro herdeiro, Alfredo Carvalhosa, já naquele tempo pai de dois pequenitos e esposo da boa Maria do Resgate —, há tempos que medito uma viagem à Europa, com residência demorada no meu país natal. Vai em trinta anos que aqui estou e nem uma só vez tornei a ver Lisboa. A velhice traz-me saudades. De forma que por estes três ou quatro meses mais próximos aí me tens, prezado sobrinho. Arranja-me quarto ao pé dos teus pequenos, de quem me lembro tanto como se os tivesse visto alguma vez. O Artur, principalmente, é a minha paixão. A fotografia que me mandaste ultimamente pinta-mo como um querubim, pobre criança! ...»

— Aquilo é homem d'ouro! — ponderava o Carvalhosa para a esposa, mignonne sadia e fresca, que tornava o

ninho sonoro da música dos seus risos. — Honrado a mais não! E homem inteligente! Quando daqui saiu não passava de um pobre rapaz sem proteções e sem chelpa, infeliz no ofício de seleiro que lhe mandaram ensinar e devorado de febre e desgostos. Isto contava o meu pai que Deus tem. de uma vez aparece-nos em casa, de chapéu à brasileira e xale-manta, a pedir a bênção aos tios e declarando que se partia para o Pará, na barca Ligeira, do Neves. Cada qual fez por tirar-lhe semelhante mania dos cascos. «É morte certa!» dizia a minha mãe. «É tolice de meter os tampos dentro!» ponderava o meu pai, que fora da alfândega de consumo.

Apesar de tudo, o tio Sabino abalou. Quatro anos depois tinha o estabelecimento na Rua de Gonçalves Dias, e hoje é rico como os primeiros negociantes do Pará, despacha gomas, jinguba e óleo de palma, negoceia em velames e cabos, tem fazendas no interior e dinheiro nos bancos, subscreve com grandes quantias para os monumentos e obras úteis do seu país, socorre os parentes, estudou nas horas vagas e sabe onde tem a cabeça, coitado!

— E homem de sessenta anos! — juntou Maria do Resgate, afagando os cabelos loiros do Artur..

— Deus lhe acrescente a vida, que por me julgar habilitado à herança e não esqueço da amizade com que o bom velho me tem recebido.

— Nem eu!

— Nem eu! — gritou o Artur, que era tido em casa como um precoce extraordinário, e já tocava no piano pedacinhos da Madame Angot.

— São horas, vou-me para o serviço — disse o Carvalhosa dando nas testas da família os três beijos sacramentais.

Era do correio havia dez anos, vida trabalhosa mas sofrivelmente paga. Nessa noite tinha de seguir para Elvas em comissão de serviço. Estava-se em Fevereiro, tempo húmido e lamacento. O Carvalhosa andava um pouco encatarroado. À porta do correio tirou o lenço para se assoar, e à volta para casa, caminho do jantar, notou que perdera a carta do tio Sabino. Não lhe deu aquilo grande cuidado, a falar verdade. Tinha-a metido no bolso da

inglesa provavelmente e, ao sacar o lenço, caíra-lhe. Nunca Deus lhe desse maiores cuidados! Esteve até à noite com a família, rindo das doidices do Artur e contemplando, com deliciosa emoção de pai, o soberbo grupo de Maria do Resgate com o mais pequenino ao peito. Tivera sempre pelo lar aquela adoração lírica e sã que o devotava corpo e alma à família, e o parecia guiar no trabalho como essas grandes estrelas cujo deslocamento conduz através do deserto as pobres caravanas melancólicas. Era feliz, realmente. Nunca passara os tempos maus de certos desgraçados surpreendidos no berço pela pobreza árida ou pela desolada orfandade. Perdera o pai quando o emprego lhe rendia quinhentos mil réis, já o Artur era nascido. Anualmente, nos meados de Julho, o tio Sabino presenteava o aniversário do pequeno com uma inscrição de cem mil réis, várias latas de doce de tijolo, uma dúzia de cuias pintadas a escarlate e branco, e basta coleção de plumas e cofres com embutidos Índios.

O asseio e o bom gosto de Maria do Resgate rebrilhavam na disposição dos móveis, de uma conservação viçosa, na simetria dos quadros de gravuras ou oleografias, na

brancura dos umbrais, na nitidez dos papéis, na graça simples dos reposteiros de cretone e das cortinas de cassa, na harmonia impagável dos bouquets de rosas e dálias cortadas no quintal e radiantes à vista em jarras de porcelana esmaltada, sobre a cimalha do velho aparador de carvalho, a preciosidade da casa, que a esposa trouxera.

Desde os quinze anos que tinha sonhado o futuro assim — uma casa limpa, uma mulher fresca e risonha, bons dentes e hálito suave, dois pequenos fortes, braços brancos e olho ingénuo, em cujo azul cerúleo revisse, . como num espelho, a sua ventura pacífica e doce, de casado. E mais tarde a riqueza bafejá-lo-ia, trazida pelo tio Sabino, bom velho cuja solicitude lhe dava uma comoção. Poderia ver o Artur num palacete de jardins umbrosos e rumores de cascatas, médico ou engenheiro, e de bigode, com um coupé bem polido e uma parelha bem gorda. E o mais pequenino, também, de militar, com prémios e galões atravessando ao entardecer a Baixa sobre um cavalo branco, no meio dos suspiros das herdeiras ricas. Por esse tempo seria ele um velho e Maria do Resgate também. Vinha-lhe um pena sincera de não ter vinte anos quando os pequenos os

fizessem, uma' espécie de ciúme da intimidade que eles viessem a dispensar aos amigos, e do amor que prodigalizassem infrutífero a qualquer dos alegres pecados mortais de Espanha, que a matilha cerca de um prestígio canaille de bacantes.

Às quatro horas jantaram. Era uma quinta-feira fria, sol límpido e grande pureza de ares. Ao largo o rio, visto daquela altura, tinha um espanejamento de enseada, em leque. Um pano de fundo, de cordilheiras e nuvens às camadas, caía de cima, fechando o horizonte. Os barcos corriam à vela no rio, e o fumo dos vapores da carreira enodoava o azul plácido. — Subia o pregão das ovarinas descalças e o rumor dos trens, circulando. Uma espécie de bondade despregava bênçãos, de cima do azul em cúpula, que as pombas cortavam de adejos castos, como lenços saudosos que palpitam, fazendo adeuses à terra.

Abriram uma garrafa de porto, à sobremesa. O Carvalhosa quis saber se estava o farnel aviado — partia às oito horas no comboio de Santa Apolónia, e demorava-se três dias. — Escusava de gastar no bufete.

— Tanto tempo! — disse amuada Maria do Resgate.

— Mas é serviço, que remédio, senão obedecer...

— E eu que fique sozinha para aqui!

— Manda chamar a tia Prazeres — aconselhou o marido. — Já te fica companhia.

— Não está em Lisboa. Foi acompanhar o genro a Vila Franca.

— Ora! três dias correm num momento. Deixa lá, filha.

Bebiam a pequenos goles aquela alegria cor de opala, que polvilhava carmins de vida nas faces e reluzia nos olhos com uma cintila garota.

— Quando chegará o tio Sabino? — perguntou o Carvalhosa.

— Tem tempo — respondeu a mulher.

— Damos-lhe o nosso quarto, quando ele vier. É o mais espaçoso e o que tem melhor papel. Demais fica ao pé da sala...

— Exato. É preciso comprar dois metros de alcatifa, que a nossa está velha. E outro candeeiro, de globo.

— Isso depressa se faz. Estava-me agora a lembrar de uma coisa, que tinha imensa graça.

— Que é?

— Se ele chegava por aí amanhã ou no outro dia; enfim, quando eu estivesse fora.

— Mas nunca o vi! — disse Maria do Resgate.

— Era por isso que tinha graça. As dúvidas em que havias de ficar! ... Mas espera. E o retrato que vinha dentro daquela maldita carta, que perdi? lá se foi também, com os demónios!

— Deixa. Não se perca o tio, o mais não faz transtorno.

— Egoísta!

— Tens os olhos luzidios, agora reparo.

— E tu as fazes tão coradas, menina!

O Carvalhosa tornou a encher os cálices. E, tomando o seu, tocou-o com o de Maria do Resgate, para uma saúde.

— Pela felicidade dos nossos pequenos! — disse o marido.

— Vá lá — acrescentou Maria do Resgate —, pela felicidade dos nossos pequenos!

Beberam. Então o Carvalhosa mudou de lugar para vir sentar-se entre a mulher e o Artur. E baixando a voz disse:

— Sabes que falta uma menina no nosso rancho. Não gostavas?

Ela corou toda, e baixou a vista, rindo com os seus dentinhos gulosos.

— Toleirão — murmurou, torcendo-lhe a orelha.

— Artur! — disse o Carvalhosa.

— Papá!

— Ficavas muito contente se eu te desse uma irmãzinha, meu filho?

— Oh papá, eu antes queria um cavalinho. Dê papá dê...

— Que destempero! — fez Maria do Resgate com riso doce.

Eram seis e meia da tarde, noite já.

— Vou vestir-me — disse o Carvalhosa. — Pois não sabes? Tenho a cabeça leve.

O corredor estava às escuras, e os passos do Carvalhosa soavam, já no quarto. Maria do Resgate acendeu uma vela e entrou com o pardessus de viagem. O marido assoprou a luz, e ergueu-a ao colo, vigorosamente.

— Não faças bulha, que a rapariga está na casa de jantar — segredou-lhe ela, toda trémula.

Às sete horas, o Carvalhosa beijou os pequenos e partiu.

— Ó papá! — gritou da janela o Artur.

— Que é isso?

— Não se esqueça da manazinha, não?

— Já a encomendei, descansa.

No dia seguinte, quase duas horas da tarde, bateram à porta e a criada veio dizer que estava um senhor de idade. Maria do Resgate foi ver. Apenas ela apareceu, um homem já ruço depôs no corredor uma pequena mala de couro, e abrindo os braços estreitou com a maior franqueza a pobre

rapariga, pespegando-lhe três beijos muito repenicados nas bochechas .

— Querida sobrinha! querida sobrinha! — fazia ele . repetindo os abraços, com uma ternura que os seus cabelos brancos tornavam honesta. E detendo-se a notar o embaraço. e o rubor da pobre mãe, observou:

— Tu não me conheces, hem? E toda espantada a olhares para mim? Eh! Sou o tio Sabino Pancada, o do Pará, o que escreveu há duas semanas. Não te mandei um retrato? Vê lá se estava parecido olha bem.

Mais risonha já, Maria do Resgate levou-o para a saleta, bem ao pé da janela e esteve a mirá-lo. Era homem alto e magro, maçãs salientes e enormes suíças em cipreste, óculos escuros e cabelo à escovinha. Tinha as grossas mãos de um trabalhador, dedos nodosos e unhas chatas, o olho sereno dos fortes e a pele requeimada.

— Pois é o tio? — disse ela adoravelmente. — Ah, como estou contente em o ver, não faz ideia! Tanto que lhe devemos tanto! Sucedeu justamente o que o Alfredo pensava... justamente! Uma coisa assim, não.

— Então que pensava o meu sobrinho ?

— Ontem à noite, antes de partir...

— Quê? — fez ele com espanto, penalizado — partiu?

— Às oito da noite de ontem para Elvas, em serviço do correio. Que ele é do correio, há mais de dez anos. O tio deve saber.

— Sim, sim, é do correio. Mas que pensava o excelente rapaz?

— Disse-me assim; muito havia de rir se por estes dias, enquanto eu andava por fora, te aparecia aí o tio Sabino.

— A passagem tem graça; palavra que tem!

— E vai, disse-lhe: «Oh filho, mas eu nunca o vi mais gordo!» Modos de dizer! «Pois era por isso mesmo que tinha graça. A cara com que tu ficavas! ...» Porque na verdade não o fazíamos em Portugal tão cedo. A carta dizia por estes meses. Já o tio vê ...

— Decerto, decerto. Mas uma pessoa não faz sempre as coisas como as premedita, filha. Às vezes pensa-se assim, e sai assado. Principalmente no comércio! De modo que

recebi um telegrama do meu correspondente em Paris e tive de embarcar no paquete mais próximo. Cheguei agora mesmo. Venho enjoado do mar e aborrecido da vida a bordo. Que maçada, não imaginas! Vocês dão-me cá cómodo em casa, como eu lhes mandava pedir? Apesar de viver só no Pará, tenho sempre pena de não haver arranjado família. É como um homem vive feliz. Eu fico em qualquer canto, não se incomodem vocês.

— Eu mando arranjar o quarto num momento. E venha o tio ver os pequenos, o seu afilhado e a casa. E tomar alguma coisa, que deve trazer vontade.

— Não será mau, não será mau.

— Artur! — chamou toda radiante a Maria do Resgate.

Uma criança apareceu de bibe curto às preguinhas, todo garrido de rendas e entremeios. Era forte e vermelha, de grandes olhos' e boca pequenina. Tinha uma barretina de cartão na cabeça e uma espada na mão, meias de lã às riscas, ares de guerreiro vitorioso.

— Eh maroto! — fez o tio Sabino com um movimento para agarrar o pequeno.

— Quem é, mamã?

— O teu padrinho, pateta; pede-lhe a bênção e dá-lhe um beijo. — O pequeno obedeceu.

— Gostas de mim, gostas? — inquiria, fazendo inflexões ternas de voz, o velho comerciante. E para o entreter prometia-lhe caixas e caixas de bonitos que trouxera na bagagem, para ele só. Cobria-lhe as faces de beijos, dizendo: — Pareces-te com o teu pai, tens o ar e os olhos da nossa gente, marotinho. E loiro e valente, eh!...

Maria do Resgate dava ordens na casa de jantar, revolvia as gavetas do linho rico para a cama do hóspede; ia-se estrear a colcha de damasco amarelo, com pássaros, que o Carvalhosa adquirira num leilão. E dos guarda-louças saía a melhor porcelana inglesa, quase transparente, com filetes delgados, de caros esmaltes em mosaico. Quando tio Sabino entrou na casa de jantar teve como um deslumbramento. As crianças saltavam-lhe nos joelhos fazendo perguntas sobre tudo; as cortinas de cassa, afastadas para a banda, deixavam entrar o sol tépido de Inverno e a pureza incomparável do ar. Pelas janelas, abrangia-se o panorama mais vasto e pitoresco da cidade e

do rio; os canários cantavam celebrando a alegria da hora e comendo a alface fresca e tenra presa nos arames das gaiolas; no aparador de carvalho, de ferrarias cinzeladas, as frutas e as passas, às pinhas nos açafates das Caldas e umas fruteiras de vidro, sorriam em disposições simétricas; tinham posto flores frescas nas jarras e descoberto a face de cristal polido do faqueiro de prata em estojo de veludo cereja. Um gesto, um conforto e um asseio aromáticos pareciam cristalizar naquele interior a felicidade doméstica, como um diamante nos três dentes de um engaste. Havia um só talher, mas as crianças pediram mais lanche e foi preciso, para as satisfazer e agradar ao tio Sabino, sentá-las à mesa, aos lados do velho, doido de alegria e cheio de comoções de ventura.

— Vocês aqui devem ser muito felizes — dizia ele mirando tudo. — Vê-se de tudo isto que devem ser bem felizes. Ah!.. . eu nunca tive família, senão criança. Que bem que isto faz!

E dilatado referia a sua história, os contratempos dos primeiros anos, a avareza febril com que são contadas, embrulhadas e adoradas as primeiras economias, a cidade

de projetos construída à medida que se avança no negócio, a doida embriaguez com que se recebem as primeiras felicitações quando nos pressentem ricos. Que mundo de aéreas fantasias, que titilamentos de ambição sem termo!...

Por três ou quatro felizes, sessenta e mais partidos da pátria com entusiasmo, saúde e esperanças, e cedo entregues à miséria, ao envilecimento e à morte. — E referia as casas de malta das cidades americanas, onde numa promiscuidade ignóbil apodrecem dezenas e dezenas de pessoas; os miasmas das respirações acumuladas e dos corpos sem higiene; as ásperas fadigas sem paga, dos miseráveis sem proteção!

O seu ideal fora sempre um ninho como aquele de Maria do Resgate, no meio da família e entre crianças loiras. — Maria do Resgate sorria às expansões calorosas do velho, satisfeita de o ver contente e comovida da história daquele trabalhador infatigável, que só captara as simpatias da riqueza ao cabo de trinta ou quarenta anos de labuta. Sem querer, tinha reparado numa coisa — o tio Sabino não oferecia na pronunciação o menor ressaibo brasileiro. O Alfredo apontara-lho como homem inteligente e amigo de

leituras; bem podia ser por conseguinte que aquela correção no dizer, um pouco lisboeta porventura, fosse esforço de estudo e evidente resultado da resistência ao contágio. Não pensou mais em tal, dali em diante. O chapéu do Chili, as botas de larga tromba, a pele seca e trigueira, a longa barba corredia e os dentes encravados em gengivas fofas de cárie, atestavam de sobejo o negociante do Pará, enriquecido pelo trabalho de toda a ordem, e filtrado durante longos anos, através as gradações que vão da miséria ao conforto. A refeição durou muito, porque o tio Sabino era falador, e a cada passo interrompia a mastigação para fazer festas aos pequenos ou dar palestra à Maria do Resgate. Quando se ergueu da mesa, um rubor se lhe alastrara na pele. Pediu licença para acender o velho cachimbo de cipó, representando um tigre cingido por uma boa, coisa, segundo afirmava, sem que não podia passar depois da comida. Foi até à janela, e esteve largo tempo debruçado ante o panorama magnífico da cidade cheia de sol. Tinha nos dedos enormes anéis de brilhantes, e um grosso cordão de ouro lhe servia de corrente de relógio. Os cabelos, um tanto raros nas fontes, arrepiavam-se-lhe para trás, descobrindo os ângulos de uma testa abaulada, de

teimoso. O nariz astuto e cartilagíneo era móvel nas asas, caindo aduncamente em gancho. Sorrindo, uma contração franzia-lhe as comissuras da boca roxa. Era antipático à primeira vista, mas a voz e a palestra insinuavam-se, agradando. Maria do Resgate foi dar a última vista de olhos pelo quarto que a criada acabara de arranjar, e voltou dizendo:

— Que estava pronto e quando o tio quisesse...

O negociante não se fez demorar. Ia mudar de roupa e saía até ao jantar a fim de conduzir as bagagens, e encomendar camisas no Leão da Europa, mais modernas.

— Pois, vá, vá — dizia a Resgate, de aventalinho branco. E tagarelando:

— O tio desculpa-me a desordem que vai por essas casas, sim? Como não esperávamos ... E demais tenho uns engomados.

O quarto era a alcova do Carvalhosa, forrada de branco, frisos de ouro aos cantos. Ficava ao centro o leito de ferro fundido, ornado da colcha de damasco amarelo e envolto nas amplas asas de um dossel de casquinha dourada, onde

dois pombos trocavam beijos. em frente da janela uma consola com pedra branca sustentava um grande espelho oblongo, de moldura negra e serpentinas aos lados. Do outro lado, sobre a banca de noite havia um despertador de cristal e uma palmatória de prata dourada, com vela. O quarto era contíguo ao toilette de Maria do Resgate, e a porta aberta permitia observar a desordem daquele interior; frascos destapados, sabonetes húmidos diluindo na água das bocetas de porcelana, água suja no lavatório, uma caixa de prata fosca representando um pêssego, aberta, com pó-de-arroz, à borda do tremó em ferradura; ao canto a banheira tépida exalando perfumes de Agua Farina e vinagre de Lubin, uma dúzia de anéis sobre um cofre; escancarado, o guarda-vestidos, e uma gaveta aberta mostrando um cofre de joias, lapidado, em que as pulseiras, as medalhas e os pingentes se enroscavam tremeluzindo, em volutas de serpente fantástica. Justamente, por instinto de vaidade, Maria do Resgate não fechou a porta que separava daqueles aposentos o quarto do tio, querendo que ele visse a sua riqueza, pudesse aspirar os perfumes de que ela fazia uso, ficando ciente dos mil cuidados em que envolvia o corpo branco, de burguesinha garrida. Do

toilette ia-se para a sala e para o escritório do Carvalhosa. Havia no escritório um contador de charão com ferrarias maltesas que tinha abertas as portas e a chave na fechadura — era onde se guardava o pecúlio adquirido e acumulado. O tio Sabino percorreu rapidamente os três compartimentos, sala, escritório e toilette que comunicavam entre si, e por onde se podia entrar por duas portas, pela da sala que dava para a escada, e pela da alcova onde ia dormir. Bem! Lançou ruidosamente a água na bacia do lavatório, tirou o fraque de cheviote cinza, arregaçou as mangas da camisa de chita, e atirou com as botas. Lavava as ventas, bufando de satisfação. Dobrou cuidadosamente o fato que despira, e meteu-o na mala donde já fizera sair uma rica farpela de pano preto. Pôs camisa lavada e envergou a farpela nova. Diante do espelho apartou a guedelha, e sacudiu a poeira das botorras, cantarolando:

Ai — i — ó — ai!

Quem escorrega também cai.

E, paramentado de rico, fez ainda sair da maleta de couro uma espécie de saco de lona com fechos de correias.

Debaixo da cama, por esquecimento, tinham ficado as alpargatas do Carvalhosa. O tio Sabino calçou-as, as suas narinas palpitavam. Correu o fecho da porta cautelosamente, foi até ao escritório do Carvalhosa e sacou da gaveta do contador uns rolinhos de libras; de passagem pelo toilette arrecadou o cofre de joias, os anéis e a caixa de pó-de-arroz; de cima da banquinha de noite desapareceu a palmatória de prata dourada e tudo foi arrecadado no saco.

Ai — i — ó — ai!

Quem escorrega também cai.

Fechou destramente o saco, tendo-lhe metido primeiro a camisa de chita que despira, a fim de não tinirem dentro os metais. E de chapéu à banda e cachimbo na boca saiu, o saco pendente, fechando a porta e tirando-lhe a chave. Ninguém estava no corredor; Maria do Resgate engomava na saleta; as crianças na cozinha cortavam papagaios, chilreando.

— Até logo, minha sobrinha, até logo.

Ela veio correndo, com o seu riso afetuoso.

— O jantar é às cinco, sim? Mas, querendo, dá-se ordem para mais tarde.

— Qual! Não temos precisão de incómodos. Às quatro e meia estou.

Deu-lhe dois beijos na testa, levantou ao colo os petizes dizendo-lhes calinices. A moça abriu a cancela para ele sair.

— Tenho bem que dar às pernas ainda hoje — ia dizendo o tio Sabino. — Ir à alfândega, ir ao cônsul, ir à camisaria, ir tomar medida de roupa ao alfaiate... Até logo, até logo...

E com a mala pendente, o lenço escarlate fora do bolso do fraque e a bengala debaixo do braço, desceu a escada, cantarolando:

Ai — i — ó — ai!

Eram seis horas da tarde e nada do tio Sabino.

— Talvez se demorasse na alfândega.

Sete horas, e Maria do Resgate acaba de notar a porta da alcova fechada. Diabo...

No dia seguinte a polícia andava em campo para descobrir o larápio, que com tamanha pilhéria roubara a família

Carvalhosa. Nem o hábil Antunes, nem o sagaz Castelo Branco, nem o astucioso Ferreira conseguiram coisa alguma.

É necessário cuidado com os tios da América.

A IDEIA DA COMADRE MÓNICA

Logo nos fins de Setembro, quando tinham caído as primeiras gotas de chuva, o Canelas tratou de encetar a sua vindima. Não era cedo já, a falar sério. Havia duas semanas que o Garrocho começara, e que muitos lavradores tinham aberto os seus lagares. A novidade prometia. O Verão ia temperado, no Inverno não chovera de mais, e desta moderação de clima provinha a riqueza dos cachos e a vigorosa maturação dos frutos. Feitas as contas, o Canelas devia seis moedas ao todo. O da Vanga emprestara-lhe três libras para comprar o jumento na feira da Vidigueira; devia quatro meias coroas ao boticário, da doença da mulher; devia ao médico; devia uns fiados na loja; oito mil réis, das casitas. Se fosse feliz na colheita da uva, pagava tudo e ainda guardava a sua tarefazita de vinho. Deus ia ajudando um homem, dizia ele para a 'mulher, e quando o pequeno fosse crescido melhor passariam. Assim, uma bela manhã, o Canelas com a

mulher e o filho deitaram caminho das vinhas, mais o burro. Pela estrada iam encontrando os ranchos de vindimadores; os rapazes trigueiros e musculosos da freguesia, ceifões e polainas, os chapéus, de grosseiro feltro, derrubados para diante; grupos de raparigas, de sangue vivo, grandes olhos ardentes de meridionais, os cestos ao quadril; velhos trabalhadores corcovados, de barrete, alforge ao ombro, atrás dos seus jumentos vagarosos, felpudos e pacíficos; pesados carros de duas. rodas calçadas em chapas de ferro, luzentes do atrito no saibro das estradas e pejados de enormes cestões de verga, para o carrego das uvas. A cada volta do caminho convergiam veredas por onde os magotes derivavam, dando «Boa fortuna!» aos que se dirigiam para outro sítio. O campo naquele tempo começava a perder o viço. Entre vinhedos de um verde carregado, emaranhado e pitorescamente confuso, alastravam-se a perder de vista os ferragiais amarelos, secos de raízes do trigo ceifado, onde as ovelhas mansíssimas, sonoras de chocalhos, pasciam destroços, as ervagens finas dos barrancos, os fenos fibrosos dos córregos e as gramíneas deixadas nos valados. A região, sem grandes depressões atrevidas, sem

cordilheiras de arestas a prumo, oferecia à contemplação um aspeto sereno de ondulações graduais, moldadas quase na mesma curva regularíssima; toda a zona abrangida num olhar, sofria o cultivo solícito e amigo da aldeia próxima, branca aglomeração de casinholas de taipa, sem estrutura regular, desenhada no fundo cinzento, metálico e um pouco triste das grandes oliveiras de troncos fendidos. A leste, no esfumado anil da massa de ar, linhas quebradas de vales distantes esboçavam-se risonhamente na luz da manhã. Nos limites da freguesia, a herdade assinalava-se com azinheiras gigantes e sombrias, grandes braços peludos de musgo, contorcidos como numa desesperação sem remédio, contra o risonho céu transparente, bordado pelo algodão das nuvens em farrapinhos ténues, como um capricho de criança. O Canelas dirigiu-se à sua vinha, que ficava distante.

— Olha se nós recolhemos este ano um potinho de vinho!. .. Vendido, dava bem para um porco de quatro arrobas.

— O vinho há de estar barato — disse a Luísa, a esposa.

— E eu hei de ter uns sapatos — gritou o garoto, saltando com os seus rijos pés imundos, na poeira da vereda. O burro, de orelha pendente, o passo refletido, o olhar tristonho e lírico, ia caminhando, todo coberto de moscardos. À frente de todos, o cão Bedelho corria e ladrava às perdizes. O ar aquecia, o Sol rebentava no céu a cascata da sua luz crua e candente, enquanto nos silvados e nas faias do próximo ribeiro os garotos dos melros, na frescura húmida das folhas espalmadas, faziam troça da companhia.

A vindima durou-lhes quatro dias, e a novidade fundira-lhes bem. Foi um tempo alegre, o que passaram. Enquanto a Luísa, toda arregaçada, de chapeirão nos olhos, colhia os frutos mais o filho, cantando, o Canelas, com uma vara de marmeleiro, dirigia o burro carregado com dois cestões cheios, da vinha para a aldeia, e com outros dois vazios, da aldeia para a vinha. Quando acabaram o tráfego, houve jantar de carne, para que foi convidada a vizinha Mónica, madrinha do rapaz. E à noite, na banca da casa de fora, jogaram-se cartas, a Padre-Nossos.

— Quando for tempo — disse a Luísa à comadre — há de provar um copinho do nosso. — A Mónica arrebitou a penca, um riso guloso.

— Agora para o Inverno, que é para aquecer. — E vieram as confidências, os orgulhos do bom governo de casa, a feliz plenitude de não deverem nada a ninguém, senão obrigações. Tinham pago ao médico, tinham pago à botica, ao da Vanga os oito mil réis das casas... E ainda, na despensa, ao canto, fervia a talhita de mosto, objeto das mais caras esperanças e base de uma abundância de chouriços em casa pobre, no Inverno que ia entrar.

A Mónica, seca figura de viúva pobre, seios chatos e estéreis, um grande lenço de chita preta no pescoço, as contas de louça desfiadas a Glórias e a Salve-Rainhas durante a monotonia dos serões, roía-se de inveja, um riso amarelo de comilona e de desamparada. E formulando bons desejos que não sentia, ia pedindo a Deus desse aos compadres tanta fortuna como desejava para si própria. O casal agradecia. O Canelas, a espaços, esfregando as grossas mãos de cavador, observava:

— Esternos pagos e satisfeitos! Cinco senhoras!

— Esternos pagos e satisfeitos! — E, em coro, todos formulavam planos de futura propriedade: a compra de uma courela à Barrada, a aquisição de uma adega e a postura de bacelo, nas terras da Pichaleira. A Luísa tinha precisão de um capote de pano para ir à missa; indagava da comadre qual era o preço, queria do bom!

— O meu — dizia a Mónica — custou-me quatro sobranos. Ainda foi no tempo do meu homem, que Deus tenha. Que hoje!. . . Quero um trapo de uma saia e tenho de o ganhar.

Desde aquela festança, a Mónica cresceu de desvelos para o afilhado, vinha todas as manhãs saber como tinha passado a comadre, e como estava o pote do vinho.

— Nada para sustância como dois dedos de sumo. Logo pela manhãzinha, que regalo!...

E armavam grandes palestras a respeito do tempo, das lavouras, dos casamentos e dos escândalos. A filha do Cardoso estava maluca pelo Francisco da Balsa. Contavam-se coisas bonitas. O mundo ia por água abaixo. E, por transições subtis, aludiam ao pote da despensa. Um

domingo provaram. Era todo vermelho, transparente e fluido, de um aroma delicado de roupeiro e moscatel. «Boa gota, comadre! Sim senhoras. Boa gota!» dizia a Mónica, beberricando. E com um estalo de língua: «É de rachar pedras, caramba!» — De tarde sentiram a cabeça pesada e foram-se deitar muito vermelhas. No outro dia, outra. Cada vez sabia melhor. O rapazito estava na escola, a tratos com o Monteverde. À noite, depois da ceia, o Canelas ia logo para a cama, cansado de cavar desde o romper do sol nas fazendas dos senhores proprietários da terra, e não dava pela falta. Elas, as duas, em se apanhando sós, era aos quartilhos. E dilatadas em narrativas eróticas de frades, de estudantes e mulheres infiéis â honra conjugal, passavam as tardes juntas e os serões, com grandes risadas, uma profusão de gestos e de palavras, certa licença de epítetos, reparável.

Finalmente, pelo Natal, o Canelas foi emechar o seu vinho, segundo o uso. Destapou o potito: Que diabo!. . . Estava quase meio. Chamou a Luísa, todo desconsolado.

— Ó mulher, não sabes? Temos o pote em meio. Quem tirou daqui o vinho?

A Luísa debruçou-se, muito admirada.

— Santo nome de Deus! — exclamou. E com um acento choroso: — Ora vejam a nossa desgraça!

— Tu bebeste-lo, mulher! — afirmou o Canelas. Ela encarou-o duramente, sem resposta. O Canelas aprumou-se, colérico.

— Tu vendeste-lo, mulher! — A Luísa voltou-lhe as costas, desdenhosa. À tardinha, depois de uma cena violenta, o Canelas saiu. A mulher foi a casa da comadre contar tudo, pedir conselho. A Mónica depôs a meia, tirou os óculos gravemente.

— Ai, não tenha receio. Esta noite, arranja-se.

— Mas como, comadre, como? Se ele sabe de tudo, ai espinhela! — Foi para casa cheia de medo. O Canelas voltou à noite para cear, taciturno, abatido, sem dar palavra. Bateu no pequeno mal achou pretexto, atirou o chapéu com mau modo ao entrar no quarto da cama, resmungava:

— Estas bêbedas, senhores!... — Não dormiu toda a noite, a pensar no seu vinho e a amaldiçoar a hora em que

casara. Mas não vira nunca a Luísa alegre, não tinha motivos de suspeita. Havia bons anos que não guardava vinho. O pote, de barro, estava talvez seco, era poroso, tinha seis gatos no bojo, podia ser que absorvesse, ou deixasse sair o mosto. Mas tanto!... Deram dez, deram onze, deu meia-noite, e ele às voltas na cama. De repente sentiu correr no telhado. Pôs o ouvido à escuta. Ouviu rir. Uma voz gritou: «Canelas! Canelas!» Riam, aos pulos, nas telhas. «Canelas!» Santo nome de Jesus! Era o diabo! Chamou a Luísa: — Ó mulher! Não ouves? «Canelas! Canelas!» — Começou a rezar o Credo, enganava-se no meio, começava outra vez, não sabia concluir. Diziam:

— Vamos ao vinho! — E a correria continuava. — Vamos ao vinho! — O pobre estava em apuros, varado de medo.

No outro dia, mal luziu o buraco, saltou fora da cama, vestiu-se às apalpadelas, pôs a manta ao ombro, agarrou nos alforges, desprendeu o burro e partiu para o trabalho. Tinha a cabeça em água, não se lhe tiravam da mente os gritos e as risadas. Canelas! Canelas! Então, as bruxas andavam com ele? Vamos ao vinho! Vamos ao vinho! E senti-las-ia correr no telhado todas as noites, aos berros e

às gargalhadas, distribuindo os seus pobres almudes pela comunidade, e ainda em cima escarnecendo^. Durante o dia viram-no metido consigo, acabrunhado, carrancudo, dando enxadadas na terra desesperadamente, a suar como um cavalo.

Ao cair da noite entrou em casa; a Luísa estava ao canto da chaminé, diante do lume de azinho, o xale pela cabeça, ' aspeto adoentado e beato, o rosário entre os dois dedos. Demais, grávida de cinco meses...

— Ora santas noites!

— Santas noites!

Reparou na postura da mulher, tão finadinha como um carapau.

— Que é isso? Estás doente?

— Deixa-me, ando morrendo, mesmo morrendo. Todo o santíssimo dia com febre, calafrios, dores. Ai!... e nas cruzes.

— Mas o que é?

Ela disse choramingando:

— Não vivo muito, não!

O Canelas comoveu-se:

— Estás doida! — E solicitamente, achegando-se:

— E a respeito de vontadinha de comer, há?

— Nem nada, marido. Ainda hoje me não entrou migalha nesta boquinha de Deus. Tudo me sabe mal.

— Mas não apeteces nada? Chá e fatias; mata-se o galo.

— Ai, não! Só apetecia uma coisa. Mas não, é melhor não.

— Diz o que é, anda. Se for caro, compra-se ora!...

Ela ficou calada, rezando automaticamente.

— Então, que dizes? Que apeteces? Vamos.

— Olha, o que eu comia bem agora eram uns peixinhos da ribeira das Sormarias. Tenho mesmo vontade, mesmo de dentro. — O Canelas foi logo albardar o burro, agarrou num cesto e pôs-se a caminho, sem querer ouvir mais.

— Não tenha algum desmancho — ia ele dizendo.

Apenas lhe não sentiu os passos, a Luísa correu a chamar a comadre. Entraram ambas na despensa. Tinham metido o resto do vinho num odre; uma agarrou por um lado, outra por outro, e arrastaram o couro túrgido até à porta. Era noite fechada e ninguém passava na rua. Das chaminés evolava-se o fumo dos lares, ouvia-se rir nas habitações das famílias, e um cão latia no campo, sem eco, enquanto, acalentadas no berço, as crianças choravam. Dali a pouco as duas viram chegar o Coxo, taberneiro, pesada figura de velhaco, apoplético, gorro sebento, um riso desdentado de patife, ironias bestiais, navalha.

— Venha o bago! — disse a Mónica. — O Coxo quis roubar-lhe um beijo. A Luísa ocultara-se atrás da porta.

Podia ter vindo mais cedo — disse a velha. Estendia as mãos ao preço do odre, dizendo:

— São três almudes, tinto; a quartinho, três mil e seiscentos. Sete meias coroas e mais um tostão. Barato como pouco. — O Coxo de o dinheiro, pegou no odre, e foi-se depois de ter cingido amorosamente o estafermo.

— Agora — disse a Mónica — venha a minha comissão e aqui tem o dinheiro.

A Luísa deu-lhe seis tostões.

— Vamos à ribeira — disse ainda a velha. Embrulharam-se nos xales, fecharam a porta; à socapa, saíram para o campo, e apenas na estrada, deitaram a correr. Era quem mais podia, por aquelas ladeiras, acima, em direitura à ribeira.

Ai que arrebento! — dizia a viúva, arquejante, a espaços. Afinal chegaram' ao sítio. Pararam, em conferência.

— Tu vais para o outeirinho de lá. Eu fico, mesmo em frente, agachada na rocha. — Assim foi. Não viam nada à roda. O céu pesava de grossas nuvens caliginosas e trágicas. Esbarravam com as azinheiras seculares, caíam sobre carrascais e tojeiros. Nas trevas, as ramas torcidas pelo nordeste tinham gestos agressivos, de réprobas. Por todo o campo, quando passava a rajada, sentiam-se risos abafados, segredos de feiticeiras, a sombra mexia-se, ondulava, tinha transmutações sinistras. O Canelas, no entanto, estava metido à água, com o cesto no braço

puxando a linha da isca. ainda não conseguira apanhar peixe; o medo agoniava-o. Se as bruxas soubessem que estava ali! ... De repente, caiu uma pedra na ribeira, e esboroamentos de terra foram descendo, como deslocados por pé em falso.

— Mau! — E o anzol não prendia. — Diabo!...

Pareceu-lhe que diziam segredinhos nas barranceiras, acima da sua cabeça. Andava gente em cima, viu um vulto acocorar-se.

— Ó camarada! — gritou ele, em tremuras. Tudo calado. Puxou a linha; nada! De repente, uma voz moribunda chamou:

— Berrabás!

Outra respondeu:

— Satanás! — O Canelas não sabia de que terra era! O que faria à sua vida? Ali acabava naquela noite. Benzeu-se. Iam dar cabo dele, espetar-lhe agulhas nos rins, meter-lhe à força um sapo nos dentes... Tornou a voz:

— Vamos afogar o que está na ribeira?

— Não, que a mulher está rezando o rosário à Virgem.

— Olhem se a Luísa não tem ficado rezando ao lume, hem? Santa mulher! — Como ele estava agradecido às suas orações!...

— Berrabás!

— Satanás. — Um cão uivava funebremente, no casal do Peles. O Canelas batia os dentes, deixara cair o cesto. O vento dava risadas de escárnio, dançavam as azinheiras e o céu fazia ouvidos de mercador. A voz insistiu:

— Vamos afogar o que está na ribeira?

— Não, que a mulher está rezando à Virgem.

Dali a nada:

— Berrabás! ... Satanás!

— Vamos a beber-lhe o vinho? — O Canelas pulou: — Com mil raios!

— Vamos.

— Vamos a partir-lhe o pote?

— Vamos.

O desgraçado ergueu as mãos desesperado e murmurou chorosamente:

— Ai a minha desgraça! Ai o meu rico vinho tinto!

Alta noite, a Luísa, enrolada sempre no seu xale, rezando sempre as suas contas ao canto do lar, viu romper pela casa dentro o Canelas esbaforido, sem peixes, sem anzóis, sem sapatos, sem chapéu, sem manta, alagado em suor, trémulo de medo e morto de cansaço. Contou tudo à Luísa:

— E vai, ouvi dizer: «Vamos a beber-lhe o vinho? Vamos. Partimos-lhe o pote? Partimos.» Tu sentiste alguma coisa, mulher? — A Luísa persignava-se, com os olhos em alvo.

— Eu nada — disse ela. — Não senti nada: uma coisa assim!...

Foram ver à despensa. Tinham bebido o vinho e o pote estava em pedaços. Entraram a chorar. Veio a comadre.

— Que é lá isso de prantos nesta casa? — disse ela, aflita. Contaram-lhe.

— Pois eu lhes juro que as bruxas nunca mais os perseguem. Sei as orações de as afugentar.

De facto, nunca mais tornaram, nem bruxas nem boas vindimas, nem potes de vinho.

Tal foi a ideia da comadre Mónica.

HISTÓRIA DE DOIS PATIFES

Toda a manhã, Fernanda andou impaciente pelas casas, esperando os gatinhos. Ao acordar, fora aquela a sua primeira ideia — os dois pequeninos animais, cheios de viveza e graça, em cujos olhos ria uma inocência travessa e doce. Havia tempos que a tia Consuelo lhos prometera, quando fossem crescidinhos. E a cada visita à boa senhora, Fernanda levava horas e horas com eles, brancos de neve, uma finura de penugem que acariciava a pele, as duas cabecinhas inquietas com orelhas que se fitavam petulantemente, a cada ruído do gabinete. Fernanda tinha uma paixão por aqueles dois diabitos brancos que levavam os dias, ou sugando as tetas da mãe, grande gata de pêlo fulvo e pupilas glaucas, ou rebolando no tapete os corpinhos elétricos, numa embriaguez de vida que fazia prazer. O gato era o mais leviano, com as suas patinhas fofas e os dedos rosados na planta, de que as unhas transparentes e curvas saíam desembainhadas, nos

momentos de irritação, se lhe pisavam a cauda. Tinha os olhos azuis, cheios de fibrilhas inquietas mais escuras, uma ingenuidade selvagem no encarar, fitando as orelhas veludinosas, em que parecia residir toda a petulância dessa cabeça infantil. O focinho cor-de-rosa, com barbicas alvoroçadas, sorria um pouco, mesmo quando assanhado, e de gengivas, vermelhas e húmidas, os dentinhos em serra, agudos e pequenos, ressaíam gulosos, desafiando a gente. A gatinha afetava mais seriedade e mais coquetterie, uma ambição contida de se fazer senhora, e uma ciência complicada em se fazer amar do macho. Nunca era a primeira no ataque, e zangava-se, mal pressentia uma ofensa. À comida exigia os melhores pedaços, rosnando sôfrega, com a pata eriçada de unhitas curvas, contra o primeiro que lhe chegasse ao prato. Dormitava muito, como a mãe; às vezes o irmãozito chegava-se cauteloso, estendendo as patas e movendo vagarosamente a cauda, as pupilas cheias de um clarão de patifaria. Com um movimento destro erguia uma pata — zás! — no ventre da sua companheira, que entreabria preguiçosamente os olhos, imóvel, com o focinho enterrado na penugem do ventre. Esta indiferença benévola arrojava o gaillard do

gatinho a maiores garotices. Chegava-se muito meigo, unhas escondidas, o dorso alto, as orelhas chatas e deitadas para trás. Com as duas patas da frente, cingia o pescoço da pequenina, e entrava a morder-lhe repetidamente o]?eito, os lábios, a pontinha das orelhas, enquanto com as unhas traseiras lhe raspava voluptuosamente o ventre e as coxas, provocando cócegas.

Ela estremecia, toda percorrida de um gozo íntimo e alongando o corpo para trás; e de ventre para o ar ficava imóvel, espreitando, com a boca entreaberta e os olhitos reluzentes de uma cáustica lascívia, de bacante nua. Abraçavam-se então, lutando, as caudas em espiras; armavam saltos por cima dos móveis, iam esconder-se nas franjas espessas dos fauieuilí muito baixos e, suspendendo-se em cacho dos pés esculpidos das consolas incrustadas de metal e madrepérola, sacudiam-se, balançando os corpos como dois ginastas em exercícios de destreza. A tia Consuelo impacientava-se já de semelhantes correrias. Descobria uma nódoa no carmesim do divã da sala e achara estripado a unhadas o ventre de uma antiga bergere preciosa, do tempo da senhora infanta D. Ana. Além disso, a

estroinice dos brutinhos punha uma nota impertinente na monotonia sonolenta da casa, antiga casa cheia de silêncio e conforto, onde o piano dormia meses inteiros e os móveis do salão alinhavam, como colegiais em revista, os seus bojos vestidos em camisas de bretanha.

A gatarrona mãe, toda insensível às festas, muda e empertigada como a dona da casa, era tão indolente como esta; e ao lado de D. Consuelo, sobre uma almofada de seda, dormia dias inteiros, com uma coleira escarlate de fechos de ouro. Só ela, com a sua idade circunspecta e a sua moleza freirática, dizia bem no salão de cores austeras em que D. Consuelo recebia os padres de S. Luís e as irmãs do Coração de Maria, e levava as tardes sepultada na voltaire, toda amortalhada em veludo negro, touca de rendas pretas e as Meditações sobre o Divino Jesus nos joelhos. De forma que, um domingo, determinou expulsar do santuário os patifes ruidosos, o que alegrou Fernanda vivamente: ia enfim ser toda daqueles garotinhos gentis e ferozes.

Era domingo, luminoso dia de primavera germinadora e florida, sonoro de rumores de gente festiva e cortada de

voos de andorinhas meigas, que entravam a construir os ninhos pelas cimalhas das águas-furtadas. Fernanda não quis almoçar sem que os bichos viessem; conseguira dois lugares à mesa para eles; a gatinha ficar-lhe-ia quase no colo, o gato mais longe, com um pratinho de porcelana provido dos melhores bocados. E que nome lhes poriam? Foi um meditar profundo sobre o problema.

Houvera em casa uma gata francesa, que morrera de velha e tinha um rabo branco caricioso — a Blanche. Pobre querida! Estava sepultada no jardim entre duas roseiras de todo o ano. E Fernanda recordava o seu modo subtil de se roçar pelas saias à comida, com o ronrom dolente de uma beata oferecendo rezas, e o seu comer dificultoso de desdentada, rejeitando os ossos das perdizes e. preferindo bolos fofos, de recheios aromáticos, que ao almoço se serviam em pilhas, sobre cabazinhos de rosas, de velho Sèvres rococó. E aparecera morta uma manhã de inverno, ao pé do lago. A gatinha devia chamar-se Blanche também, um nome da cor do seu vestido cetinoso de princesa. Mas o Artur, o garoto mais velho da casa, era de opinião diversa. Segundo ele, deviam batizar-se os dois bebés, na banheira

de mármore do rés-do-chão, sendo ele padrinho, mais o trintanário.

Mergulhariam os moiritos na banheira cheia de uma água perfumada, ao som de rezas que só ele sabia, e de umas bengaladas valentes, ao primeiro berro que soltassem os neófitos, na banheira trasvazando. Depois do que, seria servido vinho aos pequenos, com aplicação de pancadaria suplementar e guizadas ao pescoço — o que os tornaria fortes, avisados e aptos à compreensão da vida e à constância na luta com as arganaças, que por acaso encontrassem nas excursões à despensa ou às cocheiras da casa. Fernanda magoou-se com semelhantes opiniões, e quase chorou pelos pobres inocentes que lhe mandava, do fundo do seu conforto beato e egoísta, a boa tia Consuelo. Quando eles chegaram num cabaz de vimes, com laços ao pescoço e um pouco assustados da jornada, Fernanda não sabia que fazer para melhor exprimir a sua satisfação: era um coro de risos cândidos e gorjeios inocentes; ia do pai para os joelhos da mamã e, esquecida já das maldades do Artur, passava-lhe os braços ao pescoço, cobrindo-lhe a face de beijos. Quisera para os dois gatinhos todo um

palácio de seda e gulodices, com o seu trem completo de cozinha, a longa bateria de peças de folha reluzentes e pequenas, fogões instalados nos respetivos poiais de madeira pintada, um serviço de porcelana fina, mobília e carruagens elegantemente forradas a pedaços de cetim de todas as cores, lavatórios e leitos, uma multidão de objetos microscopicamente construídos, que a paciência da manhã adquirira durante uma semana inteira de investigações, pelos armazéns de quinquilharias da cidade. E a instalação, que encantadora e que trabalhosa! ...

A gatinha saltava desdenhosamente por cima das otomanas e das causeuses delicadas, atirava com lavatórios e caçarolas, fazendo com a cauda desabar os guarda-louças tão ricamente providos. Quanto ao gato, foi impossível metê-lo no quiosque dourado, onde tantas preciosidades de mobília se acumulavam. Ao primeiro esforço de Fernanda para o fazer entrar, assoprou raivoso, desembainhando unhas ameaçadoras contra a doce protetora, que tão generosamente lhe ofertara opulência e conforto. E, apenas o largaram no parquet,, desatou a fugir pelas salas como

um desalmado evadido. Em breve, Fernanda se persuadiu da impossibilidade completa de fazer caseiro o ménage.

E a pomposa e pequenina residência passou a ser habitada por uma família extraordinária de bonecas de todos os tamanhos. A paixão do loiro amorzinho pelos dois maus animais vertia agora o fel de uma ingratidão profunda. Ela não podia compreender realmente o desdém soberano dos gatos pelas magníficas provas de amor que lhes dera, no seu entusiasmo de pequena caprichosa. E, nos primeiros dias, os seus afagos para os gatinhos orvalhavam-se das lágrimas de um ressentimento angélico e mal contido. Eles, os dois patifes, adquiriram pouco a pouco a sua franca e leviana liberdade; ao almoço e ao jantar subiam pelos vestidos e pela toalha, reclamando em voz alta o seu talher de pessoas de família; atacavam sem a menor cerimónia os pratos que apanhavam sem guarda no aparador e nas bancas da cozinha; iam miar em coro por baixo das alcofas da carne crua e dos cabazes providos de peixe fresco; escamugiam-se sorrateiramente para a despensa, a encherem os bandulhos de quanto apanhavam de suculento, e umas vezes por outras, nas noites húmidas e

chuvosas, tinham o péssimo costume de afiar as unhas nos mognos polidos e nos estofos matizados dos gabinetes, sulcando e rasgando, sem preferência e sem atenção de preços. Fernanda ria com eles e achava-os de uma graça cativante.

E, a todo o transe, defendia-lhes as velhacadas, orgulhosa de sofrer pelos que amava com tamanha loucura.

Chegou o dia dos anos do Artur — uma quinta-feira, em Maio. Determinaram ir passar o dia à quinta, em Carriche.

Ia a boa dama Consuelo, as pequenas Magalhães, as primas Lopes e todo o mundo infantil da família. Na véspera, disfarçadamente, enquanto Artur estava no colégio, Fernanda saíra com a mamã à compra de presentes para o dia seguinte. Tinha um mundo de projetos na mente: torres ideais de cartonagem com sinos dourados e portais de colunelos; jardins de cascatas surpreendentes; grandes exércitos de chumbo formados em ordem de ataque com baterias de latão; as arcas de Noé, em que reside um mundo inteiro de bugigangas coloridas; esquadras empavesadas de flâmulas com almirantes de estanho, comandando tripulações de madeira suíça; pequeninos

teatros com figuras de verniz e paisagens ternas de Nuremberga; tudo quanto a fantasia pode realizar de pueril e caprichoso e quanto uma criança pode exigir, na incoerência dos seus devaneios cor-de-rosa.

A mamã aconselhava um cabazinho de doces frescos, do Baltresqui. Era mais delicado! Mas Fernanda tinha os olhos numa catedral de madeira branca, elegantíssima de cúpulas e rendilhados, por cujo pórtico profundo e alto, na sua escadaria de balaústres góticos, uma multidão de fiéis ia subindo, colada com goma-arábica.

— Que lindo, mamã, que lindo! — dizia ela pousando devotadamente as suas mãozinhas toute roses no magnífico zimbório com ventanas de espelho e ornatos de cartão, representando faunas engalfinhados. E imperiosa, empertigada nos tacões dourados dos seus sapatinhos de verniz, declarou que escolhera, e que o Artur deveria ficar muito encantado de um presente de tal modo original. A catedral foi conduzida na carruagem com extremas cautelas, ao lado de um chapéu que para a pequenina a mamã escolhera na Emília d'Abreu. Recolheram cedo a casa, antes de o pequeno voltar, e à noite, num gabinete

fechado e sobre a larga mesa coberta de tapete, os presentes da família e dos amigos do Arturinho, ostentavam, num soberbo bazar, as suas formas pitorescas e os seus matizes originais. Eram os cabazes de camélias vermelhas, bordadas de heras e pequeninos bouquets de violetas de Parma; as bocetas de cores vivas e esmaltes garridos, túrgidas de doçarias caras; grupos de porcelana e terre-cuite numa infinidade de posições ingénuas ou garotas. A Laura deixara a sua fotografia risonha de querubim pensativo, um rostinho doce coroado de uma bela cabeleira loira, em anéis. E os amigos todos, o Alfredo, o José e os dois gémeos Nogueiras, tinham vindo trazer uma lembrança amável, chicotes, capacetes, cavalos de molas, mágicos em caixas, o diabo! Ao centro, a catedral de Fernanda, com as suas torres severas, de um gótico amaneirado, e o seu zimbório de colunelos flexuosos, erguia-se majestosamente no meio da cidade de camélias e violetas, e das pinturas vívidas dos cofres, cheios de rebuçados e pastilhas e aromatizados das mais finas essências.

Por entre as corbeilles, extravasando cores e perfumes, os gitanos de terre-cuite dançavam aos pares, e as pastorinhas de louça com os seus trajos coloridos e os seus rostinhos frescos, pareciam de antemão celebrar a formosa manhã a desabrochar no aniversário do dia seguinte.

Como o Artur ficaria contente, quando ao outro dia abrissem à sua curiosidade aquele profuso mundo de brinquedos e gulodices!.. . E Fernanda, nos bicos dos sapatinhos e sem fazer ruído, arrumava e dispunha tudo, ao lado da mamã, tocando com a pontas dos dedos as coisas, como numa capela, absorta num êxtase profundo de sonhos inocentes, como se o seu espírito viajasse por um grande país de quinquilharias ideais e maravilhosas.

Quando acabaram a tarefa, a mamã sentou-a no colo, comovida por aquela dedicação fraternal e solícita, que tudo queria para presente de anos do Artur; beijaram-se ambas, por muito tempo.

— É verdade — disse Fernanda —, e o chapéu?

A mamã foi buscar o chapéu: era um delicioso bijou de palha amachucado à banda, com um ramilhete de miosótis

adoravelmente perdido num tufo de gaze fina, tão fina que mal se apertava na mão, parecendo espumar por entre os dedos, como champanhe vertido de uma torneira.

A pequenina quis pô-lo: ficava graciosamente, um pouco tombado sobre os olhos.

De sob as abas, em caprichosos rodopios, rebentava a cabeleira loira de querubim, que adquiria contra a luz transparências de oiro fino, enquanto uma onda de tule branco ia cingir-lhe o pescoço, como aragens tecidas por mãos de princesas mouriscas, das que falam os contos do Meio-Dia.

O desejo de Fernanda era não tirar mais esse pequenino e fresco chapéu, cuja aba tombada enchia de uma sombra húmida os seus grandes olhos. Mas era forçoso esperar o dia seguinte, quando fossem para a quinta. A pequenina exigiu que o chapéu ficasse sobre a banca, entre os presentes de anos do Artur, descoberto e aninhado na sua onda fofa de tule branco. Esteve ainda a olhá-lo: os miosótis com as florinhas miúdas, de uma contextura paciente e nítida, dispostas num forte cacho azul, entre folhas verde baço, davam um encanto. ingénuo à copa cónica, um pouco

extravagante talvez. Visto ' de lado, parecia um ninho de penugens tépidas, de que os passarinhos houvessem partido um minuto antes. De repente a sineta tocou: voltava o Artur do colégio. Fecharam .a porta do gabinete muito depressa, não desconfiasse ele. No dia seguinte, quando lhe mostrassem tudo, dizendo: — Aí tens, é para ti ... — que loucuras e que júbilos não comoveriam esse vermelho endiabrado, de que os velhos criados tinham já medo! Apenas o gabinete ficou só, a gatinha trepou para cima da mesa, e pôs-se a mirar tudo, dando passadinhas leves, toda cautelosa pelo meio dos presentes acumulados, cheirando e lambendo aqui além. Nos seus olhitos garotos, um clarão de malícia ingénua, parecia beber enlevadamente os matizes; farejava os cofres por todos os lados, baixando a cabecita, como quem reflete. Diante da catedral o seu pasmo pareceu crescer, porque se deteve de pescoço estendido, a medir a altura das cúpulas, de patas firmes nos primeiros degraus da escadaria, com prejuízo de dois devotos de cartão, que esmagou com uma indiferença soberana. Deu com o chapéu de Fernanda enroscado na faixa de tule branco, e a passadas lentas foi para ele, com o

dorso alto, espiralando a cauda, toda contente do achado. A tarde caía, e o gabinete carregava-se de sombra.

Pela vidraça, a paisagem ganhava manchas sombrias e grandes esbatimentos de um vago picado a pontinhos de gás rutilante. Subia do bairro comercial e das grandes ruas de trânsito um tohu-bohu de labutas que esmorecem, e carruagens que se perdem, circulando. Um sino tocava..

No gabinete, faziam-se deslocamentos confusos de formas e de aromas, e os olhos da gata, fosforescentes, luziam como dois faróis em flutuação, na penumbra alastrada em torno. A palha do chapelito gemeu: a gata acabava de enroscar-se no ninho da copa, fazendo posição, para dormir. Nunca sentira cama mais macia e mais doce que aquele fundo de chapéu forrado de seda branca, onde o tule enrolado dava uma moleza preguiçosa de coxim, de édredon! ainda porém não tinha cerrados os olhos, e já o irmãozito, dando um salto ágil, caía em cheio sobre a ampla aba do chapéu amachucando o precioso cacho de miosótis. A coquette então ergueu a cabecinha irónica com um meneio crioulo de amante benévola. De cima da aba curva, como de cima

de um muro, pendia a patinha do gato, toda branca e nervosa, desafiando.

Essa pata estendeu-se, estendeu-se e, subtil como num jogo de prendas, deu uma sapatadazinha no crânio da fêmea, retraindo-se logo. Mas a gatinha parecia querer dormir e aninhou-se de novo no seu fundo de copa, onde a seda punha a alvura cariciosa de uma alcova.

A tática do gato mudou então: rebolando-se lascivamente pelo declive da aba, o marau pôde atrair a si todo o tule da faixa livre, que Fernanda enrolara ao pescoço, um momento antes.

Uma vez envolto nas ondas de espuma do tecido, entrou a arrastar o chapéu atrás de si, pela mesa fora. Foi o sinal: a gatinha sacudiu rapidamente a sonolência, espreguiçou-se com uma distenção prolongada de patas e de espinha dorsal, escancarando a goela e distendendo vigorosamente o corpinho da fera contente, que desperta. O dorso, de uma alvura singular de arminho, teve um lampejo brusco de centelha, quando o crânio chato e muito curto, de maxilas ferozes, roçou com um deleite pérfido de volúpia as penugens impercetíveis das patas, armadas terrivelmente

de alfanges curvos. Com um pulo agachou-se na copa do chapéu, como numa caverna, à espreita. O seu olho inquieto fuzilava. Todo o corpo encolhido percorria-se de pequeninos frémitos de impaciência, que as orelhas continuavam, imprimindo à cabeça um grande cunho de astúcia recalcada. O gato vinha de rastos, apagando o som dos movimentos, garrido no seu tule como um pajenzito aventureiro. E, à medida que ele vinha, o pescoço da gata, do outro lado da aba, alongava-se, escorregando docemente pela seda do forro. Por fim, as patas encontraram-se, e cada qual disputou o tule, às unhadas, a dente. A faixa, que se desenrolava do corpo dele, acabou em frangalhos nas unhas dos dois.

Um golpe desunira porém duas fibras de palha, da aba derrubada. O gatinho meteu a cabecita pela abertura, radiante de maldade, e foi morder o cacho de miosótis. Do seu lado, a gata continuou a obra, descobrindo os dentinhos brancos. Mas em breve o destroço se propagou aos presentes de anos do Artur, com uma rapidez de saque premeditado. As corbeilles viram-se despojadas das suas cintas de hera, reluzentes e excentricamente recortadas, e

dos seus maciços de camélias reais. Na vertigem do can-can desenfreado, que os dois diabitos armaram por cima da banca, todos os objetos leves eram arrojados para a banda num rodopio constante: os gitanos partiram braços e pernas, as pastorinhas ficaram sem cabeça, algumas bocetas violentadas cederam, e foi um destroço geral de natas, especiarias e recheios. Um rebuçado de ovos ficou pegado à catedral de Fernanda, obstruindo o pórtico por onde os devotos de cartão começavam a entrar, envernizados e festivos. E a valsa extraordinária continuava sempre, sem respeito e sem cansaço. Na manhã do dia seguinte, enquanto no pátio o cocheiro punha o landeau, e as carruagens chegavam, trazendo os priminhos e as numerosas tias, Fernanda, com uma deliciosa túnica azul-céu e um largo colar de marinheiro bretão, foi chamar o Artur, que acabava de vestir-se.

— Bons-dias — disse ela, beijando-o. — Tens ali muitos bonitos, vem ver.

O pequeno não quis saber de mais; foi às carreiras abrir a porta, e entrou cheio de avidez no gabinete onde estavam dispostos os presentes.

Ao princípio, Fernanda e o irmão entreolharam-se num desolamento indescritível, vendo os dois gatinhos abraçados, que dormiam tranquilos, no meio das ruínas do soberbo bazar construído na véspera. E tão sossegados como se nada lhes pesasse do que tinham feito!

— Olha — balbuciou Fernanda, sentindo as lágrimas na garganta —, estragaram tudo!

— É verdade — fez atónito o Artur.

Veio-lhe um ímpeto de raiva sanguínea contra os dois patifes, que pareciam zombar, com os seus tranquilos olhares, da assolação que tinham feito. E, com o primeiro chicote que viu, descarregou nos lombos do grupo uma vergastada sibilante, que arrancou um berro às duas gargantas contraídas.

Diante do esqueleto do gracioso chapéu de palha, tão pitorescamente ornado do seu cacho de miosótis, a pequenita, cruzando as mãozinhas pálidas, de uma escultura fina e reticulada de veias microscópicas, chorava silenciosamente as pérolas de uma dor serena e de um

amor espezinhado de ingratidões — porque amara com paixão os ingratos pupilos.

— Seus maus! — dizia ela sempre que os via na cozinha, já crescidos, dormitando na mesma cadeira.

Mas quase sempre a sua mão, esquecida e meiga, lhes ia afagar as cabeças sonolentas e chatas, como de dois pequeninos tigres preguiçosos.

A DESFORRA DE BACCARAT

O conde não acompanhou a sua esposa nessa noite.

Era quinta-feira.

O Inverno rigoroso, céus continuamente emburelados em forros plúmbeos, chuvas eternas que não davam guarida, lama pelas ruas, bocejos pelos gabinetes, aspetos constipados, a bronquite tripudiando a sua impunidade pelos narizes das famílias, em S. Carlos a Varezi trilando divinamente, com aquele sorriso que parecia uma esperança e que se tornou, desde que ela partiu, num desespero. No Grémio, Alberto de Selvas esperava o conde; além disso, apostara no Clube a queda do ministério; e, por fim, ele não queria dizer, mas Fatime esperava-o, queria cear com ele, a Fatime do corpo de baile, uma loira picante, de carnes friamente impuras, cujo olhar, de um pardo inerte, possuía nos acessos de cólera fulgurações de adorável maldade. Razões que impuseram resistência às súplicas da condessinha e diante de cuja teimosia ela fez

beicinho, com uma expressão de candura inimitável. De modo que, mal Charmille, o velho criado grave, serviu o café no pavilhão chinês, e o conde bebeu o seu velho conhaque digestivo, pediu o prussiano, acendeu um carvajal pequenino, de um aroma penetrante, e, beijando a condessa, partiu.

No pátio ouvimo-lo cantarolar as coplas dos Sinos, e as suas botas rangeram no xadrez do átrio. Depois o cupé rodou e ficámos sós. A tarde caía, e sobre o terraço, para onde rasgavam as janelas do gabinete de trabalho, um raio de sol, peneirado através das moitas de trepadeiras, tinha uma luz harmónica, inefável, discreta, em que se sonhava o idílio, de uma pureza arcangélica, nas regiões fantásticas do incomensurável, sobre o dorso de cometas desgrenhados. Uma arara monótona chalreava, suspensa por um só pé a um suporte metálico, patenteando no arrojo das penas, de brilhos ardentemente metálicos, matizes inconcebíveis, divinos cambiantes de um mordente estranho, tons apaixonadamente fulvos, em todas as gradações do espectro, com saturações vivas de escarlate e violências de verde, de um cáustico exaltado. A condessa

fechou o livro e olhou para mim. Era uma criança anémica, fina beleza aristocrática, crescida como uma avenca australiana no mole ambiente, impregnado de essências, dos budoirs, dos salões e das largas galerias claras, em que antepassados graves olham dos seus quadros poentos, ridículos ou funéreos nos seus vestuários de todas as idades.

O seu tipo bourbónico, palidamente senhoril, tinha um cunho real que feria e, sentindo-a respirar e sorrir, todo o mundo se abalava por ela numa simpatia entusiasta, num vasto amor infinito e terrível como a morte. Umas religiosas irlandesas tinham-na educado lio Bom Sucesso; por toda a parte grades, a austeridade da clausura, frias pedagogas embiocadas em negro, o sino batendo as suas pancadas cortantes, as preguiças de levantar cedo, as tristes harmonias que lhe ensinavam nas harpas douradas, e em que pareciam soluçar tormentosas legendas de amores místicos, e rolarem pelas escadarias dos cadafalsos vermelhas cabeças palpitantes.

Saiu de lá falando menos mal as línguas, bordando jardins suspensos em almofadas de aparato, com um vício, o piano,

e um vácuo diante da sua alma — a vida em que ia entrar. A sua mãe, uma rainha de bailes, lia romances dias inteiros, ein chambre, deitada num divã opulento, o cabelo por cima das mesas, perfumes caros na epiderme e meias de seda esticadas acima do joelho.

E ela afez-se também às leituras.

Belot, que uma amiga lhe emprestara, pôs em vibração na sua alma uma corda misteriosa, e pela primeira vez na sua vida de virgem se abrasou em ímpetos. E o seu sangue impetuoso teve alucinações candentes, em que passavam homens brancos, virginais, atléticos, nus e vívidos, que lhe estendiam os braços.

Desceu com o visconde Ponson, com o celerado Capendu e com o patife Zaccone aos pavores dos subterrâneos em que se despenhavam protagonistas heroicos; quis sofrer com eles as inclemências dos cárceres e as agonias da tortura, escamugindo-se quando pôde pelas saídas misteriosas em que molas ocultas fazem girar portões de rochedos; subiu as escadas de corda, mascarada de veludo negro, com um frasquinho de sais no bolso e um punhal nos dentes; penetrou conclaves lôbregos em que conspiradores

avançam solenemente para fazer frases, e se pronunciam juramentos terríveis com as espadas nuas sobre braseiros consagrados, à luz de tochas de cera amarela. E romanticamente decorou frases pomposas das heroínas, teve atitudes teatrais de uma exibição ridícula, esgares e lirismos. Pintava de bistre olheiras sentimentais e, sobre os ombros seminus em gaze vaporosa, deixou revolutear os cabelos turbulentos, secos, crespos, em tons hilariantes.

Mas uma tarde parou uma carruagem à porta.

Um rapaz que ela vira em S. Carlos, de luneta de oiro, na Havanesa puxando punhos de aparato, nos chás do ministro da Alemanha declamando teorias, no Parlamento pedindo caminhos-de-ferro em nome do progresso e da civilização, entrou com um velho.

Vinham pedi-la em casamento.

O pai de Beatrice fazia política, pedia também caminhos-de-ferro e moralidade nas províncias da pública administração, mal sabia o nome dos filhos e só ao jantar estava com a família, não obstante lamentar a decadência da sociedade portuguesa, nos artigos de fundo.

A mãe, por causa dela, não podia instalar comodamente os amantes, tinha por isso birras, rogava pragas em voz alta. Vida do diabo. Raio de filhos!

Um dos apaixonados, o cónego D. Venâncio, queixara-se até às criadas, que aquilo não podia continuar assim, que nem uma pessoa era senhor de levar a sua capa de trazer e os seus solidéus de retrós preto, com uma borlazinha na nuca.

De modo que o casamento fez-se.

O Ilustrado falou com boas orações incidentes explicativas e adjetivos novos, da festa, dos convidados, «a fina flor», das toilettes, tudo, de aprimorado gosto, publicava com pompa.

E havia dois anos que Beatrice era condessa, a condessinha, e que eu, o melhor amigo do conde, assistia às suas matinées e às suas desilusões.

Na boca pequenina dela, vermelhamente lasciva, uma contração irónica dizia as suas impaciências, os seus arrebatamentos, as suas flutuantes predileções, os seus langores e os seus desdéns. Amava os vestidos decotados e os largos colarinhos de cretone azul, que permitem a

viagem mística do olhar artista ou sacrílego, até à promessa, aos esplendores de um seio...

O meu olhar, casualmente, inocentemente — dou a minha palavra de honra — como uma ave ferida, foi de manso e pouco a pouco, como quem quer reter o voo e não tem forças, cair também nesse abismo de alabastro e, ao reparar atónito no sacrilégio, viu a condessinha sorrir, um risinho lancinante que dizia:

— Então... que é lá isso, também...

A carne é frágil. Frágil e petulante.

Naquele momento quisera ter cegado. Depois — não vão dizer nada — senti pena de não ter olhado melhor. Mas era shocking!

Lançava as culpas para a condessinha; para que punha aqueles colarinhos? E, olhando-me aos espelhos das paredes, via-me chamejante, em tons apopléticos de lagosta, o frisson das grandes culpas pela espinha dorsal.

Assim chegou aquela tarde.

Beatrice continuava abandonada no fauteuil, a sorrir.

E o maldito colarinho aberto, o sicário, aberto, aberto!...

A tarde esmaecia nos longes, sobre o mar, e no silêncio a noite condensava escuridades no ar com um metodismo severo, imperturbável, gradual.

O relógio feriu cinco horas.

Por uma janela aberta o rumor da cidade entrava; carruagens sentiam-se ao longe e, no vasto negro, pontinhos de gás bordavam evoluções caprichosas, marcando as curvas das ruas, o afunilamento dos becos, as dilatações das praças lamacentas.

Não pedimos luz.

Eu fumava na causeusse. A condessinha, distraída agora, absorta e com o olhar perdido nos relevos do teto, abandonava-se; e na penumbra das coisas o seu busto adquiria linhas ideais de visão benigna, a morbideza cálida de certas organizações doentias.

Ergueu a voz:

— Meu marido...

— Para que diabo vem agora o marido? — pensei frenético, com um embate audaz no cérebro.

— Meu marido diz-me sempre ter em si, Armando, o seu melhor amigo. — Curvei-me.

— É uma honra...

— Cale-se, é apenas gratidão. O conde é sincero. E mudando de tom:

— Armando, que idade tem?

— Vinte, condessa, bem monótonos na verdade.

— Vinte anos! — E a sua voz, de uma inflexão musical, era suave como uma carícia.

Eu sentia-me todo levado para ela...; mas, de súbito, lembrei-me do conde, o meu melhor amigo.

Pobre Carlos! Àquela hora, jogava talvez no Grémio, com os seus íntimos, e perdia. Belo rapaz! Tínhamos sido condiscípulos no colégio, ele era casmurro nos seus significados de latim, levava puxões de orelhas.

De uma vez, lembrava-me, havíamos jogado a tapona; ele tivera um galo na testa, feito com um compêndio de lógica,

a que nunca pudera chegar. E tínhamos ficado mal, indiferentes, todo o ano. E via-o magro e bonito na sua blusa de riscado cheia de tinta de escrever, um molho de chaves de baús, na algibeira, tilitando.

Às onze horas ia ao Clube falar em política, altivo na sua opinião respeitada, entre conselheiros graves de calva e suíças claras. À meia-noite, Fatime, o vampiro, esperá-lo-ia num cupé, a S. Roque, para irem ao Restaurant Club cear, e fazer depois a digestão entre beijos e champanhe até de madrugada, hora em que a bailarina costumava receber um trintanário loiro, trescalando a cavalariça.

E reatando a palestra, para dizer alguma coisa, perguntei:

— E a condessa, quantas primaveras? — Olhava de soslaio o seu largo colarinho azul e vinham-me suspiros evaporados de uma grande indolência.

— Dezoito — respondeu — mas estou velha, sabe?

— Uma aurora! — disse eu com a petulância de quem lapidou uma frase com o meu tom de mais efeito, de que usava nos grandes momentos. O meu olhar caía sobre ela,

como uma má sina. Na penumbra, brancuras de seios empalideciam. E continuando:

— Quem tem dezoito anos é sempre feliz, inocente; aos dezoito anos a vida é uma bênção, um aroma, uma pérola... — E queria ser eloquente, mas estendia-me, fazia má figura. Ela ria com os seus dentinhos brancos, que recortavam de alvuras gulosas o escarlate lascivo da sua boca húmida.

E grave, passado tempo.

— Sabe, Armando, que essa sua prosa, sujeita a rimas, dava belos hendecassílabos?

Fiquei todo corrido, uma larga desconsolação espasmódica, as fontes aos baques.

— Oh! condessinha, é cruel. — E sentia-me corar como um cábula.

— Olhe, quer que sejamos francos? A minha vida é bem triste. O conde é um rapaz adorável. Vestidos, quantos apeteço. Manda vir joias de Paris. Não me recusa coisa alguma. Eu não queria tanto sim, vê! Porque isto mostra-me que ele me esqueceu cedo, que se não preocupa dos meus

caprichos, entende? Que me deixa ir assim, os deus-dará. E juro, Armando, eu não lhe merecia isto.

Chispavam centelhas do meu olhar na ampla dobra azul do colarinho. A sua túnica branca, imensa, apertada na cintura sem esforço, quebrava-se toda em dobras à roda, aos seus movimentos rápidos. E contra a luz os seus cabelos crespos, cortados em borla na cara, lembravam fios de ouro sem liga. A sua voz tinha uma resignação penitente, afogada numa tristeza passiva e sem resolução.

Comentei:

— Oh! é injusta. Não é isso que o conde me confessa todos os dias.

O lábio teve um escárnio cheio de meigas censuras.

— Realmente? Olhe cá. E ele diz então que me ama? Entendo. Armando, pensa que o amor que ele lhe narra é consagrado à sua mulher? Porque, diga, Carlos nunca pronunciou o meu nome durante essas expansões. Seja franco, vamos. Mas diga então.

— Decerto que pronuncia, condessa: é bem claro, é lógico.

— Ergueu-se vivamente, a mão crispara-se-lhe.

— Mente, Armando, mente! Perdoe-me a injúria, mas falta à verdade. Ele ama apenas estas coisas, ouça — e contava pelos dedos: — o seu cavalo árabe, o jogo de fundos e... digo?

Ria-se nervosa, desafiando.

— Condessa!

— Fatime. A dançarina judia.

Exaltava-se.

— Oh! ilude-se, juro que se ilude. O conde está no Grémio.

— Armando, olhe bem para mim. Ousa enganar-me, então? — E rápida, sufocada, risonha: — Hoje à meia-noite, eles ceiam ambos. Quer saber onde?

— Mas...

— É desleal, ocultando-me a verdade, repare.

— Como soube...

— Comprei os criados. Pode ir dizer ao meu marido. Quando se é trocada por uma bailarina, fica-nos o direito de chegarmos até onde nos aprouver. Não lhe parece?

E atravessava-me com o olhar. O seio batia. Fugitivamente, os meus olhos iam casar-se na cor do seu colarinho. Curvei a cabeça sem responder. A condessinha insistiu com doçura, quase em segredo:

— Não acha?

Fechei os olhos sem dar palavra. Sentia-me perturbado. Onde ia ela chegar? E depois lentamente, respondendo à sua pergunta, os meus lábios disseram não, mas todo eu afirmei que sim.

Podem clamar quanto quiserem, mas a condessinha desejava-me, queria-me, ela, a esposa do meu melhor amigo, e a minha fragilidade sentia-se atraída para ela, como uma asa de pena para um íman, sem remédio, sem consciência e sem destino. Para que nos deixava o conde todas as noites sós? Para que a desgostava a ela, pobre criança inocente e caprichosa?

Havia uma semana que eu andava perturbado diante de Beatrice. Notara que os seus colarinhos de serão eram cada vez mais largos, e que o seu seio, de um mármore fatal, em que destacaria bem o sangue de uma punhalada, arfava impetuoso, se próximo de mim. As minhas noites entraram a ser riscadas com a fosforescência daquele desejo, como um profundo mar entenebrecido e sombrio. Os seus olhos fixos e húmidos de ânsia, grandes como dois mundos, estavam sempre diante da minha vista. E o pior não era isso.

Mas aquele diabo do colarinho...

— Armando — disse ela —, bem sabe como eu sou supersticiosa. Vai acontecer desgraça por certo. Olhe. Ontem, uma borboleta negra entrou-me no boudoir, enquanto tomava o meu banho tépido. Tudo estava fechado, as cortinas e as vidraças unidas, os estores pendentes. De modo que da rua, aquela fatal mensageira não veio, com certeza. Digo-lhe eu, Armando, vai suceder desgraça. Não dormi esta noite, pensando horrores. O conde veio tão tarde!

E baixinho, só para eu ouvir:

— E sabe, trazia no fato uma aroma que não era o dos seus sachets. Eram os beijos de Fatime. Escusa de olhar para mim, Armando. Não tenho ciúmes nenhuns. Ainda há poucas noites, na valsa do Roberto, eu atirei flores à bailarina. Porque é uma artista. E que beleza!

E lenta:

— Não tenho ciúmes, não. Pobre conde! faz o que pode. Todos fazem o mesmo. Fosse eu homem, to contaria...

E feito um silêncio curto, os olhos baixos:

— A minha vingança é outra!

E lentamente, deixando cair as palavras:

— Pena... de... Talião... Apre!

Ouvia-se o tiquetaque da pêndula. Eu erguera-me, a tremer, sem uma palavra, sem uma ideia, sem uma resolução. Estávamos quase às escuras e, mesmo assim, eu via o seu colarinho decotado e a cintilação cáustica dos brincos. Acendi sobre o fogão duas serpentinas de bronze.

A condessinha, imóvel, de pé na sua palidez fascinante, o penteado desmanchado, tinha um sorriso vago; e, vendo a

impressão que as suas palavras violentas me causavam, disse:

— Se o ofendessem, Armando, vingar-se-ia.

Eu ia protestar; ela juntou logo:

— Sou filha dos marqueses de Penha Longa; dez vezes mais orgulhosa por isso, que qualquer outra.

— Orgulho fatal! — exclamei eu.

— Quero a desforra! Estou cansada de humilhações.

Eu avancei e disse com força:

— Seria indigno!

Beatrice ressentiu-se, os olhos encheram-se-lhe de grandes lágrimas sublimes. Balbuciou:

— Armando!

Tornei asperamente:

— Seria cobarde!

E, aproximando-me com voz curta, rápida e vibrante, como a de um vingador colérico:

— É loucura ou crime? Hem?

Caiu aniquilada no fauteuil, terrivelmente pálida, os lábios trémulos, dizendo impercetível:

— Oh Armando, Armando!... — Fui ampará-la. O meu Deus! O peso do seu corpo enlouqueci^-me; eu amava-a, eu queria-a! Atirei-me chorando aos seus pés. Ah! que infame, que infame eu era!

O relógio deu meia-noite. Àquela hora, o conde ceava com Fatime, num gabinete cor-de-rosa, do Restaurant Club. Bebiam talvez o seu champanhe; o conde teria ditos de uma mordacidade equívoca; a judia, gargalhadas sonoramente soltas. Ressoaria um beijo... Nós ambos, a condessinha e eu, sentados no mesmo fauteuil, ceávamos alguma coisa excitante e bebíamos pelo mesmo copo, aos golinhos.

Beijos quentes, prolongados e devoradores, uniam os nossos lábios impuros. De sobre o fogão, o retrato de Carlos olhava, sorrindo, o grupo. E um perfume misterioso flutuava.

Beatrice lembrou-se de repente:

— E o conde?

— Ora! Tenha juízo. Também, para que foi cear com Fatime? — E rindo: — Compraste então os criados; peça bem pregada! Nada de dar cavaco, percebes, nada de dar cavaco... Chute!

— Amo-te tanto, tanto! Aborreço o conde pela tua causa. Quando ele apresentou aqui os seus amigos, lembras-te? Trazias as tuas polainas de caça, um knickerbockers de Pool, numa bonita e fresca manhã. Iam caçar. Eu fiquei à janela, em roupão, os cabelos despregados.

Bebia devagar, e ao cabo:

— Ah! Esta liberdade inebria-me, meu Deus; não pode ser um crime. Amar um homem que se viu depois de casada!. .. — E muito baixo, frenética: — Os teus cabelos, a tua boca tão fresca, a tua pele tão fina! Deixa-me morder, uma dentadinha pequena, para não fazer sangue. — Eu deitava champanhe. — Mas perturbas-me, convulsionas-me, Armando! Um beijo: cala-te, meu Deus! É preciso que me sintas: queria morrer contigo, no mesmo instante, dormir no mesmo caixão, num cemitério de grandes árvores e sombras. Endoideço, enlouqueces-me!

E com os seus braços de escultura, fortes, cinzelados e quentes, enlaçava-me o pescoço, um rubor febril na face, os olhos afogados num langor amorável. E dizia-me terna, ternissimamente, como só as mulheres dizem na noite de núpcias:

— Tenho tanto peso na cabeça, Armando! Um sono tão grande!...

E toda ela vergava, pesando sobre mim, a cabeça descaída no meu ombro.

— Vês como sou tão humilde, tão tua, nem eu sei... uma escrava.

Abandonava-se, suspirando. Os meus beijos desciam pouco a pouco pelo seu pescoço, em direção ao seu colo.

Repetia:

— Uma escrava!. ..

— Mas há pouco, louquinha, dizias-me tu tão altiva. Sou filha dos marqueses de Penha Longa, dez vezes mais orgulhosa por isso, que qualquer outra mulher. E agora? Incoerente...

E torcia-lhe o làbiozinho amuado, cor-de-rosa.

Ela bebia. E fazendo estalar a língua:

— Ah! Não repares no que eu disse. Nós falamos sempre em orgulho e antepassados, quando não temos que dizer outra coisa. O papá era assim: nós aprendemos.

— Oh condessa! — disse eu espantado.

— Ora! De mais o sabes tu. Dá-me champanhe!

— Olha. — E um beijo, outro, outro...

O conde ceava com Fatime, provavelmente.

QUATRO ÉPOCAS

(Contado por um misantropo)

Por detrás da nossa casa, passado o laranjal, ficavam as oliveiras, manchando de pardo o terreno ondulante que uma erva espessa e florida cobria. As primeiras sezões que tive, por um Verão de há quarenta anos, agradeci-as aos calores insuportáveis a que durante uma semana me expus sem chapéu, sem véstia e sem sapatos. No campo, segundo o costume patriarcal da gente pobre, mal o sino da igreja dá o meio-dia, o pai senta-se à mesa em frente da mulher, os filhos à roda, e janta-se. Findo o jantar, a família levanta-se, conservando o seu lugar, e cada qual põe as mãos. O pai e mãe rezam em voz baixa, enquanto os filhos recitam alto a oração de graças pelo alimento daquele dia: Muitas graças e louvores sejam dadas ao meu Senhor Jesus Cristo, pelos muitos bens e esmolas que me faz, tem feito e tem para fazer enquanto for servido. Padre Nosso...

Depois o chefe abençoa os pequenos e manda-os tratar da vida; os mais velhos para o trabalho, os mais novos para a escola. O mestre que tive era um relapso sem emenda. Dia sim, dia não, gazeta sabida! Que júbilo o meu quando, ao chegar com a pasta e a cantarinha de água, ouvia pelo tabuado da escola o sapatear rebelde dos rapazes e as vozes bramiam num coro estridente que dizia:

— Não há escola, não há escola!

Íamos em bandos depois, cantando praça abaixo, aos socos, aos empurrões e ao/> berros.

Uma vida de bezerros circulava nas nossas artérias sadias; uns atiravam com terra à cara dos outros, 'com pedras e com pastas. Alguns dos mais graciosos arremedavam o mestre, fazendo carantonhas de estoirar de riso. Vários ainda, dos que moravam perto, iam jogar o botão, arrancando sem piedade as marcas das ceroulas e das calças e os botões das jaquetas e coletes. de uma vez que apareci sem botões, a minha mãe deu-me açoites com tão áspero chinelo que nunca mais tive vontade de jogar. Aquela sova explica porventura o asco que ainda hoje sinto pelos jogos — tão abençoada foi ela!

Já naquelas idades, que uma alegria embebeda de exuberantes e puras fantasias, armávamos panelinhas de três, quatro e cinco, para a brincadeira. Sucedia às vezes que essas pequenas sociedades eram surpreendidas pelo mestre em pagodes reais. Levavam todos com a régua ou iam de joelhos todos, conforme.

A minha era composta do Chico Rato, cujo pai era feitor na nossa casa, do Manel da Pomba, um loiro de olhos cinceros, mau como os demónios, e do Zé Estrelo, hoje pastor.

Em dias de feriado ou de gazeio toca para o olival dançar nos baloiços, fazer caça aos ninhos ou atirar pedra à velha aos telhados das adegas carairas.

Duma vez apanhámos um gato que todas as noites nos ia roubar as crias dos coelhos. Atámos-lhe um baraço ao gasnete, pendurámo-lo numa oliveira e foi pedrada até que morreu. Eu chorava de pena.

— Oh! minha lesma! — dizia com desprezo o Manel da Pomba, descarregando às três e às quatro, sobre o pobre animal meio morto.

Mas o que mais nos divertia era o baloiço. Atávamos as arreatas das mulas umas nas pontas das outras; Zé Estrelo, que era o mais possante, dava laço na perna sólida, de uma oliveira secular.

As pontas pendentes da corda eram atadas a uma cortiça rija, que servia de assento.

E estava pronto — um! dois! três!

Começava a frescata.

Durante os cinco ou seis anos que serviu aos nossos prazeres, a velha árvore nem por um instante nos traiu. A cortiça do baloiço era ocupada às vezes por três rapazes. Quebravam-se as cordas e vínhamos ao chão; a árvore, porém, nem nos metia susto, estalando. Boa e velha amiga que parecia feliz deixando-nos pender nos seus ramos metálicos, como esses cachos vivos de que falam as histórias maravilhosas!...

Uma noite, depois da ceia, estando todos ainda sentados à roda da mesa, o meu pai, fazendo a voz solene, disse-me que eu estava um homem e precisava cuidar do futuro. Eu tinha uma forte admiração pelos carpinteiros, naquele

tempo. A arte com que eles punham branca, nova e polida uma velha tábua com que o meu canivete nada podia!.. . A habilidade para tudo ajustar e o gosto com que arranjavam os carros com que brincávamos, arrastando carretadas de trigo, pelas eiras, davam-me um pasmo sem limites e um desejo sério de lhes seguir a profissão.

— Eu cá quero ser carpinteiro — disse eu todo grave.

Meu pai bateu na mesa, e o senhor prior, que estava presente, riu da minha ambição.

— Estás tolo, ou que diabo tens? — disse o meu pai de sobrolho hirsuto, olhando-me.

— Vais mas é para o colégio, como os meninos do cirurgião — disse o prior com bondade. ,

Eu abri os olhos sem entender, ou tremendo de entender. Ir para o colégio, numa terra distante onde ninguém me queria, deixar o Manel da Pomba e o Zé Estrelo, e a horta, a casa, o olival, o baloiço e a árvore amiga e tolerante? Quê? De cabeça baixa, a minha mãe não dizia nada. Puxei-lhe a saia devagarinho, ferido de grande medo:

— Não quero ir, mãe, não quero ir!

Os olhos dela fecharam-se e, aos cantos das pálpebras comprimidas, lágrimas silenciosas caíram de uma saudade que ainda hoje me entristece.

Tinha já nove anos e parti.

A lembrança que no colégio, à noite e após todo um dia de aulas que a dureza dos prefeitos me enlutava de, amargos desalentos, me vinha mais viva, mais inconsolável e mais triste, era a da árvore velha do olival, que sem queixa me aturara tanto!

Bons tempos da infância, purpureados de risos e cheios do casto aroma da inocência — que vos não verei mais!...

No colégio, à medida que os anos corriam e enraizava dessas leais estimas que servem para toda a vida, as puerilidades da aldeia apagavam-se-me pouco a pouco, como lâmpadas sem óleo em templos desertos. Da segunda vez que vim a férias, vestido como um pequeno senhor, de luvas e relógio, pareceram-me desprezíveis as minhas velhas afeições. Fui uma tarde à escola, de chapéu na cabeça e bengalinha de junco. O mestre tratou-me por senhor e sentou-me ao seu lado, corando da superioridade

desdenhosa que eu mostrava. Os rapazes ergueram-se respeitosamente como se tivesse chegado o comissário dos estudos. Aquela gentalha de sapatos cardados, véstias de saragoça e camisas de pano cru fez-me nojo, e tive humilhação, pensando que fora assim também, por tanto tempo. Lá estavam nos seus bancos de pinho o Zé Estrelo, o Manel da Pomba e o Rato, de cabelo hirsuto, punhos sebentos e livros amachucados, olhando-me com esses grandes olhos doces que certos cães-d 'água fitam nos donos em os vendo a comer. Pouca gente entrara de novo na escola. De vez em quando, o mestre batia com a régua na mesa e gritava:

— Ó lá do canto! Temos paulada não tarda um instante.

A casa imunda, cheia de cuspo e papéis rasgados, era de uma nudez ignóbil.

— Aqui não aprendem francês? — perguntei eu com uma superioridade que os meus dez valores na disciplina não justificavam muito.

E nessa noite à ceia, enquanto o meu pai olhava para mim num êxtase e a ternura da minha mãe orvalhava de

lágrimas o casto lenço branco que se lhe encruzava no seio, disse passando a mão pela testa e cabelo, como via às vezes fazer aos de Matemática no colégio:

— Lá fui à escola fazer o meu bocado de troça.

Aos catorze anos estava um homem, espigado e pálido, com as olheiras sintomáticas da transição de idade. Era bonito e meigo, com mãos de mulher, que veios azuis reticulavam, como em certos mármores sagrados. As gengibas tinham-se-me descarnado um pouco, fazendo mais compridos os dentes.

Ardia na aspiração intensa de usar cabelo crescido e fatos de casimira clara. O uniforme negro do colégio e o cabelo à escovinha da ordem torturavam-me o orgulho de rapazinho elegante. O meu grande desejo era ser externo, fumar e ir ao teatro. Um, de Introdução, já crescido, caíra uma vez de um cavalo e a queda fizera-o ídolo da rapaziada. Quem pudera gozar também de semelhante triunfo! — pensava eu por vezes, sentindo um ciúme ardente do herói. Uma mágica das

Variedades, onde fomos todos numa noite de Carnaval, patenteou para mim o amplo cenário de um mundo com que o meu temperamento nervoso já sonhara confusamente. O de Introdução emprestara-me um binóculo, o que me permitiu observar miudamente as decorações, os figurantes e os camarotes. As bailarinas e os deuses vestidos de malha apertada, que lhes desenhava todas as linhas dos corpos, fizeram-me palpitações de artérias e securas de garganta. Havia um príncipe loiro, de uma beleza sem rival. Amei-o cá fora, anos depois, quando já perdera a frescura e subira em preço — ai de mim! Era uma actrizita de dezassete anos, boca vermelha e falas musicais, vestida de rapaz. Nada mais gracioso que os seus pequenos pés ligeiros, que pulavam ondas, rochedos, abismos e perigos — tudo de lona, é claro. A sua cinta era fina e flexível, e as ondulações do seio cintilavam numa armadura de galão, às escamas. Essa noite foi uma febre para mim, impetuosa, alucinada e tremenda. Que revolta, Santo Deus! Estendido no leito do dormitório, onde seis ou sete dos meus condiscípulos tranquilamente dormiam, eu experimentava dentro de mim o que quer que era de um desabamento. Faltava-me o ar e tudo me andava á roda.

Que miserável aquela clausura, regulada a sopa, vaca, arroz e duas pêras verdes! E dez horas de estudo, madrugadas peníveis, repreensões, opressões e malquerenças!... Sim, para além do colégio com a sua monotonia de calustros, as suas apostilas, as quintas, os domingos de folga e a roupa lavada duas vezes por semana, outra existência auriflamante tumultuava em amores, em pompas, em perigos e doidas fantasias preconcebidas e logo realizadas-, E aquele príncipe loiro, aquelas fadas azuis, e as aspirações que o magnésio idealizava de uma fascinação irresistível, viviam, cantavam, amavam ao seu bel-prazer assim vestidos, lançando à roda o cheiro da carne viva e sadia, que chama os famintos de deleites, e faz rolar as libras dos perdulários. O candeeiro apagou-se por noite velha. Ergui-me cautelosamente, em camisa de dormir.

— Quem anda aí? — perguntou, com voz de porta-machado, o Carvalho, prefeito, que fora de lanceiros.

Aquela voz enregelou-me, e tornei para trás, como se por mim houvesse passado a maldição de Israel.

O de Introdução trouxe-me romances. E a leitura frutificou no campo que a mágica das Variedades havia irrigado. A Filha do Parricida — que esplêndido! «Já leste?» dizia eu a toda a gente. O Filho do Diabo fez-me sonhar. E os Bastidores do Mundo, o Doutor Negro, e os Mistérios de Londres! Todo eu era escadas de corda, alçapões, raptos, personagens mascaradas e juramentos solenes.

No quintal, às vezes, reproduzíamos as cenas terríveis que Íamos lendo às escondidas. Fingindo irmos a cavalo, encontrávamo-nos num recanto da rua.

— Quem sois? — perguntava um.

— A lua romperá — respondia outro.

— Deixai passar, irmãos — fazia o primeiro, e cada qual seguia o seu destino.

Doutras vezes, ao chá, um de nós exclamava arremessando ao Outro um lenço:

— O senhor é um cobarde!

O insultado erguia o trapo, bramindo:

— Ah, que essa afronta só se pode apagar com sangue. Amanhã no Bosque de Bolonha, às sete.

— Lá estarei, senhor!

E íamos dormir em seguida, com o maior sossego.

Estes devaneios eram positivamente um estado patológico. Estávamos magros e pálidos, adorávamos as noites de luar e as inglesas de olhos claros e tornozelo másculo, que nos domingos de Inverno víamos sair da missa dos Ciprestes, loiras e frescas, apanhando os vestidos. Um piano, uma voz de mulher, qualquer namoro e o menor pormenor da vida das ruas, era para nós um tema de sentimentalidade. Suspirávamos por coisas etéreas e por aventuras trovadorescas. Estudávamos pouco e tomávamos óleo de bacalhau e ferro em pípulas. Aos quinze anos acabei os preparatórios, e, nas férias grandes que se seguiram, o meu pai faleceu. Nas cidades, a morte do chefe da casa chega a ser um episódio sem consequências mais altas que o luto da praxe e duas missas rezadas — quando a família não fica a morrer de fome. Muda-se logo de casa por via de regra, os filhos alargam a esfera dos seus hábitos livres, e fazem aquisição dos vícios que não tinham. Em quatro

meses, o fim de cada membro da casa destroncada é comer alegremente as rendas que um trabalho agro porventura acumulou, no espaço de uma existência de acérrima labuta. O campo, porém, conservando muitas das virtudes patriarcais, dá a esta perda um carácter de fatalidade sem conciliação. A viúva envelhece de lágrimas e estiola como uma trepadeira queimada; um dos filhos, se é homem, empreende e continua a tarefa do pai, adquirindo nos hábitos, no amor e no respeito da família o mesmo grau de fervor cego e de obediência dedicada. Senta-se à cabeceira da mesa nas refeições, dirige os trabalhos do campo, recebendo as rendas, ordenando as colheitas e levantando-se mal o buraco luza. Mas o seu governo é todo nominal. Quem ali impera, quem a tudo preside, quem julga tudo e tudo ordena, é o velho, o marido, o pai, o outro, querido fantasma evocado a toda a hora e a propósito de tudo, cujo sudário até vem estender-se de noite, numa alvura de nebrina, a encher de fecundante orvalho as vegetações que ele próprio plantou. Quando o meu pai fechou os olhos, eu estava bem pouco apto a retomar o arado que a sua mão exausta deixara cair. Era franzino e branco, de um temperamento irritável à menor emoção, medroso,

fantasista e indolente, a quem as duras profissões repugnavam como uma vileza, e a ideia' da vulgaridade cheia de um terror supersticioso. A minha mãe chorava a toda a hora com dois irmãozitos ao colo. A casa, silenciosa, parecia um túmulo profanado. Pobres como éramos, se um dia não velássemos a horta e o olival, a miséria bater-nos-ia à porta. E justamente quando ia a entrar na Politécnica!... Não sei como aquele tempo passou. Há coisas que até em ideias são sinistras. Lembro-me que perdi o ano e amei minha prima Marta, uma loira diáfana, que viera para nossa casa, da herdade em que nascera.

Esse amor, que era doce, sincero e casto, deu a nota mais alta na escala romântica daquele período da minha vida. Envergonho-me de o dizer, mas lemos Paulo e Virgínia, Rafael e o Átala em comum, ela vestida de branco porque eu lho pedia, eu de cabelos crescidos e grande lustro de pomadas nas poupas.

Marta, com a sua natureza contemplativa e triste, propendia àqueles lances patéticos da minha imaginação de colegial. Era de uma simplicidade doce e de uma serena beleza, que os seus olhos azuis enchiam de esplendores

religiosos. Em ela olhando para mim, eu corava. Toda a minha ambição agora era fazer-me bonito e cidadão, para me impor à sua ingenuidade. Que Primavera a daquele ano! Depois do jantar íamos de braço dado através dos laranjais em flor, num tapete de campainhas, fumárias e malmequeres, ao rumor das noras e sentindo cair a água nos tanques da horta. Os meus irmãos corriam adiante, com chapéus de palha, fazendo chiar os seus carros de pinho. Nós, devagar, sentíamos no aroma nupcial das árvores o quer que era de bênção que vinha em golfadas, sobre as nossas cabeças. E debaixo da velha oliveira secular, que já me protegera os brinquedos de garoto e cujas ramarias artísticas, de tons cinzentos, abriam ao sol o seu toldo amigo, o nosso amor eflorescia tranquilo, como se de cima o olhasse, das folhas e dos ramos, o bom Deus de bondade com que os pequeninos sonham a sorrir.

Aos vinte anos o meu espírito sofrera mais uma transformação. Criara amor pelo estudo e sentira a necessidade de um ponto de vista em ciência, que lhe permitisse sugar dos seus ásperos labores um certo número de noções práticas para a vida de cada dia. O curso

de ciências naturais conseguiu destruir o mundo romanesco e labiríntico que eu idolatrava em arte, dando-me certo gosto afinal pelos estudos de observação. Comecei por queimar todos os romances inverosímeis dos Srs. Terrail, Reynolds, Féval, Montépin e Zaccone. Depois executei os Srs. Feuillet e Feydeau; em seguida fui-me aos poetas e vendi-os a oitenta réis o volume — por escárnio. Nas férias herborizava com um amor de que um ano antes me julgaria incapaz; partia de manhãzinha levando os cadernos de dissecação na bolsa de caça, e um estojo de tubos de vidro, munido de compridos alfinetes no bolso — para as coleções de insetos. Ao cair da noite voltava com duas perdizes à cinta e alguns coelhos, os tubos cheios dos coleópteros caçados, uma multidão de plantas curiosas esmagadas no álbum.

Minha mãe, que não compreendia o meu interesse pelos bichitos, muita vez me olhava surpresa, vendo-me estar horas esquecidas com um áptero no alvo de um microscópio de Raspail, que eu adquirira no leilão de um classificador. Como se ergue lentamente o estore colorido de uma janela, através de que um panorama vivo se

enxerga, assim os estudos de análise erguiam de sobre o meu cérebro as fantasias bizarras e piegas, permitindo-me palpar e surpreender a natureza no drama da sua gestação colossal. Longe de me dissecarem as faculdades criadoras e as aspirações saltitantes da imaginação, aqueles trabalhos minuciosos, pacientes e nem sempre coroados de êxito, davam-me às vezes conceções delicadas, de larga elegância artística. Adquiri na frase uma precisão incisiva, de pensador.

E cheguei a classificar um homem ao primeiro golpe de vista, como fazia a um inseto posto no foco de uma bela lente de crown-glass. A aridez das primeiras tentativas não me arrastou a essa tristeza morna e aborrecida de certos padecentes de dispepsias crónicas. Por esse tempo era eu um grand gaillard vermelho e forte, com mãos sólidas e afeitas indiferentemente às argolas do trapézio, ao cabo da enxada e aos escalpelos do anfiteatro. Comia, como vulgarmente se diz, como um alarve, tinha o sangue vivo e sadio, casto além disso. A residência no campo, após a morte do meu pai, operara a metamorfose do indivíduo anémico, seco e propenso aos delírios da imaginação

voluptuosa, no útil primata de sangue quente e respiração pulmonar, capaz de derrubar a Sé com um soco e ser levado à morte pela mão de uma criança. A reclusão dos livros reporta o homem a uma simplicidade doce e austera de hábitos e emoções, e fá-lo bom, depois de o haver feito grande.

Nenhum tónico mais eficaz à saúde do espírito que a saúde do corpo. Uma enformatura de atleta tem de ordinário um rouxinol por alma. De forma que eu sentia a bondade extravasar de mim como nos tempos bíblicos o óleo de nafta da urna da santa mulher, que ajoelhada ungia os pés de Jesus. Os violentos exercícios em que o esforço muscular se despende, a carreira, a ginástica e a caça, faziam a minha paixão, dando-me o culto da minha própria forma. Erguia verticalmente os dois braços, tendo em cada mão sentado um dos meus irmãozitos — coisa que assombrava o Zé Rato e fazia contentes os garotos. Diante dos grandes espetáculos em que a natureza expende a mãos plenas o jogo ícaro das suas forças harmónicas, a minha alma tinha frémitos de asas como as andorinhas que vão atravessar o oceano. A vacilação fatalista do período lamartiniano fora

substituída por uma compreensão lógica dos factos, por uma tranquilidade honrada à ideia do futuro e pelo testemunho da mais sã consciência. Entrei afazer religião do trabalho, o que me permitiu não pensar mais em Deus, tendo-o sempre no coração. As mulheres eram concordes em que a minha beleza era superior à minha amabilidade. Uma senhora achou-me uma noite a conversação de um lente. E algumas diziam de mim «Pretensioso!» — porque lhes não falava das locais amorosas e das revistas de modas.

Compreende-se que o meu entusiasmo puritano por tudo quanto era grande não sobrasse para o espartilho das sirigaitas que se me agitavam no caminho.

Assim modificado, tinha agora o mais completo desprendimento pelo que se chama gozar. Apagara-se-me o ideal pelintra de muito folhetinista imberbe, que consiste em ser cumprimentado à porta da Havanesa por três burgueses que passem, mostrar todos os Invernos três pares de calças novas sobre dois de botas velhas, e um plastron vistoso num seio tuberculado.

A ostentação e a exterioridade enfastiavam-me como certos cheiros de ácidos vegetais. Odiava em geral o ruído e o luxo, não achando digna de um homem sério qualquer das lânguidas que nos passeios e nos teatros via desfilarem, monótonas e sorvadas, por diante de mim. No seio dos meus papéis ou na intimidade flagrante da natureza em festa, sentia-me outro homem, respirando saudavelmente e digerindo às mil maravilhas; uma alegria penetrava-me, com essa intoxicação anódina do gás hilariante, nos organismos nervosos, e eu crescia e revigorava, sentindo a vida como um beneficio sem preço. Foi durante esse tempo, o mais laborioso, o mais infatigável, o mais útil e o melhor de toda a minha vida, que pude realizar as coleções de insetos que hoje pertencem à Escola Politécnica e me valeram os emboras dos grandes trabalhadores da Europa, e estudar quase completamente a flora continental que Brotero deixara lacunosa. Nestes trabalhos depurara-se minha sensibilidade ao extremo de me comover perante uma bela árvore ou ao cabo do estudo de qualquer complicado coleóptero. Um indivíduo vegetal cativara o meu amor ardente, apaixonado e ingénuo. Era ainda a oliveira que desde a infância me oferecia a sua sombra

benéfica, a sua ramaria frondente e a enorme corpulência secular do seu tronco. Que grandeza, a desse gigante, que uma espécie de bondade envolvia e divinizava! ...

Aos cinquenta anos tinha os cabelos brancos e a pele rugosa. A minha mulher, de compleição doentia, dera-me filhos sem saúde e de sensibilidade estranha. Eram pequenos pálidos, de grandes olhos ardentes, mãos febris, frágeis e curiosos, cujo futuro me fazia tremer.

Estava cansado e velho. Toda a vida sentira pelo dinheiro um desprezo sem limites, não lhe dando a honra sequer de o acumular. Perdera a vista do olho direito, aos trabalhos do microscópio. Era mais pobre que no tempo do meu pai — tinha apenas do meu o olival. Para economizar, dirigia eu mesmo os trabalhos do campo e andava vestido de saragoça. Às vezes, vinha-me o remorso de não ter alcançado uma fortuna para essas pobres crianças, que a perpétua contemplação do mesmo panorama parecia enlutar de melancolias negras e de pressentimentos funestos. Pouco a pouco, à medida que os anos me polvilharam de neve os cabelos, ia experimentando uma irritação surda pelo meu passado laborioso, mas estéril,

dessa coisa vil e preciosa chamada moeda. Não tinha senão despesas; lucros, raros! Então reneguei da heroica abnegação de outros tempos, tornando-me vulgar, macambúzio e cheio de admiração pelos lavradores opulentos da vizinhança, que recolhiam vinho às adegas e trigo aos celeiros. Os filhos deles espezinhariam talvez um dia os meus filhos, vingando a imbecilidade dos pais da orgulhosa superioridade com que eu os tratara. Os filhos deles seriam felizes, cheios de confortos e prazeres, com a faculdade de estudarem onde bem quisessem, e de fazerem fortuna como bem lhes parecesse. E os meus, mal enroupados, doentios e invejosos — quem sabe se, conhecendo um dia a minha história, maldiriam a intransigência do meu carácter e a pouca solicitude com que lhes tratara dos interesses!

Os meus dias então eram levados em percorrer o olival, no cálculo dos litros de azeite que me renderia a colheita... Que desalento aquele meu! As árvores não carregavam todos os anos: enchia-as de pragas, e maldizia a minha vida.

A oliveira secular somente, compreendendo a minha situação e adivinhando a angústia daqueles passeios solitários, procurava com frutos abundantes compensar o modesto tributo que as outras árvores tão custosamente me pagavam. Fora para mim a eterna mãe afetuosa, de cujos ramos pendera criança; a benévola confidente que cobrira do seu dossel de folhagens o meu amor por Marta, o esplêndido e vitorioso vegetal diante de que o meu êxtase de botânico tantas e tamanhas vezes tinha exultado. O amor que eu lhe votara sofrera as quatro fases de todos os amores da vida humana, em transigência sempre com a orientação do carácter e com o progredir dos anos. Fora, primeiro, o amor de criança incoerente e doido; fora, mais tarde, o amor de adolescente, idealista e rêveur, representativo da idade em que o homem desagrega da alma as crenças inocentes e começa a participar da influência dos primeiros instintos másculos. Transfeito no amor de sábio elevaram-me até regiões altívolas. — Depois, no Inverno da vida, aquela emoção arcangélica primeiro, impregnada de poesia radiosa depois, e tornada sublime por fim, decaíra no vil egoísmo, que mais prefere aquilo que mais rende, impressão sem grandeza e sem ideal,

derradeira eflorescência da alma obcecada pelos interesses, pelas amarguras e pelas opressões!

O FUNÂMBULO DE MÁRMORE

A contessina sentiu-se triste nessa manhã, aborrecida da quietação lânguida do seu boudoir, da falsa pompa de vegetação dos seus salões-estufas, da vida contemplativa dos aquários de cristal-rocha, da atmosfera perfumada dos salões e das alcovas, onde o oxigénio vivificante se corrompe, por entre a subtileza das exalações de opopanax e verveine, contidas nos frascos boémios, todos facetados e cintilantes. Mandou pôr o cupé, um pequenino cupé estofado de carmesim, grandes fivelões de madrepérola floreteados; escolheu um vestido claro, de um estofo liso, grandes laços vermelho e branco, apertado em longa cuirasse, com uma cauda aristocrática, que deixava no ouvido um doce frou-frou inebriante.

E com um gorro de penas, de forma excêntrica, uma tira de gaze a meio rosto, atada na nuca, penteado simples, em que destacavam contra a luz uns pequeninos anéis dos seus cabelos castanhos, sobre a cara de castidade sonhada, com

uma camélia franca no seio, a contessina saltou para o carro. Era sábado, nos dias lúcidos de Maio. O cocheiro teve ordem de seguir ao longo dos boulevards, atulhados de gente ativa que tumultuava nos passeios, nos armazéns, nas casas de modas e nos ateliers, vivamente, alegremente, raça de gigantes e de artistas que ia fecundando as indústrias com o poder da sua violenta atividade.

Na Bolsa, à porta, junto do guarda-vento, viu o conde de M., que argumentava com o judeu W. sobre questões de fundos. Mais adiante, cumprimentou a jovem C., que apartava num livreiro as últimas publicações de crítica e de estética. Parou no atelier de Carlo Bórgio, o pintor de quinze anos, que fizera ruído com um quadro impressionista, repudiado pelo júri de uma exposição artística em Roma. Encontrou lá a fina flor do mundo culto da cidade: o médico F., a quem um trabalho sobre doenças cardíacas abrira as portas das mais célebres academias europeias; Henrique de R., o folhetinista mais delicado da Itália; Raimundo Conti, o crítico por excelência, que ditava a lei do bom gosto, com um bom senso admirável, e mil

personagens célebres do grande mundo ilustrado e do grande mundo elegante.

O pintor tinha olheiras — a contessina reparou nisso —, não afastara o cabelo ainda e o seu trajo de manhã, cheio de negligência, o seu largo e branco colarinho decotado, deixavam adivinhar pela curva do seu pescoço forte e levemente sanguíneo, cor-de-rosa claro, um corpo escultural de atleta, vigoroso e saudável, criado à larga no puro ar balsâmico dos campos, ante a vastidão contemplativa do mar. Não havia no atelier nenhum quadro novo. Apenas sobre o cavalete, um cartão esboçado a traços. Carlos fumava cachimbo; a contessina achou-o por isso detestável, e saiu sem lhe haver sorrido como costumava. Sem ela reparar, a camélia branca que levava esfolhou-se ao sair, maculando a alcatifa escura do atelier com as pétalas imaculadas, brancura láctea, cheia de pequeninos veios caprichosos, como as ruas do mais intrincado labirinto.

Deixou-se cair outra vez nos coxins do cupé, e mandou rodar para a galeria Médicis, no extremo ocidental da cidade.

Ia fatigada, nervosa e indisposta. Quanto vira lhe apareceu vulgar e indigno da sua atenção. Mirou no espelho que ficava em frente, atrás da tábua do cocheiro, a sua flexível figura, magra e branca, o seu rostinho fresco, o seu belo perfil rafaelesco, de uma finura, de um contorno verdadeiramente singulares pela sua pureza, pelo se conjunto, a um tempo audaz e tímido. Uma ruga impercetível se avincava verticalmente na sua testa. E impacientou-se, achou que estava feia, trigueira, mal vestida. Então inclinou a cabeça para trás, sobre os coxins, deixou pender o corpo também, com um abandono, uma morbidezza tentadora, estendeu-se quase no cupé, indolentemente, sem vontade, sem palpitação e sem coragem, com desejos de se espreguiçar, de sonhar coisas extraordinárias e fantásticas, de correr aventuras sobre o mar, num cutter ligeiro, pintado de branco, com jovens marinheiros escoceses, loiros e atléticos, de uma candura virginal, que cantassem as árias das montanhas, baladas suaves e frias, onde a manhã rompe e os galos cantam, e se ouve bater horas o sino do castelo em ruínas, ao descer da velha ponte levadiça, quando o couraceiro fantasma

recolhe de lança ensanguentada, no meio dos coros das vítimas.

E sob o domínio da sua áurea fantasia cerrou os olhos e começou a viver naquele devaneio que interiormente ia bosquejando. O cupé parou enfim, desceu lesta no átrio de mosaico e penetrou nos salões abertos à curiosidade dos amadores.

Sobre os cavaletes, sobre degraus e pelas paredes, patenteavam-se os capi-d'opera dos grandes mestres da Renascença, do Perugino, de senza error, de Fra Angélico, de Sanzio, do Buonarroti, do Ticiano, do Tintoreto, de Dominiquino, de Júlio Romano, dos Carraches, de Montagna e todos os primores das escolas alemãs e flamengas: cenas de interior, trechos de ménage e cervejaria, as paisagens realistas dos Holandeses, de céus húmidos e flocos de nevoeiro, onde o verde alcança todas as gradações vegetais, e o sol, como uma brasa metida em óleo, se extingue vermelhamente, entre fumaradas que passam. Roçagando a sua cauda elegante, a contessina passava sem parar diante dessas soberbas telas, que resumiam todo o ideal de mais de uma raça, demarcando as

tendências e aspirações, um pouco modificadas havia muito, na evolução social do último século. A cada passo, lhe sorriam dentro de molduras de pau-rosa, de prata, de sândalo, bronze ou talha, uma madona casta, com o Bambino nos braços, um mártir amarelecido e chagoso, uma Vénus concupiscente e nua, um Cristo dolorosamente lívido, atado ao madeiro da ignomínia, um guerreiro sob a armadura cintilante das grandes idades heroicas. E movendo o seu leque de frias plumagens, todo constelado de cintilações preciosas, com o binóculo de ouro na pequenina mão calçada em peau de Sudde, o olhar distraído passeando sobre os aspetos sem os distinguir nem os fixar, a contessina perdia-se entre os amadores oficiosos, entre os artistas obscuros de ambos os sexos, que tiravam cópias, vestidos nas suas túnicas talares de atelier, o olhar atento e perscrutador cravado nos modelos, com uma concentração nervosa e extática. Não tinha já admiração para queimar, como um perfume enervante, ante tamanhos primores acumulados. Desde pequenina conhecia aquelas magníficas pinturas, e escutara as exclamações de uma admiração mais ou menos convicta, soltadas pelos entendidos ou pelos pedantes, ao longo dos vastos salões

esplendentes da galeria. Mas a verdade é que os modelos clássicos, as sacras-famílias do colorido éclatant, sempre na mesma pose e composta das mesmas figuras, as cenas bíblicas repassadas de unção convencional e misticismo fradesco, não iam direitas, pela sua maneira e pela sua ideia simbólica, ao seu coração modernamente educado de artista, à sua ária expansiva de meridional, tão cheia de amor pela verdade e tão penetrada da sedução esquisita das pompas de uma natureza luxuriante e escorrendo de cor, e dos característicos hábitos e índoles pitorescas de uma raça vigorosa, cheia de culto, de forma e de ideal. A sua predileção artística era alguma coisa como o aroma exalado por quanto contemplara em viagens, estudara em bibliotecas, e sentira em convivência, aroma que rescendia em espiras balsâmicas e suavíssimas, numa palpitação de borboleta irisada num hausto de liberdade sublime, extraordinária e sonora. Compreende-se que o seu temperamento lhe exigisse uma arte que se pudesse admirar sem profanação, e se pudesse amar sem remorso, que falasse às suas exigências e aos seus caprichos, sem incluir a recordação dos velhos martírios, apoteoses entre serafins e nuvens, mistérios idiotas e teológicos, em que se

contrariam, por princípio de carolice, as leis mais lógicas e simples da ciência, da criação e da espécie.

E numa disposição rebelde, fatigada das saturações da cor, das exuberâncias sistemáticas de musculatura, das garridices da forma, da abundância de pinturas, voltou para trás antes de chegar ao fim, entrou no carro cheia de spleen e abatimento, e mandou rodar para casa.

Atirou o chapéu mal entrou no boudoir; a camareira trouxe-lhe o roupão de linho de Manchéster com que costumava trabalhar; e envolta no tecido de listas graves, a fresca figura de uma palidez serena, foi tomar assento no seu atelier, diante da estátua de mármore branco, que começava a sair ainda indecisamente da bruta massa de pedra, ferida pelo seu cinzel fantasista de uma graça e de uma originalidade cativantes.

Havia tempos que trabalhava nessa obra, e com que amor!...

A vida das outras mulheres era-lhe irritante, apertada num pequeno cinto de conveniências e vulgaridades. Pouco conhecera da família, não sabia admirar o que nas mães se

chama uma. missão heroica e, nas mulheres em geral, os deveres próprios do sexo. Tinha percorrido o mundo sozinha. A quantos a amaram nesse período, sorrira sempre. À sua natureza excêntrica apare' ciam deformados em esgares ridículos os galãs modelos. Fatigava-se depressa. Demais tinha um intuito finíssimo de artista, altivo de mais para aceitar lugares-comuns. Mas havia na sua vida este episódio — uma noite, num circo de Nápoles, vira fazendo equilíbrios num globo um rapaz vestido de meia, ágil e elegante. Nunca pôde esquecer aquela figura que surgira pela primeira vez à sua imaginação, como eflorescência rara, sonhada entre incoerências de febre.

Procurou depois, mais perto, essa soberba organização que fizera na sua sensibilidade como um lampejo instantâneo, a fascinação sombria e fatal do jettatore. Pouco a pouco, a sua mente apoderou-se daquela imagem fascinante, correta como não vira outra, juvenil como não sonhara igual. Todas as noites ia ao circo ver trabalhar o equilibrista: dominava-a a soberba atitude do funâmbulo, livre, impetuoso e colossal. Nela sentia-se, de facto, toda a opulência de uma seiva que irrompe, em circulação vigorosa e regularíssima;

todos aqueles fortes membros elásticos, flexíveis e aptos aos movimentos mais contrastantes, se sentiam palpitar de saúde, de vida e de beleza, ritmo sonoro, cheio de presteza e propriedade.

E aquela apetitosa figura de adolescente trigueiro, os olhos esmaltados de uma serenidade de deus, plástica irrepreensível e firme, apoderaram-se da contessina, com um ímpeto, uma violência que tocavam os paraxismos da loucura.

Começou então uma existência noturna, roubada de alegrias, cheia de sobressaltos, terrores e prazeres. Zampa, o funâmbulo, levava os dias caído entre garrafas de conhaque e fumaças de charuto. Além disso, tinha gordos pedidos de dinheiro, teimosias de parasita e surdas raivas de vadio. Era exigente como um facchno e brutal como um barqueiro: a devassidão exasperada que busca viver fora do tédio adquirido por longos dias de desordem, e mediante fantasias realizadas à custa de grandes despesas. Ela adorava-o; às vezes tinha medo.

Sentia-lha as mãos grosseiras, calejadas do trapézio, a voz rouca, o hálito alcoolizado, um cheiro a charuto que se

metia pelas mucosas dentro. Gostava porém de o agarrar pela cintura, de lhe pender do pescoço nu com todo o peso do corpo, de se entregar com um grande soluço dilacerante, vergada para trás, cabelos soltos e a túnica rasgada de alto a baixo, com a folha de um punhal. E era com uma delícia inexplicável, aguda e cheia de frémitos, que lhe tirava a capa, quando Zampa chegava do circo, ainda com os fatos da arena, couraçado na sua beleza superior e intangível.

O espetáculo de um corpo fortemente criado embriagava-a de uma aspiração criminosa e de uma animalidade fatal: queria-o! Algumas vezes Zampa não vinha e as horas da noite deslizavam para a pobre leviana em suplícios atrozes e vacilações eternas. Então saía a procurá-lo, só, envolta numa dessas mantas de cores vivas, que Livorno produz, um punhal no cinto e pálida como uma esperança pisada à beira de um esquecimento. Já podia entrar nos lugares lôbregos onde tilinta o dinheiro dos vícios cobardes, para arrancá-lo do jogo, embriagado e vil, falando uma aravia brutal. Os convivas faziam-lhe toasts, cobriam-na de sarcasmos, prenhes de insolência de bordel. Nestas lutas

supremas, parecia que a sua paixão se avigorava; queria explicar a si mesma porque razão esse palhaço a dominava e a prendia, fazendo dela uma escrava; refletia então insurgir-se contra semelhante envilecimento, readquirir a sua liberdade de outrora, a sua franca alegria de criança; impossível! Quando tratava de expulsar de si o ébrio, com desprezo veemente e indignação explosiva, como se levantava diante dela a esplêndida figura de arcanjo que era o seu desejo, o seu gozo, o seu deslumbramento e a sua perdição; e era sempre o mesmo olhar plácido que ela contemplava, a mesma carne vigorosa, de uma tonalidade opulenta, a mesma linha soberba do perfil, a mesma postura de academia, altiva e forte, como a de um gladiador que triunfa, na arena onde espadana o sangue dos mártires e se espedaçam corpos frementes de vítimas obscuras e trágicas. Em outros dias, à força de súplicas, Zampa ficava: era uma festa. Saíam de carruagem para o campo, lá passavam a tarde no meio da poderosa eflorescência dos arbustos, no silêncio das villas brancas, em torno de que se alastravam vinhedos, sob os nogais de um verde quente ou entre perfumes acres de pinheiros que gemem o seu cântico desolado. Jantavam sobre a relva,

como bons lavradores; ele não bebia então. Tudo em roda estalava de risos metálicos, finamente timbrados; era bom viver assim. Naquela afinidade de sensações tranquilas, a alma dele parecia irradiar uma delicadeza poética. A contessina descobria-lhe predileções de paisagem, observações sentidas, fortes destaques de inspiração, uma docilidade de carácter, mesmo. E era feliz, esquecida de angústias de outras horas, com a mente povoada de sonhos de ouro. Se fosse assim sempre! Se fugissem para um país remoto, o Oriente, num mosteiro em ruínas!... E figurava minaretes tártaros, as grandes túlipas das cúpulas, rendas frágeis dos pórticos árabes, o céu profundo e cálido, onde a miragem inverte os panoramas, paineiras seculares, erguidas entre casas quadradas como dados colossais, albornós brancos, barbas pontiagudas e tez parda — como nos desenhos de Bida. Ou numa herdade perdida no seio dos Apeninos, longe do bulício e à beira de um lago, num chalé vermelho, entre árvores. E pelas madrugarias róseas iriam tomar os leites perfumados de turinas brancas; os sinos das ermidas tocariam o Angelus, no meio de um coro de pássaros; a natureza seria de uma sonoridade cristalina,

perlada de orvalhos frescos e cálices de jacintos, cor-de-rosa.

O seu lirismo abstraía-se em idealidades azuis, em grandes e nebulosas viagens, em que destacava o grupo formado por Zampa e por ela — um pelo braço do outro.

Um domingo, ele não voltou. No dia seguinte, encontraram-no apunhalado na casa de jogo. Foi quando começou a estátua. Dentro de poucos meses, o mármore, desbastado, realizava a criação mais lúcida que se possa sonhar. Era uma obra-prima realmente, esculpida com verdade profunda e inspiração fogosa. Sobre um plano inclinado, via-se um grande globo polido, retido a meio caminho do declive. Sobre o globo, numa posição agilíssima e graciosa, o funâmbulo, com os braços abertos, as pernas quase unidas, a face risonha, juvenil e um pouco irónica, procurava conservar resolvido o seu problema de equilíbrio pelo maior espaço de tempo possível: e toda aquela obra ressaltava de vitalidade, de arrojo e de elegância. Uma lufada de génio passara por ali. Quase se esperava ver oscilar o globo, moverem-se os pés de Zampa, erguer-se um pouco o travessão de balança que ele fazia com os braços

para deslocar impercetivelmente o centro de gravidade a fim de o fazer subir ou descer, andar ou desandar, dentro da base de sustentação, e vir descendo, descendo conforme quisesse, pelo declive geométrico e doce do plano oblíquo, sempre sobre o seu globo humilde e no meio das ovações estrepitantes de alguns milhares de espectadores. Era Zampa tornado estátua; as mesmas soberbas linhas, a mesma irrepreensível musculatura, perna firme, retesada e direita, de uma elegância única, os fortes encontros, a larga espádua de herói, de uma curva severa, o braço sem grandes nós articulares, o pulso atlético, e ricamente modelado, um peito leonino em que subiam ondulações viris de seios, a cabeça um primor de cinzel e um prodígio de distinção, alta, cabelos revoltos, a audácia dominadora, olhando em face a turba pressuposta, com o ar superior de quem se faz admirar.

Era Zampa. Ninguém que o tivesse visto na arena podia desconhecê-lo.

Ao acabar o trabalho, quando numa contemplação palpitante ergueu os olhos sobre a sua obra, o cinzel caiu-lhe das mãos e os soluços estrangularam-lhe a voz.

Toda a sua alma estava ali, como talvez, nos primitivos dias do mundo, a alma do bom Deus nos corpos dos primeiros homens criados. Nada fora omitido; era ele, bem o estava vendo, risonho e vivo como outrora, os lábios quentes de beijos e o olhar cintilante de raios. Bem o estava vendo! Os dias que mediavam entre a morte e a ressurreição daquele homem tinham-lhe centuplicado o amor, tornando candente o desejo, e calcinado as últimas fibrilhas de receio. Era sua, era dele para sempre. Passariam diante de todo o mundo, abstraídos um no outro, com o olhar errante nas estrelas.

E de rastos no xadrez do atelier, cabelos soltos em espiras procelosas, o olhar faiscante de loucura, seminua, agonizante, branca, cingia com os braços a sua obra imortal, tentando aquecer com a lava dos seus beijos a gélida indiferença do funâmbulo de mármore.

Enfim, acharam-na caída aos pés da estátua, abraçada ao globo como a serpente dos retábulos da Virgem, um sorriso divino de bacante nos lábios emudecidos. Morrera.

Uma palavra de confidência. Não procurem na sociedade a contessina: seria ridículo! O amor moderno, despido dos atavios românticos e das consagrações imortais, tornou-se,

fora da família, o que é na ciência e referido às outras espécies animais: a excitação fatal, regida por leis fisiológicas, que atrai e liga. dois seres da mesma construtura orgânica e da mesma conformação anatómica, posto que de sexo diferente. O mesmo que para os cães, que para os elefantes, que para os peixes, que para as aves, que para os insetos: instinto, exacerbado na raça humana talvez, pela depuração do sistema nervoso. Degradante porém neste caso, por improdutivo. Atualmente há só duas mulheres, a da família: a mãe, a esposa, a filha; e a da viela. Esta última, compreende-se, se chega a amar um funâmbulo, ama-o caninamente, pela sensação que lhe arranca. Se o funâmbulo morre, esse amor despertado, não transforma nunca a cocotte numa artista, qualquer que seja o seu grau de educação, de gosto e de talento.

Se quiserem ver passar por instantes a contessina, tal como a sonhamos, vão a um atelier onde se curve um escultor sobre a pedra ou sobre o tronco, ou observem um poeta que febrilmente escreve os alexandrinos do seu poema. Em qualquer dos três, poeta, pintor ou escultor, pousou o beijo da contessina. Não é uma mulher, meus caros, mas o sopro

abrasado que passa e se extingue, depois de haver criado também o seu funâmbulo de mármore. Chama-se a Inspiração. Devemos-lhe o machado de sílex e o desenho rudimentar gravado em certas cavernas sepulcrais; viveu já na cidade lacustre, onde fazia colares de dentes de carnívoros para ornar o peito dos vencedores; passados séculos ergueu a Acrópole grega, o Patéon e os circos; fez o Coliseu e a Capela Sistina; tudo quanto é grande alevantou-o ela, amou os artistas da Renascença, os arquitetos piedosos da Meia Idade, levou às fogueiras os apóstatas, guiou Lutero, descalço e faminto, através da Alemanha, impôs Savonarola na Itália, e Cristo obedecera-lhe muito tempo antes. Na ciência, da mesma forma que na religião e na arte, tudo lhe pertence e tudo lhe obedece; foi amante de Arquimedes, de Newton, Laplace, Tyndall, Cuvier e Owen, e sempre a mesma frescura de tez e a mesma suavidade de forma, a mesma cintilação no olhar e o mesmo braço imortal e correto, que rasga no incógnito um sulco palpitante e magnífico.

O MILAGRE DO CONVENTO

Ficava o convento a meio das vinhas, numa larga planície florente e verde, em que as oliveiras punham a tristeza bíblica das suas comas cinzentas, como o zinco oxidado.

A leste corria o enorme espinhaço da cordilheira, alteroso e pávido, cuja nudez agressiva de linhas se coloria de mancas plúmbeas e vermelhentas, de que os penedos destacavam selváticos, lembrando ruínas de monumentos celtas. Num campo de visão esplendoroso e infinito, alargava-se para o sul o horizonte azulado na massa de ar, semicírculos de planície que mais e mais se iam perdendo no esfumado das exalações longínquas.

Do campanário da igreja, o olhar que se alongasse, transpunha daquela banda, livremente, a caraira de Espanha, no seu voo silencioso de andorinha inquieta. Em torno ao velho casarão, a ruína dos muros da cerca, uma: alta cruz truncada, e dois ou três arcos de um antigo aqueduto de abastecimento, assinalavam a expulsão

violenta dos pobres capuchos, primeiros senhores da casa até às lutas da última guerra civil. O edifício e a cerca, vendidos a um fidalgarrão da Vidigueira, derruíam vagarosamente, à míngua de reparos. O fidalgo arrendara tudo, abandonando a província, onde só voltava de ano a ano para vender herdades ou hipotecar pastagens e azinhais. Na cerca, os amplos tanques de pedra estavam desconjuntados . e secos, cobertos de cicutas viridentes; a canalização atulhava-se de raízes e moitões de lodo das últimas enxurradas; caíra o aqueduto; e à boca lôbrega das cisternas, as figueiras bravas irrompiam, alongando os troncos brancos, em que rebrilhava o verde de largas folhas de recortes duros, como antigas faianças de Koblenz. Debaixo das nogueiras, cujo aroma rescendia morno a cada respiração da aragem, torciam-se as heras nos bancos de granito, estendendo tentáculos no seu deboche de vegetação verde-bronze e subindo, como um desejo, pelas fibras das árvores colossais. Uma estátua de apóstolo mártir caíra de encontro a um castanheiro enorme, cujas palmas faziam cúpula sobre essa cabeça vergada, de granito. Ao longo da ribeira, os plátanos e as faias postavam-se como avançadas, num surdo murmúrio íntimo

de seiva. E para além, o laranjal espesso, vergado até abaixo, alargava-se, embalsamando o ar, onde as pombas fugiam no azul pálido, como almas que, purificadas, penetram os umbrais serenos de bem-aventurança. O convento, de paredes cinzentas, telhados cobertos de erva e janelinhas de celas, desamparadas como órbitas sem olho, pesava na paisagem viva, com um ar de mendigo que esmola, à beira dos caminhos. Acima da grande massa oblonga de muros, fortalecidos a gigantes de cantaria, as duas torres sem cúpula, encimadas de pequenos obeliscos de alvenaria musguenta, de cujas cristas o furação cuspira os cata-ventos, erguiam-se tristemente, como um desenho tosco e primitivo. Nos claustros, o feitor da propriedade estabelecera tulhas do lagar de azeite, cobrindo a taipa uma das faces do quadrado de arcarias, rasgadas sobre o pátio central — onde os limoeiros vinham espalmar toda uma tapeçaria de folhas curvas e espinhosos troncos, salpicada pelo oiro baço dos frutos, ovalares e rescendentes. Uma legião de pássaros vivia nesse pátio, na ebriedade festiva dos aromas; ao centro, o poço de pedra, de relevos brutos, especavam no ar a roldana negra, que tinha, ao anoitecer, um perfil de forca viúva. No tempo dos

frades, as festas cheias de rumores do velho órgão, de incensos e flores chamavam dos arredores as aldeias e farta colheita de esmolas. Agora a devoção por essa velha igreja em ruínas, de altares carunchentos e abóbada fendida, esmorecia lentamente. Falavam de medos errantes pelos claustros, soluços pelas escadas de pedra, e vozes que vinham gargalhar blasfémias à boca do poço quadrado do pátio. Aparecera mãe uma filha do eremitão. E os santos, toscamente esculpidos e miseráveis nos seus farrapos de túnicas, não inspiravam respeito. O Senhor dos Passos, com uma enorme cabeça de marfim, estava aliviado a um canto, do peso da cruz, que o sacrista bêbedo partira uma noite, depois da procissão. Andavam aos pontapés pelo carneiro, amolgadas e sujas, lâmpadas de latão, verdentas de azerve; os castiçais coxeavam cobertos de cera pingada e moscas mortas. E por um buraco do coro, alta noite, piando escarninhamente, as corujas entravam para os ninhos da capela-mor, famintas do azeite das lamparinas. Duas vezes por semana, domingos e quintas, Manuel do Cabo, sacrista, mais o padre Miguel de Deus, saíam da aldeia, para celebrarem missa no convento, a que só assistiam o eremitão e a filha, os moços da horta mais o

feitor, gente sombria, com o ar estúpido dos ignorantes maus.

Uma noite, padre Miguel de Deus apareceu morto na cama e ficou vago o lugar de capelão do convento. Só depois de instâncias repetidas é que padre Nazaré aceitou o cargo. E, torcendo o focinho bilioso de egoísta, dizia para Manuel do Cabo, uma quinta-feira, apontando a igreja:

— Isto não deixa nada, mas, com reformas... .

Manuel do Cabo, que era lido em autos, histórias de Carlos Magno e princesas Magalonas, não deixou sem comentários a sentença do Sr. padre Nazaré — um finório, como se dizia na loja do Burjaca. Mas, com reformas... meditava ele à lareira, enquanto a filha Escolástica, junto da candeia, fazia renda pensando em ganhões de braços robustos. Que diabo de reformas seriam? A igreja não tinha rendas, nem alfaias, nem conserto sequer. A miséria ia, esfrangalhada e imunda, das toalhas dos altares aos dosséis desbotados da capela-mor. Começava a estalar a carnação dos mártires; nosso padre-mestre S. Domingos perdera pouco a pouco as orelhas; havia um S. Luís carunchoso, em cujo ventre os

ratos faziam residência segura, por todo o ano. E falar o padre Nazaré em reformas!...

Chegou o Verão daquele ano, tempo das romarias.

Cada domingo era consagrado à sua ermida — à Senhora de Guadalupe, a Santo António, a Santa Clara, a S. Pedro das Cabeças, a S. Tiago, à Senhora das Relíquias... E as aldeias, vestidas de galas, raparigas de xales escarlates e tranças postiças, cavadores de calças curtas, enormes pés e grosseiros chapéus de borla nas nucas, velhos e crianças nos seus burros, nos seus machitos e nos seus carros de mato iam em chusma depois do jantar e meio-dia batido nos sinos da paróquia, estrada fora, através das searas maduras, e das vinhas verdes opulentas de cachos, trepando colinas e chapadas de olival, em direitura às igrejinhas brancas, abertas com um encanto de fé ingénua nas alturas, e em contemplação perpétua de horizontes sem termo. Cada uma daquelas imagens de bem-aventurados, toscamente esculpidas e de uma pintura bárbara, possuía para a raça crente dos campos a especialidade de um prodígio, um ramo de milagre original.

Santo António, por exemplo, de três palmos de alto e o rostinho garoto de um aluno desinquieto, adorado num cerro enorme de montado, e vizinho de um moleiro borrachão, protegia os namoros. Era o mais querido dos arredores. Nas tardes bonitas de Primavera e nos domingos abafadiços de Verão, a gente moça vinha bailar-lhe e cantar-lhe no adro, com um desejo de núpcias traduzido em clarões de olhar. Uma a uma, as raparigas iam coser-lhe no manto, sorrateiramente, pequenos bilhetes escaldando de fé e de pecado também, em que se suplicava a intervenção da bendita imagem no bom êxito de uns amores que qualquer dia rebentavam em escândalo grosso — não tinha dúvida nenhuma!

S. Pedro abria as portas do céu, e o seu cortejo compunha-se de velhas beatas supersticiosas e antigas fandangueiras alegres, cuja fé lhes chegara com rugas e cabelos brancos, após anos e anos de rasgada pândega. E todos esses solitários, invocados a propósito de secas insistentes, colheitas ruinosas, implacáveis Invernos, doenças, sezões, maus-olhados, bruxedos e raios, gozavam no Verão da sua festa, com música e fogo-de-vistas, sermão, tourada e

processões garridas à roda da igreja, ou as mais das vezes até ao povoado e ao som de uma foguetaria atroadora. Os santos do convento, nada; Mas, com reformas, dizia padre Nazaré. Qual reformas, nem qual diabo! acabava Manuel do Cabo por acrescentar.

Um dia, descendo da torre, onde fora descobrir um famoso ninho de pombos bravos, reparou num cubículo do coro, a um canto, nuns alfarrábios esquecidos, poentos e rendilhados pelas arganaças. Curioso como era, nunca para tal olhara. Agarrou num dos cartapácios e veio para baixo. Torceu primeiro o gasnete aos borrachos do ninho e à pomba mãe que surpreendera.

— Que rica fritada não faria a Escolástica daquela gentinha toda, hem? Um almoço de rei! — dizia Manuel do Cabo, sacudindo a poeira do livro com as fraldas de uma cruz partida a um canto, e noutro tempo alçada à frente da comunidade dos capuchos, pelos campos fora, em dias de festa.

Abriu a grossa capa de pergaminho e leu: Crónica dos Capuchos, em largas letras vermelhas.

— Escuso de ler — ponderava o desdenhoso Manuel do Cabo —; amigos de raparigas, de vinho e raposeiras ao sol, de pança para o ar. Medo aos tiros, latim por qualquer coisa, e uma cantarolação do inferno nas missas. Malta! Conheci o guardião: que grandessíssimo bêbedo!

Como entardecia, fechou a porta da igreja, meteu o livro no alforge mais as alvas sujas de padre Nazaré, e, montando no Ginaia, jumentinho podre e peludo, desceu para a vila. Era pelas eiras; a perder de vista, de ambos os lados da estrada, alongavam-se sinuosamente pelas colinas as courelas ceifadas, cujos torrões secos dos calores tropicais esboroavam ao menor atrito. Os rebanhos percorriam, de banda a banda, os largos trechos de campo, fazendo um concerto de chocalhos e uma floresta de chifres.

No horizonte formidável, murchavam docemente as últimas eflorescências de luz. De todos os lados as árvores, com os seus braços de ciclopes negros, pareciam curvar-se numa saudação benévola, que os melros, os melharucos, os papa-figos, as calhandras e os verdelhões repetiam, ampliando, vocalizando, num coro estrondoso, sonoro, harmónico e incomparável. As vinhas forravam de espessos tapizes a

terra calcinada, de que se erguiam as figueiras de largas folhas e troncos brancos, num espreguiçamento de sesta. Desenhavam-se para o longe, em curvas francas, os pendores das serranias agras, afogados na exalação serena da tarde; de todas as veredas saíam para as eiras récuas de possantes machos carregados de espigas, e pelas clareiras estalava em notas vivas o rumor das cantigas imaginosas. Manuel do Cabo ia dando boas-tardes aos ranchos de ceifeiras que encontrava. À entrada da vila, encontrou padre Nazaré chupando um cigarro, enquanto no calcadouro da eira os moços retraçavam as espigas, a malho. E à noite, depois da ceia e aceso o cachimbo, lembrou-se de folhear o alfarrábio, a passar um bocado de tempo. Leu num cabeçalho do capítulo:

«De como Jesus Nosso Senhor se mostra prodigiosamente aos seus humildes servos capuchos, e da narração dos milagres sucedidos no convento de Santo António de Vila Alva.»

— Pois, sim, sim! — disse Manuel do Cabo, com desdém. Mas leu sempre.

«E além dos muitos prodígios em que a misericórdia divina se patenteou aos nossos irmãos, sarando grande cópia de leprosos, curando enfermos e fazendo sair o inimigo do corpo de várias mulheres, a súplicas do nosso padre mestre, Frei António da nossa Senhora, se relata um assombroso milagre que deixou prostrados em fé quantos tiveram a glória de o presenciar. Não poupa Deus os pecadores do mundo, nem retira aos que se arrependem e conquistam a graça, suas mercês e favores, que únicos são verdadeiros neste viver de desenganos...»

— Tá! tá! — fazia Manuel do Cabo, como quem conhece o terreno que pisa. — Malandrice no caso!

«Em o ano de mil quinhentos e setenta, por uma noite de Janeiro, estando no convento de Santo António de Vila Alva todos os nossos irmãos recolhidos nas suas celas e entregues à guarda de Deus, pois como disse o bem-aventurado S. Francisco de Sales...»

— Pro diabo, mais ele! — comentou Manuel do Cabo, voltando a folha sem olhar a citação.

«Se ouviu grande grita na igreja e a modos rugidos de besta-fera, no meio de copiosos prantos. E, despertada a comunidade, se ouviu uma voz que dizia: Ide-vos, tentador! E todos se prostraram, em oração, para que Deus Nosso Senhor não desamparasse seus humildes servos em tamanha agonia e perigo, a fim que as suas almas pudessem desfrutar a bem-aventurança, que gozam no seu reino tantos santos e patriarcas, pois como disse...»

— Esta cambada metia tanto latinório nos livros, como vinho no bucho. Ora a súcia, senhores!...

«Mas o guardião Frei António da nossa Senhora, de virtuosa prática e varão inspirado do Céu, veio a eles para que cobrassem ânimo, e encaminhando-se todos para a igreja viram um grande cão preto, lançando fogo pelos olhos e boca, que fazia pavor, tão furibundo estava de ver. E no altar da milagrosa imagem do Senhor dos Passos, um leigo notou os castiçais derribados, o frontal desfeito e coberto de babas malignas. E vindo todos, foi visto agarrado à cruz do Redentor um noviço entrado de pouco, por nome Serafim, que prostrado em êxtase dava graças a

Deus por se haver escapado das garras de Satanás, que outro não era o tinhoso cão negro, que fora visto em fuga.

E todos em joelhos deram graças por tamanho prodígio. Aproximando então uma lâmpada da verónica da sacratíssima imagem do Senhor dos Passos, notou Frei António que esta chorava um choro de sangue de agonia milagrosa. E erguendo a voz ordenou a todos os irmãos que ali estavam se prostrassem de novo e fizessem por observar, em tudo, quanto recomendam os sábios doutores da Igreja, cultivando a fé e espalhando a virtude quotidianamente...»

— Naquele tempo chorava — ia dizendo velhacamente o sacristão. —Hoje, qual!... Partem-lhe a cruz e não abre bico; rasgam-lhe a túnica, e moita! Como diabo fariam eles a choradeira?...

Nisto bateram e entrou padre Nazaré. Deu com os olhos no livro e foi logo observar o trecho.

— Então você agora dá-se à leitura de coisas antigas, hem? Crónicas e frades, etc...

— Hum! Pouco. Era pra chamar o sono.

Padre Nazaré pôs o dedo no capítulo do milagre e olhando de esguelha o sacrista:

— Quanto lhe devem a você no convento?

— Seis meses certinhos... faz hoje. Nove mil réis! Se os apanho, nem acredito! Chiam-me no papo.

— O mesmo cá por casa. Leu isto?

— Não tinha outra coisa...

— E que diz, que diz?

— Eu? E vossemecê, padre Nazaré?

Olharam-se. Manuel do Cabo ria com a sua figura podenga de campónio, olhinhos de malícia precavida, um tamborilar de dedos na tampa da arca.

— Que grande milagre! — fez com ênfase untuosa o padre Nazaré.

— Que grandessíssimo! —juntou Manuel do Cabo, não se sabendo se falava do prodígio, se do capelão.

— Como já se não fazem hoje — ecoou saudoso o padre, repotreando-se, com os bugalhos dos olhos nos seios da

Escolástica, entretida a esburgar as ervilhas secas.

— Pouca virtude hoje! — disse o sacristão. — Os tratantes são como água de pedra... — E com profundeza convencida, dando uma risada bronca:

— Mas naquele tempo eram maiores, vá com Deus!

— Hum! — opinou padre Nazaré. Puseram-se a falar no enterro daquele dia, da velha D. Isaura, uma ricaça da terra. A Escolástica quis saber se tinham distribuído esmolas e de quanto.

— Tostão!

— Não se alargaram muito, a bem dizer.

— Vamos com Deus, não foram más. Quando foi do doutor Bentes, nem cheta apareceu.

— Esse sim! Tomara a mulher mais prós amigos. — E desdenhosa: — Que, segundo me contaram...

— Não digas asneiras, sua tola, não digas asneiras — clamou azedamente Manuel do Cabo, que amava a discrição e a harmonia recíprocas. — Você viu?

Deram nove horas, no relógio da torre. E o sino da câmara correu, segundo a velha usança.

Padre Nazaré levou o sacrista para a porta da rua e disse em voz cautelosa, aproximando muito a cara da orelha do outro:

— E se o Senhor dos Passos chorasse ainda?

— Está lá pra isso!

— Homem, às vezes...

— Então? — fez Manuel do Cabo, à espera que ele dissesse tudo.

Padre Nazaré descreveu então numa linguagem arrastada e mole a rodilhagem em que se via o convento e os objetos do culto.

— Você bem sabe, homem. Não há frontais, nem banquetas, nem toalhas, nem alvas, nem vestimentas para os santos. É uma vergonha! — acentuava com força. — Tudo que mete nojo! Aquelas galhetas, aquela patena, as duas sobrepelizes, as alvas, tudo aquilo, senhores, tudo aquilo! Além disso, não sei se você tem reparado. Uma

invernia tesa, temos a abóbada em terra. Sabido! Você conhece-me. Sabe que coisa ao meu cargo tem de andar limpinha, arranjadinha. Senão, passe muito bem... Ora se o Senhor dos Passos... você entende?

— Tinha hoje pensado nisso mesmo — observou Manuel do Cabo, que medira o alcance da patifaria proposta.

— Ah, tinha? — E numa expansão: — Assim mudava tudo, você entende. Quando correr que o Senhor dos Passos chora, não faltará cão nem gato que não queira ver; calcule as esmolas e prendas a seguir. Você entende... são velas, azeite, túnicas, castiçais, dinheiro, legados por testamento, o arraialito todos os anos, missas aos centos e gorjetas de estalo. Conserta-se a igreja, asseia-se, pinta-se, caia-se, você entende. No Verão, bailarosca na cerca, fogo-de-vistas, gente assim...

E com os dedos em pinha, fazia movimentos de aglomeração oprimida.

— Sim senhor, sim senhor — resmungava o Manuel do Cabo.

— Aí pela Quaresma, faz-se procissão até à vila, missa cantada, o costume, sermão... E você verá que se despovoam aí as aldeias todas para a romaria. Selmes não falta.

— Olha quem, Selmes! Aquilo são brutos como jumentos.

— A Vidigueira, a Cuba, Vila de Frades... Você entende.

— Essas não comem, parece-me cá.

— Qual! Qual! O povo tem muita religião ainda. Veja você, quando levam a Senhora das Relíquias, pelas secas, ali na Vidigueira. Veja! É um choro, que nem que as moessem de pancadaria. Que nome tem aquilo senão fé? — E aprumando a estatura desajeitosa, de uma obesidade glutona, invetivava;

— Sim, que nome tem? E não é tudo. Você verá que as mais romarias hão de morrer por cauda da nossa. Homem, sempre é um choro de Senhor dos Passos. E depois, os sermões. O que se pode dizer da imagem... você entende. E o dinheirão nas festas... Vendem-se estampas, bentinhos,

medidas — um chuveiro! Isso fica prós alfinetes da Escolástica. E as fogaças e tudo!...

— É uma rica ideia. Mas se entram a falar, se o vigário percebe...

— Ora deixe. A eles também lhes faz conta. Em Beja fazem o mesmo, os tais letrados.

— Bem. Eu cá, pronto! Pode chorar em querendo.

— E aproveita-se uma bela ocasião agora. Você sabe que a mãe do fidalgo vem passar um mês para a horta. Grande devota, segundo me contaram. Em Lisboa, diz que leva a vida pelas igrejas a comungar, a confessar-se, a encomendar relíquias e bentinhos. Excelente senhora! e para mais, oitenta anos! Veja você...

— Está na conta.

— Como anda adoentada, vem a mudar de ares. O sítio é belo, um ar na própria, verdura... Faz-se o milagre: se melhora, corre logo uma fama de seiscentos demónios.

— Não melhorando... tumba!

— É capaz de legar rendas para o culto. E você entende.

— Entendo. Em ambos os casos, lucro. E quando chega?

— Mesmo depois de amanhã.

— É preciso então mandar assear a igreja, que parece um chiqueiro, não ofendendo quem está.

— Claro que é preciso! Amanhã trata-se disso.

No dia seguinte ia grande faina no convento.

O hortelão varria do laranjal as folhas caídas, os moços aparavam o buxo das estreitas ruas do jardim, as mulheres caiavam os muros da cerca. Ao mesmo tempo, Manuel do Cabo mais a filha, empoleirados pelos altares da igreja, destruíam com os varejões enormes, que serviam pela azeitona, as pontas suspensas e negras que alguns milhares de aranhas tinham fabricado, em pelo menos vinte anos de secreção. Os santos tinham sido apeados dos nichos e cuidadosamente lavados numas poucas de águas. A cada passo, a Escolástica, passando o rodilhão molhado pelas barbaças de um mártir, dizia compungida:

— O santo me perdoe, mas estava que metia nojo! — E em cóleras de cristã fervorosa: — Estas bilhardeiras da

horta, nem ao menos água têm, pra lavar os santinhos! Velhacas!...

— Oh, rapariga... — dizia o sacristão repreensivo.

Foi impossível arrancar ao seu nicho o Senhor dos Passos. Era uma imagem maciça e tosca, talhada quase a machado, e a quem faltavam dois dedos. Tinha a cabeça quadrada de um ídolo pelágio, marfim amarelo salpicado de feridas negras, cabeleira comida de traça e encimada de um resplendor de lata, dentado e torto. A túnica caía aos pedaços numa miséria mendiga, donde saíam tornozelos gigantescos e pés formidolosos.

— Mete respeito! — dizia a Escolástica, molhando o esfregão no alguidar.

Os cuidados de Manuel do Cabo convergiam especialmente sobre a capela do Senhor, soturna e alta, com colunelos de talha e esculturas selvagens representando serafins e emblemas da Paixão. Do fecho do arco, uma lâmpada de chumbo caía por três cadeiras de ferro; o púlpito ficava em frente com a balaustrada negra e azulejos no portal; e, traçando caminho de capela para capela, uma linha de

sepulturas rasas arremendava de pedras alvacentas e tortuosos epitáfios o ladrilho esboroado do pavimento.

Era espaçoso o camarim da imagem, posta ao través para ser vista <,;m toda a sua dimensão. A parede do fundo, pintada de judeus colossais ornados de chifres e dentes de javali, que os maraus arreganhavam por modo insólito, ensombrava-se^ de manchas limosas, fazendo claros na quadrilha de algozes de Nazareno.

— Eh, malditos do diabo! — fazia a Escolástica esgrimindo figas sobre a cáfila, enquanto gravemente o sacrista dava reviravoltas à cabeçorra do ídolo, a ver se a desaparafusava do tronco. E quando viu a filha descer para renovar a água das lavagens, Manuel do Cabo destroncando a cabeça santa pôs-se-lhe a estudar cuidadosamente a anatomia. Terminava ela numa espécie de parafuso tubular, tapado por uma rolha. Manuel do Cabo puxou a rolha para si e deu com uma concavidade que se escavava na cabeça, fazendo nela como um esconderijo.

— Cá está a marosca! — resmungou, torcendo a venta de um modo pujante.

Deitou água no bojo e vascolejou. A água tingiu-se de vermelho.

— Percebo! — disse ele. — Não precisa mais. — disse a meter a rolha no tubo de parafuso, lavou a cara do santo, cuidadosamente restituiu a cabeça cheia de água ao seu lugar. Alcançara de velhas devotas uma túnica de paninho roxo, e com esmolas fizera consertar a enorme cruz de pinho que de longos anos caía a um canto, aliviando o semita do seu peso infamante. Quando a Escolástica voltou, já o Senhor dos Passos estava vestido e paramentado de novo, cruz às costas, a disforme cabeça lívida pendente sobre os seios, cabeleira esguedelhada nos ombros e o resplendor por cima, com uma mão fatídica impondo condenações. Com ramos de ciprestes juncaram o chão da capela. Através das ramarias esbugalhavam-se os olhos dos fariseus, com ar de troça que incendia as iras da Escolástica, vindo porém, a achar eco no coração do sacrista. Enfim, a mulher do hortelão trouxe flores e verduras, que foram postas em simetria no altar, dentro de canecas de barro e bilhas vermelhas, de Estremoz. Acendeu-se a lâmpada da capela, e diante da gente da

horta que viera recolhidamente ver os preparos da igreja, a Escolástica leu em voz alta, no seu livro de missa, a ladainha — que era muito bom para ganhar indulgências.

Ao cair da noite os preparativos de receção da senhora fidalga estavam feitos; a residência esfregada e as louças brilhando nos grandes armários do refeitório; enormes camas de pau-santo cobertas do colchas de damascos crespos, rescendendo à alfazema das gavetas e ao linho de Guimarães; painéis de santas risonhas com mantos cor de laranja e maxilas de carnívoro; os tamboretes em linha mostrando a pregaria luzente; e um velho sofá de medalhões de coiro ao fundo da sala, de cujas paredes pendiam, em molduras castanhas, litografias representando a vida de Dona Inês. Na horta o mesmo aspeto cuidado e festivo — moitas de hortênsias à entrada, ruas de loureiros e chorões, caracoleiros e heras vestindo os muros, os tanques limpos, aparada a relva do laranjal, dálias' escarlates ressaindo dos tufos verdes da contramina, abóboras e melões de guarda em linha no telhado do chiqueiro, espantalhos novos pelas figueiras...

— Tudo que nem um brinco! — dizia a Escolástica à vizinhança, descrevendo as canseiras que tivera.

À noitinha apareceu padre Nazaré, chapéu para a nuca, todo encalmado de subir as escadas do balcão. Vinha mal do estômago, cheio de securas, a face macilenta, ventre alto, os intestinos trovejando.

— É dos pimentos — dizia —, é dos pimentos de conserva.

Tinha levado o dia metido em casa, em mangas de camisa e chinelos, com calma. Fizera suão; com as queimadas os ares andavam turvos e as bestas sem força para o trabalho.

Demais um desavergonhado de Selmes recusava-se a pagar a meia moeda que lhe pedira aí pela esborralha. Corja de ladrões!

Manuel do Cabo filosofou então:

— Que hoje em dia o mundo ia cada vez pior.

Todos cuidando de atafulhar o bandulho, e o diabo que levasse o nosso amigo e compadre.

Deleitava-se intimamente o sacrista, em sabendo que alguém caloteava o padre Nazaré, um fona incapaz de deitar osso a um cão.

O padre passeava de uma banda para outra, mãos atrás das costas, um livor bilioso na pele. E disse sem levantar a cabeça:

— Sabe que a velha chega amanhã?

— Assim ouvi dizer.

— Fez aquilo?

— Todo o santo dia andei a rapariga a tirar estrume da igreja. Aquilo não é dizermos que estava porca, senhores, mas tenho já visto malhadas de cabras mais limpas. Teias d'aranha então, capazes de cobrir o mar. Enfim, ao menos asseada, ficou. Tudo varrido, muito flor nos altares, azeite nas lâmpadas, túnica nova no Senhor dos Passos. É imagem pra um bocado de respeito. Sempre lhe digo que Padre Eterno era homem do tamanho da torre de Beja, se tinha parecenças com o seu filho. Alentado, palavra.

— Mais respeito com essas coisas, senhor Manuel do Cabo, mais respeito com essas coisas — advertiu padre

Nazaré, que tinha lobrigado a Escolástica entre portas, à escuta.

E com um formidável arroto abriu a velha homilia sobre o temor de Deus e os mistérios da Trindade — Padre, Filho e Espírito Santo.

— Malditos pimentos — dizia —, malditos pimentos! Deus era o espírito criador, dotado de todas as virtudes e omnipotências. Era o infinitamente bom, o infinitamente grande e o infinitamente piedoso. Para impor-se à limitada compreensão humana, fizera-se homem no seu filho, que padeceu e morreu...

— Tudo para nos remir e salvar! — ajudou de dentro a Escolástica, que sabia as prosas do Novo Catecismo de Doutrina.

— É tal e qual — fez padre Nazaré. E vendo a rapariga de braços arregaçados pediu água, para lhos ver de perto. Quando a Escolástica se afastou para encher o copo, o padre voltando-se disse: — É preciso dar exemplos, homem!

— Pois que dúvida que é — objetou o outro, puxando fogo ao cachimbo.

Os olhares dos dois encontraram-se luzindo com a mesma expressão de patifaria.

Traduzindo então os pensamentos do padre, Manuel do Cabo ia dizendo a meia voz:

— A fidalga chega à tardinha ao convento, com as criadas. Traz homens?

— Não traz.

— Melhor. Chega e janta. Depois visita a casa, os lagares, um bocado da cerca. E salta na igreja sol-posto. Escuridão no altar-mor, nas capelas laterais, lâmpadas acesas, um sossego de morte.... Faz a sua oração ao Senhor dos Passos, hem? E um de nós então, repara que...

Padre Nazaré tossiu, para abafar as palavras que ia vomitar o sacrista. E Manuel do Cabo desatou a rir. Com um jeito brusco o padre estendeu-lhe a mão.

— Até amanhã. Vou-me deitar, que me estou a sentir pior.

Desceu as escadas do balcão, enquanto de pé no portal o sacrista ficava olhando com o seu risinho de marau inteligente.

Ao entardecer do outro dia, a caleça entrou com grande estrépito na portada da cerca. De chapéu na mão, os moços de lavoura, o hortelão, padre Nazaré mais o sacrista adiantaram-se para cumprimentar a velha dama recém-chegada. Esta desceu amparada ao braço do padre e sem baixar a cabeça a ninguém. Era quase octogenária e devia ter sido alta. E toda corcovada, com um vestido de veludo preto e um capote debruado de peles, subiu a escada que levava ao andar de cima.

— Isto aqui é triste, pois não é, senhor padre?

— Não, minha rica senhora, não é. Em campo é do melhor que tenho visto. Muita verdura, boas águas, rica vista, enfim, um regalo de propriedade. E depois, a vizinhança da casa do Senhor...

— Sim, sim — disse a fidalga. E com inflexão piedosa: — É o que mais consola.

A mesa estava posta. Pelas janelas abertas do refeitório, via-se morrer a tarde e esmaecerem nas cristas as últimas tintas inefáveis do dia. Ao lado, as noras chiavam fazendo descer e subir sobre a água das nascentes a trança dos alcatruzes de barro. Sob cúpulas verdes de nogueiras, amoreiras brancas e plátanos, a água jorrava nos tanques quadrados; os moços da horta faziam a rega do laranjal, leiras de pimentos e carrapatos; no extenso pomar os pêssegos, as maçãs e as romeiras rubras picavam a verdura de pontos vívidos, de um tom sadio. O ar cristalizava numa serenidade contemplativa e corriam brisas impregnadas do cheiro dos fenos.

A senhora fidalga tinha-se sentado à mesa, mais a governanta e padre Nazaré, que a instâncias consentira tomar um caldo.

— E tem rendas, a igreja?

— Não, minha rica senhora, não tem. Os foros de trigo apenas dão para as despesas do culto; e ainda por cima mal pagos... Os paramentos são uma miséria e o templo faz-se em ruínas. Uma desgraça, minha rica senhora! Desejando estávamos todos que a vossa Excelência chegasse. Temente

a Deus e boa cristã como é, a senhora fidalga pode bem acudir com esmolas à pobreza dos santos e ao desmantelamento da igreja. Podia-se até fazer uma festa, a modos um arraial, todos os anos. Mas eram precisos certos arranjos que traziam despesa. Ora não havendo fundos... Vossa Excelência entende.

— Far-se-á o que for da vontade de Deus — disse a velha, abrindo o seu grande leque da China, preto, com lantejoulas e pássaros exóticos. Tinha tirado o chapéu, bandós postiços desciam aos lados da marrafa, tapando-lhe as orelhas. Um pente de tartaruga posto ao alto dava-lhe à cabeça um ar ridículo. A testa, abaulada e saliente, punha como um abat-jour nos seus olhos profundos, mortiços no fundo das órbitas. Recordava-se pouco do convento, da disposição dos altares e do número de imagens. Se havia trono?

— Um pequenino e dourado, todo velho.

— E santos, senhor padre, e santinhos?

— Isso muitos, minha rica senhora, muitos. Santa Rita, logo à entrada; S. Pedro, à esquerda; a Senhora do

Rosário...

— Minha madrinha... — fez notar a governanta, dona papuda, de bigode. Padre Nazaré cumprimentou, e foi continuando a enumerar:

— O Senhor dos Passos, imagem de muita virtude e milagres; Santa Isabel, rainha...

A velha espirrou, e todos correram a fechar as janelas, temendo constipações. Veio a pêlo falar-se de doenças produzidas por simples golpes de ar. Na opinião da governanta, toda a enfermidade nascia de uma constipação. Quando tivera o antraz...

— Vossa Excelência é que me dizem de saúde muito delicada — disse o padre para a fidalga, oferecendo-lhe um pêssego descascado.

Ela contou então os seus achaques, consultara tudo, a homeopatia, a alopatia, os seus diretores espirituais — que, juntou, sendo os médicos do espírito podem também ser os médicos do corpo, como emissários de Deus — que são.

— Muito bem — disse untuosamente padre Nazaré —, muitíssimo bem.

— Mas poucos alívios, infelizmente. — Tinham feito a peregrinação a Lourdes no Verão passado, por conselho do padre Grainha. Muito bonito tudo, as águas de muita virtude, a Senhora rodeada de oferendas dos romeiros, e algumas ricas... Citava os presentes da princesa Amélia de Brandemburgo, tocheiras de oiro maciço, coroas de rubis, cálices esmaltados e custódias góticas... Tudo valendo milhões, não faz ideia. Em certos dias da semana, Nossa Senhora aparecia aos enfermos na gruta, puxando-se um cordelinho... Mesmo assim, passava mais aliviada de Verão; mas pouco! Tinham-lhe aconselhado a estação no convento, e viera. Ai! Que Deus lhe perdoasse tão grande ofensa... mas tinha pouca fé. A idade era já grande obstáculo a uma cura completa. .

— Todavia — acudiu servilmente a governanta —, sendo da vontade do Senhor... Ela bem lhe pedia!

— E todos do coração imploramos — disse com austeridade o padre, enchendo o cálice de porto. — E levantando-se dava boas esperanças, dizendo a sua grande fé nos ares, nas águas, que as havia férreas, muito perto. Sempre era outra coisa a vida no campo, outros hábitos,

muito sossego... — Assim concluiu ele com um sorriso, passando o guardanapo pela boca oleosa dos molhos —, permita Vossa Excelência que eu beba antecipadamente a um próximo e jucundo restabelecimento.

— Muito agradecida, senhor padre, muito agradecida e que Deus o oiça — dizia a velha, molhando os beiços nos dois dedos de Lacrima Christi, que a governanta lhe lançara no copo. E mostrou desejos de conhecer as terras próximas — a aldeia, como ela dizia. Se havia fé, gente de certa ordem, fortunas... Padre Nazaré dava pormenores. Nos campos a fé não abundava já, como no tempo dos frades. Tudo se ia inficionando da lepra das cidades, não havendo barbeirola que não lesse os jornais e não pregasse heresias por essas vendas. Jogo, má vontade ao trabalho além disso. Não compareciam à confissão, não iam à missa... — E fazendo um gesto beato:

— Pervertidos — dizia —, pervertidos! Nas mulheres, mesmo assim, não era tanto. O coração da mulher é mais entranhável à religião e à fé. De resto, nas escolas não ensinavam orações. Conhecia rapazes que nem o padre-nosso diziam de cor.

— Santo nome de Jesus! — clamava a governanta, com um fervor intenso nos olhos... vinho do Porto e devoção. A senhora fidalga lembrou prédicas aos domingos, depois da missa, sabatinas de doutrina para os rapazes, com um fato novo por mês ao que melhor soubesse as rezas.

Punha as mãos engelhadas como implorando clemência, de olhos em alvo ia resmungando:

— Não sei onde isto há de chegar, meu Deus, não sei onde isto há de chegar!

A governanta atribuía as secas, as guerras, as fomes e as epidemias ao estado impiedoso das almas. Que isto de não comungar era medonho... Diz que apareciam as alminhas negras, com chavelhos, aos berros.

— Credo, mulher, que até faz arrepiar — increpara a fidalgona, fazendo a cruz nos seios chuchados.

E ergueu-se, tomando o braço do padre Nazaré.

— Dê-se ao incómodo de mostrar a cerca, senhor padre. — Vagarosamente desceram a escadaria de pedra, toda coberta de caracoleiros e heras, que vinha abrir em leque ao alto de uma rua de loureiros e eloendros.

Manuel do Cabo albardava o Ginaia, depois de jantar brutalmente na cozinha, mais o hortelão. Quando o padre passou rente, o sacrista perguntou-lhe:

— Então?

— Dentro de um mês está pago em dia — disse o outro, e foi andando.

A velha simpatizara de vez com o padre Nazaré, achando-lhe a compostura grave e a palavra cristã. Somente lhe via um defeito — era talvez um pouco campónio, mãos grossas e sem anéis, uma rugosidade de pele que dava contactos irritantes.

— Enfim — dizia a governanta —, na falta de outro...

Padre Nazaré, pelo seu turno, andava regalado e contente.

Vinha almoçar e jantar todos os dias, grandes cuidados com as camisas, e barbeava-se a miúdo. Nos primeiros dias tivera contrariedades. Aos seus instintos de agricultor brutal repugnavam as branduras da catequese, os melífluos conselhos ditos entre citações de Santo Agostinho, João Crisóstomo, Carlos Barromeu e Basílio, autores porque, valha a verdade, passara a correr, havia bons anos, no

seminário. Afizera-se, desde que residia na vila, a uma vida de episódios rudes, vindimas, ceifas e agiotagem sistemática. O seu génio violento dava-lhe intermitências de cólera biliosa, durante as quais rogava pragas e dizia obscenidade. Sabia o valor do dinheiro, e conforme usava dizer — poucos o enganavam. Adorava o doce. Em pândegas de amigos, porém, gozava fama de gracioso e sabia beber. Como pregador era falado nas terras próximas — boa voz, fazendo chorar na Paixão, gesto dramático e uma ênfase pouco seguida em geral nos púpitos da província.

Chico Praça, poeta da vila e o que mandava correspondências ao Bejense, costumava dizer na loja do Burjaca, aos proprietários que ali iam palestrar, às noites:

— Para coro o padre José Pereira, mas no púlpito o Nazaré.

E todos:

— É pena que se não dedique!

Eram suculentos e escolhidos os almoços e jantares da senhora fidalga, vinhos de feição, loiças, um ar de festa,

natas e doçarias de Lisboa. Padre Nazaré gostava, e vinha dizer para a loja, aos proprietários:

— Bela pastelaria hoje!...

Ou então, arrotando com pompa:

— Diabo! Pois fizeram-me mal as perdizes trufadas.

Aquelas bazófias excitaram ciúmes na terra; muitos diziam com um riso pérfido:

— O mariola achou a ama ao seu gosto!

E alguns, cuspindo:

— Ora o estupor!...

Pouco a pouco, padre Nazaré foi-se afazendo ao novo estado, lia o Fios Sanctorum em casa para alardear de instruído, limava as unhas e andava gordo. Na Feira de Évora, trocou a mula por uma égua castanha, comprou arreios vistosos e estribos de ferro. Ia todas as manhãs dizer missa ao convento e ouvir a velha de confissão. À medida que ascendia no espírito da fidalga, tratava de complicar os regulamentos da devoção, dificultando a entrada no reino dos Céus e pintando Deus como um rábula

exigente, que embirra com as comidas dos seus fiéis, e com as palavras e vestidos das mulheres. Segundo ele tudo era pecado; Deus vigiava das nuvens a humanidade; a vida era simplesmente a antecâmara do grande reino da luz, onde cada mortal mal tinha tempo para se lavar das pústulas malignas originadas da carne, e transmitidas de Adão. E recomendava à velha as ásperas penitências que alquebram, horas e horas de joelhos ante os altares, desfiando rosários bentos e lendo com voz lamentosa as biografias dos mártires e doutores da Igreja.

Este regímen alterou a saúde da velha e ligou-a pelo terror cada vez mais ao padre.

— Só me sinto bem, ouvindo aquele santo! — dizia ela com um escarro na goela. — E com inflexão de grande medo:

— Oh! não me desampare com os seus conselhos, não me desampare com os seus conselhos!

De vez em quando, Manuel do Cabo interrogava padre Nazaré:

— Então o homem chora ou não chora?

— Mais tarde. Você entende.

— Pois até hoje, meu rico, nem lágrima.

— Com água quente, é que é. Você entende.

— Só se for isso. A fria não dá resultado.

Depois com ares profundos:

— Que as lágrimas são mornas. Sendo suor, já era outra coisa. Há suores frios! Andava mais alegre, recebera três meses de ordenado e um presente de pêssegos, dos melhores. E ao entrar na vila, sobre o Ginaia, cantarolava brejeiramente lançando chufas às lavadeira — suas maganas, com quem tinham dormido a noite passada? Que lavassem as pernas, grandessíssimas porcas!

As noites eram abrasadas e eternas. Não bulia folha na horta, os moços do campo dormiam ao relento sobre as mantas, e tendo por travesseiro as albardas dos jumentos. Nos aposentos da fidalga somente, as janelas permaneciam fechadas, não apanhasse Sua Excelência alguma constipação. As casas de cima, de baixos tetos abobadados e sobrados carunchentos, antigas celas de frades

modificadas para residência profana, constituíam verdadeiras estufas no Verão.

Nos corredores circulava um bafo morno, impregnado de bafio, alfazema velha e incenso — o que recrudescia de um modo terrível a asma da beata. Toda a noite a governanta levava a abaná-la com ventarolas do tamanho de sombrinhas e a enrolar-lhe em papéis de seda enormes cigarros de figueira-do-inferno, ao som de intermináveis rezas e custosas promessas ao Senhor dos Passos. Porque era agora cega a fé da velhona, na sacrossanta imagem do Redentor. Contara-lhe o padre a história do convento, sua antiguidade e virtudes. Em tempos antigos, os frades vendiam uma espécie de licor, que curava da peste e punha saradas as úlceras mais daninhas. Rezavam as crónicas do convento, de um almirante do mar das índias, da casa dos senhores da Vidigueira, que, voltando de longínquos países coberto de um vergonhoso mal, se curara de pronto, tomando o benéfico elixir. E junto ao tanque de pedra tinha aparecido ao venerável padre frei Vicente das Sagradas Angústias, ancião que rasgava suas carnes a golpes de azorrague — a figura de Jesus Cristo, feito homem e cheio

de Espírito Santo, vertendo sacratíssimo sangue das suas feridas, coroado de espinhos e clamando:

— Faz penitência, Vicente, faz penitência, que serás comigo no reino dos Céus ...

Ainda agora se mostrava na terceira lájea do tanque, ao pé do cipreste, o vestígio da pegada do Salvador do Mundo.

A velha derretia-se em choro ouvindo tais prodígios, batia nos peitos cheia de uma convicção fanática, e bradando em guinchos de possessa:

— Oh misericordioso Jesus, que eu não sou digna! Oh misericordioso Jesus, que eu não sou digna! — enquanto pelos esconderijos a governanta manducava sofregamente, aos ladrilhos, covilhetes e covilhetes de marmelada. O episódio do choro de sangue deu, como nenhum outro, insónias e delíquios à pobre mulher.

— Há coisas — aventurou ela de olhos baixos, quando certa manhã ouviu narrar o milagre —, há coisas que só vistas.

Padre Nazaré não deu resposta, mas à tarde trouxe nos alforges a Crónica dos Capuchos, com um sinal na

passagem lida pelo sacristão.

— Eu não duvidei, senhor padre — dizia a velha. — Ora Deus nos perdoe! Assim minha alma se salve, em como eu...

E no dia seguinte, a título de remissão dos seus pecados, entregou quatro libras ao padre Nazaré, para esmolas e missas. Em Setembro os males da velha agravaram-se mais, os ataques de asma repetiam-se, a tosse era profunda e entrecortada de pieira estridulosa, que lhe resfolegava nas cavernas dos pulmões. Uma noite vieram chamar o padre à vila a toda a pressa. A velha estava pior, lançara cóleras, falava em confessar-se...

Padre Nazaré mandou acordar o sacristão e disse-lhe:

— Venha comigo.

Cavalgaram as alimárias caminho do convento, e ao verem branquejar à lua as paredes da cerca, pelos claros da folhagem, o confessor da senhora fidalga disse ao seu acólito estas cinco palavras:

— Água quente para esta noite.

Era um ataque dos maiores, com silvos e espasmos prolongados. No quarto abafava-se na exalação das mostarda e do estramónio.

Em saia branca e chinelos, a governanta fazia cigarros e preparava banhos.

E ante cada retábulo de santa ou asceta ardiam velas e lamparinas. Padre Nazaré conhecia um pouco a moléstia; tivera uma irmã que sofrera dela longos anos. O seu primeiro cuidado foi mandar abrir as janelas. para restabelecer a corrente de ar. A velha jazia numa poltrona ao pé da cama, o escarrador ao lado, tronco um pouco inclinado para a frente, o hausto arquejante.

— Então como se acha a nossa doente? — perguntou carinhosamente o padre, curvando-se para ela.

A velha mal podia falar e fez um gesto vago.

— Ouça — disse o padre à governanta —, deite-lhe sinapismos no peito e nas costas.

— Já lá os tem — disse a outra, fazendo-se doutora.

— Bem. Um vomitório então. Água morna aos copos; façam-lhe depois cócegas com uma pena, nas campainhas.

E em voz alta, para que a fidalga ouvisse:

— Mandaram acender a lâmpada do Senhor dos Passos?

— Há que tempos! — disse a governanta.

A esse tempo aquecia Manuel do Cabo a cafeteirinha de água na cozinha, disfarçadamente. E, quando a viu ferver em cachões, desceu à igreja, pela escada do coro. Havia um silêncio lúgubre, trevas densíssimas no santuário e piar de corujas nas ventanas da torre. Junto de uma fresta gradeada, à esquerda, abrindo para a horta, a folhagem de um chorão gigantesco fazia marulhos confusos, de maré que sobe. Fora, nos plátanos da ribeira, os rouxinóis conspiravam, e réstias de lua, brancas e vagas, entravam pelas janelas do coro, pondo luzernas no lajedo das sepulturas rasas.

Manuel do Cabo desceu de mansinho a escada de tijolo carcomido, que caracolando vinha abrir-se por baixo do púlpito. Os arcos das capelas cortavam nos muros alvacentos da igreja enormes bocas escancaradas, em cuja

goela as linhas das imagens se esboçavam, sem relevo. Ouvia-se o roer das ratazanas nos madeiramentos carunchosos, e o rumorejo do chorão nas gradarias da fresta. Manuel do Cabo parou diante da capela do Senhor dos Passos, à escuta. Nalgum corredor distante batia uma porta. Havia conversinhas aos cantos, que ora se afastavam, ora renasciam. A boca do camarim enramado de cipreste, o clarão noctâmbulo da lâmpada deixava ver um pedaço de cruz negra, e mais na penumbra a lívida cabeça desgrenhada, que pendia no peito com um desalento de morte. Tudo o mais era confuso, acumulado e movediço, aparecendo nas trevas com projeções colossais, cheias de pavor. O vento vinha a espaços, como se fora um hálito, fazer bruxulear a luz — e despregavam-se então dos ângulos formidáveis, desde a abóbada até ao pavimento, massas de espectros, que ante o sacrário deserto vinham dançar sabbats alucinados.

Para falar franco, Manuel do Cabo não estava muito à sua vontade, não. Medo não era bem, realmente. E relanceando a vista, com a cafeteira a escaldar-lhe nas mãos, disse para dentro de si:

— Olhem que belo sítio para a gente apanhar um tiro...

Veio-lhe à lembrança o Estragado, que, por duas vezes, contra ele pusera à cara a espingarda, e lhe prometera muito cedo notícias frescas... E o Chico da Aroeira, que andava fugido de soldado e lhe provara do cacete, de uma vez em que fora apanhado mais a Escolástica, no palheiro.

— Além disso — pensava ele — isto cheira a patifaria que tresanda.

Olhou à roda, esteve quase a voltar para trás. Mas que diabo!.. . Era uma vez. Se a coisa pegasse, ninguém perdia com isso, aumentava-se a fé no povo — que era pouca, com seiscentos diabos. Não pegando, era como se nada tivesse havido. E os proventos a gozar, o asseio da igreja, as procissões... Até era bom para a religião, bem pensado. Andaria pago à hora, boas gorjetas, ali estimado como um rei. E tudo por uma gotinha de água quente. Ora adeus!

Subiu as escadas de mansinho, com a cafeteira.

Logo à entrada do camarim, deu de cara com um vulto. O Estragado. Santo Deus! Entornou a água a ferver pelas mãos. O vulto olhava-o imóvel, todo barbado. Era um judeu

da quadrilha, pintado na parede. Manuel do Cabo resfolegou com força, e foi sempre apalpando — um judeu, não havia dúvida. Diabo de peça! A gente às vezes até está parvo, senhores. E entrou a desaparafusar a cabeça do santo. O sino deu três horas — às três e meia, no Verão, é quase dia. Nas lájeas, a luzerna do luar ia-se pouco a pouco apagando. Os cães da horta soltavam uivos.

— Cheira a defuntos que nem diabo! — resmungou Manuel do Cabo. E na escavação interior da cabeçorra chagada ia deitando água quente.

— Assim também eu faço milagre, senhor padre! — trauteava o mariola, já tranquilo.

Às quatro horas, padre Nazaré veio ter com ele.

— Já?

— Poucochinho, mas promete.

— Bem. Vamos dizer missa mesmo no quarto da velha.

— Então o estafermo morre ou não morre?

— Mais respeito, homem! Podem ouvir.

— Vamos a saber?

— Está mais aliviada. Dormita.

— Temos dinheiro por um sarilho, compadre.

— Venha daí.

Sentindo-se mal, a fidalga quisera confessar-se, resolução que em coisa alguma transtornava os planos do padre Nazaré. Umas poucas de vezes a governanta, aflita pelo carácter grave que a coisa parecia ir tomando, chamara o confessor de parte.

— Que se havia perigo, seria bom chamar o médico, mandar um telegrama para Lisboa ao menino Tristão, falar à senhora em testamento. Ela tinha um medo... não queria responsabilidades; era uma serva antiga, mais de trinta anos de casa, quase uma pessoa de família. E com insistência voltava ao tabelião, dizendo casos de pessoas que se tinham ido sem testamento. A D. Mónica, tia dos Palhas, havia de conhecer; o doutor Mendonça, dos Próprios Nacionais, sem herdeiros e podre de rico, que ela servira dez anos, ficando por fim a chuchar no dedo... Que não dizia aquilo por interesse, mas, enfim, era um descargo de consciência. Na penumbra do corredor, os seus olhos

luziam cobiçosos e a sua voz saía baixa, breve, quase sibilante.

— Havia muita prata, roupas, três baús de loiças do Tapão. Casa antiga. Lembrava-se de três governadores da índia, e uma quantidade de arcebispos na família. Ah, lá isso... Nobreza da melhor. E, pondo a mão febril no braço do padre, voltava à carga:

— Se havia perigo... Nada, nada de responsabilidades!

Por seu lado, padre Nazaré certificava que não havia motivos para espalhafatos. Um ataque mais cruel, eis tudo. Que ele sabia proceder como homem e como sacerdote. E punha a mão aberta no peito, na atitude austera de um iluminado.

— Como homem e como sacerdote, D. Doroteia! — dizia com força, espaçando as palavras. Passara muito na vida, para estar precavido contra eventualidades de qualquer ordem. De resto, afirmava com intenção, não lhe tinha vindo a ideia do testamento, servia as pessoas desinteressadamente, como lho ditava o seu coração, porque sabia ser amigo.

E enfático:

— Amicus certus in re incerta ... D. Doroteia!

— Ah, em desinteresse não está o senhor padre mais rico do que eu, há de perdoar. Credo! Os modos de dizer as coisas! É perguntar à senhora fidalga, ao menino Tristão e a todos de casa, quem eu sou e de quanto por esta gente tenho sido capaz. Olhe que conheço a família há muitos anos. Não é o senhor que me dá lições a mim.

E, numa vertigem de narrativas para que não tinha loquela avonde, punha em relevo a sua dedicação, o que aturava pelas doenças dos senhores, o que merecera de confiança e estima em toda uma vida de serviços sem preço, o seu amor pelas coisas da casa, e o trabalho com os gatos e cães da senhora fidalga, que lá por animaizinhos era cega —'não faz ideia!

E protestando, contando, tentando fazer-se valer, andava à roda febrilmente, com uma gula planturosa de avara, as mãos espalmadas à altura dos olhos, onde luziam anéis chinfrins de meia libra.

Padre Nazaré nem escutava, mas dizia de vez em quando, para acalmá-la:

— Eu bem conheço isso, D. Doroteia, bem conheço isso! De resto, a senhora fidalga fizera-o ciente de tudo. Quantas vezes lhe tinha ouvido — que a Doroteia com ser sua governanta não perdia os foros de boa amiga! — Ah, era tida em alta conta, creia isto. E por toda a gente, palavra de honra! — que o não dizia por ela estar presente.

— Demais — acrescentava, embaindo-a, com a voz ejaculada e surda, de uma discrição culposa, com que no confessionário arrancava revelações picantes às boas moças do campo apavoradas do inferno —, demais, quem lhe diz à senhora que no testamento da fidalga não há um legadozito...

E vendo-a suspensa, o riso parvo de quem apanhou a sorte, sublinhava umas poucas de vezes o alvitre proposto, repetindo:

— Sim, quem lhe diz à senhora?...

— Quê? — disse a Doroteia quase a abraçá-lo, com um bocado de rolo a despregar-se-lhe da cuia. — O senhor

padre sabe?

— Perdão — atalhou logo padre Nazaré —, eu não disse...

E, enquanto a outra ficava no corredor deslumbrada, entrou no quarto da velha com ares de levita vergado à imposição de um jumento, ombros altos, um jeito vago de mãos e dizendo com um riso ambíguo:

— Segredos da confissão, D. Doroteia, segredos da confissão!

Ficara satisfeito com o manejo político que tinha posto em prática. Apre! que estivera quase a acarretar o ódio da governanta — uma zorra que a sabia toda! E devia ter sido bem boa! Mas estava velha, quando não... E, mais tranquilo, dizia para consigo:

— Deixá-la do nosso lado. Não se perde nada. Tinham já acabado de armar o quarto da velha, para a cerimónia da comunhão. em frente do leito e na mesa improvisada em altar, um crucifixo enorme, velho marfim de lividez polida, enchia a parede do fundo, que uma colcha de damasco azul, grandes relevos fulvos, vestia de tons doces, ouro e

céu, à luz dos castiçais e entre tufos de renda, dos grandes cortinados pendentes. À cabeceira da cama e numa baixa poltrona, ampla como um divã, arquejava a doente, entre almofadas de todos os tamanhos, o escapulário branco de Santa Clara na cabeça, destacando num fundo de estampas devotas e rosários tocados em mantos de várias autoridades celestes.

Quando o padre entrou, a velha tinha os olhos fechados e as mãos errantes nos braços da poltrona. O escavado da face denotava intensa fadiga, e haustos fundos, arrastados, difíceis e terminando em silvo, davam-lhe um jogo angustiado ao cavername do peito opresso. Ele andava nos bicos dos pés para não fazer ruído; mesmo assim, porém, as suas botas novas rangiam, com ruídos impertinentes de janotinha de província. E, sentando-se junto à poltrona da velha, tocou-lhe na mão com os seus dois dedos suados. Cortara o cabelo de fresco, à escovinha, e aos cantos da testa alongavam-se para trás, lustrosos de excreção gordurenta e destacando no luzidio dos cabelos, dois crescentes de calva precoce, onde ressaltavam relevos complicados de veias. Visto de perfil era um pouco adunco,

sobrancelha cerrada e tons azuis de barba espessa pondo-lhe no focinho como que as linhas de um açaimo. Tinha olhos grandes e bem fendidos, globo um pouco injetado, estourando para diante, e um raio sagaz de pupila que se lubrificava todo ante as nudezas trigueiras e túrgidas das raparigas da monda. Procurando fazer adocicada a rude voz de que dispunha, disse para a fidalga, de olhos baixos:

— E agora? Melhorzinha?

A velha ergueu a mão para fazer um gesto. E quase em segredo disse:

— Assim...

— Pois visto que se sente mais aliviada vamos à confissão, para rezarmos depois a oração do Cireneu, que é infalível, infalível!

Dava explicações sobre a oração do Cireneu. Tinha lido na Crónica dos Capuchos, de curas miraculosas obtidas pela reza em triplicado de certa oração mandada ao convento por S. Simão Cireneu, residente não se sabia em que parte, e a instâncias do nosso venerável prior frei António da nossa Senhora, para uso de grande cópia de enfermos dos

arredores. Para que da recitação da prece pudessem tirar-se seguros resultados, urgia fazê-la recitar em voz alta e ainda de manhã, por três pessoas ao mesmo tempo, sendo duas fêmeas e um macho, todas de crucifixo alçado e prostradas em joelhos ante a hóstia consagrada.

A doente por cuja intenção se fizesse a reza seguraria o sudário, enquanto a espaços um padre lhe iria chegando aos lábios a esponja embebida em vinagre, arremedo do que fora praticado com Jesus Cristo, durante a agonia.

Ouvindo a última palavra, a velha tremia sem responder. Mesmo assim macerada de rezas e práticas devotas, sentia no íntimo o terror invencível da morte.

Era verdade que as almas, escapando-se dos corpos como perfumes de ânforas, em ondulações suaves iam subindo aos domínios da luz, a cristalizarem-se na eterna graça, sob a unção dos trenos e no revérbero da imortal pureza. Mas o corpo que ela podia palpar e sentir, o que tinha dores, anseios, cansaços, apetites e suores fétidos, esse que ela facultara nos seus tempos de dama do paço às excitações de récua, do senhor D. Miguel e os seus companheiros, e nos minuetes langorosos se tinha requebrado com meneios

de afetada galantaria, na tenebrosa algidez do sepulcro buliria todo negro, nessa viscosidade da podridão sinistra, que é a última infâmia da carne!

Vendo-a inerte e muda, padre Nazaré tratava de aclarar-lhe bem as origens da oração proposta, no intento de lhe extinguir os terrores e as sombras funestas. Simão Cireneu fora o fiel amigo que nas ruas da amargura consentira tomar sobre os seus ombros robustos a cruz, sob que o Cristo vergava, no trajeto para o suplício. Ele conhecera passo a passo os transes da Paixão, tinha falado com o Salvador, participado da sua angústia e chorado das suas lágrimas. Era o grande confidente do Filho de Deus, e tinha sido ele o autor da benéfica oração, que até grandes já tinha ressuscitado. Era forçoso pois experimentar, para bem cumprir os preceitos do Senhor.

— Pois sim, sim — dizia a velha afinal.

E, pondo as mãos, balbuciava a confissão.

Havia já sol quando a oração do Cireneu acabou. Fatigada por toda uma noite de sofrimentos, e sob o predomínio moral da complicada reza, a velha tinha conseguido

repousar um pouco. Abafara-se-lhe mais a pieira, e a respiração readquiria-lhe um ritmo plácido. A Escolástica, avisada por Manuel do Cabo, tinha vindo logo de manhã com o seu xale de ramos e lenço de seda escarlate, o livro de missa na algibeira da saia. Em ação de graças pelas melhoras da senhora, padre Nazaré celebrou missa desse dia na capela do Senhor dos Passos, a que vieram assistir todos os homens e mulheres do convento.

Terminado o sacrifício, enquanto Manuel do Cabo ia buscar a um canto o apagador, o padre, erguendo a voz, pediu uma Estação pelo inteiro restabelecimento da fidalga, de quem fez o panegírico em grandíloquas palavras — mãe de raras virtudes, boa protetora dos interesses de Deus e benemérita da graça divina.

E todos rezaram a meia voz a Estação pedida, enquanto, abrasada em fervores místicos, a governanta unia a face às lájeas da capela, desatando em prantos e suspiros, toda de preto e mordeduras de pulgas no pescoço tísico.

Aquela exaltação comovera a Escolástica, que disse para a mulher do caseiro:

— Se não há de ter amor à fidalga, vivendo há uma quantia d'anos na sua companhia!

E a outra, arrebatando nas unhas um piolho que lobrigara na trunfa do filho, durante a reza:

— Com uma certeza — apoiava —, com uma certeza!

Mal o padre saiu da igreja, a Escolástica ergueu-se para ir fazer a oração ao camarim do Senhor dos Passos, a depor-lhe no sacratíssimo pé o beijo convencional.

Subiu a escada com o livro de missa nas mãos, de olhos baixos, as mulheres da horta atrás de si. E, ajoelhando todas à roda da imagem, entoaram a ladainha, porque a Escolástica tinha grande paixão.

Era a filha do sacrista quem entoava os louvores ou vozes; todas as outras mulheres respondiam atabalhoadamente.

— Ora, á pornobis!

E ao Agnus Dei, como as burras se enganassem, a Escolástica repreendeu-as com a sua voz birrenta, de sabichona. Então o filho do caseiro, que andava à roda bulindo, erguendo a túnica da imagem e dando-lhe puxões

na guedelha, gritou de repente com dedo estendido para a face do ídolo:

— Mãe, sangue!

A caseira, que estava de lado, alongou um pouco a cabeça na direção em que o rapaz apontava, e pôde ver uma lagrimazinha vermelha, que, caída da pálpebra do Senhor, vinha pela face lívida fazendo um traço de sangue miraculoso.

A pobre mulher nem pôde dar palavra, levou as mãos à barriga abaulada por uma prenchez medonha, revirou os olhos e caiu para trás barafustando. Ao mesmo tempo, a Escolástica, que da pálpebra do seu lado vira cair também a sua gotinha de sangue, abalou pelas escadas, largando o livro e fazendo cair a rapariga do caseiro. E, possessa, berrava igreja abaixo em direitura à horta — que acudissem, aqui-d ‘el-rei, não era coisa boa, ia acabar-se o mundo!

Foi o sacrista quem primeiro acudiu à berreira, e picando o charuto para a cigarrada de ripanço:

— Qual acabar-se o mundo, nem qual diabo! O mundo não dá fim, enquanto houver santos que façam milagres e desavergonhadas que creiam neles.

E numa expressão de riso cruel, tomando assento na borda do tanque:

— Malandros e bêbedas! É o que há.

Ao meio-dia divulgava-se em Vila Alva o milagre, e a população em chusma, num burburinho de cortiço, abandonava a terreola caminho do convento, toda inflamada em fanatismos e salmejando orações e ladainhas. À medida que se adiantavam na estrada, os magotes reproduziam-se e aumentavam, pelo concurso da gente que iam encontrando a trabalhar nas fazendas. As beatas ricas tinham aproveitado a ocasião para fazer toldar os seus carros alentejanos, puxados a mulas e cobertos de um toldo primitivo, de lona e caniçados. Algumas em jumentos, de cadeirinha, chouteavam adornadas de cordões de oiro, mitenes de retrós nas mãos ósseas, e leques hereditários pintados de escudeiros e reis. As do Silva, um ricaço da terra, levavam mantas de lã azul, de borlinhas, pregadas

em escapulário, com ganchos representando malmequeres. E semelhante luxo fazia sensação na romana.

Chico Praça, com risos céticos de homem que lê, fora também no machinho do pai inspirar-se e gozar um bocado daquela saloiada ignorante. E, espetado num charuto de vinte e cinco, fumo de merino enorme no coco dos domingos, manta verde com perinhas bordadas, calça curta arregaçando sobre os elásticos das botorras e o atilho da ceroula à mostra, cumprimentava fidalgamente os ranchos, procurando informar-se do modo de ver geral acerca do prodígio. As raparigas voltavam-lhe a cara ouvindo-o escarnecer dos santos.

— Judeus! — diziam. E umas para as outras, como se falassem de uma universidade:

— É o que eles vão aprender a Beja!

Atrás da chusma arrastava-se cacarejando a gente pobre, mendigas velhas e descalças, fisionomias de cera abrasadas por esses olhos chamejantes do meio-dia, em que se repinta em clarões a efervescência das índoles cálidas e insofridas; velhos pastores inválidos, cobertos de peles safadas,

polainas de feltro, cajados nodosos, e um anguloso seco de múmias, e rapariguitas rotas, vivendo do rolão córneo das esmolas e que a lama cobria de costas pardacentas. E todos, numa passividade receosa, eternos vergados à penúria que envilece, lá iam custosamente, parando nos cotovelos da estrada para retalharem os comentários sugeridos pelo caso, ou recomeçar com voz quebrada o terço lúgubre da penitência. Muitas mulheres levavam azeite para as lâmpadas do convento, ofertas de pão cozido, fogaças de galinhas e borregos novos. E corria em segredo que as Silvas tencionavam oferecer ramos de penas comprados em Setúbal, nos banhos do ano passado.

Porque no grosso beatério da vila a surpresa do milagre vinha de feição, com os seus embevecimentos místicos e esse brumoso da legenda que dá febre às imaginações sobreexcitadas. Havia duas semanas que escasseava tema para as parlendas de soalheiro. O último caso de aborto tivera lugar havia já um mês — velharia em que mal se falava já. E em casa das Silvas e na loja do Burjaca, às noites, arrotando sobre a azia do ensopado das ceias, a boa gente lamentava num fundo de saudade e desespero:

— Maldita terra! Nem há em que se converse...

O mulherio acreditava fanaticamente no sangue do Senhor do convento, uma lição a esses hereges que vinham do estudo falando mal dos santos e rindo da confissão e da missa. Deus não era pois uma palavra vã! Vivia, amando sempre a humanidade e chorando pelas suas loucuras e crimes, no fundo melancólico de um templo, que a guerra civil profanara e derruíra, nas suas contorções de bacante. Iam começar os bons tempos de fé absorvente e sincera, em que as almas vestem a gaze da inocência para os esponsais da bem-aventurança. Então, por esses campos verdejantes, no fundo desses olivais contemplativos ou sobre as colinas e charnecas em que ora esbravejavam, selváticas, piorneiros e tojais, erguer-se-iam de novo os eremitérios alvinitentes, cruz erguida nas fachadas, um cordão de tílias no adro e a porta aberta como refúgio aos vergastados pela miséria, ou pelo desalento. Viria o bom tempo das procissões do campo e das festas a órgãos, em que as vozes dos frades entoariam a missa num êxtase seráfico, do fundo dos seus capuzes benditos. E essa azinhaga lúgubre que conduzia às ruínas, o claustro

transfeito em lagar de azeite e as celas aproveitadas para residência de gente mundana regurgitariam novamente de fradinhos gordos, olho doce e dentes gulosos, que em tardes de primavera, das grades do coro, lançassem cantigas brejeiras às roliças lavradoras ingurgitadas de desejo e devoção erótica — como noutro tempo. Muitas velhas ainda eram do tempo dos frades; algumas mesmo tinham dado guarida a guardiões varrascos, por noites chuvosas, enquanto os maridos na adega ressonavam espapaçados no vinho dessas bebedeiras do Alentejo que chegam a durar semanas. E, voltadas para o passado em que se reviam frescalhonas e vivas, as pobres davam suspiros de mágoa, lamentando a falta de crenças de hoje, e batendo com as cabeças nos toldos do carroção, a cada solavanco do eixo. Nos homens era menos sincera a crença do milagre. Iam poucos na romaria, e esses mesmos seguiam o femeaço para namoriscarem a torto e a direito.

Padre Nazaré contara discretamente o prodígio na loja do Burjaca, palavras simples, sem paixão e sem comentários. Não lhe convinha muito tornar-se herói do caso. Velhaco como era, tinha fé em que os ânimos se acenderiam por

versões mais escandecidas e pelos exageros e mentirolas que na boca da gentalha usam acompanhar os episódios de força como aquele. Efetivamente corria já na vila que a Escolástica caíra de cama, faniquitos a cada instante, um esbracejar de endemoninhada debatendo-se nos pulsos de dois sapateiros vorazes, que a tinham de olho havia muito.

Ao mesmo tempo, o sacrista referira na venda do Salta-Pocinhas, à malta que ali se juntava para beber fiado, a história circunstanciada da velha, as suas peregrinações a Lourdes, a sua grande fé e a sua caridade, uma carinha de santa, muitas esmolas. E, transfigurado, tinha descrito a imagem do Senhor dos Passos, chagado e de olhos abertos, de cujas pupilas fixas parecia sair a claridade de além-túmulo, o quer que era dava terror e fazia arrebentar de paixão. E as opiniões começaram a desfilar através das conversas, fuzilando, lutando, fazendo contraste. Uns criam no milagre, impondo condições. Outros andavam perplexos. Alguns riam.

— Pode lá ser!

Já se contava que o choro do ídolo não era de hoje. Até ali ninguém reparara. ainda se o santo desse berros!... Mas,

calado como era, não atraíra as atenções de ninguém.

— Quem havia de dizer!... — ponderava a D. Maria do Juiz. — Um Senhor de pau, como outro qualquer! E havia quem tivesse já desconfiado.

Algumas velhas até sonhavam todos os dias com a imagem, resplendor na cabeça, cruz às costas e a fazer-lhes sinais. E as outras, escutando, ganiam, de olhinhos piscos:

— Também a mim! Também a mim!

Mas o carreiro das Silvas, que ouvira tudo muito calado, largou esta de chofre:

— Ponho as mãos numas Horas em como é pouca-vergonha dos padres!

Ameaçaram-no logo. Pedaço de bêbedo, grandíssimo traste que já queria ter opinião nas conversas das suas amas, o malcriado!

E, enquanto elas ralhavam da petulância do moço, a mais gente, nos seus carros e nos seus jumentos, ria maganamente, pondo uma nota rutilante na prática escura de sacristia das senhoras devotas imbecilizadas e secas.

Assente pois que a lágrima de sangue segregada diretamente por Deus, e escorrida da pálpebra óssea do ídolo, mantinha partículas divinas, gémeas das que ficavam no cálice, durante a missa e à invocação do celebrante, toda a gente estranhou que o prior da vila não mandasse repicar os sinos, marchando logo com a irmandade sob o pálio rico, a buscar em procissão solene o Senhor dos Passos.

Ao subir para o carro, paramentada de seda roxa e toda de véu pela cara, a D. Maria do Juiz, dando com o pároco a passear na praça, ainda lhe perguntou o que tencionava fazer.

O velho olhou-a por um bocado muito sério, e disse:

— E a senhora?

— Ora essa, senhor padre! Cumprir com o meu dever de cristã. Vou penitenciar-me diante do nosso Senhor. E seraficamente: — Que estão chegados grandes dias!

— Pois, felicidades.

E sem mais améns, o velho continuara a passear, batendo na caixa de rapé. Era homem de cinquenta e tantos, calado

e grave, com a bondade rude que nasce da misantropia aldeã em perpétua contemplação do mesmo horizonte e das mesmas árvores. Velho leitor da Revolução, e liberal de têmpera, viam-no sempre pronto a bramir contra os escândalos que manchavam o sacerdócio, violências, seduções, roubos, toda a casta de vícios. Intimamente rosnava contra a penitência, a confissão e essa idolatria das imagens, que torna mais alvar ainda o povo das freguesias.

Em geral vivia recolhido, longe dos focos de opinião da terra, dizendo missa na matriz ao romper do sol, percorrendo à tarde as fazendas entre um cajado e um cão amarelo, e passando as noites em caso do médico, no seu interminável voltarete.

Quando lhe falaram no milagre, o prior bateu na mesa iracundo e trémulo, exclamando rudemente:

— Nunca se viu pouca-vergonha maior!

E logo todo pálido, receoso de ter concorrido para o descrédito da batina, agitava o lenço vermelho trovejando:

— Homem, é melhor que não me façam falar!

Aquela violência alastrou-se de boca em boca, espicaçada por comentários mordentes e velhacas interpretações. Era opinião que o prior detestava padre Nazaré e sentia atrozes ciúmes do seu talento oratório e da sua fama de rico. Havia anos que os dois se não falavam por caturrices de eleição. Além disso, as preferências da fidalga pelo outro tinham sido consideradas na terra como humilhantes para o pároco — um rústico! como se dizia em casa das Silvas. Durante toda essa manhã, muita gente fora consultá-lo sobre se deveria acreditar no milagre. E, no intuito mesmo de sondar a opinião da sua Reverência sobre o ponto melindroso, vários pediam uma interrogação lógica para a terrível lágrima do deus.

O velho todo se torcia a cada ataque, e de mil cores derivava na palestra para episódios pueris, colheitas, calores da quadra e preços do vinho. Mas as devotas voltavam à carga de pronto, insistindo se seria verdade, se não seria verdade, se o santinho chorara e seria sangue do legítimo...

Ao mesmo tempo os finórios da terra, proprietários ociosos farejando escândalos em que entreter tempo, egoístas

prontos a gozar, pela expectativa dos contratempos alheios, espicaçavam-no cruelmente e de caso pensado, vontadinha de apanhá-lo bem na rede, para lhe porem em evidência alguma lúgubre contradição de crenças profissionais. Mas o prior permanecia sombrio, suando nas fontes sem dar palavra, um frémito de impaciência nos ombros.

— Isto de crer ou não crer, é da consciência de cada um — observava ele, apertado.

E pitadeando:

— Cada qual que se consulte e proceda como melhor lhe convier.

Mal a romaria chegou à ladeira que afrontava o convento, os carros fizeram alto por conselho de D. Maria do Juiz, que era autoridade entre as devotas. As Silvas lançaram-se logo de joelhos. Algumas velhas tinham-se descalçado e, magoando os pés nas asperezas da vereda abrasada de sol, seguiam desfiando rosários, as oferendas em taleigas de ramagens, xales pela cabeça.

Ao mesmo tempo, o povoléu, pressuroso, faminto de assombros e sem paciência para esperar que os carros

passassem na azinhaga, extravasara da estreiteza do caminho, espraiando-se pelas terras ceifadas, aos pulos por valados e alvercas. Uma febre podre de superstições e pavores dilatava os olhares e enlividecia as epidermes brônzeas, alagadas em suor. De todos os lados choviam promessas, alqueires de azeite, sacos de trigo, milagres de cera, cabelos, mortalhas, uma infinidade de coisas. Uns prometiam para que o Senhor lhes livrasse os filhos de soldados, outros querendo triplicada seara, enquanto vários, desalentados pela doença, sezonáticos e tristes, vinham simplesmente solicitar a cura imediata, mediante o valor de uma fogaça. Era pensamento de todos engodar o ídolo com dádivas chinfrins, como fariam a um selvagem por meio de missangas e estamparias. E, no intuito de um bom negócio premeditado, vinham chancelar ao convento o contrato, mentalmente sem escrúpulos. À entrada do templo, foi uma berraria infernal, prantos, latinórios, desmaios. .. À frente as velhas descalças, mãos postas e olhos no céu, faziam um clamor de ladainhas e preces, com vozes esganiçadas e lamentosas. A D. Maria do Juiz, que gostava de figurar nas festas e era aia de Santa Catarina,

levara de casa um Santo Lenho de prata, que ergueu à frente da multidão.

Desgrenhadas e cheias de espinhas carnais, as Silvas vinham-se arrastando nos joelhos, de braços abertos, e a cada passo pendiam de canseira com delírios de virgens flatulentas. A D. Maria do Juiz chegava-se então, e solenemente, como vira fazer em Beja ao bispo, dava o relicário a beijar, bolçando esquírolas de oração.

Por detrás delas acumulava-se a gente esfrangalhada, obtusa num pasmo irracional. E batendo nos peitos, muitos diziam numa espécie de uivo sonolento, entre caudais de pranto:

— Misericórdia! Misericórdia!

Eram trindades quando padre Nazaré apareceu em casa do sacrista. Desde manhã que não saía de casa. O calor trazia-o morto, suores, salvo seja, de jumentinho podre, uma secura diabólica. Que ia pela cidade?

Manuel do Cabo pôs-se a dizer — o prior tinha zurrado: Pouca-vergonha! Na loja do Burjaca não tinham comido a pantominice, o mulherio fora em chusma ao convento,

havia três mil e tanto de esmolas, afora azeites e pães alvos. Padre Nazaré sacudia o pó das mangas, num frémito júbilo de narinas e o olho nadando em fluidos de vitória. E comovido exclamou:

— Grande povo este!

Depois, muito confidencial:

— Despejou a cabeça?

— Logo. Por esse lado não há perigo.

O seu receio era Beja, porém. Que o vigário não era para graças, segundo ouvia dizer. Pelos modos suspendia padres com sem-cerimónia excecional. Pequenino como era, voz aflautada, e gestos de alcoviteira, tornava-se, nos lances sérios, de uma rapidez temerosa. Não lhe conheciam empenhos, nem amigos, nem actos de benevolência no julgamento de qualquer melindrosa questão.

— Espirra-canivetes! — resumia o sacrista.

Aquela ponderação fez porém sorrir padre Nazaré, que, esboçando atitudes de poderoso, de trunfo político, exclamou:

— Ora adeus! Todos os grandes têm uma perna de pau.

E distraidamente, em ar de comentário:

— Pois senhores, estão as eleições à porta!

Sorria-se com finura velhaca, mirando o outro pelos cantos dos olhos, contente de fazer presumir a sua importância oculta e inabalável.

Enfim, prosseguiu a meia voz, a primeira cunha está metida. E bem metida que está!

O resto, com vagar e jeito. Domingo, rica festa no convento, ali a missinha cantada, sermão de endoidecer os peixes...

— Eia, o que aí vai!

— Você verá — tornava envaidecido o padre. E batendo na testa:

— Tendo aqui o sermão todo. É de um efeito!...

— Ah! pregador como primeiro! Que não se apanha segundo por estas redondezas.

Padre Nazaré exultava de lisonjeado.

E oleoso de glória, o fácies ridente das consciências repousadas, ia aventurando ao sacrista pequenas confidências, que espumavam de humor como um bom champanhe crepitando num copo.

Pouco a pouco, a voz, que se lhe abafara cautelosa, desenrolando segredinhos, foi subindo. E ouviu-se distintamente o padre dizer:

— Daqui a cónego, meu amigo, é um trote.

— Sendo a besta boa... — ponderou o outro, sem o encarar.

Um ano depois, estavam realizadas todas as esperanças do senhor capelão do convento. A fidalga morrera com fumos de santa, legando rendosos bens ao templo e ao padre, ao mesmo tempo que a fama dos prodígios da imagem rebentava para lá da pequena área das povoações circunvizinhas, e nos domínios da lenda corria a província toda, avassalando crentes e colhendo esmolas avultadas.

Todos os dias agora passavam por Via Alva ranchos de romeiros, que, bem providos de oferendas, ante a imagem do convento vinham fazer penitência.

O tosco madeiro, que primitivamente só chorava sangue, fazia agora, no dizer das gentes rudes, toda a casta de maravilhas. Os cegos recuperavam a vista limpado à fímbria das túnicas bentas a ramela dos olhos assolapados. Paralíticos, que em cadeirinhas e macas abalavam dos seus lugarejos natais aos ombros de carregadores, desandavam a passear sem detenças, mal punham os olhos na igreja. Para expelir o demo dos esqueletos da pobre gente, que, exibindo carantonhas e soltando berros, era trazida em coletes de força até ao santuário, bastava muitas vezes um sopapo teso de padre Nazaré, algum latim quando muito.

Contava-se de lavradeiras estéreis que se punham fecundas como marrãs, mediante alguns dias de residência na horta, dietas místicas e certas rezas adequadas. E era infinito o número de rapagões do campo roubados à recruta, panelas de dinheiro descobertas em rochedos lendários, e jumentinhos alegres que, depois de roubados, vinham dar às portas dos donos, fazendo sinais maçónicos com o orelha-me. Desde que, no Alentejo, a qualquer família se afigurava insuperável um problema económico, um caso patológico mais grave, ou um casamento menos lícito de

realizar, as opiniões voltavam-se logo para o Senhor do Convento, na certeza de um êxito próspero e imediato — o que punha em bancarrota os curandeiros, as mulheres de virtude, os procuradores, os aveitares e os médicos. Desta cegueira absorvente de crenças, foi-se pouco a pouco originando toda uma engrenagem de pequeninas indústrias, devotas e a vila, tão pobre e tão reles, tomou de súbito a importância de um centro ativo e florente, em que se falava com respeito. junta geral votou estradas que ligassem Vila Alva com os mais sertões, a câmara, pelo seu turno, fez abrir poços públicos e arborizar os largos. Ao mesmo tempo; enquanto duas lojas abriam com estantes de vidraça, e um latoeiro de Beja vinha fixar residência na artéria principal do povoado, as senhoras começaram a ir à missa de chapelinho e luvas dando-se pelintramente dom e fazendo os pés pequeninos. Vila Alva, como se dizia nos serões das Silvas, estava dando sota e ás às terras próximas. Construiu-se um chafariz com botaréus e tanques, onde até bípedes vinham mitigar-se das calmas alentejanas. A Escolástica assumiu a direção de uma oficina de bentinhos, medidas e retábulos mais ou menos garridamente compostos, onde, em litografia e em pintura,

o Senhor dos Passos ostentava as fisionomias mais estranhas, barba toda ou simplesmente bigode, de coroa ou sem coroa, marchando pela rua da amargura ou quedando-se simplesmente imóvel, na posição carrancuda de um fotografado. Dando largas à sua veia elegíaca, Chico Praça, até ali incrédulo, desandou a vender pelas festas hinos bentos da sua composição, cantatas em pomposas estâncias, no fim das quais se repetiam estribilhos plangentes:

E os judeus jogando os dados Viam-lhes os cravos pregados...

Por seu lado, a D. Maria do Juiz, que tivera um tio médico, inventou a Untura Santa, que vendia em latas de pinto com uma carta de padre Nazaré, atestando que não havia segunda esfregação para borbulhagens. E, como o comércio prosperava, as rivalidades desencadearam-se entre os vendilhões, o que determinou a falsificação nos produtos e a intriga nas famílias. As Silvas fizeram aparecer um licor para fatos; o Bujarca opôs a sua Fomentação do Horto ao unguento da D. Maria; outra família determinou suplantar as estampas da Escolástica,

confecionando pequeninos Senhores dos Passos em barro, trapo, cortiça ou faia, com resplendor ou sem resplendor, conforme os preços. A esse tempo, inaugurava padre Nazaré uns belos óculos de oiro para se dar ares de homem importante. Construíra, além disso, uma bela casa com terraço e adegas de luxo, alargando ao mesmo tempo a cifra dos seus milheiros de vinha e deitando carros de parelhas nédias. Estava cada vez mais fona, lia Vieira e Mont'Alverne para vernaculizar os sermões, usava corrente de berloques e deitara criada roliça. A sua ideia era a conezia, o poderio, muita glória.

Desde que o viu rico, Vila Alva entrou a respeitá-lo, a servi-lo, a lamber-lhe a poeira das botas. Era ele quem fazia as eleições na terra, quem orientava a opinião, quem fomentava a intriga. Ia frequentes vezes a Beja.

— Falar com os trunfos! — cochichava-se às noites na loja do Burjaca.

E com veneração referia-se aos quatro ventos a sua aliança com as notabilidades políticas, deputados que lhe ofereciam jantares, lhe mandavam cartas de amostras,

Diários da Câmara com discursos e as minutas de preços do vinho, nos mercados de Lisboa.

Aquela preponderância fazia-o temido, e andava nas palminhas, dificultando a sua intimidade aos menos favorecidos.

No intuito de surpreender alguma informação relativa ao negócio, os proprietários procediam com ele por pequenas sabujices, grande interesse pela azia da sua Reverência, um esmero de palavras e rodeios servis, como se falassem a um senhor. Vila Alva queria em ele querendo, ria em ele rindo, bazofiava em ele bazofiando. E a conezia não chegava nunca! Enfim, uma tarde correu que o velho cura ia ser transferido a exigências da política, para Sant'Ana, lugarejo de algumas casas, sem recursos, sem agricultura e sem rendas, torpemente esquecido na aridez da serra. Em casa das Silvas, padre Nazaré mostrou-se penalizado do pobre homem, que ficava a morrer de fome. Mas intimamente dava-se os parabéns. Conseguira afastar finalmente o pulha que se atrevia a humilhar com sessenta anos de honrada labuta a sua florente carreira de homem sagaz, em tirocínio para cónego.

Sobre o caso, Manuel do Cabo arquitetou logo o seu tratado prático de moral característica, por este modo formulada, sempre que um mendigo se arrastava para lhe pedir esmola:

— Grande cavalgadura!

— Porquê, meu benfeitor?

— Inda o pergunta! Aposto que é homem de bem!

— Saiba o meu benfeitor que sim.

— Pois, amigo, se você tem feito canalhice enquanto era forte, estava agora rico. Pedaço d'alarve! E, exemplificando, estendia o braço para o fundo da praça, onde de um lado sorria a casa nova do capelão, ampla, clara e toda alegre das tintas frescas, e a miserável vivenda empardecida e deserta, que pertencia ao pároco velho, e desde a sua partida se não abrira mais!

1877

DOIS PRIMOS

Quando Jorge bateu, a Albertina acabava de se levantar da mesa. Era uma rapariga alta e fina, com um tipo miudinho e arrebitado, que dá à mulher o ar canaille da ribalta. A sua elegância formulava a última novidade dos armazéns de modas, tinha o chique do dia, a cor e a graça da última revista de Paris. Vestida com uma simples saia, um reles xale e um cuia torta, teria passado indiferente até à polícia civil, que é quem na. capital rói nos últimos detritos da fêmea, que o amor escalavrou por essas alcovas e restaurantes noturnos. Sem o espartilho curasse que lhe dava o ritmo postiço e flexuoso do busto, sem as meias escarlates luzentes de abelhas de oiro e esticadas acima do joelho, sem os sapatos de decote largo onde uma roseta de cetim se enroscava com volutas de serpe negra, sem o nanquim das pestanas, a veloutine da garganta, o carmim da boca e a unha crescida dos fados eletrizantes, essa boneca, que tinha o ar de parir o útero à força de

comprimir as ancas, daria a simples fêmea linfática, com folies de coeur e histerismos alambicados, ninho de tubérculos no peito e uma genuína incapacidade para os misteres da sua condição e da sua classe.

Seria uma preguiçosa, uma gulosa, uma estúpida, incapaz da maternidade, incapaz da abnegação, incapaz da luta pelos que amasse, da permanência no dever como um tabernáculo inviolável, e da resignação, tão heroica e tão santa, de certas mulheres pobríssimas, na sua labuta tormentosa e quotidiana.

Aquela vida do palco era a única que ela teria podido seguir sem contrariar os seus instintos e satisfazendo todas as suas vaidades.

Em criança tivera uma educação apurada e. completa — diziam os pais. Falava as línguas, cantava, tocava, e implantara no pequenino crânio a paixão do luxo e a paixão do namoro — duas lanternas que ao longe pareciam iluminar-lhe as fantasias do futuro. de uma vez que a trouxeram a Lisboa e a levaram ao teatro, um subitâneo clarão se lhe fez dentro — tornara nítida a aspiração vaga em que ardia nas suas insónias de virgem provinciana,

descobrira a vereda que, havia muito, as suas tendências tateavam, como um cego em busca de uma porta para tomar fôlego. Tinha sido na Trindade, numa noite de première. As decorações da cena com os seus cambiantes tenros, as suas florescências singulares, as cascatas de pérolas caídas na limpidez ideal dos lagos cortados a palmouras de cisnes, as transmutações, os adereços, os vestuários dos príncipes e das princesas, dos pajens imberbes e das bailarinas aladas, surgindo em atitudes lascivas das cascas de ostra gigantes esquecidas na gruta marinha da penedia, galvanizaram-lhe os nervos e o coração, arrebatando-a do seu ninho de senhora nubente para a fantástica alucinação das libérrimas existências onde se vive em azul, se cingem as carnes em fotosferas de pedras, e se faz roçagar no mosaico hilariante das alcatifas as longas caudas dos vestidos de quarenta libras, amarrotados hoje e amanhã benevolamente esquecidos a Fanchette, nossa confidente e a nossa criada de quarto. Ah! como seria bom cantar ali, quase nua, com os pequenos pés inquietos calçados na chinelinha de Cendrillon ou nas botas altas do príncipe Jasmim, os cabelos polvilhados de oiro, as mãos cobertas de rubis e a garganta titilante no frémito de

um trilo ou na petulância de uma ária, escarlate de provocações!... E as paixões desencadeadas com o ímpeto das procelas andinas, as súplicas virginais dos adolescentes loiros que lhe devessem o primeiro grito do sexo espicaçado, as apoplexias dos banqueiros e as surdas invejas das mulheres mordidas pela estranha auréola do seu império!... Não dormiu nessa noite. Era cerrar os olhos e encher-se-lhe logo a cabeça de bailados, coros, transformações e esplendores, cuidando estar diante da multidão, frenética ante a nudez dos bustos e abrasada pelo calor do ambiente. O expluir das ovações como a embalava numa embriaguez funesta, que lhe fazia latejar as fontes; e em círculos de diabólicas valsas vinham-lhe as reminiscências da vida de terra pequena, tão insípida de episódios e tão árida de comoções, em que a sua mocidade deslizara até ali, como em calmaria podre. Operou-se nela então uma brusca metamorfose, uma rebelião feroz contra a pequena roda em que vivia. A tranquila casa burguesa dos pais, cheia de um conforto simples e de um aconchego honrado, fez-se-lhe odiosa e triste. Entrou a embirrar com os móveis, com os velhos criados, com o jardim de canteiros oblongos e cheios de magníficas roseiras que o

papá cultivava, e tinham a reputação das mais belas da terra. As suas maneiras eram agora secas, as suas respostas sacudidas e imperiosas. Sofria distrações profundas, e respirava a espaços por grandes suspiros de cansaço. Aquela tristeza sem explicação inquietou os pais e as tias. Que era? Que não era? Depois, a fase de explosão chegou, período singular de contrastes, ora alegre, ora colérico, ora sarcástico, em que nada parava, as músicas, o. guarda-roupa, os criados, a reputação e a toilette das ricas e pretensiosas herdeiras suas vizinhas. Tudo achava banal e indigno da sua atenção.

Uma crueza de palavras entrou a expluir-lhe na boca; achava os homens pelintras e as mulheres idiotas, e reclamou um dia asperamente do primo Jorge as cartas que lhe escrevera, dizia, para gozar com ele. E, como estranharam, ela bateu o pé, trémula de raiva, gritando que nunca seria esposa de um homem com tamanho nó de goela.

Um dia despareceu de casa para não voltar lá mais — e dali a um mês os cartazes anunciavam o seu debute.

Seis meses que se não viam. Como o tempo passa, bom Deus! Havia três que ela debutara, e tinham-se passado tantas coisas, tantas!... Quando ele entrou, Albertina sentiu um frémito pela espinha dorsal ao encará-lo. Estava mais vigoroso e mais bonito, correto no seu veston de grandes botões, sapatos de bicos curvos e a calça azul-ferrete caindo amplamente sobre as polainas cor de pérola. Era alto, nunca lhe parecera tão alto, realmente. E o vermelho dos beiços dava-lhe um ar sadio, que a frescura dos dentes justificava. A vida de Lisboa refundira completamente aquele provinciano tímido, pacato e sincero, apaixonado pela caça, leitor dos maus romances e cheio de uns acanhamentos que, realmente...

Ela soubera da nova residência de Jorge, e, uma tarde, quando subia o. Chiado vestida na sua peliça e baixando a cabeça às barretadas dos folhetinistas que por ali se davam ares principescos, tinha dado com ele, cara a cara.

Fingiu não o ver. Tinham-se-lhe esgarçado já as primeiras ilusões faiscantes da vida nova em que entrara; sem querer até, experimentava às vezes, naquela solidão em que se via, mesmo no calor da celebridade que se arrogara, o quer que

era de remorso, tristeza impregnada de torpor, um secreto medo da morte e a ternura para os tristes velhos que quase aniquilara com os desvarios daquela vida desonesta. Ria-se destas pieguices depois. Realmente, uma rapariga como ela era, a pensar em coisas de tão ridícula sentimentalidade!... Um dia escreveu-lhe; queria ser perdoada, amada outra vez com aquele amor tão sincero e tão simples, de homem forte e cheio de mansidão benévola dos sãos. O egoísmo da gente com quem tratava fizera-lhe sentir a necessidade de ter como defesa um amigo leal. Estimá-lo-ia simplesmente, vertendo-lhe no seio as pequenas amarguras da sua vida caprichosa. Amá-lo não, talvez não. Além de que, Jorge podia lá amar uma mulher de teatro, que ia cear ao José Augusto com atores e jornalistas, dava beijos nas faces oleosas dos empresários, e era forçada a pagar generosidades de joias com generosidade de' alcova... amá-lo não, ai não! Conhecia-lhe bem a linha de carácter, escrupulosa e séria. Sentira a adoração daquele homem, ardente e balbuciante, com uma espécie de misticismo estranho. Que dedicação e que lealdade! Ah! tivesse ela conservado a sua linha casta de filha única, reclusa na paz da casa paterna, e seria agora a esposa daquele rapaz de

ombros redondos e epiderme fina, sob que um sangue generoso em retículos circulava. Que vida teriam feito juntos às noites, de serão, sob a luz do mesmo globo e em torno da mesma banca de trabalho, os pequenitos adormecidos num canto do sofá, caídos os reposteiros e uma paz celeste abrindo as asas sobre o dulcíssimo grupo das duas cabeças sonhadoras 1 Que de asneiras se fazem na vida, bom Deus! ainda se ele a quisesse como amante... Àquela ideia, uns restos de pudor afogueavam-na, erguia-se frenética amarrotando as bordaduras da robe, uma vontade amarga de morrer.

Encararam-se por um instante, ela com um sorriso contraído, ele de imperturbável seriedade e muito pálido. Quando Albertina lhe tocou na mão sentiu-a abandonada, como a que se dá aos indiferentes. Seis meses antes, que diferença!...

— Senta-te aqui — disse ela.

E passado um instante:

— E o meu pai, e a mamã?

Jorge encolheu os ombros.

— Que tens tu com essa gente?

— E verdade, esquecia-me —tornou ela baixinho, com um estrangulamento de lágrimas. Eram sete horas, e não havia espetáculo nessa noite. O gabinete tinha uma claridade velada, que, esbatida do globo fosco do candeeiro, amaciava os aspetos num penumbra vaga de entrevista. Comas janelas cerradas — era no Inverno — os perfumes dos enormes bouquets sufocavam, tépidos e langorosos. Nas jardineiras, em pinhas de pequeninos vasos branco e oiro, as begónias espalmavam as suas folhas decorativas — Tordas, bronze raiado de escarlate e cobertas de um delicio crochet. Caíam pesadamente das galerias os reposteiros amarelos, destacando no fundo claro das paredes. Pelos fauteuils, na otomana e sobre as étageres douradas esqueciam-se as partituras em voga e os papéis, trasladados pela grossa letra enfadonha dos copistas. Num ângulo de mármore, jazia a cinza do charuto de um outro, que estivera antes e se fora. Jorge pôs-se a mirar em torno. Era luxuoso aquilo, cheirando a fêmea. em frente da otomana e por uma porta aberta, via-se um canto de toilette na penumbra; formas albas de cortinados de

rendas, uma luzerna de espelho e ao canto a psyché de mármore branco, em forma de concha. Quem pagava aquilo tudo? dizia Jorge para si.

— Mas fala, pelo amor de Deus! — disse ela puxando-lhe o braço e forçando-o a sentar-se. E febrilmente, com a voz um pouco trémula:

— Foi uma desgraça, bem sei. Tinha porém de ser, não há remédio já. É o destino, que queres? Fui bem má contigo. Uma mulher como eu era indigna de um homem como tu. Sabia lá fazer-me do teu tamanho!.. . — Atirou-lhe os braços ao pescoço: — Mas fala, fala!. .. — dizia entre beijos.

Jorge repeliu-a devagar, com esforço. Pensava, nem sabia em que estava a pensar. Estava magnífica, a priminha — era tudo.

— Há seis meses não usarias dessa frieza comigo — murmurou ela, deixando-lhe a cabeça no ombro.

— Eras honesta.

— És cruel, também.

— Ouve — exclamou Jorge violentamente, tomando-a pelos pulsos —, para que te pintas? Para quê?

— Eu?

— Tu. Nos olhos, na boca, nos ombros. E esta casa, quem paga? E este luxo? Não respondas. Paga quem entra, bem se vê.

— Oh, Jorge! — gritou ela em soluços. E um pouco dobrada deixava escancarar com abandono provocante a fenêtre do roupão de veludo, orlada de rendazinhas sobrepostas.

— É claro, bem claro — dizia ele com uma cintila de cão cioso na vista. E mais baixo, num tom de repreensão amiga:

— Foi para isto que deixaste Leiria, a nossa casa, o tio Arsénio e as famílias das nossas relações, não? Pensas que poderás viver sempre cantando, tendo celebridade e reclames nos jornais?

— E porque não? — dizia ela ingenuamente.

— Olha que é uma vida de encher olho, não tem dúvida. Foi então para enriquecer uma cocotte que o teu pai

trabalhou quarenta anos sem descanso, não vendo outra coisa senão a filha, e não se importando com outra coisa que não fosse um teu capricho? Educaram-te nas virtudes burguesas, que na mulher preparam a mãe, simplesmente para que um belo dia fugisses roubando a casa dos teus?

— Estás doido?

— Seria melhor que o estivesse. E agora? Em que ponto ficam as nossas relações, não me dirás?

Ela quis atraí-lo a si:

— No ponto em que as interrompemos em Leiria. Porque não?

O primo Jorge riu com uma casquinada brutal.

— Tudo estás tola, priminha. Eu namorar-te? Tem graça, palavra.

E com ares de cínico:

— As mulheres do teatro não se namoram.

Albertina estava atónita do que ouvia.

— Então? — disse ela sem saber, ao acaso.

— É simples — ia dizendo Jorge. — Primeiro cercam-se como as cidades sem víveres. Depois compram-se. Entendeste?

Ela ergueu-se com os lábios brancos e as mãos crispadas. Estendeu-lhe secamente a mão.

— Adeus.

Voltou-lhe as costas com um ar de rainha e entrou na alcova.

Jorge não se perturbou lá muito com aquela despedida formal, e deixou-se ficar sossegadamente ao canto do sofá, fumando o seu charuto. Só quando ouviu os soluços da prima se resolveu a entrar devagarinho na alcova. Havia um cheiro de Ylang-Ylang e pó-de-arroz de Lubin; formas brancas caíam na penumbra, de cassas apanhadas efauteuils muito baixos, de casimira pérola. Os pés afogavam-se numa pele de urso, macia e branca, com garras douradas. Primo Jorge respirava alto, caminhando às escuras, entontecido de perfumes, um baque nas fontes. E muito baixo:

— Albertina! — disse ele. Voejavam-lhe diante dos olhos abelhas de oiro, em círculos febris. Os seus dedos tocavam nuns cabelos, depois um bocado de pele cetinosa. Ergueu-lhe carinhosamente a cabeça pelo queixo, ajoelhara-lhe aos pés, apoiando-lhe os braços nos joelhos. E, num tom de voz em que havia o uivo do desejo refreado, dizia-lhe:

— Pateta! ouve.

E aos beijos, com palavras entrecortadas:

— Como dantes, minha filha, como dantes...

Retesados, os seus braços enlaçavam-na pelo busto, com uma ânsia que fazia medo.

Dali a nada, Albertina terminava com voz plangente o romance do último semestre da sua vida. Era pura como outrora, apesar de tudo, jurava ela, expondo pelo quebramento da postura na otomana o onduloso desenho dos quadris e a linha elástica do colo todo abotoado nas costas, cingido num corpete de veludo bronze e aberto no seio em femêtre, donde espumava a gargantilha, numa alvura de ninfeia.

Se ele soubesse!... No teatro e na cidade sentia-se flutuar num abandono glacial. A adulação e os bouquets com que lhe atapetavam o caminho causavam-lhe a nostalgia da sua pequena cidade natal. Quem se interessava agora por ela, quem? Às vezes, olhando a gente que passava nas ruas, acotovelando-se com pressa de chegar cedo, e não querendo saber dos que paravam no caminho, sentia um medo fúnebre invadi-la toda. Se morresse, quem lhe fecharia piedosamente os olhos e acompanharia ao cemitério? Que olhasse pelas janelas daquele segundo andar a cidade, viva em baixo e à roda — transeuntes caquéticos e ruas tenebrosas, mesmo à claridade do gás. Que triste era tudo! O primo Jorge deixava-a à vontade, aninhado junto dela, como sob a tepidez de uma asa de cisne, e tendo uma das mãos em viagem touriste pelas colinas, de que o decote triangular patenteava o sopé, de uma amenidade inteiramente grega.

— E que mais, que mais? — dizia ele, gaguejando.

Albertina mirava-o com esses olhos velados de réptil que exercem em certas organizações nervosas invencível fascinação. A curva do queixo era redondinha e branca, e

subia num espraiamento suave até ao lóbulo escarlate da orelha, onde um diamante faiscava como pupila ciumenta. Parecia bonita sob aquela excitação, com os olhos fendidos a nanquim, as olheiras ensombradas a bistre, e verniz labial do mais caro. Todo debruçado, o primo Jorge inalava os perfumes tépidos da sua carne, olhando-lhe, nas penugens da face encarada de perfil, os corpúsculos suspensos da veloutine que a alabastrizava. Aquela absorção letárgica e a excitabilidade excessiva que lhe viera deram-lhe um quebramento dorsal, numa lassidão de músculos e o desejo incoerente de se abandonar, num espreguiçamento eterno, sobre a flacidez ebúrnea das espáduas. Sentia um peso de pálpebras langoroso e febril, que não era o sono.

— Que horas são?

— Oito.

Eram dez e meia dadas. Albertina falava baixinho, como receando acordar um baby, e a sua voz de estranha doçura vinha, filtrada por um secreto medo, anestesiá-lo como esse insidioso gás hilariante que traz a morte entre risos.

— Amava-o, tinha-o sempre amado como em criança. Por nenhum homem mais sentia aquela atracão, aquela confiança e a íntima alegria de lhe falar sem receio. Porque fugira ela de casa, e se afastara da profunda ventura de ser dele, mediante os latins de um padre? Mas não se separariam nunca mais, não era verdade? Nunca mais! Seriam como um irmão com uma irmã, ela dizendo-lhe a sua vida sem omitir o episódio mais vulgar, ele contando-lhe também au jour, le jour, as suas esperanças e os seus desalentos. E seria ela quem lhe faria tudo, quem o trataria se estivesse doente, quem lhe daria conselhos e lhe engomaria as camisas, obscuramente, sinceramente, sem o menor resquício de pecado entre os dois. Os perfumes que pelo decote vinham do seio dela embriagavam-no; sentia-se penetrado por aqueles olhos de salamandra, como velados por uma nictitante subtil. Havia dois meses que tinha entrado na chamada grande vida, vida realmente bem pequena, que consiste num sujeito estragar o estômago nos hotéis, dizer asneiras numa tabacaria, num café ou no camarim de um ator e arranjar, pelo atrito das solas duras e das convivências safadas, ao mesmo tempo uma coleção de calos e um museu de vícios pelintras.

Estava no primeiro andar do Alliance, quarto e saleta com porta independente, frequentava os teatros e batia em tipoia pelo Chiado às quatro da tarde, mostrando no assento dianteiro os bicos dos enormes sapatos de polimento e a seda cor de pérola das meias esticadas. De resto, fazia um gasto decente no elemento espanhol, sem indagar se lhe vinha diretamente das Caldas ou da agência de criadas. E à noite, descendo o Chiado com a gola do carrick levantada, sentia-se apetecido pelas senhoras pálidas que iam pelo braço dos maridos caquéticos ou condescendentes, com o adultério nos olhos. O seu ar de campónio de bom sangue fazia impressão: era desejado. E como tinha dinheiro...

Extinta a fase nevrótica com que é uso iniciar-se um bourgeois gentil-homem na roda galante da juventude oiro e azul, o primo Jorge entrou a ver um pouco nesse como encandeamento em que se deslumbrara. Mesmo entre vadios é forçoso ter posição. Já hoje se começa a penetrar um pouco pela vida íntima de cada qual. A Jorge bastaria o ser rico ou parecê-lo — uma amante sempre dá outro ar, outro tom e outra consideração. Foi quando recebeu a carta

de Albertina. Que diabo! Já lhe tinha feito a corte, demais a mais. Eram três da manhã quando se despediram.

Ela, envolta num grande penteador de cauda, tremia de frio, oferecendo-lhe a testa ao último beijo, pés nus sobre a felpa cariciosa e fofa do tapete. Falavam muito baixo, com singulares fulgores na pupila e uma meiguice de termos que lhes vinha do orgasmo nervoso em que estavam.

— Mas és lindíssima assim — dizia-lhe Jorge cingindo-a pela cinta e beijando-a na boca.

Albertina tinha um riso delicioso, gulosamente recortado pela dentadura, de gata irascível. E mordaz:

— E aquela tua tirada de há pouco... — disse ela surpreendendo-o vencido e batendo-lhe na face com o ar petulante que tantos aplausos lhe rendia no palco.

— Moralista! — dizia zombeteira. — Todos o mesmo.

Cantavam galos pela cidade, quando ele saiu. Desenhados em negro, ora no clarão baço dos lampiões batidos pela ventania do Inverno, ora alongados na penumbra das ruas e lembrando arganaças estropeadas, os varredores desciam de vassoura ao ombro, batendo galegamente os tamancos.

Primo Jorge ia contente, cérebro lúcido, um bom charuto na boca.

Ao entrar no quarto do Alliance, não se conteve que não dissesse:

— O que ela sabe, senhores, o que ela sabe! — Despia o carrick de pêlo fulvo. — Esplêndida! E que artista...

Viu sobre a mesa uma carta. Era da mãe de Albertina, dizendo ao sobrinho que estava viúva, e suplicando-lhe instasse com a filha para ela abandonar a vida má que empreendera. Encontrá-la-ia de braços abertos, cheia de perdão no seu luto, e pronta a adorá-la como outrora. O primo Jorge riu-se. Estava um pouco bêbedo, e passara sempre por isto que se chama — um bom rapaz.

— Está tola, a velhota — disse ele.

E queimando a carta:

— Afinal, se não for eu, é outro. Ao menos fica tudo em família.

E dali por diante acompanhou a prima todas as noites ao teatro, e ficou com ela por amante.

Acrescentando com ares devassos:

— Até aparecer coisa melhor.

A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

À borda do mar ficava o mosteiro, erguido em peanha de granitos erriçados de arestas e cobertos na base de tufos de algas verdenegras. Nascera no dia em que um dos nossos velhos reis alcançara de infiéis um triunfo, conseguindo arrojá-los bem para lá das carairas. Com o tempo, aquela casa, tosca de origem, guerreiramente dentada de seteiras profundas, entrou a merecer pelas suas virtudes a proteção de prelados e infantas. Os cavaleiros que partiam para as conquistas, os príncipes que voltavam das batalhas carregados de despojos, as infantas que iam em Espanha e na Áustria ligar a sua vida à vida aventureira dos grandes capitães e senhores, antes de deixarem a pátria ou ao chegar a ela, entravam a profunda arcaria álgida do templo, a depor no tabernáculo o penhor da sua fé, do seu reconhecimento ou da sua saudade. Nada mais severo que semelhante edificação, por cada raça

aumentada e refundida, nas formas arquitetónicas do tempo.

Penetrava-se na igreja por um portal esguio e baixo em ogiva, posto no cimo de uma escadaria de balaústres curvos, onde se engalfinhavam monstros exóticos no mármore das eflorescências poluídas da idade. Sobre o portal e à altura do coro, três rosáceas de vidros corados deixavam jorrar no santuário a púrpura sanguinolenta do sol; por cima, era o coruchéu limoso, entre as duas flechas das torres negras, encimadas de cata-ventos rangentes. À altura da rosácea central, um poste sustentava os dez fios condutores do telégrafo — e dava uma comoção indefinida ver assim ligados, como dois reóforos de pilha voltaica, aqueles dois pólos de mundos diversos e separados por dezenas e dezenas de séculos — a casa dos monges e o zinco transmissor da eletricidade. Dentro do templo, parte gótico, parte bárbaro, e no fundo das capelas sombrias em que perpetuamente arfava a luz soturna dos lampadários de bronze, viam-se deitadas em sarcófagos, de volutas multíplices, figuras de bispos e eremitas, cavaleiros e santos, toscas esculturas terríficas, de capacete ao lado e

espada aos pés, em cujas lápides se podia coligir e ler, como numa velha crónica fiel, a história completa da nação. Os santos eram ainda mais toscos que as estátuas dos mortos. Tinham as formas hirtas, a expressão feroz e os bárbaros perfis atónitos, desses ídolos que ainda hoje se encontram mutilados nas ruínas dos pagodes indostânicos, sob palmeirais colossos.

As Virgens, revestidas de brocados, cintilantes de incrustações de oiro e pedras e coroadas por diademas do mais singular detalhe, olhavam dos nichos com os olhos de vidro, estendendo as mãos ferozes e grossas, num chuveiro de ameaças.

Em oração, os mártires chagados abriam num espasmo as caras selvagens, flagelando corpos de brutal nudez. Viam-se caindo das paredes, poentos e aluídos pela humidade, painéis de milagres em que Deus era exaltado como um ser feroz e sujeito a caprichos de benevolência, para este ou para aquele, sepultando uns sob as ruínas das casas, roubando a outros as colheitas, fulminando os filhos, matando de fome os pais, e não cedendo nunca da sua raiva faraónica senão à força de procissões e sacrifícios.

Naqueles milagres pendentes em galeria das paredes da igreja, uma geração de envilecidos e tristes desfilava, vergada à opressão de senhores, a guerras impiedosas, a fomes, a pestes e terramotos. Alguns tinham ali vindo deixar os cabelos e os vestidos. Muitos, que tinham enfermado de uma perna ou de um seio, ofereciam, experimentando melhores, a imagem em cera ou em prata dessa perna ou desse seio. Mostravam-se, num alpendre da cerca, rumas de lemes, velas e mastaréus, destroços de barcas e ferros de arados, dos miseráveis surpreendidos em perigo de morte que assim tinham comprado a clemência dos santos do mosteiro. Nas aldeias vizinhas, ainda agora se narrava, com fervor místico e secreto medo, a série de prodígios e milagres sucedidos na igreja, em tempos calamitosos.

Por uma fome do ano de 1573 havia aparecido no santuário um braço de fogo sustendo um feixe de espigas. Um físico, que ousara escarnecer de Deus, fora morto por um corisco, ficando negro na mesma hora, nas escadas do altar-mor. E o milagre do pai e do filho, e o das duas cabeças do enforcado...

Em tempos d'el-rei João III nosso senhor, o mosteiro fora entregue aos jesuítas, então no máximo esplendor do seu poderio e fortuna. Era ali que mais de preferência se recolhiam os santos padres de Jesus.

A contemplação do oceano cantando a sua eterna legenda, a linha cáustica entre céu e mar, a solidão e a poesia do sítio, convidavam aqueles homens negros, que a meditação preenchia, como um líquido preenche um vaso. A cerca perdeu nesse tempo uma parte da sua nudez — viram-se os limoeiros e as madressilvas vestir os muros, jorrar água das carrancas dos tanques, e os pomares arredondarem as suas pinhas de verde envernizado. Permitiu-se ao povo que visitasse a horta, os claustros e as grutas de devoção particular. À hora da missa a turba enchia o mosteiro, ávida e devota; as confissões feitas com fervor, mas sem as ameaças do inferno que os antigos monges vociferavam, atraíam simpaticamente os penitentes. E Deus apareceu à terra sob uma face de perdão, que quase se desconhecia.

Cem anos depois, apesar de se guardarem com a maior fidelidade as santas relíquias e milagres do mosteiro, as vetustas tradições estavam esquecidas entre o povo, e

poucos se lembravam de ter ouvido aos avós a narrativa das duas cabeças do enforcado, do pai e do filho, e da morte do físico-mor.

Mas eis que o Marquês expulsa os jesuítas, cujo poder e argúcia arcavam com os seus.

Do pórtico escancarado vê-se sair uma procissão de padres negros e fonte pálida, de cruz à frente. As santas mulheres ajoelharam na passagem para lhe beijar os vestidos e receber a última bênção. De novo o mosteiro fica deserto, sem o carácter hospitaleiro de uma casa de conselho e oração consoladora. Os negros fantasmas dos monges ascetas lívidos e frios, pregando abstinências e flagícios, volvem a percorrer os claustros lúgubres e a rezar nas capelas, em que os olhos dos ídolos ameaçam o mundo e proclamam a aniquilação dos povos. Uma treva enluta os espíritos e flutua de em torno às muralhas. Em baixo, o escárnio da vaga que alui pelas cavernas o alicerce de rochas do templo, é como um rir de diabo aos pés de um deus inanimado! De noite, a lua que lança flechas pálidas pelas seteiras profundas para dentro do mosteiro ilumina estranhos conclaves de espectros. O vento segreda nos

nichos e à roda dos mausoléus, e baixinho parece orar aos pés do santuário. A chuva infiltra-se nas abóbadas e humedece os cimentos. Dentre as junturas das pedras irrompem gramíneas e zambujais. Ninguém vai ver o mosteiro e o pórtico está fechado. E aquela mole de pedra, emburelada em musgos e erguida à beira do mar, lembra um suicida ajoelhado fazendo a última oração.

No Verão de 1880, o conde F., meu amigo, lembrou-me que poderíamos fazer na sua propriedade uma estação agradável. Tinham acabado nela uma chalé elegantíssimo em tijolo vermelho, com tetos de cortiça apainelada, à beira-mar. O parque de eucaliptos, enorme e cruzado de áleas, que uma areia negra polvilhava, oferecia já troncos de grande espessura e beleza, soberbos e direitos, sacudindo aos ventos salgados da costa os seus molhos de folhas em cutelo. Para o interior a vinha era tão exuberante que subia pelos troncos das árvores, os pomares alastravam-se túrgidos de frutos numa distância de milhas, e nas colinas que demarcavam o domínio imobilizava-se o verde fúnebre dos pinhais, cujos filamentos pareciam cabelos verdes de antigos deuses áricos. Na mata, a caça

abundava, coelhos, raposas, perdizes e galinholas. Para obtermos a melhor pesca, bastava que, debruçados na amura de rochedos, lançássemos as redes à água. O calor em Lisboa apertava; imagine-se o que seria no Alentejo, na casa dos meus pais! Decididamente vale a pena ir com F., valia decididamente a pena. E partimos. Antes de penetrar na quinta dei com o mosteiro, em que nunca ouvira falar. Veio-me naturalmente a curiosidade de o ver por detalhe, e passar numa noite, até, com as sombras legendárias e romanescas que tamanho medo faziam às aldeias circunvizinhas.

Por baixo do edifício, o mar tinha escavado profundíssimas cavernas que as algas mais finas tapizavam traiçoeiramente. Estalactites cónicas desciam da abóbada a encontrar estalagmites, em que os moluscos arrastavam mosaicos de incrustações excêntricas. Por entre as colunatas o fragor da ressaca, nas noites de temporal, era de instrumentação titânica, e reboava no templo, como a evocação bíblica do Vale de Josafat.

As grutas prolongavam-se nas trevas em todas as direções, e íamos de gatas, escorregando nas babugens que a maré

deixava na dentadura das penedias. de uma vez o archote apagou-se-nos, e o fantástico palácio do mar não tinha termo — galerias sobre galerias, colunas truncadas e janelas abertas sobre a treva fétida e sepulcral!

Visitadas as criptas, penetrámos no mosteiro. Tão pesada e ampla construção fez-me ver que a base perdia pouco a pouco a solidez à medida que por baixo a onda ia limando o granito. Aqui e além até, as abóbadas fendiam sorrateiramente; em cada Inverno chuvoso, se sucediam os desabamentos parciais, e o lajedo dos calustros abaulava-se abrindo bocas nas junturas, de que uma respiração pútrida parecia exalar-se. Tínhamos chegado à quinta nos fins de Maio, e em Julho ainda lá estávamos. Mas fatigados já, o conde, especialmente, que o retinham ali negócios de dinheiro, porque dizia sentir o mais autêntico desprezo. Visitado o mosteiro, caçadas todas as perdizes, galinholas e betardas do sítio, ferido nos viveiros naturais da costa um bom golpe de pesca, as nossas duas imaginações impuseram-se o trabalho de descobrir diversão que nos garantisse a estada na quinta até meados de Agosto — tempo de Cascais e do jogo forte.

Uma manhã ergui-me antes do dia e fui acordar o conde.

— Achei, venho participar-to.

— O que achaste tu a esta hora?

— Uma distração, cos diabos!

— Da natureza das outras, aposto. Modificaste o feitio dos papagaios, hem?

— Ora adeus ! — disse eu rindo.

— Então diz lá.

— Sabes que me dou um pouco à telegrafia?

— Não tens lucrado muito com isso, não.

— Vais ver que se lucra sempre em saber as coisas. Vou mandar vir o meu transmissor aperfeiçoado e fios condutores.

— E estabeleces um telégrafo entre o chalé e a casa da Palmeira. Estás tolo com toda a certeza.

— Mau! Ouve.

— Bem! Diz.

— Liga o transmissor por meio de fios, aos dez fios telegráficos que se apoiam na rosácea do mosteiro. E recebemos os telegramas fresquinhos e sem pagar nada. Hem?

— Mas — disse o conde encantado —, é preciso que vamos habitar os mosteiro.

— E porque não?

Ele deu um salto na cama.

— Mas é esplêndido!

— Decerto.

— E pode-se alarmar o País.

— Não vejo como.

— Nem eu, cos diabos, mas pode-se alarmar.

— Bem...

— E é como se os telegramas nos fossem enviados diretamente, como se nos obedecessem a agência Havas, os gabinetes da Europa, as grandes capitais, o Oriente e o diabo que te leve, que nos leve e leve todo o mundo!

— Eia!

— E podemos incendiar o orbe.

— Pelo telégrafo? Que ideia fazes do telégrafo.

— Eu, nenhuma. Não morde?

— Conhecendo as pessoas não.

— Tanto melhor! E quando teremos os aparelhos?

— Amanhã.

— Telegrama que passe, hem?...

— Não escapa!

— E grátis, gratuites, sem pagar nada, hem?

— Claríssimo!

— Dá cá um chocho pela ideia.

— Prefiro um cálix de Madeira.

No outro dia o transmissor chegou com o rolo de fios, metemo-nos à obra. Às cinco da tarde recebemos o primeiro telegrama.

«Sampetersburgo, 8, às horas da manhã. — Uma bomba explosiva rebentou junto do czar, quando este se preparava para montar a cavalo. A polícia procede a investigações — Havas.»

— Este diabo escapa sempre. É extraordinário.

— Aí vem outro.

— Vou jurar que é bomba, que ainda desta vez não alcançou o invulnerável.

— Nada. «Paris, oito, à uma hora. — Chegou a embaixada Birman e partiu o Sr. Grévy.»

— Todos para casa do diabo.

Estávamos no coro de mármore branco, com baixos-relevos representando martírios de santos. Das paineluras negras, monges e virgens perdiam-se na penumbra da abóbada deslocada pelo templo com uma vastidão de crepes. As estátuas dos monges e cavaleiros pareciam colossais, de imóveis nos mausoléus, essa austeridade das figuras de Miguel Ângelo no túmulo dos Médicis.

— É triste isto! — disse eu comovido.

A perspetiva do mar, roxo da banda do nascente, tinha irritações animais até à linha rubra do ocaso — dorso de cetáceo ensanguentado pelo arpéu do sol moribundo. A vista, que percorrendo a imensidade líquida sem repousar num ponto, voltava com um desalento de ave ferida, trazia a ideia da morte e a saudade de uma existência menos crua, nesses ditirâmbicos impérios em que as cabeças se coroam de flores.

De repente, na absorção em que tínhamos caído, pareceu-me que um frémito percorrera o balaústre onde me encostava. E cada vez mais distantes, foram-se sucedendo estalidos secos.

— Não ouviste? — disse eu ao conde. Ele não tinha ouvido.

— O quê?

— Parece que isto tremeu.

— É que tu escutas. E como estás com medo...

Pusemo-nos a rir.

— Sabes que mais? Vamos passar a noite ao chalé.

— Cobarde!

— Tanto melhor! E se esta dança nos caísse em cima?

— Oh, diabo! Podia ser que não ficássemos vivos, não te parece?

— Quase.

— Então vamos. Primeiro a tua saúde.

— Obrigado. Queres que eu tenha medo por nós dois.

— Mas os telegramas?

— Amanhã continuaremos na exploração.

— Olha bem para mim. Isto não é exploração ou roubo, hem?

— Seja roubo. Anda.

— Então dá às coisas os verdadeiros nomes, irra!

Descemos. Aqueles estalidos tinham-me dado calafrios, palavra de honra.

— Como tu vens enfiado! — dizia F., troçando.

— Como tu vens amarelo!

— Qual de nós teve maior susto?

— Foste tu; pois quem?

— E se ficasses na derrocada, ó conde?

— Não tinha pena, palavra.

— Bem, não falemos mais em tal.

— Mas amanhã continuaremos com os telegramas?

— Decerto.

— E eles que chegam como garraios!

No dia seguinte, era meio-dia quando acabámos de almoçar. O conde bebia como um saxónio, para honrar a memória do irmão do seu tio, dizia, honrado comerciante londrino do Cais do Sodré.

— Em plena luz é sob a pressão de quatro garrafórias ninguém tem medo. Vamos ao telegramas?

Deitámos caminho do mosteiro, e entoando o God Save The Quem aparecemos ante o portal gótico do templo. F. gritou zombeteiramente:

— Adiante! — Era ele quem tinha medo.

Subi ao coro. Na fita de papel, sempre em movimento e desenrolando-se com imperturbável presteza, no cilindro de aço anexo ao aparelho, o punção do recetor tinha escrito, horas antes, este telegrama:

O que dirá

«Paris, 9, às 10 horas da manhã. — Terminou o prazo de 24 horas concedido aos jesuítas de Paris para saírem das casas que ocupavam e fecharem os cursos públicos que regiam. Hoje, às II horas, a polícia fará despejar todos os estabelecimento da Companhia de Jesus. Receiam-se distúrbios. O prazo de 15 dias foi cedido aos estabelecimentos da mesma Ordem, em atividade em toda a França.»

— A padralhada vai ficar fula! — gritou F. — padre Kurpi, respeitado e escanhoado diretor espiritual da minha tia baronesa? Eh! que vai tudo raso!

— Uma hora. Isto enfastia. Vamos às ostras.

— Não vejo inconveniente — disse o conde com um jogo de ombros. — Vamos lá.

— Se passar algum telegrama, o punção deixa na fita escrito o que houver.

Descemos aos rochedos e das rochas à areia. A maré enchia, e uma água cristalina e tépida, do sol no zénite, acariciava lubricamente as barbaças das cariátides de alga que à boca da gruta faziam carantonhas.

— Já fizeste a digestão? — inquiriu F.

— Já, e tu? E o banho está tão patife!...

— Nesse caso atiremo-nos à água.

— Vá feito.

Em cinco minutos, as nossas cabeças saíam à flor do oceano como a desses tritões alegres que nas estampas rodeiam os carros em concha dos deuses marinhos. Nadávamos a distância em frente da caverna, que vista daquele ponto tinha as mais singulares parecenças com uma boca de réptil descomunal.

— Repara — dizia eu apontando. — Aquele fita de areia clara que forra a entrada é como um beiço estendido. Depois, logo as primeiras pedras aguçadas compõem a

porção incisiva e canina da dentadura. Olha para o fundo. Vês as estalactites cónicas que descem do teto? São os dentes do crocodilo com fome. Olha mais para o fundo, aquela arcada incompleta — é a goela. Lá tens a úvula, o céu-da-boca retalhado de sulcos negros. Agora para cima da boca, aquela buracaria em triângulo. Primeiro temos as narinas, ferozes e dilatadas. Nas horas de borrasca a água esguicha por ali, como dos respiros de uma baleia. E os olhos, tão profundos e sem órbita! Depois a cabeça, toucada do barrete gótico do mosteiro.

— É original! — dizia F. reparando.

— É terrível — juntei eu.

Continuámos a nadar. Um zumbido de vida exuberante saía da água. De cabeça estendida, eu olhava a caverna. Parecia-me ter notado um movimento lateral de maxilas, na estranha boca do inferno. O monstro triturava. Diabo!

Ri-me dali a pouco do poder da minha imaginação, irritada ante aquele cenário de titãs.

A faiscação do astro vestia o cetáceo do mar numa couraça de relâmpagos, e uma rede de oiro amoldava-se à

ondulação do monstro respirando. Mas então notei que as estalactites oscilavam, e as fauces do antro se uniam numa estrangulação de raiva. Dessa garganta formidável de agonizante, um oceano arremessou contra nós montanhas de água negra, fervilhando em espuma sulfídrica.

A violência do jacto foi tamanha que ambos nós, eu e o conde, fomos morder a areia do fundo, distante da caverna como estávamos. Das entranhas da terra saíram rugidos como se o mundo fizesse derrocada — vimos mexer o convento, abaterem-se as flechas das torres, desabar a abóbada com fracasso indescritível —, a vaga atirou-se raivando de encontro aos destroços como um molosso aos peitos de um vencido. E meia hora depois, no sítio do mosteiro assentava a pirâmide torva dos destroços, sobre que as gaivotas aos gritos descreviam as suas espiras fatídicas.

Chegado à praia e envergando o fato, o meu primeiro cuidado foi ver as horas.

— Três e meia! A derrocada tinha portanto sido às três, no dia nove de Junho de mil oitocentos e oitenta.

O conde chegou a casa sem poder falar. Nunca assistira a espetáculo mais grandioso. Nem o incêndio do Banco.

Dias depois, um criado da quinta veio trazer-nos intacto o recetor que pudera salvar nas ruínas, e um bocado de papel onde estava escrito a punção o seguinte telegrama:

«Paris, 9) às 3 da tarde. Completou-se em Paris a expulsão dos jesuítas. O povo assistiu sem protesto ao cumprimento dos decretos da República. Reina sossego.»

Pois que o povo era indiferente, a pedra quisera protestar, derruindo, contra essa lei que afugentava, implacável, as tristes ovelhas do Senhor!

O NINHO DE ÁGUIA

Na tarde anterior dirigira-me ao montado, caía a noite. Uma contemplação profunda fazia-se em torno e o campo adormecia. Sobre as árvores, o céu côncavo tinha laivos rosa, como sorrisos de bocas que exalam o último adeus. Por entre os caules seculares dos azinhais e carvalheiras, uns acharoados de incêndio ardiam em apoteoses fúlgidas, sobre que os braços do arvoredo desenhavam em negro formas de estranhos esqueletos. Caíam a prumo, de uma banda e outra, formas de granitos áridos, mostrando nos recôncavos e na profundeza lôbrega dos barrancos os primeiros fantasmas da noite, com os seus capuzes de sombra derrubados na cara, e um escorregamento de passadas misteriosas, como de ronda sinistra, que desemboca na quietação de uma viela, no silêncio da noite velha. Ao centro do abismo, a vereda serpenteava, corcovando a sua fita saibrenta entre aglomerações bruscas de basalto e grés vermelho, donde os matagais

irrompiam como hirsutos cabelos de uma cabeça decepada. Sob a vegetação agressiva dos espinheiros e zambujais, uma linha de água corria, fazendo murmúrios tímidos de segredos trazidos de fraga em fraga — e essa queixa contínua e chorosa das gotas caindo manso acrescentava uma nota saliente à sinfonia em surdina dos vegetais adormecidos e dos ninhos em rumor. O montado começava dali a subir pelo irregular das colinas. Não podia enganar-me na marcha. Tinham-me dito — vais pela vereda, chegas ao cotovelo da rocha, à esquerda, sobes a encosta.

— É a última azinheira, tronco direito e vermelho, com a cortiça descascada. Leva corda para subires. Olhas para cima, aproximas-te sem fazer ruído, ouve bem — sem fazer ruído! Dás com o ninho logo. Quando a noite se fecha, a águia chega, asas abertas, voo circular e gritinhos alegres de boa ménagere que volta com o dia ganho e um réptil no bico curvo, para os pequeninos esfaimados.

Decorara todo este itinerário, prometendo não esquecer a menor cautela, iria devagarinho, muito devagarinho, sem chapéu, descalço mesmo, olhando para cima e em direitura à azinheira de tronco vermelho e nu de cortiça. Tinha então

doze anos, era rubro e selvagem, de grenha fulva, dentes pequeninos e brancos, que eriçavam de gumes o meu riso escarlate e feroz — de korrigan vingativo. Achavam-me o orgulho de um rei e a pouca educação de um herdeiro presuntivo. Era de poucas palavras, vinham-me ao sol alegrias colossais que trasbordavam de mim como o rufo de um tambor extravasa da caixa de ar; todos os meus músculos amplos e duros na contração, contornados nas linhas altivas de um atleta imberbe, amavam a luta e se tonificavam na carreira. Passara até ali numa herdade, entre boiadas de que uma mansidão poderosa se abala glorificando a força, à rabeira dos arados, plena liberdade montesa, onde o homem regula as pancadas do seu coração pelo ritmo tranquilo da grande natureza que desabrocha em evoés hilariantes. Manhã nada, já eu estava a pé, sentado à banca da cozinha com os ganhões da herdade, diante da açorda patriarcal que o alho impregna de odores vermífugos. Vestia como eles a camisola de lã, o largo chapéu de borla e os grossos sapatos cardados, pião na algibeira, uma cicatriz transversal na testa, de pedradas antigas. Era imperioso e adorado; de resto abusava, dizia sempre — quero, porque quero! Quando eu dormia, a

minha mãe ia beijar-me, e de uma vez, acordando sob um desses beijos, que são como ninfeias albas caídas no mármore das epidermes frias, voltei-me e disse-lhe enraivecido:

— Os homens não se beijam, apre!

Queimava, em podendo, as bonecas da minha irmã, gostava de a ver chorar e de a fazer sofrer para me rir depois.

— Bem feito! Bem feito!

Duma vez bateram-me. Enquanto eu berrava, o galo, cantando, fazia apoteose da postura recente de uma galinha amarela, que desposara. Fui-me a ele e torci-lhe o pescoço.

— Para não gozares comigo. Toma!

A eira, diante do monte da herdade, era em plano inclinado, dura e polida, sem ervas. Deitava-me no cimo e vinha rolando até baixo. Nunca conseguiam trazer-me limpo — que tinha um ódio insofrido pelos fatos novos e pelos peitos engomados, considerando a gravata um traste inútil, de que me servia para amarrar chocalhos ao pescoço das ovelhas. Só anos depois acreditei que o mundo que eu não

conhecia, o outro, fazia dessa tira de seda uma caraira perigosa — por muito infestada pelo contrabando.

Nesse dia, mal deram cinco horas e me apanhei fora da escola, deitei caminho do montado. Tinha à cintura uma corda de linho com aselha, para subir à árvore, e no bolso uma navalha de podar com gume de fouce. Todas as precauções foram por mim empregadas. Ao dobrar da rocha, descalcei os sapatos e tirei o chapéu. Meti a navalha no peito e desenrolei da cintura a corda. Depois, resolutamente, dirigi-me à azinheira. Lá estava o ninho, era enorme e construído sobre três pernadas robustas — como sobre os três dentes de uma forquilha. Eu nunca vira coisa igual, a falar sinceramente. Tinha o feitio oval de um berço e ficava tão alto, tão alto que fazia vertigens. Era preciso subir até lá. Atirei a laçada à primeira bifurcação do tronco, icei-me.

Depois, escarranchado na pernada mais sólida, joguei com o laço às ramarias superiores e fui subindo. À medida que me elevava, a ascensão entrava a dificultar-se; folhas em tufos compactos prendiam-me os cabelos, os ramos oscilavam sob o peso do meu corpo, e de vez em quando

soavam estalidos ameaçadores. Mas viaja bem o ninho de águia; primeiro um alicerce de quatro ou cinco ramos de sobro, cruzados; depois um leito de folhas secas e pequenas hastes; sobre o leito, folhas macias de trevos, de tamujes e fenos — e, forrando delicadamente o estojo, uma colcha de penugens brancas que a águia arrancava do peito, nos seus transportes de mãe. Com insano trabalho cheguei-lhe ao pé. Pulava-me o coração no peito, e qual não foi a minha alegria ao ver aconchegadas no ninho, uma de encontro à outra, adormecidas e tremendo de frio, duas aguiazinhas implumes, disformes ainda, mas de vigorosas proporções! Cerrara-se de todo a noite. Um claro luar com reflexos metálicos atravessava as vaporizações do arvoredo, penetrando-as de uma poeira de átomos cintilantes. Nas faias da ribeira, os rouxinóis faziam jogos florais arremessando-se os sonetos mais rítmicos; o veio cristalino dos regatos ia contando às folhagens húmidas dos balceiros e canaviais uma lenda antiga de fadas azuis e tesouros maurescos, narrativa muito em segredo, entre murmúrios de beijos que ao longe mansamente se perdiam.

Dava trindades o sino da aldeia — e as aspirações pairavam naquele calado ar em que borboletas negras saltitavam, traçando sinais de mulheres predestinadas. A Lua, na tela do céu esmaiado, lembrava, com as suas ranhuras, a máscara da Comédia no pano de uma ópera cómica, que a luz da ribalta ilumina. Ergui os olhos — acabava de ouvir um grito. Vi a águia pairar um momento por sobre a minha cabeça, de asas abertas, cujas rémiges em cutelo siflavam como velas de um moinho em atividade. Depois aquele vulto negro desceu perpendicularmente, raivoso da minha audácia e estendendo o bico de gumes curvos, para me ferir. Agarrado à corda dei um salto, abandonando o ninho, e fiquei suspenso da árvore um instante, a dez metros do chão pedregoso, batendo os dentes de terror. Que fazer? A corda por curta não chegava ao chão. Deixar-me cair era morrer. De repente, porém, a enorme pernada dá um estalido seco, houve um atrito de folhas e lentamente vim baixando. Quando pousei no chão, com os dois filhos da águia no peito da camisola e a navalha nos dentes, senti um prazer sem limites. Tinha destruído uma felicidade e praticado a façanha de subir à azinheira, sem outro auxílio mais que o de uma pequena corda nodosa e fina. Levaria os

implumes para a herdade e criá-los-ia com carne e sangue fresco de cordeiro. E eles cresceriam, alcançando as poderosas formas dos pais — bico adunco e córneo, a terrível garra contráctil, simetria elegante nas asas, que um jogo muscular movimenta com inexplicável destreza. E pertencer-me-iam, estariam na gaiola pela minha vontade, comeriam se eu quisesse. Esta ideia de ter alguém sob a minha obediência encheu-me de orgulho. Podia fazer mal sem ter medo das queixas que arrancasse. E vinham-me tendências para oprimir, para espicaçar, para expor à tortura. Também o meu pai me batia! Que sofressem! Na azinheira, a águia ia de ramo em ramo, soltando, a cada investigação inútil, o seu grito melancólico. Corria as árvores próximas, voejava quase à flor do terreno, batendo com as asas nos tojais da selva, e indo em todos os sentidos como alucinada. Depois abriu as asas horizontalmente com um pulo, susteve-se nas penas como um para-quedas, e com firmeza cortou o ar obliquamente, subindo à região das nuvens. De vez em quando, na calada do campo morto, o seu grito de mãe roubada ouvia-se na escuridade, como o silvo de um barco em perigo que pede socorro.

A minha paixão daquela noite foram os filhos da águia.

Persistia na ideia de criá-los — de os fazer gente, dizia eu. Tinham os olhos quase fechados, com uma orla amarela e a nictitante espessa, meio descida. O pescoço nu oferecia um desenho esguio, andavam de rojo, dando pequeninos gritos em busca da penugem quente da mãe. Meti-lhes à força miolos de pão pelo bico, que eles bolçaram escancarando a goela em carantonhas de uma graça infinita. Em seguida, servi-lhes água, mas recusavam tudo, os biltres, e se os deixava um momento punham-se a girar de cabeça alta, à procura do aconchego que não sentiam. A minha irmã, que, apesar do mistério em que eu envolvia as minhas operações, conseguira espreitar o que eu fazia, trouxe-me então a ideia de meter as aguiazinhas debaixo da galinha que na capoeira chocava os ovos que fora pondo.

— Ela pensa que são já pintainhos, e as águias vão crescendo, crescendo... E dás-me a mais pequenina, sim?

— Dá!... uma figa.

Quando nos mandaram deitar às oito horas, tudo estava feito — a galinha consentira em adotar os dois órfãos e a

coisa ia bem! Não pude dormir em toda a noite com a ideia nos pequenos. Se a galinha os picasse, se os deixasse cair do cesto!... Os gatos lançar-se-iam furiosos contra esses dois desamparados e devorá-los-iam, rosnando. — Aplicava o ouvido: se ouvisse chiar saltava logo da cama. Quanto tempo levariam a crescer? Um mês ou dois — estávamos a catorze. E contava pelos dedos — era tanto tempo ainda! Mandaria fazer um carro, que os filhos da águia puxariam. E com que inveja ficariam os rapazes da escola, vendo-me arrebatado pelos voláteis, com esses deuses que representava o Manual Enciclopédico! No dia seguinte, ergui-me cedíssimo, havia estrelas ainda. E mesmo descalço fui, pé ante pé, até à capoeira, para investigar do que havia. Os moços, na eira, faziam já girar os bois na retraçagem dos calcadouros, e ouvia-se na altura o ângelus vibrado pela cotovia. Acocorei-me devagarinho ao pé do cesto, estendendo as duas mãos ao longo da palha.

A galinha dera sinal e, cheia de cólera, as penas alvoraçadas, precipitou-se contra mim à bicada, implacavelmente, até me fazer sangue. Às apalpadelas

percorria a cama de palha em que os ovos se aninhavam; achara apenas uma das aguiazinhas. Diabo!...

Então, sem medo já que dessem por mim, corri a abrir a lucarna, e o dia entrou humedecido pela neblina cheirosa da manhã. Estava apenas uma águia, era certo!... Dei um berro de novilho marcado a ferro candente, que ressoou por toda a casa. Queria a outra águia por força, por força, por força! Queria-a, então? Queria, porque queria. Era minha, tinha-a eu achado, então? E, como ninguém dava resposta, entrei ao pontapé a tudo, ébrio de uma raiva sanguínea. E num formidável choro rolava-me pelo ladrilho todo nu. Todo o meu grande desejo era que me atendessem e viessem todos, surpreendidos, saber o que havia. A voz da minha mãe chamava pelas criadas; entrei a sentir nos quartos ruídos bruscos de sapatos que se arrastavam e saias que se enfiam á pressa. Já gritava menos, conseguira o meu fim, tinha incomodado e metido susto a todos de casa. Era bastante! Agora, iriam todos procurar a minha águia, tinham de ma encontrar por força, ou arranjar-me outra novazinha em folha, como aquela. Apre!

Quando de repente me chegou o grito da mãe roubada, grito brusco e quase surdo, como se o coasse uma laringe extinta. Toda a noite o ouvira, ora perto ou distante, sempre com uma nota de ira impotente e suplicação desprezada, na tenebrosa calada do matagal. Fui para a lucarna, instintivamente atraído, à escuta. Era um grito intermitente, primeiro muito fraco e repetido, como de alguém a gemer — gri! gri! gri! —; após, subitamente, essa voz dilatava-se, enrouquecida, fazendo quase um bramido. Uma mulher não expressaria melhor a angústia, o desespero e a morte. Corava o oriente como uma epiderme sadia traduzindo a comoção de um beijo; nas moradas dos ninhos, entre decorações de folhagens e carícias de poética doçura, as famílias de pássaros, de melros, de pintassilgos, rolas e poupas, chilreavam felizes e singelas, deslumbradas na irradiação do céu.

Só ela, a águia, ia chamando embalde pelo seus, através da vastidão do éter, em que a vibração luminosa ondulava, e apunhalada no seu único amor como essas cruéis imperatrizes que Deus castiga no único ponto vulnerável da sua alma.

Com os olhos alongados, via-a rastejar à flor do solo, pelas chapadas e penhascos, extenuada e rouca, despregando as asas oblíquas, de enormes rémiges em cutelo, como tetos de lares despovoados pela assolação da morte.

— Coitadinha! — dizia eu comovido. — Coitadinha!...

Então fiquei entorpecido num constrangimento profundo e singular, que nunca tinha experimentado. Sentia na goela o embaraço inexprimível que é nas crianças o prólogo do choro soluçante e inconsolável, sob que a alma germina em bons impulsos e leais dedicações, como na terra se abrem as flores primaveris, sob o influxo das primeiras chuvas.

Antes que viessem surpreender-me corri a vestir-me, e resoluto, os olhos cheios de lágrimas e a corda à cintura, voltei a buscar depois a aguiazinha. A minha irmã chamou-me, soluçava.

— Olha, morreu!... — disse-me toda aflita, mostrando-me o cadáver da outra águia, que, durante a noite, com mil precauções, tinha ido roubar ao cesto.

— Por isso achei falta — gritei colérico, batendo o pé. E aos urros, crescendo contra ela de punhos cerrados, dizia-

lhe golfando impropérios:

— Maldita! Má! Peste! Nosso Senhor há de castigar-te, deixa estar.

Ai de mim! Na capoeira, a galinha raivosa, reconhecendo o outro enjeitado à luz da manhã, acabava de o matar à bicada, lançando-o fora do cesto.

Então desatei a chorar. Nunca fora tão desgraçado, nunca!. .. Nem quando me davam açoites com o chinelo, o que estava debaixo da cama do meu pai, a rir-se de mim pelo buraco ignóbil da tomba. E agora, que fazer?

Meti no seio da camisola os dois enjeitadinhos mortos, e a correr atravessei a eira, sem dar bons-dias a ninguém. O dia começava. Rasgando as escuridões em que se envolveria, o panorama saía das nebrinas dissipadas a golpes de sol aqui e além, nas cristas dos outeiros. Desci a correr a ladeira do monte, pendores suaves donde o olhar abrangia, para todos os lados, perspetivas do mais belo matiz, montados, restolhos de searas, regatos orlados de choupos e faias, mais para além, hortejos alegres onde chiavam noras e se espiralava o fumo dos casais, vinhedo

sem fim bordando sinuosidades bucólicas, brancas ermidas pousadas nas montanhas, e, perdendo-se na serenidade esfumosa do horizonte, povoações que na luz iam fazendo mais e mais nítidos os seus delineamentos. A paisagem tinha agora uma nitidez de gravura. As aldeias sorriam para o noivado da natureza em festa, enquanto, de uma banda e outra, grandes massas de arvoredo abriam destaques surpreendentes.

Iam tranquilamente pelos terrenos ceifados os carneiros dos rebanhos, alongando o pescoço, a fofa corpulência tufada de lã patente em camas de espiraizinhas miúdas.

Alguns velhos guias experientes e graves, focinho erguido, a grossa cornadura em anéis de diâmetros crescentes, enrolada como o arrepio da cabeleira de um dandy, chocalho pendente por correias de couro cru, a orelha inquieta, olhavam vivamente o largo, bebendo os sons e procurando-lhe a origem solícitos, como quem tem sobre si a responsabilidade da tribo e o futuro dos pequeninos. Acima da redondeza das ancas de alguns, cabritinhos fulvos, de grandes orelhas horizontais, uma meiguice cândida na vista, erguiam-se a prumo furando caminho, as

maxilas entreabertas, por onde se escapava um queixume tenuíssimo — mé! mé! — alguma coisa como os rudimentos da cartilha do rebanho. Vários preguiçosos, estacados a meio da corrente, mergulhavam o focinho na água, bebendo. Poucos tinham já passado e cortavam a dente as gramíneas alastradas nas barranceiras. O velho cão descansa, numa postura séria de patriarca, enquanto, nas meias-tintas dos planos secundários, o pastor, de manta ao ombro e polainas encarquilhando na tomba dos sapatos cardados, tinha o seu ar pasmado de montanhês, olhando a catarata de ouro fundido que o sol jorrava do nascente, numa apoteose de cáusticas vivas — olhar em que se estagnava a silenciosa doçura dos olivais cinzentos e se refletia a conceção panteísta de um Deus amantíssimo, que fecunda os trigos das searas, preside às crias e vem de noite, mansamente, com o seu capuz de estrelas derrubado para diante, lançar a bênção ao gado que dorme, inoculando no sonho do pastor o esmalte de um sorriso de ceifeira, vermelho como as cerejas húmidas de Junho.

Correndo através do montado, cheguei à ribeira, que pude salvar num pulo de lobo, e, sem me deter, entrei a trepar a

pedregosa encosta, na direitura do ninho. Faziam-se ali acumulações selváticas de tojeiros e silvados, cabeças de rochedos pardacentos, espinhais de luxuriante amplitude, que tolhiam o passo a quem ia. E aquele recanto, plutónico e brusco, desenhava-se numa como penumbra de floresta, que de cima caía filtrada pelos amontoados da folhagem. Deixara de ouvir a águia, e era pungente o sossego daquela região, equiparado ao orfeão gigantesco de voláteis, que na planície entoava o poema sinfónico da manhã. Por duas ou três vezes ergui a voz para insuflar a vida nos ecos do desfiladeiro. De rocha em rocha, quando muito, o eco repetia a última sílaba, num murmúrio tímido, como rezado à roda de um féretro, e morria.

Pela montanha, troncos penitentes e negros orando de braços abertos. Nos pegos da ribeira, as reticulações verde-negras dos limos deixando evolar a putrilagem das febres más. Silêncio abrasado, pesando.

Quando cheguei ao ninho, arquejava. E, antes de erguer a vista sobre ele, detive-me um instante, olhando à roda com um terror sombrio, que o remorso envenenava. Se a águia

desse comigo podia matar-me à bicada. E teria razão — ai de mim!

Estava sozinho. Não se via dali o monte já. De repente, casualmente, sem mesmo querer, dei com a águia, que, de cima do ninho, abria as asas e sobre mim estendia o seu pescoço ávido. Fiquei tremendo ante a raiva silenciosa que paralisava a terrível rainha. Ela ia decerto formar voo e cair sobre mim, para dilacerar-me com as suas garras de três gumes implacáveis de uma vingança cruel.

Olhámo-nos por tempo. As asas da águia abriram os seus leques enormes de varetas curvas. A imobilização porém continuava e o pescoço permanecia caído à borda do ninho. Veio-me a ideia de que podia estar morta. Atirei-lhe com uma pedra — a mesma indiferença.

Sem querer saber de mais, desenrolei a corda e atirei-a à primeira pernada da árvore. Quando atingi a altura do ninho, pude olhar bem de perto a águia agonizante, que um frémito vago' percorria. Era poderosa e magnífica, de enormes asas pardacentas, cujas fortes rémiges se aguçavam como punhais, na ponta. Estava de bruços sobre o ninho, como se quisera aquecer o peito de encontro aos

frouxéis alvinitentes em que os filhinhos tinham visto a primeira luz. A cabeça um pouco chata descaía adiante num bico de bordos dentados, e sobre a íris de oiro a nictitante ia descainho na sombra da agonia, como um apagador sobre a luz do círio pascal.

A águia morreu nesse dia, à mesma hora em que as outras aves voltavam cantando aos ninhos, para dormir com a prole. Por muito tempo, cruzando o montado atrás dos rebanhos do meu pai, pude ver nos cimos da azinheira gigante, suspenso, o berço-túmulo, a que o esqueleto da águia fazia guarda, dia e noite, de asas estendidas, branquejando na sombria folhagem da árvore. E vinham-me então remorsos, que fora eu o assassino daquela dinastia real!

Vai completar-se um ano que a tua filha desceu à cova, Ó minha mãe! E, vendo-te curvada no teu luto, pobre mulher envelhecida de lágrimas, sublime por toda uma vida de abnegação sem exemplo, para mim fico pensando que deve ser cruel o Deus que tu adoras, se nunca teve remorsos de haver roubado também — o Ninho de Águia.

1881 — Vila de Frades.

A DOR

Quando o último orango deu origem ao primeiro homem, e esse homem chegando à virilidade pôde desfrutar a grandeza da indomável força do seu pai, domada pela bondade hilariante da sua luminosa inteligência, fez um dia a si próprio esta pergunta:

— Em que difiro eu daquele carrancudo ser que não fala senão por guinchos e só por contrações grotescas se exprime, que para a alegria tem um grito e um urro para a cólera, que vê morrer os filhos e fugir-lhe a esposa, sem que o invada este desconsolado entorpecimento que eu sinto se não remedeio o mal, e se para o que me cerca não encontro explicação?

Ele caminha aos saltos, coberto de pêlos e ululante de vingança, trepando pela nodosidade dos caules e enchendo do seu terror feroz as grutas e os maciços das florestas palpitantes de ninhos, pisando sem remorsos as corolas mais purpúreas e os cálices mais olorantes, e não vendo na

vastidão opulenta e na cromática irradiante desse mundo alado ou desse mundo vegetal mais que a rede em que descuidosamente os seus inimigos vêm cair e onde ele faz as suas vítimas!

É das diferenças superficiais de estrutura — de eu estar nu e ele vestido de pêlos, de ele ter cauda e eu não, de os seus pés terem o feitio das suas mãos preênsis, enquanto as minhas plantas se espalmam pela asperidão das marchas a que as submeto —, é das diferenças aparentes de organismo que nascem estas discordâncias de natureza — nele a secura, a ferocidade, o egoísmo e a inconsequência — em mim o sagrado terror da responsabilidade, o alcance de vistas que me perturba, a previsão sagaz que me aconselha, e esta comoção sem origem que se entorna no meu corpo, e me tortura ou me entusiasma, conforme provém de uma necessidade satisfeita, ou conforme provém de um contratempo inesperado?

E como se interrogava em voz alta, no meio dos castanheiros que as trepadeiras vestiam em amplexos concupiscentes nas suas couraças de folhas, viu surgir, dos rochedos negros em que pousava, o velho deus das selvas,

alta figura cingida de cachos e coroada de flores, com barbas de musgos e vasta cabeleira de relvas verdejantes.

— Abre a cabeça do teu filho — disse o deus.

O homem tomou o machado de sílex, chamou seu filho e fazendo-o ajoelhar fendeu-lhe o crânio de um só golpe.

— Essa caixa de osso que partiste é como a casca lenhosa de certos frutos tropicais de que te alimentas. Partida a casca, esses frutos revelam a polpa delicada, de extraordinário tecido e esquisito sabor.

— Guarda esse fruto — disse o deus. E após, com império: — Abre a cabeça do teu pai! — ordenou-lhe. O homem encontrou na toca do grande baobabe o velho orango que lhe dera o ser, acocorado e trôpego, roendo talos. Deu-lhe as boas-noites, pediu-lhe a bênção como de costume, e, quando o orango lhe estendia a mão lanugenta, sentiu na cara o gume do machado que lhe separava o crânio em duas metades.

— Extrai-lhe o fruto — disse o deus, e o homem obedeceu.

— Bem — disse o outro.

E apontando a cada um dos cérebros desnudados:

— Este é o cérebro do teu filho, este o do teu pai. Vês que é maior o do pequeno que o do velho, não vês? Agora segue com atua unha estes arabescos misteriosos que sulcam a polpa arrancada ao pequeno. Eles desenham o quer que seja de legenda em hieróglifos: é a buena-dicha da espécie humana. São as circunvoluções, que mal se esboçam no cérebro do orango e que os teus levarão mais e mais profunda e profusamente impressas. Até o teu pai, o cérebro era alguma coisa tosca como o granito; de ti por diante ele lapida-se, depura-se e modifica-se — é a pedra preciosa, cáustica na sombra e tenebrosa na luz, dotada de fulgor próprio e propensa a iluminar ao longe os tenebrosos recessos dos instintos que herdaste e tens de transmitir suavizados e aptos à utilidade, pela cultura a que tu mesmo os forçarás. Corta-os ambos em pedaços e examina-os bem. São da mesma matéria, têm idêntica forma e parecem do mesmo valor. Mas um é o ferro bruto que o mineiro destila do filão recôndito, o outro é o ferro dotado de propriedades magnéticas. Podes chamar àqueles carvão negro e torvo, se tiveres olhado neste diamante lapidado, que cintila pelos

engastes das tuas órbitas como se ardesse vívido na coroa de um rei.

— Compreendo! — disse o homem, pensativo.

— Olha melhor esse miolo dos dois frutos descascados. Cada polpa se me afigura formada de lóbulos ou esferoides. É como um continente dividido em nações pelos grandes rios, ou um país repartido em distritos, pelas grandes estradas reais. Cada distrito é a potência que rege alguma determinada função do corpo — são as bossas. Há a bossa da memória, a bossa da inteligência, a bossa da luxúria, a da gula..

E, apontando cada proeminência, o deus chamava-as pelos seus nomes. Algumas, que eram salientes na criança, ou mal se esboçavam no orango, ou positivamente não existiam'. Em compensação, o cérebro do bruto tinha noutras um desenvolvimento colossal a respeito do pequeno, o deus fazia-as comparar miudamente, uma a uma.

— Todas as que presidem à direção de necessidades animais, instintos ou apetites, são consideráveis, no teu pai

— dizia ele ao homem. — Todas as que se referem ao intelecto são de surpreendente grandeza no teu filho. Eis porque buscas alguma coisa mais na vida que a repleção do teu estômago se tens fome, que a ingestão de água corrente se tens sede, que o repouso se tens sono, e o coito brutal se a virilidade do teu sexo faz explosão ante a fêmea que passa, serva obediente da tua crueldade ou dócil instrumento da tua lascívia! Desse instinto, que a natureza institui para povoar os seus continentes e os seus mares, encher de rumor as florestas.

Faz notar Gratiolet que as circunvoluções dos mais rudes primatas são como o esquema das circunvoluções do cérebro humano e de cardumes as águas, tiraste tu os efeitos mais doces, as sinfonias mais límpidas, os mais castos trenos e as mais cintilantes volatas.

Chamaste-lhe o amor, e cristalizando o amor transfizeste-o na adoração. À fêmea escrava quebraste as algemas, não consentindo que os seus pés sangrassem, como os teus rudes pés de lutador, nos abrolhos da selva e nos espinhos da maledicência. Da tua rude cabana fizeste um templo, da tua fé um lampadário, uma cúpula da tua religião e da

mulher o teu deus. No santuário do teu amor puseste o deus, e da cúpula do templo o lampadário encheu de esplendores místicos a família e a tua alma. Pela adoração domaste a tua força, aprendendo a ser delicado para os fracos, altivo para os soberbos, cruel para os maus, justiceiro, generoso e valente! Estas qualidades deve-las à tua inteligência, fluido singular que emana deste lóbulo — e apontava — e te destacou dos teus antepassados. Por essa faculdade, dominarás os elementos e os animais, serás rei e senhor, porque o teu braço obedecerá sempre à tua cabeça. Cada geração receberá da anterior um património de ideias adquirido, entregando religiosamente à que lhe suceder, acrescentando pelos seus esforços esse património sagrado e inviolável. A tua ambição será satisfeita, descansa.

— E serei eterno? — disse o homem, tremendo àquela ideia.

— Na história.

— Na vida! Que me importará a história? Se poderei viver assim sempre, dominando mares e povos, e experimentando cá dentro esta plenitude de seiva que

extravasa do meu corpo, e se desentranha em colossais alegrias?

— Não! — disse o deus com voz profunda. — Morrerás!

— De que me serve então tudo isto? — exclamou ele, contraindo a face serena, que uma graça infinita deificava. E erguendo os braços desesperado caiu a chorar a mesquinhez da sua condição. O velho deus sorria.

— E qual a bossa que no cérebro do meu filho corresponde a este horrível veneno que a tua palavra me faz beber?

O deus apontou-lha, dizendo:

— Esse veneno chama-se a Dor e nunca envenenou o teu pai.

— Faz-me então voltar à nativa bruteza dos meus — disse o homem. — Prefiro a inconsciência rude do orango, a essa inteligência que, iluminando-me a vida, me faz dela um ergástulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptível e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente

me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora.

A voz do deus bradou:

— Jamais!

E desde então esse animal vaidoso, julgado o mais perfeito e o mais livre dos seres vivos, tornou-se no miserável escravo que eternamente geme sob o chicote do seu verdugo — esse verdugo que se chama: o Pensamento.

FIM